

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL  
Programa de Pós-Graduação em Literatura – PosLit

**EUDORO DE SOUSA E SUA BIBLIOTECA:**

Dispersão e fragmentos de um pensamento

Bruno de Alves Borges

Brasília, 18 de maio de 2015

BRUNO DE ALVES BORGES

EUDORO DE SOUSA E SUA BIBLIOTECA:

Dispersão e fragmentos de um pensamento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Literatura como requisito parcial à  
obtenção de título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Dra. Elizabeth Hazin

Brasília, 18 de maio de 2015

BRUNO DE ALVES BORGES

EUDORO DE SOUSA E SUA BIBLIOTECA:

Dispersão e fragmentos de um pensamento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Dra. Elizabeth Hazin

Brasília, 18 de maio de 2015

Banca Examinadora

---

Doutor Jacyntho Lins Brandão  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Doutor João Ferreira  
Universidade de Brasília

---

Doutor Wilton Barroso Filho  
Universidade de Brasília (Suplente)

*Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm de temer. Ao contrário, devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito – certamente não elegíaca, mas, antes, tensa – que estes livros despertam no autêntico colecionador.*

*Walter Benjamin, em Desempacotando minha biblioteca*

*Outros, inversamente, acreditaram que o primordial era eliminar as obras inúteis. Invadiam os hexágonos, exibiam credenciais nem sempre falsas, folheavam com enfado um volume e condenavam estantes inteiras: a seu furor higiênico, ascético, deve-se a insensata perda de milhares de livros. O nome deles é execrado, mas os que deploram os “tesouros” que aquele frenesi destruiu, negligenciam dois fatos notórios. Primeiro: a Biblioteca é tão enorme que toda redução de origem humana acaba sendo infinitesimal. (...) Contra a opinião geral, atrevo-me a supor que as consequências das depredações cometidas pelos Purificadores foram exageradas pelo horror que esses fanáticos provocaram.*

*J. L. Borges, em A biblioteca de Babel*

*Livro não tem procedência, livro tem destino. Então chegou em quem o merece ter.*

*Antônio Carlos Secchin*

*Do πόλεμος viemos e ao πόλεμος voltaremos.*

*Tarântula Mendes*

*Para Paula, “minha música, musa única, mulher, mãe dos meus filhos, ilhas de amor...”, sem a qual estas páginas nunca teriam fim...*

*Para Sidney Barbosa, sem o qual elas nunca teriam começado...*

## AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente à minha mãe, que acreditou em mim mesmo quando eu não acreditava, mas também ao Nonato, padraсто, pai, ex-seminarista, humanista que me inspirou com seu paganismo de fogueira no terreiro de casa, me ensinando a reconhecer estrelas e constelações. À minha avó, dona Amélia, que dedicou metade de seus 100 anos à leitura de um único livro, despertado em mim o ateísmo e a certeza de que *Deus revela-se de tanta maneira, em tão variadas formas... até num livro não canônico*.

Ficam aqui os meus mais sinceros agradecimentos aos Mestres e Amigos que contribuíram na construção dessa pesquisa, seja me recebendo em suas casas, me hospedando, em longas ligações telefônicas, cartas, e-mails, sonhos e críticas. A minha orientadora, professora Elizabeth Hazin, a Joaquim Domingues, Eva Waisros Pereira, Ordep Serra, João Ferreira, João Evangelista, Hermenegildo Bastos, Alexandre Pilati, J. Conceição Silva (*in memorian*), Maria Luiza Coroa, Júlio Cabrera, Catarina Helena Knychala, Ezio Flávio Bazzo, Edson Nery da Fonseca (*in memorian*), Antonio A. Briquet de Lemos, Suzana Werner, Renato Tarciso de Sousa, Dulce Baptista, Antonio Carlos Carpintero, Affonso Heliodoro dos Santos, Santiago Naud, Maria Luiza Angelim, Henryk Siewierski, Nina Tubino, Nonato Silva, Antônio Miranda, Aryon Dall'Igna Rodrigues (*in memorian*), Anna Maria Moog, Antônio Braz Teixeira, Constança Marcondes César, Antonio Paim, Rui Lopo, Renato Epifânio, Geralda Aparecida Dias, Filipe Delfim Santos, Adalgisa do Rosário, Seu Teodoro Freire (*in memorian*), Gorete Vulcão, Estevão Chaves de Resende Martins, Marcelo Gonçalves Barbosa (Mosca), Rogério Basali, Ana Mirian Wuensch, Cristina Jucá, Flávio Kothe, Mônica Kanegae. Meu profundo agradecimento a Oto D. B. Reifschneider, que me ensinou que bibliofilia também é engajamento. Sem vocês esta pesquisa não teria tido incentivo algum.

Aos amigos André Gaio e Luiz Eudásio, que fizeram a catábase nos subterrâneos da biblioteca da UnB comigo. Gabriela Abreu, camarada. Meus sinceros agradecimentos ao Marco Aurélio Derru (o primeiro a ler para mim as palavras de Eudoro de Sousa, na jactância imprescindível às tardes de Guapuruvu). Ao Capeta, sempre onipresente, a Maíra Miranda, ao Chiquinho, o livreiro, outro mestre maior com quem trabalhei e tive lições que nenhuma sala de aula jamais ministrou. Guilherme Cobelo. A Rudolfo Boing (que um dia exclamou “*Deus me livros!*” quando lhe contei os absurdos que via nos porões da UnB). Tomate, João Gil,

Celso Grecov, Adon Bicalho e Saulo Tomé, a todos os que conheceram comigo os bastidores da biblioteca (Aurino, Lamarque, Maure, Maxwell, Wesclei), aos irmãos Antunes e à sempre inspiradora floresta negra de seu Arrozal. A Juliana Del Lama e Renato Rios, artistas admiráveis. Maria Coeli de Almeida Vasconcelos, a única. Aos filhos de Eudoro de Sousa, Eudoro Augusto, Jorge e Teca, com os quais o diálogo constante nunca me deixou colocar de lado a dimensão humana do problema da pesquisa. Reginaldo Gontijo, Luiz Suffiati, Francisco Kaq e Severino Francisco. Cigana! Ao Rogério Brito, que me deu o *jazz necessário* para aguentar o duro processo desta dissertação. Ao Ariel Foina, anjo de coturnos que me acompanha e vence comigo o processo judicial do qual me fizeram réu. A todos que carregaram livros comigo nos últimos anos, pra lá e pra cá, eles mesmos memórias vivas da história dos livros e da biblioteca da UnB, meu mais emocionado agradecimento.

À Biblioteca Central *dos Estudantes* da Universidade de Brasília, pela generosa doação de mais de mil exemplares representativos de algumas das mais importantes bibliotecas particulares do século XX, sem os quais esta pesquisa não seria possível.

## RESUMO

No contexto de construção da Universidade de Brasília (UnB), inúmeros intelectuais fizeram parte de sua fundação. Neste processo, várias bibliotecas particulares fruto do erudito e meticuloso trabalho de bibliófilos e colecionadores vieram a constituir, ao longo das décadas, o acervo da UnB. Homero Pires, Pedro Moura, Agrippino Grieco, Carlos Lacerda são alguns deles. Nenhum, entretanto, contribuiu mais à história da UnB como Eudoro de Sousa. Nosso objetivo aqui foi analisar o que resta de sua biblioteca, após uma série de dispersões, descaminhos e desastres que culminaram com o maior bibliocídio da história no ensino superior no Brasil. Sob inspiração da História do Livro e da Crítica Genética, oferecemos aqui uma pequena contribuição à história intelectual de Eudoro de Sousa e de sua lendária biblioteca, analisando alguns fragmentos dispersos e folhas soltas que resistiram ao triste fim que teve essa que já foi a mais importante biblioteca de estudos clássicos da América Latina. Livrentemente se desenvolve redes interpretativas para tais manuscritos de maneira a interligá-los com a obra publicada e com os livros lidos por Eudoro de Sousa.

Palavras-Chave:

Eudoro de Sousa; História do Livro e das Bibliotecas; Crítica Genética; Leitura; Estudos Clássicos.



## ABSTRACT

Many intellectuals helped to build the University of Brasilia in the 1960's. In this process, several private libraries fruit of scholarly and painstaking work of bibliophiles and collectors came to be, over the decades, the UnB collection. Homero Pires, Pedro Moura, Agrippino Grieco, Carlos Lacerda are some of them. None, however, contributed more to the UnB history than Eudoro de Sousa. The aim of this dissertation was to analyze his library, at least what has left of it, after a series of dispersions, misleading and disasters that led to the biggest bibliocide of the Brazilian higher education history. Inspired by the Genetic Criticism and the History of Books, this work offers a modest contribution to the intellectual history of Eudoro de Sousa and his legendary library. It is made through the analysis of scattered fragments and sheets found among his books. These documents, notes and papers resisted to the sad end that had the library which was the most important one in the field of classical studies in Latin American. Freely, it is developed interpretative networks to understand the manuscripts and its relations with the published work of Eudoro de Sousa, as well as with his thoughts and, especially, with the way he used to read his books.

### Key-Words:

Eudoro de Sousa; History of Books and Libraries; Genetic Criticism; Lecture; Classical Studies.

## Sumário

<b>Introdução:</b> .....	11
<b>Capítulo 1: História do Livro e das Bibliotecas: indícios para a Crítica Genética</b> .....	<b>18</b>
<i>Do Manuscrito</i> .....	22
<i>Natureza e Importância dos manuscritos do prof. Eudoro</i> .....	26
<i>À primeira vista: encontrando os manuscritos</i> .....	33
<i>Paradigma indiciário, gêneses da crítica genética</i> .....	41
<i>Elementos de crítica genética à luz de uma biblioteca terminal</i> .....	46
<i>A crítica genética e os estudos do livro no Brasil</i> .....	55
<b>Capítulo 2: Biblioteca eudorina: a intersecção entre o homem e sua obra</b> .....	<b>65</b>
<i>Um leitor em Heidelberg e algumas prévias</i> .....	74
<i>Um grupo de São Paulo</i> .....	91
<i>O sábio da colina</i> .....	104
a) Antecedentes fundamentais .....	104
b) Brasília: crônicas de um bibliocídio .....	113
c) Eudoro <i>interruptus</i> .....	116
<b>Capítulo 3: Livros velhos e esquecidos: rastros de uma leitura</b> .....	<b>157</b>
<i>Manuscrito 1</i> .....	159
<i>Manuscrito 2</i> .....	163
<i>Manuscrito 3</i> .....	166
<i>Manuscrito 4</i> .....	171
<i>Manuscrito 5</i> .....	173
<i>Manuscrito 6</i> .....	175
<i>Manuscrito 7</i> .....	176
<i>Manuscrito 8</i> .....	179
<i>Manuscrito 9</i> .....	181
<i>Manuscrito 10</i> .....	188
<i>Manuscrito 11</i> .....	191
<i>Manuscrito 12</i> .....	196
<i>Manuscrito 13</i> .....	198
<i>Manuscrito 14</i> .....	201
<i>Manuscrito 15</i> .....	203
<i>Manuscrito 16</i> .....	207

<i>Manuscrito 17</i> .....	209
<i>Manuscrito 18</i> .....	212
<i>Manuscrito 19</i> .....	215
<i>Manuscrito 20</i> .....	218
<i>Manuscrito 21</i> .....	220
<i>Manuscrito 22</i> .....	224
<i>Comentários ao conjunto dos Manuscritos</i> .....	232
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>235</b>
<i>Da crítica</i> .....	235
<i>Da obra</i> .....	238
<i>Do homem</i> .....	240
<i>Do bibliocídio</i> .....	241
<b>Apêndice: Catálogo dos livros de Eudoro Guerreiro de Sousa</b> .....	<b>243</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>252</b>

## INTRODUÇÃO

“(...) só por uma característica se distinguem as conhecidas versões da mesma história: como ela começa a ser contada”.  
Eudoro de Sousa, 1953.

O senso comum se habituou a dar à memória, no já caduco jogo das polaridades, o caráter daquilo que é atividade. No outro canto do eterno ringue, passivo, se encontra o esquecimento. Em sua segunda dissertação para a **Genealogia da Moral**, Friedrich Nietzsche já afirmava que o esquecimento, essa força inibidora deixada de lado e sobrepujada pela memória, tem sido um aparelho do nosso organismo que parou de funcionar, danificado pela “consciência”. Diz o poeta-filósofo:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae*, como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência (...)<sup>1</sup>.

A constatação feita em 1887, a proposição que o filósofo faz de que invertamos, transvalorando as perspectivas, e mais do que inverter, que tomemos partido de outra perspectiva, deixa uma nítida impressão que o debate sobre a memória há muito tem se inflacionado. Em seus ensaios sobre história das ideias, Paolo Rossi caminha no mesmo sentido, uma interpretação familiar ao apontamento nietzschiano. Não à toa é um poeta do *Siglo de Oro*, Baltasar Garcían, prosador que influenciou o autor de **Assim falou Zaratustra**, que abre sua obra:

Saber esquecer é uma sorte mais que uma arte. As coisas que gostaríamos de esquecer são aquelas de que melhor nos recordamos. A memória não só tem a incivilidade de não suprir a necessidade, mas também a impertinência de, frequentemente, aparecer a despropósito<sup>2</sup>.

Como bem explica o italiano, fazendo uma leitura heideggeriana da natureza do passado, nossa história tem sido a história do *esquecimento* e do *olvido*. Realçando a sobrevivência platônica no pensamento de Heidegger, ecoando o tema da reminiscência,

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 43.

<sup>2</sup> ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seios ensaios da história das ideias**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Rossi afirma: “O saber pode ser definido como ‘memória do ser’, mas é o esquecimento que suscita a memória e permite voltar-se para o esquecido”<sup>3</sup>.

Essa “demanda de passado” da qual nos fala Rossi, capitaneada por termos como “resgate” da memória e seus afins, nos tem convocado, essa é a lição que nos fica, para uma certeza de que falar do que passou, contar, nos remete, ao fim e ao cabo, às nossas identidades. E a identidade deve se voltar mais para as coisas do futuro do que quaisquer outras coisas. Porque verdadeiramente tradicional, já dizia Agostinho da Silva, é a invenção do futuro.

Desvelar relações e significados de tais termos (esquecimento, olvido, memória, lembrança etc.) só tem sentido se nos dá sentido ao mundo. Se nos coloca perante a nós mesmos, fazendo com que sejamos capazes de, como afirma o próprio Rossi ao dedicar seu livro para seu neto, *lembrar e esquecer na medida certa*.

Este trabalho mostrará como não foi feita a “crítica da exclusão” de uma das partes mais utópicas e relevantes da história recente da Universidade de Brasília (UnB), da universidade brasileira, da intelectualidade no Brasil recente: a lendária Biblioteca de Eudoro de Sousa e o extinto Centro de Estudos Clássicos. Muito pelo contrário, atuaram e atuam em Brasília, sorrateiramente, dos primórdios da fundação às vésperas do jubileu da cidade e da Universidade, o que Rossi denomina os “Assassinos da memória”. Desde a crise que assolou a UnB durante o regime militar, passando pelas “reorganizações” e “reformas” que a afetaram, mas também por acontecimentos recentes, o que temos visto é a dificuldade em fazer surgir um passado apagado. Lembrar, simplesmente lembrar o que havia sido esquecido tem sido mais fácil para comemorações e efemérides. Porque *apagar*, afirma Rossi,

(...) não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais (...). Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (*e se deseja*) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. Aqui, o convite ou a coerção ao esquecimento tem a ver com as ortodoxias, com a tentativa de coagir todo pensamento possível dentro de uma imagem enrijecida e paranoica do mundo (...).

Os “apagamentos” de nosso tempo, ou seja, as *ementationes* do século XX não tem nada a dever às da época da Contrarreforma. Creio que todos temos diante dos olhos célebres fotografias de grupos de políticos em que um personagem caído em desgraça foi, com maior ou menor habilidade, apagado do grupo, na tentativa de eliminá-lo da história depois de ter sido eliminado moralmente e, na maioria dos casos, também fisicamente. A história do século XX, conforme bem sabemos também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras de história

---

<sup>3</sup> Idem, p. 20.

foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens foram retiradas, textos foram montados em antologias numa ordem favorável a documentar filiações ideias inexistentes e ortodoxias imaginárias. Primeiro, foram queimados os livros. Depois, foram eliminados das bibliotecas, na tentativa de apagá-los da história<sup>4</sup>.

A situação específica dos livros na nossa cultura ocidental, uma cultura que, diga-se de passagem, conta com uma contribuição imprescindível do Islã, tem sido muito discutida nos últimos tempos. Obras recentes tais como **A conturbada histórias das bibliotecas** e **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**<sup>5</sup>, mostram a atualidade da questão, nos fazendo perceber, muito a contragosto, que estamos próximos da “barbárie” que atribuímos a tempos longínquos e a povos rudes. A sentença de Heinrich Heine, que afirma que “onde se queimam livros, acabam queimando homens”, parece que nunca sairá da ordem do dia.

Dois exemplos merecem ser mencionados. Um deles vem da leitura que Robert Darnton faz da obra *Double fold*, de Nicholson Baker. Avaliando a questão da sobrevivência dos livros e do papel<sup>6</sup>, o historiador comenta absurdos como os que se deram em 1999, quando Bill Clinton premiou uma ex-bibliotecária que liderou um “ataque” à biblioteca em que trabalhava. Analisando esse “estranho rol de personagens” da obra de Baker, Darnton fala de “carniceiros de livros pertencentes ao improvável mundo das bibliotecas”<sup>7</sup>. Vale tomar nota de alguns pontos mais importantes. Para o professor nova-iorquino: a) o papel ainda é o mais durável dos suportes da escrita; b) bibliotecários são obcecados por espaço; c) a obsessão por espaço, em alguns casos, degenera em ideologia; d) preservar, algumas vezes, tem significado destruir; e) ao contrário do que afirmam as gestões de bibliotecas pelo mundo afora, em geral, destruir é totalmente desnecessário, brutal e caro; e, por último, f) mesmo algumas vezes parecendo bem intencionados, não faltam exemplos em que os bibliotecários agem de má-fé. Estes são alguns dos enunciados que Darnton destaca na obra de Baker.

O *j'accuse* discutido ali e aqui estremece mais ainda quando vemos que a Biblioteca Britânica recentemente protagonizou escândalos como o que vamos narrar nesta dissertação.

<sup>4</sup> Idem, p. 32-33, grifo meu.

<sup>5</sup> BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: editora Planeta do Brasil, 2003 e BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<sup>6</sup> Uma bela resposta a esta questão foi dada por Umberto Eco, em seu recente **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

<sup>7</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 127.

Baker viu tudo, flagrando e atuando, indignado, em defesa de 120 anos de história que foi destruída. Darnton comenta:

Quando Baker se inteirou da devastação, tentou desesperadamente impedi-la. Mas a biblioteca não lhe deu ouvidos; não permitiu nem que ele nem outros bibliófilos tivessem tempo de montar uma operação de resgate. No final das contas, um tesouro inestimável acabou arruinado, dissipando um bem público<sup>8</sup>.

Ainda está para ser escrita a obra que responde a perguntas que situações como estas colocam. A Biblioteca Pública de Nova York, após sofrer as mesmas acusações sobre perder raridades, se comprometeu, reconhecendo a culpa e a imperiosa urgência de mudança de hábitos. Outras bibliotecas fizeram o mesmo.

Coisa bem diferente aconteceu na Biblioteca Central dos Estudantes (BCE) da UnB, *leitmotiv* de nosso trabalho, que ainda hoje não admite os próprios erros históricos. Em **A bibliofilia no Brasil**, tese de doutoramento de Oto Dias Becker Reifschneider, o bibliófilo e pesquisador elege o caso da UnB como “talvez a mais exemplar”<sup>9</sup> situação de descaso com livros na história do Brasil. É aqui que passamos a registrar a crônica dos feitos ocorridos naquele momento, uma *anamnese* que já correu pelas mais altas cortes desse país e que agora terá, esperamos, seu pleno espaço de reconhecimento intelectual para além do denunciismo que, sem arrependimento algum, foi importante na gênese do problema.

Quando em 2007 trabalhei como ajudante de guarda livros na BCE, presenciei um *bibliocídio*, também conhecido por seus funcionários como a “devassa” de 2007. Bibliocídio ou “devassa”, durante a greve de cem dias que interrompeu as atividades do *campus* naquele momento, funcionários e estagiários fomos deslocados para trabalhar no depósito que fica no segundo subsolo do prédio. Lá, mal munidos de instrumentos básicos de trabalho, tais como luvas, óculos, máscaras (que periodicamente faltavam), nos foi dada a ordem de “limpar” o local. O que vi ali, tal como vi, tentei registrar em minha monografia final de curso entregue ao Instituto de Letras desta mesma Universidade em 2009, e está reproduzido na tese supracitada<sup>10</sup>. Tal história faz eco impressionante ao caso analisado por Darnton, a partir do manifesto de Baker acima comentado:

<sup>8</sup> Idem, p. 137.

<sup>9</sup> REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker; MIRANDA, Antonio. **A bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011, p. 58.

<sup>10</sup> Idem, p. 58-60. Em **Deus me livros: a história da bibliofilia na Universidade de Brasília**. Brasília, EdUnB (no prelo) discuto a questão e como ela afetou várias coleções importantes e expôs a contradição intrínseca ao jubileu que a UnB comemoraria em 2012. Consta também na obra de Oto Reifschneider (anexo iii) relatório que, à época, foi entregue a reitoria da UnB.

É uma história surpreendentemente simples. Fanáticos equivocados diagnosticaram erroneamente um problema e produziram uma catástrofe nacional espalhando informações enganosas. A disparidade entre causa e efeito exige uma explicação. O que estava em marcha no cerne deste processo – pura estupidez?, falhas institucionais?, a influência de um par de personalidades influentes e o apelo de algumas ideias impressionantes?<sup>11</sup>

Tais questões, difíceis de serem respondidas especialmente quando as instituições e seus responsáveis atingem o mais baixo nível de reflexividade, ainda estão por serem respondidas. Na época em que o procedimento se deu, forjaram-se alguns critérios, cedo desrespeitados. A insalubridade do local, o calor dos meses mais secos e quentes de Brasília, a indisposição diante de um trabalho que muitos (inclusive alguns poucos funcionários que identificaram o erro<sup>12</sup>)... Cedo se perdeu o “critério”. Segundo testemunho-chave de um dos chefes locais, com quase trinta anos de casa, naqueles quinze dias quase metade do depósito foi descartado para venda no quilo.

Orientado sobre as formas de doação, diante da premente reciclagem, separei mais de mil deles e consegui retirá-los formalmente, segundo os procedimentos que me foram explicados. Eu tinha agora vasto montante de exemplares que se tornaram a prova do crime ocorrido naqueles dias<sup>13</sup> e, em pouco tempo, rico material de pesquisa. Além disso, ainda pude contribuir com a formação de espaços de leitura e gênese de novos acervos particulares.

Foi nesse momento que percebi que *todas as bibliotecas particulares que constituíram coleções compradas pela UnB ao longo dos anos* foram dilapidadas naquela dramática ocasião. Entre tais coleções, que já vinham sendo descuidadas por décadas, cada uma à sua maneira sofrendo com um desleixo do qual é responsável toda a comunidade universitária, estavam livros do bibliófilo e jurista baiano Homero Pires, detentor de uma das mais importantes *ruianas* do país; de Pedro de Almeida Moura, professor germanófilo paulista que organizou ao longo da vida uma bela *goethiana* com cerca de 10.000 livros; do crítico literário e escritor Agrippino Grieco, afamado intelectual que teve uma das mais conhecidas

<sup>11</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 139.

<sup>12</sup> Um bibliotecário especialista em obras raras, conforme depoimentos que viriam a ser entregues ao Ministério Público, chegou a se pronunciar sobre a “devassa” afirmando que o procedimento era desmedido, que os livros tinham que ser restaurados, negando-se a participar das atividades bibliocidas.

<sup>13</sup> O desenrolar processual desta situação pode ser estudado em reportagem especial feita pela jornalista Claudia Bernal, publicado em veículo informativo do Tribunal Regional Federal (TRF) da 1.ª região – ano iii – n.º 32 – março 201, p.32-37 (disponível virtualmente em <http://portal.trf1.jus.br/data/files/72/E3/B7/DE/9A51F310C28A11F3A42809C2/edicao-032.pdf>). Para detalhes sobre a decisão judicial final, virtualmente se pode consultar o processo na íntegra por meio de consulta no TRF da Primeira Região com a palavra-chave “desorganização reinante”. A Revista Darcy em seu n.º 13 de janeiro/fevereiro de 2013, no interessante artigo *Homens que amam livros* (pp. 26-33) cita a triste situação histórica e nacional brasileira (não apenas na UnB) do descaso das instituições públicas para com coleções particulares.



coleções particulares; de Carlos Lacerda, político e escritor, editor e colecionador; e aquela a que se dedica esta dissertação, a biblioteca de Eudoro de Sousa.

Percebi aos poucos que tinha em casa, na época uma pequena sala de 42 metros quadrados, um pouco de cada uma destas bibliotecas. Mas havia mais: bibliotecas menores integravam aquele antro sujo que era o depósito da UnB em 2007. Foram descartados livros de Pedro Nava, Ricardo Xavier da Silveira, Vera Pacheco Jordão, Aliomar Baleeiro, Fernando de Azevedo, Emanuel Araújo, sem falar de obras de antiquários, livros da renomada livraria São José, da extinta livraria Parthenon, doados por Antonio Candido, livros de Wandick Londres da Nóbrega, entre tantos outros.

Estava feito o estrago. Abriu-se o processo judicial que me solicitava a devolução dos livros que tinha em mãos, batalha que após assédios dos mais variados e retaliações, inclusive dentro deste Instituto, terminei por vencer. Era chegada a hora de mostrar, intelectualmente, as razões do erro. Era preciso escolher uma destas bibliotecas e estudá-la, como sugeriu certa vez, dentro do depósito, o professor Rogério Lima.

O trabalho que se segue é a expressão acadêmica de um conjunto de vivências com uma pesquisa iniciada em 2007. Tento demonstrar o valor das obras e o potencial do material recolhido para uma cartografia possível que entrelace a história de um intelectual singular, uma biblioteca extraordinária e fragmentos soltos e dispersos ao longo de décadas.

No capítulo I faço apontamentos sobre a metodologia, discutindo três concepções de encarar o problema. A primeira delas nos foi dada pela disciplina História do Livro. Seu aparecimento, sua contribuição ao panorama das ciências humanas, além de sua manifestação em terras brasílicas é o que abre nossa conversação sobre livros que, como diz Rubens Borba de Moraes, anda sendo prosa rara nos dias de hoje.

Em segundo lugar, por meio do que Carlo Ginzburg chama de paradigma indiciário, proponho uma ligação da História do Livro com o que se convencionou chamar de Crítica Genética. Por fim, semeada no espírito do romantismo alemão, mas com raízes muito mais profundas, proponho a Crítica Genética que, desde a década de 1970 na Europa (e após sua chegada ao Brasil, em 1985) tem ocupado a brecha entre teoria literária e história da literatura. Os manuscritos representariam, em diversas interpretações que apenas pincelamos, maneiras de entender a obra de um autor, uma obra que muitas vezes é inteiramente mais grandiosa e complexa do que aquilo que se tornou visível na expressão do “publicado”. No caso de Eudoro estamos diante de uma biblioteca que não pode deixar de ser encarada como uma Obra, ou parte constitutiva da “Obra”.

No capítulo II contamos a história de Eudoro de Sousa tendo sua biblioteca como personagem ativo de sua vida. Sua fortuna crítica sempre fala dela. Está presente na memória de seus alunos e discípulos. Contudo, nunca foi feito um trabalho para descrever a biblioteca eudorina, apresentando os traços mais distintivos de seu papel na história recente dos estudos clássicos na UnB e no Brasil. Tampouco se falou do que estava nela, escondido, guardado, silenciosamente resistindo a anos de esquecimento.

Partindo de um frequentador de tertúlias que tinha seu nome citado nas cartas dos amigos de Fernando Pessoa, passando por um deslumbrado germanófilo que ousou viajar para *Altertumswissenschaft* alemã durante a ascensão do nazismo, estaremos diante de um intelectual que, em meados do século passado chega a São Paulo inteiramente certo do que queria no Brasil. Após passar por Santa Catarina, onde se afinou com Agostinho da Silva, é convidado a *fundar uma universidade*, começando aí uma história única que terminou desastrosamente, já na década de 1960. Um desastre que vem se estendendo de maneira crítica e que teve, no bibliocídio de 2007, um dos seus últimos e mais sinistros episódios. Na verdade, nada mais que a gota d'água que nos faz perceber as várias mortes que ainda afetam Eudoro de Sousa.

Por último, no III capítulo, sem conseguir apenas apresentar algumas preciosidades encontradas no espólio do prof. Eudoro, tentamos fazer breves comentários a guisa de exercícios de crítica genética. Guardadas nessas páginas finais estão indícios de que é preciso e possível reeditar Eudoro de Sousa, fazendo aparecer outra maneira de entender sua obra a partir de seus instrumentos de trabalho, considerando a biblioteca como peça para o quebra-cabeça que temos em mãos. Um jogo fragmentário que em tudo condiz com aquele que mais se dedicou, no Brasil, à investigação dos fragmentos de uma Antiguidade que nosso país, considerando-se novo demais, insiste em negar como constitutiva de sua essência primordial. A estrutura deste capítulo final apresenta muito *en passant* a natureza física de notas de trabalho e manuscritos e/ou anotações dispersas, transcrevendo e traduzindo, quando necessário, e produzindo em seguida um breve comentário dando sentido aos pequenos achados que, intertextualizados com sua biblioteca e sua obra, podem aprofundar um pouco mais a nossa leitura da obra eudorina. A opção pela biblioteca de Eudoro de Sousa, longe de ser o outro lado da suposta polaridade (obra *versus* biblioteca) é resultado do percurso vivido ao longo da pesquisa. Vale lembrar que, ao contrário da obra (que vem sendo cada vez mais estudada por pesquisadores da cultura clássica e, sobretudo, por amantes e autodidatas dos mais diversos) a biblioteca eudorina caiu no mais profundo esquecimento.

Ao final, mas não menos importante, apresentamos anexos e apêndices com documentos que nos auxiliaram na pesquisa, onde se destaca a organização prévia de um catálogo de obras que foram descartadas. Apenas alguns títulos mais importantes e expressivos serão listados, tendo em vista o desejo de publicar um estudo específico que abordará o efeito do bibliocídio para a compreensão do legado de Eudoro de Sousa.

## Capítulo 1

### História do livro e das bibliotecas: indícios para Crítica Genética

Entre a teoria literária e a história da literatura, o estudo dos livros e das bibliotecas, no Brasil, ainda não tem o espaço merecido. Na França, na Alemanha, nos países de língua inglesa, a situação é outra. Lá fora, pelo contrário, há décadas o assunto é discutido com seriedade pelos mais importantes centros de excelência, como demonstra Robert Darnton no seu seminal *What is the History of Books*<sup>14</sup>.

*Histoire du livre, Geschichte des Buchwesens, History of books*, seja qual for a tradição à qual se vincule, a nova disciplina que abre este voo metodológico é resultado da convergência de esforços que vem reunindo, ao longo dos últimos anos, diversos pesquisadores e cientistas, assumindo uma identidade acadêmica sua, tal como a história da ciência e a história da arte assumiram, consolidando problemas até então não enfocados. Tais estudiosos, conta o diretor da biblioteca da Universidade de Harvard,

se viram cruzando caminhos da mesma terra de ninguém, situada na intersecção de meia dúzia de áreas de estudo. Resolveram constituir sua própria área, convidando historiadores, estudiosos da literatura, sociólogos, bibliotecários e todos que desejassem entender o livro como força histórica<sup>15</sup>.

Estavam criados os elos entre áreas, o que gerou publicações, congressos, conferências, ciclos de debates, um mundo que não mais poderia se restringir aos cafés. Estava estabelecido “um dos poucos setores nas ciências humanas onde há um clima de expansão e um alvoroço de novas ideias”<sup>16</sup>. Mas a nova disciplina não nasceu de uma hora para outra, bem o sabe o fundador do programa Gutenberg-e<sup>17</sup>. Ela remonta, se não à Antiguidade, certamente ao renascimento e tem seu mote fundamental na experiência do livro enquanto um objeto material. Uma das mais importantes contribuições se deu quando Lucien Febvre e Henri-Jean Martin publicaram **L’Apparition du livre**, em 1958. A demora em se traduzir para o português um trabalho dessa natureza demonstra o atraso da área no Brasil. Somente em 1992 a obra seria acessível ao leitor da língua portuguesa<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> Publicado em periódico (*Daedalus*) em 1982, o artigo foi inúmeras vezes revisto e republicado, como em **O beijo de lamourette: Mídia, cultura e revolução** (1995) e ainda em **A questão dos livros** (2010).

<sup>15</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 190.

<sup>16</sup> Idem, p. 191.

<sup>17</sup> [www.gutenberg-e.org](http://www.gutenberg-e.org).

<sup>18</sup> Cf. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

Tal obra se insere no que ficou conhecido como Escola dos *Annales*. Entre os temas da nova escola, também a história do livro e das bibliotecas se tornou objeto da historiografia. Poucos anos depois, em 1974, Jacques Le Goff e Pierre Nora organizariam estudos que registravam uma geração atenta a *novos problemas, novas abordagens e novos objetos*. Entre os artigos de **História: novos objetos**, obra que ainda hoje exerce enorme influência nas ciências humanas, estava importante artigo que Roger Chartier e Daniel Roche denominaram *O livro: uma mudança de perspectiva*<sup>19</sup>. Inspirado em obra homônima de Michel de Certeau, de 1975, em **A escrita da história: novas perspectivas**, vemos os desdobramentos dos ares acima mencionados. Darnton demonstra com cinco propostas de estudo como a leitura havia ressurgido como centralidade para a literatura. Teoria literária e história do livro não poderiam mais se ignorar mutuamente e, menos ainda, ignorar o contato que a leitura lhes proporcionava.

A leitura tem uma história. Não foi sempre e em toda parte a mesma. Podemos pensar nela como um processo direto de extrair informação de uma página, mas se a considerássemos um pouco mais, concordaríamos que a informação deve ser esquadrihada, retirada e interpretada. Os esquemas interpretativos pertencem a configurações culturais, que têm variado enormemente através dos tempos. Como nossos ancestrais viviam em mundos mentais diferentes, devem ter lido de forma diferente, e a história da leitura poderia ser tão complexa quanto a história do pensamento<sup>20</sup>.

O livro se constituía assim, não apenas como fonte, mas como uma *força histórica*, uma forma do fazer histórico. Descobriu-se que os livros também *fazem* história, e não apenas contam o que nela se passou. Seja nos estudos de recepção, seja no que toca à história da impressão, a década de 1970 veria o surgimento de inúmeros centros de estudos expressivos. Entre eles, o *Institut d'Étude du Livre*, o *Arbeitskreis für Geschichte des Buchwesens* e o *Center of the Book*. “Em um curto período de duas décadas”, conta o inspirador artigo de Darnton, “a história do livro se tornou um campo de estudo rico e variado”<sup>21</sup>.

O que era esperado, de fato, aconteceu. Uma interdisciplinaridade descontrolada trouxe a essa nascente disciplina a imagem de um aparente caos gerado pelo encontro, muitas vezes conflituoso, de paradigmas e metodologias que eram, originalmente, cegos uns aos outros. A chegada em massa de várias disciplinas para dar suporte à história do livro fez com

<sup>19</sup> LE GOFF, Jacques nora, Pierre. **História: novos objetos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 99-115.

<sup>20</sup> BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 233.

<sup>21</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 192.

que ela precisasse se reencontrar, se redefinir, depois da hospitaleira abertura provocada pelo seu surgimento.

Para orientar o que se transformaram os estudos, Darnton propôs então um modelo interpretativo que ele utiliza para entender um caso específico que foi a edição de uma das obras de Voltaire, no século XVIII. Sem dúvida adaptável para outros casos, o modelo serve como guia para entender a relação entre autores e leitores. Entre leitores e autores (que também são leitores) um mundo inteiro gira: gráficas/tipografias, fornecedores, distribuidores, livreiros, artistas do livro como os encadernadores, douradores, para enfim o ciclo se voltar a se fechar com o leitor.

É aqui que já se anuncia uma relação muito íntima entre crítica genética e história do livro. “A história do livro”, sintetiza o autor, “se interessa por cada fase desse processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais”<sup>22</sup>. Entender o processo, focar o processo, preferir o processo, ao invés de simplesmente estudar uma produção literária enquanto tal, no texto pelo texto, se torna um dos traços característicos dessa nova disciplina. Não à toa, mais ou menos na mesma época a crítica genética dará uma resposta voltada para as construções várias que os textos geralmente têm até serem selados com a etiqueta do publicado. Há, não resta dúvida, uma relação que liga a história do livro e a crítica genética em sua seiva bruta.

Darnton desenvolve seus argumentos aplicando o modelo por ele proposto ao caso editorial de uma obra de Voltaire: *Questions sur l'Encyclopedie*. Não há tempo aqui para avaliar a aplicabilidade do modelo ou a compreensão específica do caso iluminista. Não deixa de ser interessante, é verdade, o foco em escolher o livreiro para entender a difusão de uma determinada obra, deixando de lado a sua redação propriamente dita, detalhes sobre sua impressão ou sua recepção pelas bibliotecas.

Isaac-Pierre Rigaud, o estudo de caso de Darnton, na sua história, conserva elementos interessantes que indiciam a própria história da crítica genética. Rigaud tinha como deplorável o frequente hábito de o autor acrescentar, remendar, corrigir *Questions*. Considerado como uma ludibriação pelos livreiros, segundo a visão de um deles, esse não entendimento de Rigaud sobre o processo de Voltaire é um exemplo que nos diz muito. Vale lembrar que dentro desse processo, o próprio escritor se relacionava com editores piratas para publicar sua própria obra. Vendendo muito bem e dificultando como nunca a vida dos livreiros, este caso

---

<sup>22</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 194.

de uma edição de Voltaire conserva enorme riqueza para a própria gênese comum entre história do livro e crítica genética. “Longe de estar confinado ao comércio subterrâneo de personagens marginais (...) a obra de Voltaire se revelou um item valioso e cobiçado numa disputa por lucros no coração do ramo livreiro estabelecido”<sup>23</sup>.

A constatação sinaliza outra problemática que é a da leitura, o mais misterioso elemento do quadro proposto acima. Provocativamente, Darnton nos questiona: “dado o estado atual da documentação, não conseguimos saber quem eram os leitores de Voltaire, ou como responderam à sua obra. *A leitura permanece o estágio mais difícil de estudar em todo o circuito do livro*”<sup>24</sup>.

A conclusão que o autor de **Poesia e política** nos dá nesse artigo marcante para a história da disciplina não é menos fértil que seu desenvolvimento. Oferecendo um panorama completo dos vários aspectos que o modelo proposto descreve (autores, editores, gráficos, distribuidores, livreiros), somos deixados diante do nó fundamental de nossa pesquisa, a leitura.

O impacto da leitura na mente humana pós-Gutenberg, a maneira como se leu ao longo dos séculos, a leitura em voz alta, a transição que se deu para uma leitura de entretenimento, após uma revolução da leitura ao final do século XVIII, a iconografia da leitura, um sem número de questões é sugerido, indicando a complexidade para onde se conseguiu caminhar e, sobretudo, demonstrando a natureza ilimitada que o livro nos impôs.

Esses são apenas alguns aspectos mais fundamentais que a leitura do artigo suscita. Dentro delas, demonstraremos, estão várias perspectivas que serão, à sua maneira, desenvolvidas pela crítica genética trazida à tona mais ou menos no mesmo período em que os primeiros trabalhos aprofundados de história do livro emergiram.

Entende-se cada vez mais porque

Quando tratado como objeto de estudo, o livro também *se recusa a ser confinado* pelos limites de uma única disciplina. Nem a história, nem a literatura, nem a economia, nem a sociologia nem a bibliografia podem fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro. Assim, por sua própria natureza, a história do livro deve ser internacional em esclara e interdisciplinar em método<sup>25</sup>.

É pena que tamanha abertura esbarre no mais recrudescido *confinamento* e descaso das instituições. Como se não bastassem as dificuldades intrínsecas ao estudo da leitura, sempre

<sup>23</sup> Idem, p. 201.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 205, grifo nosso.

<sup>25</sup> DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 219, grifo nosso.

deslizante, enigmática, o historiador do livro e geneticista, em Brasília, tem processos ainda mais sérios para vencer.

### *Do manuscrito*

O pesquisador da leitura Roger Chartier desenvolve algumas reflexões úteis e advindas de sua experiência com instituições que organizam dois arquivos: um deles, de escritores e outro, de editores. O primeiro é alemão e o segundo, francês. Refletindo sobre o corte histórico do primeiro – “coletar, catalogar e processar todos os tipos de documentos relacionados à literatura moderna (de 1750 ao presente)” –, o pesquisador nos leva a pensar a relação entre texto manuscrito e texto impresso nos primeiros dois ou três séculos após a invenção de Gutemberg.

(...) essa ausência tem preocupado a crítica genética, dedicada a seguir o processo criativo que leva ao texto publicado e a estudar registros múltiplos: esboços e planos de trabalho, notas e documentos, séries de rascunhos (...) <sup>26</sup>.

O mote da pesquisa aqui passa a ser a permanência de manuscritos anteriores ao século XIX, acháveis, disponíveis, detentores de um potencial diferente daqueles que preservam os rascunhos e outros esboços de escritores mais recentes. É de se imaginar como deve ter havido resistência ao impresso nos primeiros momentos desta invenção revolucionária. O questionamento sobre um *corpus* para a crítica genética que esteja fora do período moderno fincado no ano de 1750, para o caso do arquivo alemão de Marbach, nos remete à sobrevivência do manuscrito na era digital. Chartier pondera exemplos, franceses, ligados ao período da Revolução, todos com cópias e originais autógrafos de obras relevantes. Entre eles, Rousseau, Pascal, Sade, etc. Ao falar do manuscrito de Pascal, por exemplo, o faz com detalhamento físico do material, aspecto imprescindível quando se lida com originais dessa natureza. Cada manuscrito ensina uma coisa a seu modo para o filólogo ou estudioso que nele se debruça. Alterar o formato deixado pelo escritor é um dos primeiros lapsos dos que tem o privilégio de ter em mãos este tipo de material.

Exemplo emblemático é Montaigne.

(...) seus únicos manuscritos literários autógrafos são as anotações que deixou em alguns livros que leu (...) e as correções e acréscimos que ele escreveu em sua cópia

---

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. A mão do autor: arquivos literários, crítica e edição. In: *Escritos*: revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa/ Fundação Casa de Rui Barbosa. – ano 3, nº 3, 2009. Rio de Janeiro, edições Casa de Rui Barbosa, 2009, p. 8.



da edição de luxo *in quarto* de 1588 dos seus **Ensaio**s (conhecida hoje em dia como o “exemplar de Bordeaux”), em que as grandes margens permitiram importantes acréscimos e acréscimos aos acréscimos<sup>27</sup>.

A margem dos livros permitia, em tempo não muito distante, maior interação (manuscrita) com o livro no ato da leitura, a ponto do ensaísta conseguir fazer um comentário ao comentário. Esse olhar para a margem, para o lado, para o que não é central, é uma maneira de entender a biblioteca de Eudoro de Sousa, a qual incluirá o que aparentemente são apenas farrapos, no conjunto da obra.

Outro exemplo curioso que Chartier nos cita é o do manuscrito de *The book of sir Tomas More*, que conta com “provas paleográficas, ortográficas e estilísticas” de que teve, entre as mãos que o revisaram, a pena de Shakespeare. O autor de **A aventura do livro: do leitor ao narrador** vai mais longe, citando manuscritos do século XIV italiano. Petrarca é um destes exemplos, ao que parece fartíssimo, com “esboços, primeiros rascunhos, correções, acréscimos e cortes, mas também, nas margens, referências cronológicas precisas aos estágios sucessivos de elaboração de textos individuais”<sup>28</sup>.

O exame dos manuscritos de Petrarca, a partir da presença importantíssima da caligrafia naquele tempo, demonstra aquilo que é detalhadamente comentado nas obras de Enric Satué e Stephen Greenblatt, dois trabalhos distintos em intenção e profundidade, mas que relacionam práticas cartoriais, a importância do manuscrito e a construção da modernidade, da leitura e do livro, tal como hoje entendemos tais conceitos. Ambos focando seu trabalho no Renascimento, Satué e Greenblatt demonstram como, apesar de hoje excluídos do *curriculum* do homem culto (inclusive em faculdades de Letras) gregos e romanos consolidaram de forma única a nossa percepção moderna. O exemplo dado pelo estudioso da obra de Shakespeare, ao contar a épica vida do caçador de livros que foi Poggio Bracciolini, resgata uma emoção que ainda perdura, que se manifesta quando encontramos um manuscrito perdido, uma marginalia importante, um enunciado raro no tédio acadêmico que prepondera. “A descoberta de um livro”, conta Greenblatt,

Normalmente não configura um evento empolgante, mas por trás daquele momento estavam a detenção e o aprisionamento de um papa, hereges queimados e uma grande explosão cultural de interesse pela Antiguidade pagã. O ato da descoberta foi o ápice da paixão de toda uma vida de um brilhante caçador de livros. E aquele caçador de livros, sem jamais ter pretendido fazê-lo, ajudou a dar à luz a modernidade<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Idem, p. 9.

<sup>28</sup> Idem, p. 11.

<sup>29</sup> GREENBLATT, Stephen. **A virada: o nascimento do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19.

Em escala infinitamente menor, mas também divina, como a infinita grandeza de Poggio, a descoberta de Chartier nos arquivos anteriores a 1750 e a nossa, trazendo à tona um oceano inteiro de esquecimento acerca de Eudoro de Sousa, estamos diante da potente vida do livro, do papel imortal frente ao mundo cada vez mais virtualizado. Ambos, Eudoro e Poggio, faziam parte de “uma geração apaixonadamente ansiosa por descobrir textos antigos”<sup>30</sup>. Em ambos veremos, na aproximação muito cedo com o claustro, as bases de uma formação que via no mundo religioso o melhor lugar para o contato com a *humanitas*. Uma descrição da figura de Poggio nos leva diretamente ao tradutor da **Poética** de Aristóteles, realçando uma caracterização que ultrapassa os tempos e nos revolve à nascente. Diz o biógrafo:

Ele tivera sucessos espetaculares na Suíça e na Alemanha, que lhe tinham rendido fama nos círculos humanistas. Outras grandes descobertas podiam estar a sua espera nas bibliotecas monásticas inglesas. Essas bibliotecas ainda não tinham sido examinadas com cuidado por humanistas dotados, como Poggio, de uma leitura cuidadosa dos textos clássicos conhecidos, de uma compreensão enciclopédica dos manuscritos que faltavam e de uma notável inteligência filológica. Se ele já havia sido saudado como um semideus por sua capacidade de fazer reviver os mortos da Antiguidade, quanto ainda seria louvador pelo que podia trazer à luz?<sup>31</sup>

A sobrevivência desse mundo antigo presente, eis uma das lições que Eudoro e seus dispersos nos darão. Sejamos contemporâneos de Eudoro de Sousa e teremos nele, um portal aberto (mais do que um arquivo) para o mais remoto de nós mesmos.

Ora, em Chartier, uma das razões da redução do número de manuscritos autorais quando chega a era moderna é protagonizada pela figura, em decadência, do escriba, que àquela altura era fundamental numa publicação. Marca-se aqui uma distinção entre *manuscrito de autor* e “*originais*” do escriba. Nasce um debate sobre propriedade intelectual. “O manuscrito autógrafo”, argumenta Chartier, a partir de um debate que tem como expressão máxima a voz de Diderot e Fichte, “tornou-se o testemunho mais fundamental, a encarnação visível do gênio invisível do escritor”<sup>32</sup>.

Esse fetiche do manuscrito, como a ele se refere Chartier, levou alguns escritores a se tornarem arquivistas de si próprios, como Rousseau e Goethe. Em depoimento epistolar registrado no *Goethe und Schiller Archiv*, ao fim de sua vida, Goethe teria advertido que suas cartas, seus manuscritos e arquivos “merecem a maior atenção (...)”, já que “por muito tempo, não se encontrará tão rica e variada coleção de um só indivíduo. (...) razão pela qual espero

---

<sup>30</sup> Idem, p. 52.

<sup>31</sup> Idem, p. 175.

<sup>32</sup> Cf. p. 16.

que sua conservação seja garantida”<sup>33</sup>. Estavam lançadas ali as primeiras sementes do que viria a ser a crítica genética. Não só “o projeto de uma completa edição geral de seus trabalhos”, continua Chartier, como “também ou principalmente, uma muito intensa relação autobiográfica com a escrita os levou [ Rousseau e Goethe ] a constituir meticulosamente ‘os arquivos do poeta e do escritor’”<sup>34</sup>. A expressão é goethiana, e nos faz pensar na imposição que o estudo do material de Eudoro nos coloca.

Parece-nos claro, entretanto, que nem tudo são flores no vasto mundo perdido, esquecido, intocado, de um baú encontrado ou um arquivo que começa a ser estudado. Ao falar sobre a famosa palestra que Michel Foucault deu em 1968, a respeito da função da autoria, Chartier problematiza a própria constituição do conceito de obra, bem como expõe a possibilidade de manipulação de um autor por meio da organização de seu arquivo. O caso mais notório foi a publicação de *Der Wille zur Macht*, conjunto absurdo de falácias falsificado por Elisabeth Förster-Nietzsche, irmã de Nietzsche. “Ela cortou, reuniu e ordenou na forma de um livro vários fragmentos (notas, esboços, reflexões) deixados por seu irmão, que de sua parte não tinha nenhuma intenção de transformá-los num livro”<sup>35</sup>, lembra o historiador da leitura. Apesar disso, podemos hoje excluir o espúrio da obra nietzschiana? Se sim ou não, a decisão passa por uma discussão específica que não pode excluir a crítica genética.

O caso recente de um suposto sumiço das cartas “com teor homossexual” que pertenciam a um poeta importante demonstra como o problema não está longe de nós. Tendo sido uma orientação do próprio, em vida, ou decisão arbitrária da “curadoria” que assumiu a representação do escritor e de sua memória, o que está em jogo é como dialogar com uma contribuição que não pode se restringir ao que se torna publicado em editoras. Ainda mais quando se trata de pensadores e intelectuais com uma expressão que extravasa aos papéis que deu ao público. A “edição” feita para organizar daquele acervo, não dando relevo algum (é pouco provável que ele não desse) à quantidade volumosa de literatura erótica que constituía sua biblioteca, perde algo de essencial para a obra e vida do escritor?

Apesar de Chartier ter como estopim de sua reflexão um olhar que se volta para meados do século XVIII, ponderando sobre o impacto dos tipos móveis na forma de organizar a “obra” e o “publicado”, seus apontamentos nos permitem compreender de maneira ampla a necessidade (e para que não se repita o erro da irmã de Nietzsche, entre outros exemplos) de

---

<sup>33</sup> Cf. p. 18.

<sup>34</sup> Cf. 18.

<sup>35</sup> Idem, p. 19.

abrir o material eudorino, apresentá-lo organizada e horizontalmente, tendo o máximo de cuidado para apenas ventilar algumas opções e sugestões silenciosamente possíveis ali.

A relação entre a obra do autor e a vida do escritor é mais do que a velha tentativa, para muitos fadada ao fracasso, de explicar a obra pela vida. Muito pelo contrário, se trata de demonstrar como, e o caso de Eudoro é visivelmente exemplar, uma vida foi inteiramente dedicada à obra, mas a uma obra que eram suas aulas, suas anotações, suas indicações de leitura, seus roteiros, seus tópicos deixados dentro de um livro para a explicação de um verso, um conceito, etc. Uma obra que estava manifesta e implícita muito mais em sua biblioteca, na memória oral dos que estiveram ali, *lendo com o Mestre*, do que nos poucos títulos publicados.

O arranjo que tentaremos fazer não deixará escondida nossa leitura. E não será nossa intenção. O processo para chegar a tal leitura nunca teve tanta necessidade de ser publicizado. “Localizar os trabalhos na vida exige encontrar a vida nos trabalhos”<sup>36</sup>, comenta Chartier, se referindo às palavras de Edmond Malone, estudioso de Shakespeare. Nosso intuito aqui será, apesar das sucessivas mortes sofridas por Eudoro desde a primeira em 1987, resgatar algum sopro de vida na biblioteca moribunda que vegeta na masmorra sem oxigênio e luz que reúne o que resta do extinto Centro de Estudos Clássicos.

### *Natureza e importância dos manuscritos do prof. Eudoro*

Poucas são as notícias da existência de algum material que fundamente novas ou inovadoras interpretações da obra eudorina. A ausência de provas, entretanto, não significa a total ausência. Com efeito, algum material existe. O pouco que existe merece, se não uma investigação detalhada, ao menos a exposição, na intenção de que futuras pesquisas se debrucem em tais documentos perdidos.

Sobre o valor do manuscrito e seus significados, alguns comentários se fazem úteis, ainda mais para uma realidade acadêmica como a nossa, onde uma instituição sem condições de salvaguardar o material físico raro que possui se encontra muito distante de qualquer iniciativa concreta que envolva digitalizações e acessos diferenciados.

Em **Os desafios da escrita**, Roger Chartier fala de uma revisão dupla que se faz urgente para a história da cultura, diante da relevância em se pensar a sobrevivência do manuscrito no mundo pós-Gutenberg. Em primeiro lugar, há que se perceber que “gráfico”

---

<sup>36</sup> Idem, p. 21.

não exclui o que é *grafado* à mão. Em seguida, é preciso abandonar, por meio dessa revisão dos conceitos de escrito e manuscrito, a suposta substituição de uma forma pela outra. A oposição radical entre cultura impressa e cultura escrita, além de simplória, impede que se identifiquem inúmeras gradações. Chartier sinaliza que a primeira delas “diz respeito à presença da escrita a mãos *nos* próprios livros impressos”<sup>37</sup>. Apesar de se tratar de uma análise que parte de um ponto de vista que avalia momentos seguintes à invenção dos tipos móveis, as ressalvas de Chartier nos interessam porque trazem aos dias de hoje a sobrevivência de práticas de escrita que remontam a tempos longínquos. Como se não bastasse estarmos falando de Eudoro de Sousa, ex-seminarista que, à maneira de Poggio Bracciolini, tinha no hábito da escrita a fundamentação da palavra lida, numa cultura onde o livro era o núcleo da existência, é preciso entender que anotações marginais atuam, explica Chartier,

como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita (...) As *marginalia* constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos que o leitor retém como modelos estilísticos, dados factuais ou argumento demonstrativos, e que ele transfere do livro lido para seu caderno de lugares-comuns<sup>38</sup>.

Veremos nos livros lidos por Eudoro, exclamações, incitações à briga entre autores, como quando ele registra nas margens o nome de outro autor e a palavra “contra”, expondo explicitamente as oposições entre concepções que fazem das suas marginalias contribuição singular ao seu modo de ler e ao modo como o poderemos ler. Algo parecido com o que fazia Aby Warburg, do qual falaremos mais adiante, que nunca jogava fora um pedaço de papel, tendo deixado em sua biblioteca particular adendos que fundamentariam a edição de suas obras completas. A mesma dificuldade que teriam os discípulos que se debruçaram sobre os vestígios guardados por Warburg, em seus arquivos e em sua biblioteca, são as inesgotáveis dificuldades que nos deparamos quando encontramos notas, folhas soltas, marginalias nunca encontradas antes, nunca colocadas lado a lado com a obra, e que podem apresentar novos olhares sobre a produção não apenas do escritor, mas do leitor, do professor, da mente em busca do conhecimento.

O historiador francês, avaliando os possíveis tipos de marginalias, dá uma descrição curiosa de uma delas. As *marginalias dos humanistas*, comenta Chartier, teriam “remissões

---

<sup>37</sup> CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 94.

<sup>38</sup> Idem.

entre diferentes trechos do livro ou a outras obras, (...) glossários (...) *index* pessoais, (...) correções feitas ao texto ou à sua tradução etc.”<sup>39</sup>. “Alguns humanistas”, continua ele:

*Praticam com constância e conhecimento essa leitura com a pena na mão, que ocupa todos os espaços deixados em branco pela composição tipográfica, que intercala freqüentemente folhas manuscritas entre as páginas impressas e que é sempre leitura de vários livros ao mesmo tempo*<sup>40</sup>.

A importância dessa sobrevivência não se dá apenas pelo fato já comentado por nós noutra ocasião, a respeito da marginalia profunda e extensiva de outros bibliófilos e colecionadores desta universidade<sup>41</sup>. A resistência que a nossa mentalidade mantém ao impresso, apesar do amor aos livros tipograficamente perfeitos, apesar do amor à leitura, já se manifestava cedo nas editoras do século XVIII, quando os livros eram impressos com folhas em branco para que leitores não deixassem de anotar e interagir com a leitura. O tempo foi passando e as margens dos livros foram ficando cada vez menores... e cada vez maior o imperativo de um senso comum que esbraveja contra quem escreve nos livros como se não fossem outros os pecados capitais de nossas bibliotecas.

Restringindo ao levante resistente que o manuscrito representou para o impresso nos séculos após a façanha de Gutenberg, Chartier provoca nosso olhar para perceber o quão simples é o recado da biblioteca eudorina, uma biblioteca que se volta às origens do ato mais radical que é sentar, abrir um volume e dedicar-lhe o tempo que merece um clássico ou um tratado erudito.

Sobre a singularidade da pena eudorina, nos ajuda a pensá-la a interpretação de George Steiner sobre sua leitura. É o que vemos no desenrolar da biblioteca particular de Eudoro. É o que encontramos nas folhas soltas que apresentaremos no capítulo III deste trabalho. Em **O silêncio dos livros**, Steiner faz alusão a um fenômeno que é sempre repetido pelos que frequentaram as aulas de Eudoro: os silêncios. Todos eles, à sua maneira, contam do impactante silêncio de suas aulas. Alguns se referem a elas como eventos socráticos. Sobre tais silêncios, sobre o banho de significado que eles trazem quando utilizados pelos Mestres da oratória, o professor parisiense, falando de Sócrates, lembra-nos Eudoro de Sousa. Seus discípulos e ouvintes, ao ouvi-lo, eram remetidos a Sócrates, pela “sua retórica gestual e a gestão que fazia do tempo (...) a alternância dos passeios com as pausas geradoras de

<sup>39</sup> Idem, p. 95.

<sup>40</sup> Idem, p. 96, grifo nosso.

<sup>41</sup> Cf. Borges, Bruno de A. **Deus me livros: a bibliofilia na história da Universidade de Brasília**. Brasília: EdUnB (no prelo), onde tentei exemplificar, não apenas com Eudoro de Sousa, mas como inúmeras bibliotecas particulares guardam segredos a serem investigados na UnB.

perguntas e reflexões que dão corpo (...) ao aparecimento do argumento e do sentido”<sup>42</sup>. Essa constatação convergente com a beleza descrita pelos que vivenciam os silêncios eudorinos – e apesar de demasiadamente elogiosa a Sócrates e a Jesus, atribuindo a eles (e a Atenas e Nazaré) o nosso legado ético e intelectual – é seguida de outra que, em muito, nos faz voltar os olhos aos velhos e esquecidos livros a que tivemos contato.

A única forma de que dispomos para tentarmos questionar, refutar ou provar a falsidade de um texto passa sempre por escrevermos outro texto. O texto sobre o texto. Daí, a lógica do comentário interminável e do comentário do comentário que (...) insinua a hipótese de não haver fim para a ‘fabricação dos livros’<sup>43</sup>.

A perspectiva do autor de **Linguagem e silêncio** tenta vencer a oposição oral e escrita, questionando a velha e falsa antinomia que parece ter envolvido historicamente tais conceitos. Em Platão, bem o sabemos, a argumentação oral, a possibilidade de mudar de opinião no ato de fala, aproxima o diálogo da verdade. Em sua crítica à escrita presente no **Fedro**, Platão também questiona a autoridade da escritura.

É no mínimo curioso que Eudoro pareça ter escolhido a figura de Sócrates como inspiração para uma cultura que estava voltada para o aprendizado de valores maiores do que simplesmente escrever por escrever. Escrever e publicar para não perecer. Eudoro, o professor, o leitor, o filósofo, escreveu muito mais do que publicou. Há uma obra silenciosamente escondida nas margens e nas folhas soltas de sua biblioteca particular. Gavetas ainda não foram abertas. E é lamentável que pouco ou nada possa ser feito para resgatar o que vem se perdendo e se perdeu ao longo de anos.



Em **Nenhuma paixão desperdiçada**, a leitura filosófica expõe as maneiras mais íntimas com as quais ao longo dos anos temos visto Eudoro se aplicar ao hábito de ler e anotar. Ao analisar o quadro *Le Philosophe lisant*, do século XVIII, Steiner nos coloca diante de nós mesmos, nos coloca frente a frente com a história da leitura. Lidos pelos que estamos lendo, somos pegos de surpresa, apreendidos pelo esforço da leitura bem feita.

Comentando os traços do chapéu, o símbolo da areia da ampulheta, inferindo até do medalhão que pesa sobre as folhas, detalhes por detalhes da pintura, desde a composição integral do todo à disposição do leitor, respeitosa, diante do que é lido, fazendo referências aos exemplares grossos de largas margens disponíveis para a leitura de não apenas

<sup>42</sup> STEINER, George. **O silêncio dos livros**. Lisboa: Gradiva, 2012, p. 11.

<sup>43</sup> Idem, p. 14.

uma obra (que é a leitura estudiosa e investigativa não mais possível no espólio do CEC), somos levados a reconhecer que:

Jamais será um leitor verdadeiro, um *philosophe lisant*, aquele que não experimentou o fascínio e a angústia diante de enormes prateleiras repletas de livros não lidos, das bibliotecas à noite que tiveram em Borges seu fabulista. Jamais será um leitor quem não ouviu, com seu ouvido interior, o apelo de centenas de milhares, de milhões de volumes que se empilham (...) suplicando para serem lidos. Pois cada livro contém uma aposta, um desafio ao silêncio, que só pode ser vencido quando o livro é aberto novamente (mas, diferentemente do homem, o livro pode esperar séculos pela eventualidade da ressurreição)<sup>44</sup>.

A leitura é mais do que um ato receptivo passivo. Até porque nenhuma recepção é passiva. A leitura provoca, envolve, desfere disputas, causa transtornos. “A boa leitura”, continua Steiner, “pressupõe resposta ao texto”<sup>45</sup>. Reagindo a ele, não necessariamente para discordar ou concordar, mas como resposta, o que vemos na biblioteca particular de Eudoro é a grande tessitura na qual vigora o intertexto entre alguns dos livros que ele mais leu e citou. A troca do leitor com o texto também é uma troca que ele oferece e propõe entre os autores. “Ler bem é estabelecer uma relação de reciprocidade com o livro que está sendo lido; é embarcar em uma troca total”<sup>46</sup>. Disso vários exemplares encontrados dão exemplo.

As considerações que aqui se seguem, decerto externas, não poderiam faltar para a construção desse personagem que é algo além do que o par “simples anotador” *versus* “escritor de marginalia”, proposto por Steiner. Sobre a marginalia, ele relata:

É com a pena que se fazem anotações à margem do texto. Essa marginalia é a prova imediata da resposta do leitor ao que ele lê, do diálogo que se dá entre livro e leitor. É o risco do bordado que resultará dessa interação, desse discurso interior – laudatório, irônico, negativo, argumentativo – que acompanha o processo da leitura. A marginalia pode, em extensão e densidade de organização, vir a rivalizar com o próprio texto, preenchendo não apenas as margens laterais propriamente ditas, como também os espaços livres no topo e na base da página, até mesmo nos espaços entre as linhas. *Nas nossas grandes bibliotecas encontram-se “contrabibliotecas” constituídas pela marginalia e por outras decorrentes daquelas que gerações sucessivas de verdadeiros leitores estenografaram, codificaram, rabiscaram ou assinalaram com floreios elaborados, sublinhando ou circundando as linhas do texto. Muitas vezes essas anotações constituem articulações principais de uma doutrina estética, os elos da história intelectual (...) podem mesmo constituir um ato de criação da maior importância (...)*<sup>47</sup>.

Até agora parece não ter existido referência precisa e detalhada, que mencionasse essa obra “marginal” inscrita nos arrabaldes dos livros da biblioteca de Eudoro de Sousa. A

<sup>44</sup> STEINER, George. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro, Record, 2001, p 15.

<sup>45</sup> Idem, p. 18.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Ibidem, grifo nosso.



simples abertura destes arquivos, sua organização, a tentativa de localizá-los, parece guardar muito sobre as escolhas do autor, suas influências, bem como sobre a má influência que a biblioteca grande que acolheu sua grande biblioteca exerceu para inviabilizar o estudo dessa obra. A obra também tem suas margens e um dia sua periferia acaba por questionar o centro hierarquizado imposto pelo *status quo* da obra publicada, da obra no seu sentido já não mais tradicional. No seu exemplar de **Horizonte e Complementariedade**, Eudoro questionará a si mesmo, numa anotação a lápis: “e onde estará a complementariedade?”. A biblioteca do extinto CEC teve que viver uma crise profunda para voltar ao palco intelectual da UnB, travestida de uma segunda tragédia que só não foi pior do que a primeira, orquestrada pela derrota que se processou entre 1968 e 1972.

Eudoro não lia como um leitor impulsivo, que anota à margem sem rumo. Sem ser necessariamente um “rival” do texto lido, ou seja, sem obrigatoriamente questioná-lo. Estamos diante de anotações que constroem panoramas, que voam sobre a literatura existente. Em inúmeros momentos, ele se refere ao fato de não querer escrever: tudo já havia sido escrito. Sua intenção era reunir lições. Dizer o que já foi dito era tarefa digna. Entretanto, nunca conseguiu deixar de dizer à sua maneira. É aí que suas anotações ainda podem ser revisitadas. Aby Warburg, que viria a ter suas anotações agregadas à edição de sua obra completa, dizia, e Steiner bem o sabe: “Deus se encontra nos detalhes”. Eudoro transcreve, traduz, replica. Uma rede de detalhes ainda velados.

Steiner é ainda mais específico, pincelando uma cartografia que em muita auxilia a cartografia da pena eudorina. Eudoro era um filósofo, um leitor, engajado com a dinâmica de vida que se impôs, com o trato com a leitura.

É esse engajamento total que resulta nos vários modos de respostas: marginalia, anotações breves, correções de texto, emendas, transcrições. Tomadas em conjunto, todas essas respostas geram uma continuação do livro que está sendo lido (...). Muitos livros foram escritos como verdadeiros anticorpos a outros livros. Entretanto a verdade principal que se extrai de tudo isso é a seguinte: existe latente em todo ato de leitura conseqüente a compulsão de se escrever um livro em resposta. A definição de um intelectual é simples: é um ser humano que tem na mão um lápis quando está lendo um livro<sup>48</sup>.

Ao avaliar a representação clássica da leitura existente na tela de Jean-Baptiste Chardin, Steiner também traz à tona a historicidade do ato da leitura. A pintura é aqui lida filosoficamente, desde as imagens medievais de S. Jerônimo até Mallarmé, tornando-se um lugar privilegiado da própria história da leitura. A biblioteca à moda antiga, encadernada para

---

<sup>48</sup> Ibidem.

seu leitor, está cada vez mais rarefeita, entregue a ricos, mesmo que a bibliofilia seja algo, como bem advertiram Rubens Borba de Moraes e Umberto Eco, não exclusivo de gente abastada. Isso nos leva a enfatizar mais uma vez a importância do livro como objetivo físico.

Quem, hoje em dia, tem livros encadernados especialmente para si? Implícita no formato e na aura que envolve o fólio como o que é visto nessa tela, está a biblioteca particular, estão as paredes cobertas de livros alinhados em prateleiras, a necessária escadinha, estantes, enfim todos esses componentes do espaço privado (...). Poucos de nós conhecemos bibliotecas desse tipo e bem menor ainda é o número de quem as possui. A manutenção de uma biblioteca assim, a arquitetura de privilégio que implicava tal espaço onde se praticava a arte da leitura – tudo isso tornou-se remoto (...)<sup>49</sup>.

Elegendo com apurada sensibilidade uma imagem que traduz uma tradição que vem da Antiguidade até a Primeira Guerra, o ensaio escrito em 1978 nos provoca repetidamente: “costumamos sublinhar trechos (principalmente se somos estudantes ou escrevemos críticas literárias premidos pelo tempo). Às vezes rabiscamos algumas anotações nas margens”. E continua:

Quão poucos de nós anotamos profusamente e com rigor. Hoje em dia apenas o epigrafista especializado, o bibliógrafo ou o estudioso de textos específicos corrige, revê, repara, acrescenta, isto é, somente essas *categorias de leitor* encontram no texto uma presença viva cuja contínua vitalidade, cujo intenso esplendor depende do envolvimento efetivo do leitor. Quantos de nós temos o preparo suficiente para corrigir até mesmo o mais crasso equívoco na citação de um clássico, identificar e emendar o mais pueril dos erros de inflexão e de métrica, embora tais tropeços e erros palmares proliferem mesmo nas mais conceituadas e modernas edições? E quais de nós nos damos ao trabalho de transcrever, de anotar por puro prazer e desejo de guardar na memória, as páginas que nos falam mais diretamente, que nos incitam o espírito de maneira mais profunda?<sup>50</sup>

A todos estes “quãos”, “quantos”, “quais” poderíamos, sem medo, responder com imagens da leitura Eudoro de Sousa. Poucos na história de nossa universidade foram tão envolvidos com a leitura de sua própria biblioteca. Ler era seu ofício. Ensinar a ler era sua missão. Poucos viveram tanto em função da leitura e dos livros que tinha e, sobretudo, do círculo de ávidos alunos que o espreitavam.

Steiner termina um de seus mais belos ensaios colocando questões pragmáticas a que convém replicar aqui. Só se encontrarão *leitores de verdade* da obra e do legado eudorino se estes leitores forem preparados para tal missão. A UnB, no momento em que vivemos, evita, dificulta, impede a formação de leitores que possam, verdadeiramente, e a partir da obra

---

<sup>49</sup> Idem, p. 24-25.

<sup>50</sup> Idem, 26.

prima que foi seu acervo, penetrar no labirinto do pensamento de Eudoro. Enquanto o *status* de sua biblioteca não for questionado, enquanto grupos da *Humanitas*, cientes do valor e da história de Eudoro e do extinto CEC, não se aliarem para dar conta do problema que se escondeu em um depósito embolorado por anos, não é uma leitura heideggeriana de Heráclito que estará sendo impedida, nem uma leitura sofocleana de Hölderlin que estará sendo adiada. É a leitura de Eudoro de Sousa que estará vedada em prol de uma morte revisitada que o assola, ano após anos, desde o final da década de 1980, quando ele nos deixou para se materializar em memórias, discípulos e, sobretudo, livros.

### *À primeira vista: encontrando os manuscritos*

Costuma-se dizer que a relação de um filólogo com o manuscrito é um tipo de relação atípica, única, é caso de amor. Sem fazer a crítica ao lugar-comum que a imagem remete, havemos de concordar que a *primeira visão* do manuscrito é um acontecimento inesquecível, divisor de águas na história do sujeito que o encontra, do tesouro encontrado e, algumas vezes, da leitura. Quem já teve tal experiência sabe do que falamos.

Foi assim com Ivo Castro, quando esteve frente a frente com os manuscritos de um ciclo de poemas Fernando Pessoa. Relatando sua vivência com *O Guardador de Rebanhos*, o estudioso português nos ensina:

Os filólogos gostam muito de contar como pela primeira vez viram o “seu” manuscrito, como logo intuíram a sua importância e foram assaltados de desencontradas emoções (...). Dificilmente resistiriam a narrar-nos a sua descoberta do manuscrito desconhecido de todos, ou a súbita compreensão de que aquele manuscrito banal era muito mais e muito outra coisa do que até aí se supusera. Descoberta ou achamento, conforme os casos, a narrativa é sempre romanceável (...) <sup>51</sup>.

Antes de tecer alguns comentários sobre a impecável edição lisboeta, dedico esta sessão, a título de *anamnese*, para relatar meu encontro com os manuscritos de Eudoro de Sousa. No mesmo depósito em que os livros alocados no subsolo da biblioteca da UnB eram empilhados para o recolhimento das picadoras, na ocasião já explicada no introito desta pesquisa, viam-se manuscritos caindo daqueles exemplares. Sem aura ou romantismo, à medida que os fui reunindo em caixas, na tentativa de resgatá-los antes do descarte, páginas

---

<sup>51</sup> PESSOA, Fernando. **O manuscrito de o guardador de rebanhos de Alberto Caieiro**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986, p. 11.

soltas caíam dos livros desconjuntados. Aliás, esta situação, mais tarde, mostrou-se um grande problema para a pesquisa, afinal muitos textos soltos, índices, avulsos, folhas, não permitiriam a contextualização. Ou seja, sobre alguns manuscritos não se pode dizer de onde vieram.

Além deste material e dos recolhidos entre os livros do acervo geral da biblioteca, encontrados em pesquisa orientada para a monografia de conclusão de curso, achei outros naqueles que agora me pertenciam. Ainda hoje, garimpando, inúmeros manuscritos podem ser encontrados dispersos pela BCE, não apenas no acervo geral, mas também por onde sua biblioteca se fragmentou: obras raras, coleções especiais e depósito. Um exemplo que nos tocou, estudado no capítulo III, mostrará manuscritos de Eudoro esquecidos dentro de uma obra de Novalis, arriscadamente disponível no acervo geral.

E essa é uma das razões que fazem da dispersão do acervo originalmente reunido sob tutela de um centro de estudos algo fadado ao olvido. Basta que se lembre de que em 2007, quando livros largados no depósito foram aos poucos sendo inseridos no acervo geral por meio de um projeto de extensão que terminou interdito pela Reitoria e pela BC, parte da biblioteca foi catalogada (após vinte anos de depósito!) como proveniente de doação anônima. É comum encontrarmos hoje em dia livros com anotações de Eudoro, carimbos de Eudoro, exemplares únicos, nunca lidos fora da escrivania eudorina, alguns com vasta marginalia, disponíveis para empréstimo no acervo geral e com os registros de anonimato.

Aos poucos fui entendendo o que diz o linguista português nas primeiras páginas da bela edição fac-similada que nos brindou em 1986:

Fernando Pessoa existe em seus papéis. À medida que vão desaparecendo os homens que o conheceram e dele deram testemunho (e cujos evangelhos nem sempre são fundamento de fé (...)), mais evidente se torna que só resta uma forma de até ele chegar: lê-lo. Ler o que escreveu. Mas ler o que *efectivamente* escreveu.

A experiência que passei a ter, desde então, com pessoas que viveram o círculo de Eudoro de Sousa, mostrou que ele também estava presente ali na ocasião em que o descobri. E no seu caso, chegar até ele não é apenas “ler o que escreveu”, já que escrevia pouco, reescrevia muito do que publicava, tinha uma produção escondida por detrás da exclusividade que deu à sala de aula. Chegar até ele só se torna possível, *efetivamente*, quando se busca onde aparentemente não estava: nos seus livros. Escorrendo como água na palma das mãos, a cada folha solta, relacionando o material nas margens dos livros, percebe-se que há algo novo

ali, guardado, marginal. Muitos falaram de seus livros, da “lenda” da biblioteca, da revelação fulgurante que era ler sob sua orientação.

Ordep Serra, por exemplo, um dos mais próximos, é dos mais firmes depoentes da fecundidade hermenêutica do Mestre:

*(...) ler sob sua orientação um texto filosófico, ou seguir-lhe uma tal leitura, já constituía uma experiência magnífica, pois ele se encantava, logo se apaixonava pela questão em movimento na obra e a abordava com a criativa simpatia de um músico empolgado na execução de uma peça predileta<sup>52</sup>.*

Erguida numa experiência de leituras que “tinham alguma coisa de festa”<sup>53</sup>, a imagem que nos chega passa pela centralidade do livro e da biblioteca na vivência que geria, ainda que suas lições não fossem exclusivas ao espaço do CEC. “Era sempre assim”, continua Ordep, “a discussão que ele exigia intensa e apurada, tinha de começar por uma amorosa busca de comunhão com o impulso criativo originador do texto”<sup>54</sup>.

Sendo assim, percebi que era preciso estudar a fundo o que apenas tangencialmente era tocado. Com exceção do professor Ronaldo de Melo e Sousa, poucos estudos abordaram a biblioteca de Eudoro, talvez nenhum para tratar do que nela esteve escondido durante todo esse tempo.

Voltando a Ivo Castro, muito nos toca a desconstrução que se operou na famosa carta que Pessoa enviou a Adolfo Casais Monteiro, também amigo de Eudoro de Sousa. Em janeiro de 1935, “Casais” (que é como a família de Eudoro de Sousa ainda chama o poeta) recebeu a seguinte **Mensagem**:

Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título – “O Guardador de Rebanhos”. E logo o nome de Alberto Caeiro<sup>55</sup>.

A visão épica de Pessoa sobre sua obra, a narrativa construída para o relato na carta ao amigo não foi capaz de resistir ao poder da crítica. Ivo Castro nos mostra, e o demonstra com o material de trabalho de Pessoa, não apenas os quase cem versos diferentes que surgem quando se compara o manuscrito e a edição consagrada por Luiz Montalvor em 1946, mas

<sup>52</sup> SERRA, Ordep. A bela dádiva. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 47, grifo nosso.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> CASTRO, Ivo. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, p. 71.

também as várias versões que os poemas do ciclo do *Guardador* tiveram. Escrito, reescrito, alterado, publicado para depois ser reescrito outra vez, é de se supor que enquanto o autor estivesse vivo, sua obra estaria sendo lapidada, esmerada. É o que argumenta Castro, citando Valéry: “Um poema nunca está acabado; fica apenas abandonado”<sup>56</sup>, e continua, estabelecendo uma maneira de entender a obra e seus rastros, impondo a nós leituras parecidas de fragmentos eudorinos: “Há a possibilidade, para não dizer os *indícios*, de que Pessoa teria continuado a reescrever os poemas, se tivesse vivido mais”<sup>57</sup>.

O trabalho hercúleo da “equipe Pessoa” deixou assim alguns aspectos nodais para a compreensão do “editar Pessoa”, mas também para a relação com a silenciosa obra escondida nos processos. Por detrás da aparente e vislumbrante unidade que Ivo Castro encontrou quando esteve diante daquele caderno de poemas pela primeira vez<sup>58</sup>, um abismo de problemas foi se apresentando aos poucos: “não sei quanto tempo foi preciso para começar a notar que nem tudo o que estava à vista concordava com as minhas primeiras impressões”<sup>59</sup>.

A caligrafia legível demais, um suporte (encadernamento em papel almaço) incomum para os materiais de escrita que Pessoa usava e o mais grave: a ausência de toda e qualquer emenda na versão publicada por Montalvor em 1946. Segundo Castro, comparando os documentos, vê-se que Montalvor “quase sempre publicara a primeira versão e não a versão emendada”<sup>60</sup>. O que fica disso, além de uma fértil análise a ser feita sobre o comportamento da edição, é a certeza de que aquela carta “triumfal” para Casais Monteiro era também ficção. Linda...mas ficção.

Assim se abria uma nova linha de ideias: o interesse do manuscrito deixava de ser o de documentar a história contada por Pessoa e passava a ser o de a pôr em causa, revelando que os poemas não foram escritos de uma vez, nem uma só vez; em lugar disso, foram repetidamente emendados, sem que os resultados desse trabalho de polimento tivessem sido reconhecidos e aproveitados pela edição vulgata. De objeto curioso, e precioso, o manuscrito transformava-se em problema que importava estudar, para descobrir como afinal fora o ciclo escrito e para determinar qual o texto que deveríamos ler, em lugar do que nos é facultado pela Ática. Comecei aí a perceber que era necessário editar de novo o *Guardador de Rebanhos*<sup>61</sup>.

Ao lado de outras questões, os problemas trazidos por Ivo Castro nos deixam preocupações teóricas e metodológicas que em muito se assemelham ao que, décadas antes,

<sup>56</sup> Idem, p. 13.

<sup>57</sup> Ibidem, grifo nosso.

<sup>58</sup> Para a incrível descrição do caderno e para que se sinta o deslumbramento de Castro, cf. CASTRO, Ivo. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, p. 12.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Ibidem.

havia sido estabelecido pela equipe da Biblioteca Nacional da França, quando recebeu os manuscritos de H. Heine. A Biblioteca Nacional portuguesa, por orientação de Maria Aliete Galhoz, contribuiu definitivamente para o trabalho. Seu espólio tinha salvaguardado muitos “rascunhos”. “Fui procura-los”, narra Castro, “e encontrei-os, várias dezenas de rascunhos e cópias (...) provando que os poemas tinham sido escritos (e por vezes reescritos e emendados) em momentos desencontrados (...)”<sup>62</sup>. Um profundo desvelamento então se deu por meio da batalha diária de busca de documentos, de visitas a bibliotecas, acervos e, sobretudo, envolvimento com os papéis. O livreto de papéis almaço encadernado em pele vermelha era “uma cópia a limpo da totalidade do ciclo, com a ordem interna que conhecemos e substancialmente com o texto que conhecemos, embora em muitos lugares Pessoa o houvesse depois modificado”<sup>63</sup>. Para uma nova edição de Pessoa, necessária e urgente, foi possível postular as fases da escrita<sup>64</sup>. Com um material e uma situação favoráveis à edição crítico-genética, adentrando o caminho de reconhecimento da “cronologia interna” dos manuscritos, a leitura que Castro fez de Pessoa se deparou com problemática semelhante a nossa. Uma problemática que não se resolve em si, mas que abre uma trilha interpretativa promissora. Diz o professor:

(...) a abundância de manuscritos, ao resolver uns problemas, cria outros, designadamente a sua classificação e ordenação: é por isso que o modelo genético-crítico não se deve apresentar como uma edição de texto forte e firme mas antes como uma hipótese de trabalho. Importa que os documentos em que se baseia sejam do conhecimento público, para que ela possa ser examinada, discutida e aprovada, ou refeita<sup>65</sup>.

E aqui se faz mister colocar um problema metodológico enfrentado na pesquisa, não apenas para expor mais uma vez a crise que afeta a o espólio eudorino, mas devido a este fato interferir diretamente nos resultados. Ivo Castro comenta o tema. Bem se sabe que “nem sempre se valoriza suficientemente a importância que uma biblioteca pode ter para a qualidade, e até para a natureza, da investigação científica provocada pelas espécies bibliográficas nela guardadas”<sup>66</sup>.

Nenhum aparato metodológico da natureza com a qual lidamos pode existir sem a abertura que, a nosso ver, deveria ser intrínseca ao *locus* da pesquisa. A biblioteca, como

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Castro divide o que chama de “compartimentada diacronia” em três fases, a saber, a) a fase dos rascunhos, b) a fase da cópia limpa e c) a fase das emendas.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>66</sup> CASTRO Ivo. A casa fechada. In: *Escritos*: Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa/Fundação Casa de Rui Barbosa, Ano 3, nº 3, Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2009, p. 23.

nosso laboratório, nunca esteve tão distante das demandas da pesquisa. Mas este não é apenas um problema exclusivo da UnB. O êxito ou dificuldade extrema de um trabalho pode e tem sido, no nosso caso, administrado pelos desmandos e descasos logísticos da instituição.

(...) é crucial que o pessoal das bibliotecas tenha uma percepção actualizada das necessidades disciplinares dos investigadores, *especialmente a nível logístico*. É nessa perspectiva que *uma biblioteca capaz de compreender e ajudar a satisfazer as necessidades criadas por novas maneiras de captar e tratar os dados – uma biblioteca aberta à investigação e à invenção, que tantas vezes andam associadas – pode dar um contributo decisivo para o avanço da ciência. Uma casa aberta favorece a descoberta*<sup>67</sup>.

Em todos os momentos de nossa pesquisa, os empecilhos estabelecidos pela biblioteca impediram o seu andamento. O maior deles: não ter *a priori* uma obra para ser buscada nos balcões da seção de Coleções Especiais. A natureza da pesquisa impõe, sempre, estar diante da estante, como se tratasse de ser encontrado pelo livro e não de saber de antemão que livro se estava buscando. Isso ficará mais claro ao longo da discussão do *corpus*.

Há três maneiras de encontrar coleções: espólios, coleções e biblioteca<sup>68</sup>. Apesar do imbricamento entre elas, nos interessa a distinção fria, para que possamos, no seio de questões teóricas e metodológicas, apresentar problemas políticos e logísticos inerentes ao trabalho. Ivo Castro é categórico:

Dos três tipos que vimos (espólio, coleção, biblioteca), este último é inegavelmente o mais atractivo para a ciência. Como o Estado recebe e compra bens, mas não os aliena facilmente, a biblioteca pública oferece uma promessa de permanência estável e duradoura das espécies, sem a qual não seria prudente elaborar projectos de pesquisa e edição de longo prazo<sup>69</sup>.

A “promessa” que a biblioteca supostamente oferece, no caso de Eudoro, se tornou um desastre inédito na história da UnB. Após vinte anos de subsolo, os livros da biblioteca particular (com tudo que estava contido) foram dispersos dificultando a pesquisa.

Tal é a nossa decepção (repetimos: teórica, metodológica e prática) ao ler a imagem ideal que Castro faz da biblioteca:

Entre as paredes de uma biblioteca, não só cessa o risco de dispersão futura das colecções (salvo caso de roubo ou catástrofe), como o valor cultural de cada peça é

<sup>67</sup> Idem, p. 23, grifo nosso.

<sup>68</sup> Para melhor compreensão dos tipos sugeridos por Ivo Castro, entendamos que o que hoje está reunido em torno da biblioteca de Cassiano Nunes se encontra no tipo *espólio*. Os exemplos dados pelo “modelo binário” de célebres escritores acima citados, se encaixa no segundo tipo, *coleções*. O caso de Eudoro de Sousa é um exemplar do tipo *biblioteca*.

<sup>69</sup> Idem, p. 26.



incrementado pela companhia de outras que, porventura, nunca tinham estado na sua contiguidade física, mas haviam estabelecido com elas relações telepáticas de complementaridade, conhecidas ou a descobrir<sup>70</sup>.

O impedimento de ter acesso a determinados setores de uma biblioteca, para além das questões de horizontalidade, arriscam a própria sobrevivência dos manuscritos e da pesquisa. Não tendo acesso a estantes, não podendo achar (e serem achados) os vestígios de Eudoro de Sousa entre as páginas de seu acervo disperso durante décadas, ficamos alheios ao que há escondido, esquecido e, pior, suscetível ao sumiço inevitavelmente gerado pela ignorância da existência. Refletindo sobre um caso em que manuscritos foram doados “não a uma biblioteca ou arquivo, mas a uma unidade de investigação”<sup>71</sup>, Castro nos ensina que

(...) um manuscrito que exhibe as marcas físicas da sua gênese é mais eloquente do que o texto final proposto ao leitor, pois narra ao mesmo tempo a via sinuosa da sua escrita e deixa entrever muitas outras coisas: os textos que poderiam ter sido finalizados no lugar daquele; as intervenções dos primeiros leitores, que determinam refundições, amplificações ou censuras introduzidas no texto enquanto a massa ainda está mole; as claudicações do autor, advertidas e disfarçadas, ou não; as dobras de papel, os borrões e manchas que sugerem o cenário em que a escrita decorreu ou o uso e trânsito que o suporte posteriormente experimentou, e assim por diante<sup>72</sup>.

Longe de comparar a Universidade de Brasília com o citado CNRS, onde o *Institut des Texts et Manuscrits Modernes* (Item) desenvolve uma vocação que no *campus* Darcy Ribeiro é simplesmente interdita, longe de traçar qualquer analogia com aquilo que passou a ser possível quando a Biblioteca Nacional de Paris recebeu os manuscritos de Heinrich Heine, em 1968, muito aquém do que foi possível quando se estabeleceu (1977) a parceria entre estas duas casas francesas (CNRS e a Nacional), terrivelmente distantes do que, em 1988, a Biblioteca Nacional de Lisboa passou a realizar mediante o trabalho com a “equipa Pessoa”; nós, em Brasília, ainda apartamos conservação do patrimônio e investigação viva<sup>73</sup>.

As lições acima, que adiantam um pouco a apresentação da história da crítica genética e do paradigma indiciário, olhares que tomamos para a leitura do que foi encontrado na biblioteca de um relegado professor de grego da Colina, demonstram como alguns estudos se tornam impossíveis sem o apoio e envolvimento da instituição que deveria garanti-los. O que é preciso entender aqui é que

---

<sup>70</sup> Idem, p. 27.

<sup>71</sup> Ibidem. Ivo Castro se refere ao *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*, quando recebeu, em 1977, a doação dos manuscritos de Luis Aragon e Elsa Triolet.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Idem, 29.

(...) certos documentos, se fossem dados à leitura estudiosa apenas *nas condições consideradas normais pelos bibliotecários, não diriam tudo que têm para dizer*. Isso é verdade não apenas para os documentos que interessam a análises de genética textual, mas igualmente para documentos que interessam a outras disciplinas, como a codicologia, que estuda o livro manuscrito, ou a bibliografia material, que estuda o livro antigo; disciplinas que não conseguem cumprir seus objectivos se não contarem com a colaboração da instituição que detém a guarda dos documentos. *Mau é que uma disciplina não possua instrumentos adequados, do ponto de vista metodológico e técnico, para extrair a informação por vezes sonogada por documentos taciturnos. Pior é esses instrumentos existirem, mas os documentos não serem acessíveis de modo franqueado*<sup>74</sup>.

Quando se tornar óbvio que manuscritos, marginalias, e o estudo dos exemplares (e não apenas das obras enquanto títulos), na UnB, não é nenhum “fetichismo” ou “capricho”, quando nos apercebermos que a digitalização de raridades e ou manuscritos (coisa da qual também estamos muito distantes) não supre com vantagem o contato direto com os papéis, ficará incômodo não aceitar que “uma biblioteca existe para satisfazer as necessidades de leituras especiais, entre as quais avultam a leitura filológica”, explica Castro. E mais:

(...) uma biblioteca e o Estado que a governa têm o dever de prover as necessidades de desenvolvimento da ciência, *sendo esta ciência quem melhor sabe identificar as necessidades e definir os modos de providência adequados*<sup>75</sup>.

O imperativo de autonomia da pesquisa, segundo imposições teóricas e metodológicas, não é uma questão de queda de braço ou disputas políticas dentro das áreas das ciências (ainda que isso exista, no sentido negativo, mais do que deveria). A questão é mais crítica: há uma distância abissal entre as perspectivas da crítica genética, quanto ao *corpus* que temos diante de nós e ao *corpus* possível, ainda hibernando na desorganização e indisposição dos bibliotecários, e o serviço mal prestado pelo órgão que deveria dar todas as condições (inclusive as criativas e inovadoras) para pesquisa. Ter contato com os documentos, poder descobri-los, inclusive protegê-los da atual situação a que estão submetidos é uma necessidade primordial básica. E há as necessidades específicas, que Ivo Castro tão mitopoeticamente sugere quando finaliza seu texto que acima temos discutido:

Uma dessas necessidades é o velho e incontornável exame material do documento, que não dispõe de toda a eternidade para ser feito: o físico frágil do papel escrito perderá, mais tarde ou mais cedo, os traços do lápis, depois os da tinta, e por fim juntar-se-á à poeira que a todos nos espera<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Idem, p. 28, grifo nosso.

<sup>75</sup> Idem, p. 35, grifo nosso.

<sup>76</sup> Ibidem.

*Paradigma indiciário, gêneses da crítica genética*

Em **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**<sup>77</sup>, o italiano Carlo Ginzburg compara a argumentação que constrói em um belo texto sobre o paradigma indiciário a um tapete de “trama densa e homogênea” composto pelo fio de diversas teorias<sup>78</sup>. De fato, o tapete é o próprio paradigma: indiciário, semiótico, venatório, divinatório, a depender do contexto, do “fio” condutor com o qual se tece. Ele articula vários modos de construção de raciocínio a partir de sinais, ou formas de percorrer indícios para conformação de conclusões mais amplas: remontagem de causas por meio de efeitos percebidos. De Sherlock Holmes a Freud, de lendas orientais às técnicas de identificação de indivíduos, de Hipócrates às análises de arte. Ginzburg defende que na história do pensamento humano, mesmo nos momentos em que os critérios de cientificidade tenham sofrido maior e mais intensa influência das ciências naturais e seus paradigmas fortemente generalizantes e quantitativistas, metodologias qualitativas que buscam compreensão a partir da singularidade, do particular, sempre estiveram presentes, ainda que de forma periférica, secundária e sem rigorosa teorização.

O texto explicita uma relação entre o valor dado à singularidade, à individualidade, com a aplicabilidade do paradigma indiciário. Ao longo da história humana os paradoxos que envolvem a contradição (ou a dificuldade de relacionar) o individual e o coletivo, o singular e o reproduzível, assim como as disputas entre inteligível e sensível, racional e irracional, sempre aparecem, de uma forma ou de outra, mais ou menos intensamente.

Na Polis Grega, por exemplo, o paradigma indiciário estava presente na definição dos métodos hipocráticos da medicina. Hipócrates acreditava ser possível contar uma história para cada doença utilizando-se tão somente de seus sintomas no enfermo. A doença, em si, seria inatingível. Contrariamente, os gregos consideravam uma série de disciplinas e categorias como sendo do campo do “saber conjuntural”, ou seja, que operavam a partir de sinais, da sensibilidade, assinando-lhes um valor inferior ao “prestigioso modelo de conhecimento elaborado por Platão”<sup>79</sup>. Já se desenhava aí, acentuando-se com o aparecimento do modelo epistemológico proposto por Galileo, as contradições ocasionadas pelas disputas antes mencionadas. O paradigma galileano imprimiu ao conhecimento novos critérios de

---

<sup>77</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>78</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciários. In. \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 143-179.

<sup>79</sup> Idem, p. 155.

cientificidade, de difícil aplicabilidade ao rol das disciplinas humanas de caráter fortemente qualitativo.

A revolução científica que teve no paradigma galileano sua grande proposição não pôde ser incorporada sem dificuldade. Muito embora houvesse tal tentativa, de estabelecer relação entre os métodos das ciências humanas e das naturais, a relação não poderia ser mais que simbólica, ou superficial. De fato, ao rol das disciplinas marcadamente qualitativas, não cabe o paradigma quantitativista. Trata-se de disciplinas que têm por objeto “casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de causalidade”<sup>80</sup>, algo impensável para a epistemologia das ciências exatas.

O baixo valor associado a tais disciplinas é apenas a reprodução do valor atribuído aos sujeitos ou à individualidade naquele contexto. À medida que a complexificação das sociedades (sobretudo com o advento do individualismo e do avanço do capitalismo) cria dificuldades filosóficas e práticas associadas ao lugar dos indivíduos no mundo e suas organizações, as ciências humanas e sociais ganham maior possibilidade de desenvolver argumentações criteriosas a respeito de métodos próprios. O paradigma indiciário volta à cena, embora nunca tenha saído, no sentido de que passa a ser explicitamente discutido epistemologicamente.

Obviamente que isso não se dá sem contradições. Muito antes de Galileo afirmar que com o caso individual não se faz ciência, quando uma mulher podia identificar o mal de um sujeito apenas observando sinais específicos em seu corpo, o valor dado ao indivíduo ali (bem como à comunidade de que fazia parte) era outro daquele que despertou na modernidade a atenção ao singular. Aqui, esta atenção levou à necessidade de identificação de cada pessoa, por meio de sua digital, por exemplo. Paralelo a isso, qualquer conhecimento não submetido às regras de cientificidade (ainda que de cunho qualitativo) e devidamente publicizado por meio da lógica científica é desconsiderado, desqualificado. Ginzburg trata desse processo apontando o intervalo entre os séculos XVIII e XIX, a ascensão da classe burguesa, sua apropriação dos saberes indiciários (populares) e o início da aplicação da técnica da impressão digital na identificação de indivíduos. A descoberta dos sulcos presentes nas pontas dos dedos, os quais não se repetem duas vezes, e o início de seu uso prático (e político), traz importantes ponderações filosóficas: “O indivíduo possui uma singularidade verificável até em suas características imperceptíveis, infinitesimais”<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> Idem, p. 156.

<sup>81</sup> Idem, p. 175.

Qual seria, então, a implicação científica do reconhecimento da singularidade e de seu valor intrínseco à construção de um tipo de conhecimento? Nosso autor escolhe demonstrar isso trazendo à luz três trabalhos que tiveram o paradigma indiciário como modelo epistemológico basilar: a tríade Morelli-Freud-Holmes. Conforme explica e esclarece as propostas ou a perspectiva de cada uma dessas três figuras, relacionando-as, Ginzburg tanto ensina aos leitores e leitoras o que seria a aplicação de um método que adote o paradigma indiciário, quanto explicita a relação entre o singular, o individual e o conhecimento. Giovanni Morelli desenvolveu, no século XIX, um método para reconhecer e avaliar obras de arte, atribuindo sua autoria, quando desconhecida, ou corrigindo autorias erroneamente associadas. O método consistia em dar atenção aos detalhes comumente desprezados. Ou seja, ao invés de focar nas características que já eram reconhecidamente tidas como de uma escola, tradição ou típicas de certo artista, como os “sorrisos de Leonardo da Vinci”, facilmente reproduzíveis por falsários, o crítico deveria focar atenção nos detalhes marginais, que escapam ao controle consciente dos processos de racionalização. Estes seriam mais espontâneos e, por isso mesmo, diriam muito mais sobre a unicidade de uma criação. Os lóbulos das orelhas ou as unhas de pessoas em pinturas, bem como os volteios dos cabelos, são uma assinatura tanto quanto a própria caligrafia de um sujeito.

Sherlock Holmes, personagem que Arthur Conan Doyle cria também no século XIX, em suas investigações se destaca pela perspicácia em desvendar enigmas a partir de pistas tão pouco visíveis, mesmo desprezíveis e marginais, deixadas pelos envolvidos nas tramas. Muito interessante, Ginzburg escolhe uma história publicada em 1882, “Caixa de Papelão”, para relacionar a forma de pensar desses dois primeiros integrantes de sua tríade. Dentro dessa tal caixa de papelão, Holmes encontra uma orelha humana e é a percepção da semelhança entre o lóbulo da orelha amputada com a da senhorita (personagem que na história recebe a caixa pelo correio) que traz ao investigador a primeira pista, o primeiro sinal para construir a narrativa sobre o que teria acontecido. Os lóbulos das orelhas são singularidades que ligam familiares colaterais. Sua singularidade anatômica e sua singularidade em traços artísticos podem ser facilmente negligenciadas e, por isso mesmo podem dizer muito.

Sigmund Freud teria sido influenciado pelo método morelliano no desenvolvimento da psicanálise. Segundo Ginzburg, Freud teria tido contato com a obra de Morelli muito antes de iniciar seus estudos nesse campo, chegando a publicar, sob pseudônimo, um texto sobre suas impressões a respeito desse “método interpretativo centrado sobre resíduos, sobre dados

marginais, considerados reveladores”<sup>82</sup>. A psicanálise busca compreender processos mentais pouco acessíveis dando atenção àquilo que foge ao controle consciente, ou seja, a informações que de tão singulares passam despercebidas. Em Morelli-Holmes-Freud, pistas, signos ou indícios são usados como forma de se atingir uma realidade profunda, “de outro modo inatingível”<sup>83</sup>. Essa associação nasceria, para nosso autor, de um antecedente comum: a medicina. Freud e Morelli eram médicos e Holmes é fruto da criação de outro. A medicina, tradicionalmente, é uma disciplina ancorada na semiótica, paradigma científico e epistemológico idêntico ao indiciário. Não há coincidência. As três figuras e suas produções são contemporâneas, datando de meados do século XIX em diante. Período que também assistiu à ascensão da epistemologia indiciária.

Ascensão coincidente, lembrando os parágrafos anteriores, com mudança de *status* do indivíduo. Séculos antes Galileo estava propondo que o individual, o singular, não teria lugar na ciência. De fato, ele abriu uma distância quase que irreconciliável entre as ciências e o saber que parte do individual: “as figuras, os números e os movimentos, mas não os odores, nem os sabores, nem os sons, *os quais fora do animal vivo não creio que sejam nada além de nomes*”<sup>84</sup>. Enquanto ele proferia essas palavras, Giulio Mancini diagnosticava doenças com grande precisão, sendo famoso por seu “olho clínico” (e também por roubar obras de arte de seus pacientes). Amante leigo da arte, Mancini escreve sobre como reconhecer obras de arte e distingui-las de falsários. Tanto é interessante como naquele momento ele pôde aplicar o método hipocrático do diagnóstico por sinais que Galileo condenava à inutilidade (cheiros, cores, sons), como é sua proposta de análise de arte que pressupõe algo absolutamente relevante para a compreensão da aplicação da epistemologia indiciária e sua importância na construção do conhecimento: o de que entre um original e uma cópia há uma diferença ineliminável.

Tal pressuposto está claramente colocado nos trabalhos de Freud, Morelli e Holmes. E mesmo para quem não entende de anatomia, arte ou criminalística, é fácil compreender como a singularidade de certas informações, dados, gestos ou circunstâncias podem ser úteis, dentro da ciência humana, para a remontagem de sistemas mais amplos de conhecimento. Também está claro como a compreensão do singular tem valor intrínseco a si mesmo. De modo mais direto, reconhecemos que uma obra é única, assim como as digitais, as pessoas, os lóbulos das orelhas, o traço do artista, a caligrafia individual, uma pegada na mata, etc. Nada disso é

---

<sup>82</sup> Idem, p. 149.

<sup>83</sup> Idem, p. 150.

<sup>84</sup> Idem, p. 158.

reproduzível, pelo menos não no sentido da alma: pode ficar visualmente igual, mas não é a mesma coisa.

Esse pressuposto está na base de disciplinas cujo saber é notadamente indiciário, indireto e conjectural, tal qual a história, a medicina e a crítica de arte. No nosso caso, ou no que nos interessa aqui, destaca-se a Filologia e a Crítica Textual. Dois acontecimentos, porém, vão interferir na relação que essas disciplinas estabelecem com o paradigma indiciário: a invenção da escrita e a invenção da imprensa. Em sua argumentação, Ginzburg tenta resgatar como ilustração a transcrição dos poemas homéricos. Nesse processo se perdem a oralidade e a gestualidade intrínsecas aos poemas. De fato, buscou-se limpar o texto, desmaterializá-lo, depurá-lo de todas as referências sensíveis, assim como Galileo só via sentido nos cheiros e nos sabores, por exemplo, “no animal vivo”. A depuração do texto, continuemos, segue também na desconsideração das características físicas da escrita. Algo que conseguiu ser mais ou menos mantido no caso dos caracteres chineses, já que nesta língua o formato único do desenho representa uma variação de sentido, assim como as pegadas de um pássaro na areia. No mundo ocidental houve uma escolha cultural que irá marcar a filologia: reproduzir uma peça de arte única como um quadro, uma escultura, é impossível; reproduzir um texto não. Mas por quê? E qual a implicação disso?

De fato, os dados que nesse contexto são considerados marginais pela “depuração textual” são reveladores porque escapam ao controle consciente, como observado pela psicanálise, ou pelos processos mentais de racionalização. A espontaneidade da anotação à margem de um livro, ou das anotações ali deixadas em manuscritos, no momento da reflexão e do estudo, não tem lugar na ideia que o senso comum carrega do que é o “publicado”. A obra final, contudo, não é a obra prima, por assim dizer. O que se publica é o que se compartilha enquanto resultado de reflexões. Essas reflexões, no entanto, para o estudo mais especializado, fazem parte da obra, esta sim “prima”, e revelam muito mais do que aquilo que foi dito e publicado.

Trabalhar com tais informações exige do especialista muito mais que a capacidade tão exaltada por Galileo de ler os signos presentes nas letras e nas (entre) linhas. Trata-se de buscar vestígios no percurso traçado por um autor. Obviamente que “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”<sup>85</sup>. Como quando percebemos, especialmente na época em que

---

<sup>85</sup> Idem, p. 179.

estávamos trabalhando no acervo do extinto CEC, que as encadernações e outros aspectos físicos dos livros auxiliavam o encontro de marginalias. O gênio do estudioso ou estudiosa, tão singular quanto seu objeto, será definidor da narrativa que será montada para explicitar uma obra que se oculta dentro do próprio produto que cria e publiciza. A singularidade e não-reproduzibilidade da obra de um autor ou autora só são vistas quando se vai além do livro publicado. A técnica para isso não se encontra noutro livro ou manual.

O mito resgatado por Ginzburg logo no início de seu texto foi deixado para o final desta resenha propositadamente. É a imagem perfeita da aplicação do método guiado pelo modelo epistemológico indiciário na Crítica Genética. Trata-se de três irmãos caçadores que ao serem questionados sobre se viram ou não um animal perdido, descrevem perfeitamente o animal em detalhes, inclusive sobre seu carregamento, sendo, por isso, acusados de roubo. Em julgamento, ao descreverem o caminho de seu raciocínio, os irmãos impressionam a todos por terem sido capazes de ver o que não viram. O caçador fareja, registra, interpreta e classifica pistas muito sutis, que passam despercebidas, e nesse ato remontam uma história que não foi contada. Entre o caçador, figura anterior à escrita, à individualização social e às impressões digitais, e o cientista das humanidades em suas mais atuais proposições estaria, para Ginzburg, “o gesto mais antigo da história intelectual do gênero humano”<sup>86</sup>: o estar agachado na lama, em busca de pistas.

#### *Elementos de Crítica Genética à luz de uma biblioteca terminal*

Quando no final da década de 1960 a *Bibliothèque Nationale* adquire os manuscritos autógrafos do poeta Heinrich Heine (1797-1856), estavam germinadas as sementes, ao menos as definitivas, da crítica genética. Dizemos “definitivas” porque os elementos fundadores da nova disciplina já estavam presentes nas intenções de Goethe, Schlegel e Novalis. Ao menos essa é a leitura que Philippe Willemart fez da obra fundante de Luis Hay, publicada em 1979<sup>87</sup>. O próprio Hay, avaliando a impossibilidade de a disciplina ter nascido *ex nihilo*, explica como pensar a obra em movimento, como processo, já é um valor estético presente no início do romantismo alemão.

Desde o fim do século XVIII, lê-se na pena de Novalis: “os produtos autênticos [da arte] devem reproduzir sua própria produção. O criado faz renascer a criação”. A

<sup>86</sup> Idem, p. 154.

<sup>87</sup> WILLEMART, Philippe. Crítica genética e história literária. In: *Manuscrita*: revista de crítica genética. São Paulo, n° 10, junho de 2001, p. 172.



noção de uma “evolução genética” volta na pena de Goethe, de quem se conhece a célebre tese: “Não se pode conceber as obras da natureza e da arte quando estão acabadas; é preciso apreendê-las no vôo, em estado nascente, se quisermos chegar a compreendê-las”<sup>88</sup>.

Remontando a história da crítica genética, demonstrando a legitimidade da disciplina, Hay percorre um panorama de poetas que vinham construindo, antecipando, na Alemanha, aquilo que a nova disciplina viria a defender. Kleist, Gottfried Benn, H. M. Enzensberger, entre outros. Em língua inglesa, S. T. Coleridge e Edgar A. Poe, tendo este último escrito *The philosophy of composition* (1846), considerado o primeiro trabalho de crítica genética. Ainda T. S. Eliot, na Grã-Bretanha para, no século XX, a reflexão se firmar definitivamente com as contribuições de S. Mallarmé e P. Valéry. Estava demonstrado, sobretudo pelos poetas, o que agora se tornava possível na crítica. Entre o *fazer* e a *coisa feita* havia mais caminhos interpretativos do que o que pensou, por longo tempo, toda uma tradição. “A corrente dominante da crítica”, explica Hay, “permanece ligada à tradição dos grandes paradigmas: história literária, biografia do escritor, explicação de texto. Será preciso esperar os anos 1960 para ver levantar-se a cortina sobre uma nova paisagem”<sup>89</sup>.

O que não se podia mensurar naquele momento, a década de 1960, onde a relação entre literatura e arquivos passou a ser percebida pelas instituições, ou melhor, o que somente *a posteriori* se teve a verdadeira dimensão, era o significado simbólico do acontecimento. A aquisição dos manuscritos do célebre poeta de Düsseldorf não trouxe apenas uma coleção a mais para o patrimônio daquela importante biblioteca.

(...) apesar de as coleções de manuscritos autógrafos existirem há muito tempo, e apesar de os pesquisadores isolados já se dedicarem a trabalhos manuscritos de escritores, estes foram, pela primeira vez, vistos não mais apenas como elementos do patrimônio cultural, mas também como objetos de investigação científica.

Essa afirmação de Jean-Louis Lebrave<sup>90</sup> nos leva a refletir sobre a invisibilidade com que alguns acervos chegam às instituições às quais foram destinados. Ao contrário do que aconteceu com muitas coleções da UnB (Eudoro de Sousa é, apesar de sua maior relevância, apenas um caso do nosso vasto *curriculum*), ao redor dos manuscritos de Heine uma equipe se formou, impedindo que a “novidade” fosse apenas mais um monte de caixas a serem organizadas e classificadas pelos bibliotecários de plantão. O que ficou conhecido como

<sup>88</sup> HAY, Loius. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte, UFMG, 2007, p. 55.

<sup>89</sup> Idem, p. 59.

<sup>90</sup> <http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3%287%293-15.html>. Último acesso em 29/01/2015.

*equipe Heine* “se tornou um polo de atração para outros pesquisadores”<sup>91</sup>, deixando na história da disciplina uma mensagem que ainda hoje não foi lida em Brasília, nem interpretada pelas instituições que, comumente, recebem este tipo de depósito.

A escolha de tal referencial teórico para nosso trabalho não é apenas uma imposição que a própria materialidade do *corpus* nos impôs. A crítica genética, desde sua origem, esteve engajada, de um lado, com um novo olhar que a crítica literária poderia passar a ter, após um momento em que o estruturalismo hegemonicamente ditou a ordem do dia nas Ciências Humanas e, de outro, com reflexões que inevitavelmente passavam pela questão da conservação destes materiais que os próprios escritores acabavam por desvalorizar e as bibliotecas trancafiavam.

A crítica genética, *já na história de seu surgimento* coloca problemas práticos que, aos poucos, terminam guiando e /ou comungando de problemas metodológicos.

Em obra de 2007<sup>92</sup>, em que Louis Hay republica artigo originalmente impresso no suplemento de *Le Monde*, quarenta anos antes, o emérito diretor do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) chama a atenção para um acontecimento único que se dá quando Heine, Aragon, ou, no nosso caso, um Eudoro de Sousa chega empacotado e pronto para o deslinde. A oportunidade que está em jogo numa ocasião dessas é, geralmente, única e última. A chegada dos manuscritos de Heine à França não suscitou aos estudos literários apenas questões sobre as condições, conteúdo e sua significação. “É uma experiência da qual a história literária não fornece muitas vezes a oportunidade”<sup>93</sup>.

Com efeito, é apenas uma vez que um intelectual expressivo morre e seu acervo, livros, manuscritos, arquivos (em alguns casos até objetos íntimos, tipicamente do escritório de leitura, que é o que tediosamente costuma-se preferir por algumas curadorias<sup>94</sup>) é comprado ou doado para uma instituição. Estes acontecimentos se dão uma única e última vez, com exceção de alguns casos em que a dispersão, inicialmente negativa, pode vir a garantir que algo mais daquele conjunto ressurgja. A questão que Hay se colocou em 1967, refletindo sobre Heine, apesar de se direcionar a um caso específico que são os manuscritos de um importante cânone da literatura mundial, pode, sem dúvida, se estender ao problema que nos colocamos neste trabalho: o encontro da UnB com o material que a família de Eudoro de Sousa ofereceu após sua morte fecundou a UnB? Sendo sim a resposta a essa pergunta,

---

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

<sup>93</sup> Idem, p. 31.

<sup>94</sup> Vimos tal situação no caso Cassiano Nunes, em Brasília.

indagaríamos: Como? Em quais condições? Ecoando a problemática sobre a “utilidade” (a palavra é ruim) desses legados, os problemas trazidos por Hay nos permitem pensar: em que a coleção de Eudoro de Sousa renovou o significado de sua obra e das Letras na UnB quando foi comprada, sendo ele um nome tão expressivo e fundamental para nossas (e não apenas nossas) Letras (e não apenas para as “Letras”)? Adaptando as palavras do próprio Hay: contribuiu a chegada deste monumento que foi a biblioteca particular de Eudoro de Sousa “para modificar certas noções banais, mas pérfidas (...) sobre as quais repousam explícita ou implicitamente os julgamentos essenciais da crítica?”<sup>95</sup>.

Essas ponderações se fazem relevantes especialmente diante de uma fortuna crítica que quase nunca<sup>96</sup> colocou a questão da obra de Eudoro de Sousa e de seu significado estabelecendo relação com seu espólio. Esse era um problema muito crítico que era preciso contornar, haja vista a posição dos representantes dos “Estudos Clássicos” quando foram convocados, pela imprensa, pela conjuntura, a se posicionar sobre o bibliocídio que atingiu a biblioteca do CEC. “Sempre foi uma batalha impossível de ser vencida”, diziam alguns professores mais antigos na UnB. Ora, sempre se falou da biblioteca de Eudoro de Sousa, sempre se lembrou dele como um Mestre Leitor, hermeneuta, exegeta, alguém para quem a simples experiência de acompanhá-lo lendo um texto era impressionante e inesquecível. Nunca, entretanto, se entrou no seu gabinete, tamanha sua reclusão. Após sua morte, fantasmagoricamente presente em sua biblioteca, somente após o episódio de 2007 nos foi dada a chance de ver seus instrumentos de trabalho.

Ao discutir as transformações da disciplina, Philippe Willemart comemora esse “deslocamento” do olhar proporcionado pela crítica genética. Buscando não apenas o produto, mas o processo “que inclui esse produto considerado como uma das versões”<sup>97</sup>, Willemart faz uma pertinente revisão da discussão protagonizada por Almuth Grésillon.

Diz o pesquisador da Universidade de São Paulo, lembrando uma publicação do final da década de 1970:

Na época e até recentemente, achavam que a crítica genética devia estudar estritamente o manuscrito e os processos de criação. Hoje, a crítica genética ampliou seu campo nos dois extremos, o dos começos e o dos fins. A montante, a crítica genética abrange desde o universo mental do escritor até as marginais dos livros lidos, sua correspondência passiva e ativa, os livros consultados e os estudos de exogênese em geral; em aval, a crítica genética estuda o acabamento por outros da

<sup>95</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>96</sup> Salvo um artigo de Ronaldo de Melo e Souza e em depoimentos colocados como instrumento de memória em texto encomiásticos.

<sup>97</sup> WILLEMART, Philippe. Crítica genética e história literária. In: *Manuscrita*: revista de crítica genética. São Paulo, n° 10, junho, 2001, p. 168.

obra inacabada (...) as encenações diversas de uma peça de teatro ou as apresentações de uma mesma partitura musical, “edições” sucessivas de um texto ou de um quadro pelo autor<sup>98</sup>.

Essa mudança de olhar não é algo que altera apenas o panorama dos estudos literários e suas prioridades. Toda uma gama de saberes e disciplinas entram em nova configuração a partir da perspectiva tradicional que a crítica genética terminou por fissurar. Bibliotecários, editores, pesquisadores, é toda uma rede de paradigmas que entram em movimento, uma reconfiguração do olhar que abriu a perspectiva de todo um campo, que abalou a forma como os estudos literários vinham se comportando. Willemart é categórico: “a crítica genética permitiu reler a teoria literária e a história da literatura de uma outra forma e de ressitualas”<sup>99</sup>.

Ao comparar a maneira como Flaubert e Proust escreviam (este último bem menos organizado que aquele) Willemart nos faz olhar para as distintas formas de sistematização de um escritor. Se a obra proustiana é um grande retalho expresso e visível no simples olhar para seus 75 cadernos, o mesmo não se pode dizer se fizermos uma análise dos vestígios deixados por Eudoro de Sousa. Em ambos os casos, estamos diante de um *deslocamento* que a crítica genética opera, fazendo emergir uma “maior inteligibilidade que temos do texto e do ato de criação”<sup>100</sup>, ainda que essa “inteligibilidade” seja, vale ressaltar uma inteligibilidade a respeito dos processos, muito mais do que pelo produto final que é expresso na obra.

O que parecia misterioso e atribuído pelos românticos a uma musa é mais visível e mais claro; ainda há obscuridades, já que o manuscrito é o efeito de um trabalho mental desconhecido mas, percorrendo a correspondência, os manuscritos, as edições diversas de uma mesma obra, os esboços das produções artísticas e científicas, percebemos caminhos (...) <sup>101</sup>.

As regras seguidas por um escritor ou pensador são estes caminhos que se tornam perdição diante do farto material que dispomos. Longe de fortalecer a ideia de que as ciências exatas não são uma virtude apenas dos cientistas e que, pelo contrário, há uma matemática refinada no pensamento dos escritores (Willemart dá o exemplo dos cadernos de Proust), temos em nossa mesa de trabalho um espólio de um estudioso que definitivamente não cabia (em seus métodos e interesses) na dicotomia que tradicionalmente divide o saber acadêmico. É de se supor que não haja dois sistemas (um instável, representado pelos cadernos de Proust

---

<sup>98</sup> Idem, p. 167.

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Idem, p. 169.

<sup>101</sup> Ibidem.

e outro estável, a obra) se trouxermos o “caso” de Willemart para a avaliação dos manuscritos eudorinos.

Primeiro porque, tomando o exemplo do autor da *Recherche*, os cadernos só são instáveis e misteriosos fora das mãos de seu laborioso dono. Apenas a nós eles não fazem sentido e despertam dúvidas. Em segundo lugar, acreditamos que, no nosso caso, se trata de um sistema apenas. Se ele é instável ou não, a nosso ver, é questão que não se sustenta porque impõe ao material *encontrado* um imperativo que pressupõe uma ordem, nos fazendo correr o risco de fazer um juízo *a priori* daquilo que ainda nem encontramos.

O exemplo de Willemart é esclarecedor porque além de discutir o surgimento da crítica genética e o impacto desta na história da literatura, expõe um fundamentalismo hermenêutico que teria, enfim, com esta nova disciplina, entrado em colapso: “A verdade não está ligada ao conteúdo (...) mas ao sujeito que lê, articula os pedaços e interpreta”<sup>102</sup>. Quando nos fala que a Associação dos Pesquisadores dos Manuscritos Literários poderia mudar seu nome para Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética, é porque essa ampliação, essa mudança de olhar que a disciplina gerou no seio da literatura e da história da literatura, voltou-se para si própria, fazendo com que o vasto campo da gênese das artes se tornasse algo muito mais complexo.

A pesquisadora Cláudia Amigo Pino, em artigo que propõe que pensemos noção de interpretação à luz da crítica genética, apresenta aspectos da disciplina que são interessantes, pois além de contextualizar o surgimento desta área na zona de conflito que foi o maio de 1968 na França, fazendo da “novidade” dos estudos dos manuscritos um território que foi uma inteligente solução para as demandas daquele movimento; questiona o lugar-comum da própria noção de “processo”, colocando em xeque sua centralidade e todo engendramento que inflacionou a noção de obra e autoria.

Explicando não a origem, mas o início, Pino afirma:

Não há palavra mais amada entre os geneticistas que “processo”. Objeto de estudos da disciplina: todas as tardes decifrando rasuras, classificando fôlios, elaborando hipóteses voltam-se para ele. Um processo com sobrenome: “processo de criação”, de uma determinada obra, de um escritor, de um grupo literário<sup>103</sup>.

Nascida do conflito entre texto e escritura, a autora explica que o manuscrito foi uma resposta a uma crítica que vinha deslocando seu olhar do texto para pensar seu movimento. O

---

<sup>102</sup> Idem, p. 172.

<sup>103</sup> PINO, Cláudia Amigo. Da crítica do processo à crítica ao processo. In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, nº 13, São Paulo, janeiro de 2005, p. 45.

surgimento dessa disciplina exatamente em 1968 teria trazido uma “solução ideal” para o conflito entre texto e seu processo. Inéditos, os manuscritos conseguiam envolver sobre si as mais desafiantes concepções da teoria literária, erguendo-se como um objeto científico inquestionavelmente legítimo. Ainda assim, teoria literária e crítica genética não pareciam irmanar-se no que a pesquisadora identifica como uma primeira fase da disciplina emergente. Sempre criticada por não fazer nada mais que “descrever dossiês e elaborar hipóteses sobre o processo de criação”<sup>104</sup>, era preciso estabelecer uma relação, um diálogo entre a interpretação da teoria literária e a maneira como a crítica genética entende o interpretar.

Para tal, Pino vai a uma das fundadoras da crítica genética, Almuth Grésillon, fazendo com que a interpretação se radique, sobretudo, na leitura. E aí é que vem o fio de Ariadne proposto por Cláudia Pino: “o suposto ‘processo de criação’ é principalmente um processo de leitura, e não de um autor, mas do geneticista”<sup>105</sup>. Essa constatação é orientadora. Quando estou diante dos manuscritos de Eudoro de Sousa, sejam anotações às margens de livros, folhas soltas de textos seus, traduções, transcrições, não tenho um processo diante de mim. Dali é que se faz erigir um processo. Outro leitor certamente fará outra construção. E quanto mais se lê a obra publicada, se abstrai dela o que a rodeia, em nosso caos livros e notas, mais essa interpretação que é genética se manifesta. E é nesse sentido que a orientação de Grésillon, ao deixar explícito o relevante papel do construto, aponta o *modus operandi* da crítica: a) *Dar a ver*, ou seja, como Pino exemplifica, “reunir os manuscritos, classificar, decifrar, transcrever e editar”<sup>106</sup> e b) *Construir hipóteses sobre o caminho percorrido pela escritura*.

Tais partes, sabemos, não são distanciadas. São concomitantes. Nesse duplo gesto interpretativo, os *indícios* (essa é palavra usada por Pino) espaciais e temporais podem ser traduzidos, transcritos, ainda que a dificuldade imposta pelos manuscritos seja, geralmente, de ordem avassaladora.

Mesmo se às vezes encontramos versões manuscritas limpas de muitos textos, em geral os documentos se dão ao pesquisador de forma muito diferente à de uma página publicada. No lugar da sucessão de palavras em uma linha, da sucessão de linhas em uma página e da sucessão de páginas em um livro, podemos encontrar em um manuscrito uma palavra em um canto da página, um parágrafo em um outro canto, acompanhados de outros registros, como flechas e desenhos. É muito comum também encontrar manuscritos em que cada um desses registros se apresenta em cores diferentes, inclusive com letras diferentes. No nível da frase, ou da própria palavra, esta heterogeneidade também está presente na figura da rasura. Assim, no

---

<sup>104</sup> Idem, 47.

<sup>105</sup> Idem, p. 48.

<sup>106</sup> Ibidem.

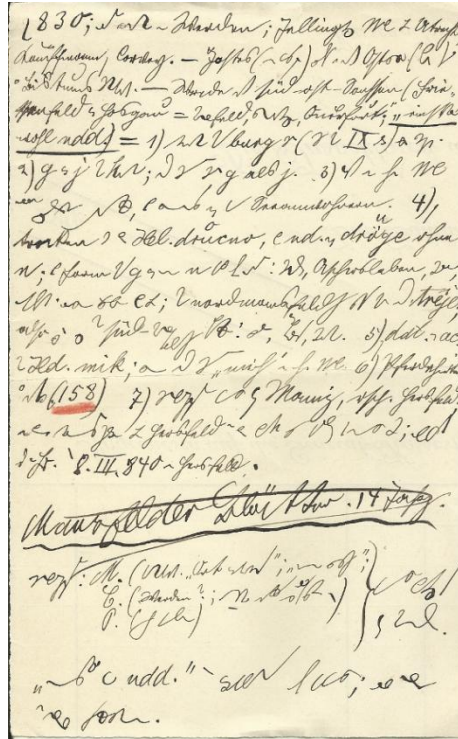
lugar de uma única palavra em uma sequência, podemos encontrar várias, sobrepostas, tachadas, grifadas<sup>107</sup>.

Vai se justificando, com a imagem acima, porque a leitura dita “normal” não pode ser a leitura de um manuscrito. Espaço heterogêneo, deslizante, o manuscrito resiste à tentativa do geneticista em encontrar ali uma cronologia, um sentido, denunciando uma situação paradoxal que é a resistência do manuscrito ao próprio processo. Ele, de uma maneira sua, se bifurca, se esvai, se sabota. Anotações marginais em um exemplar de **Orphicorvm fragmenta**, de Otto Kern, são interrompidas por marcas de sangue.

As soluções propostas pela crítica genética coloca o geneticista numa posição muito desconfortável. É ele, pesquisador, ao construir sua leitura, que se torna também sujeito/objeto da própria crítica genética. Isso porque, já advertia Grésillon, o manuscrito é um objeto científico. Se é bonito vê-lo, ainda mais quando se tem alguma relação com o autor, não é porque haja ali, *a priori*, verdade ou beleza. Para a pergunta *o que é belo em um manuscrito?* várias respostas são possíveis. A que hoje melhor atende a esta proposta é: belo são as leituras, as hipóteses que podemos traçar. O gesto é que é estético e crítico. Um manuscrito como o que encontramos entre as páginas do acervo particular do germanista Pedro de Almeida Moura, bibliófilo que chegou a reunir cerca de 10 mil volumes a respeito de Goethe, romantismo alemão e estudos clássicos, não diz nada por em si, à primeira vista.

---

<sup>107</sup> Ibidem.



Ele nos esconde sua verdade não porque seja difícil decifrar a caligrafia. Tampouco por estar escrita em alemão. Estamos alheios ao processo. E não temos elementos para construir um. Essa distância, que nos imobiliza, impede a contemplação de sua beleza. Mas encontrar estes fios, estes caminhos que podem, inclusive, não levar a lugar algum, não é apenas dominar uma língua ou especializar-se em entender uma caligrafia. O martinicano Édouard Glissant, explica Pino, ao desenvolver uma crítica ao eurocentrismo inerente às concepções estéticas que nos são tão difundidas, utiliza um conceito de “paisagem da escrita” que “permite pensar a relação do texto literário com a sociedade da qual ele faz parte”<sup>108</sup>. Há uma tensão entre o texto e as várias relações que envolvem sua escritura e leitura. A paisagem da escrita, explica Pino, pode ser “um fólio, um caderno, um conjunto de cadernos, um esboço do livro, uma mesa de trabalho”<sup>109</sup>. A paisagem “real” onde a escrita está inserida, uma paisagem que, no caso que nos propomos a estudar, se volta sempre para a biblioteca particular (*locus* privilegiado onde Eudoro, como uma *fera enjaulada*, nutria seu trabalho, voltando sempre ali, saindo sempre dali, retroalimentado-se), borgeanamente. No prefácio de **Horizonte e complementariedade**, escrito em 1975, quando os piores ventos já haviam passado pela biblioteca e pelo projeto que a circulava, Eudoro ensina:

<sup>108</sup> Idem, p. 61.

<sup>109</sup> Ibidem.



A bibliografia, extensa, mas longe de exaustiva, não é um ornato: nem fazemos injúria ao leitor, supondo que ela lhe sugira a idéia de que só visamos ostentar inútil erudição. *Todos os livros, todos os artigos de enciclopédias e de periódicos especializados, foram lidos e consultados, alguns repetidas vezes, só para verificar que não poucos nada tinham que ver com o tema do nosso trabalho*<sup>110</sup>.

A cena é a mesma. Eudoro entre os livros, cigarro numa mão, os óculos saindo e entrando na face. Idas e vindas, releituras feitas com vários utensílios, cores diferentes, anotações sobrepostas, em uma paisagem que ao longo dos anos foi sendo cada vez menos habitada, uma biblioteca esquecida com todos os sentidos (ativos) que o termo esquecimento pode ter.

Contando o que foram os primeiros momentos da crítica genética, Cláudia Pino pontua como o momento mais rico de uma escrita pode ser exatamente quando o autor para, tira os olhos do texto, larga a caneta ou o lápis. Como quando Eudoro dizia aos seus orientandos: “agora pare de ler e pense!”, ou quando Agostinho da Silva, após dar suas aulas magistrais no *campus*, já surpreendendo ao solicitar que os alunos saíssem das salas e fossem sentar na grama para ouvi-lo, dizia, após lições admiráveis: “agora vamos olhar!”. E a visão que penetravam era o horizonte fecundo de uma universidade recém-nascida e, tão cedo, esquartejada.

### *A crítica genética e os estudos do livro no Brasil*

Quando as novas instalações da biblioteca da Universidade Estadual de Campinas foram inauguradas, estava lá o crítico Antonio Candido, em uma cerimônia que entregou a esta instituição duas importantes coleções. A primeira delas, a biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda. A segunda, não menos importante, era a biblioteca do pai de Candido, Aristides Candido de Mello e Souza. Sobre estas duas preciosidades o renomado crítico teceu alguns comentários que servirão aqui como abertura para apontamentos sobre o modo como assunto tem sido abordado no Brasil.

Em seu discurso, o primeiro ponto crítico levantado por Candido é a importância de que as coleções, doadas ou compradas, sejam mantidas coesas, íntegras, o que normalmente não acontece. O que temos visto, e a UnB é exemplo *par excellence* disso, é a tentativa sempre

---

<sup>110</sup> SOUSA, Eudoro de. **Horizonte e complementaridade: ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos**. São Paulo; Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975, p. 10, grifo nosso.

vitoriosa de dispersar a todo custo o que colecionadores e estudiosos demoraram anos para reunir. Geralmente considerando, como líder das razões, o espaço.

O autor de **Formação da Literatura Brasileira** reconhece que, se vários momentos históricos se encontram, em camadas, dentro de uma biblioteca, sua separação em áreas, sua dispersão declara a derrota de uma possibilidade de pesquisa que só o conjunto possibilita. “A formação da biblioteca”, ensina o professor, “equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa”<sup>111</sup>. De uma maneira inspirada, Candido remonta aos percursos da leitura da biblioteca de seu pai no simples descrever de suas fases. A simples organização dessa cronologia sugere a mentalidade de uma geração por meio daquele homem culto e simples.

Com a vantagem de ter conhecido de perto a biblioteca de seu pai, o crítico reconhece que tais investigações só são possíveis com esse conhecimento básico de quem foi o dono daquela coleção. E eis aqui uma das razões da trágica maneira com a biblioteca eudorina vem sendo tratada. Datas de aquisição, registros de entrada dos livros no acervo, são alguns dos aspectos imprescindíveis ao estudo de bibliotecas particulares. O filho do Dr. Aristides, de forma direta e objetiva, é claro em uma sugestão que nos soa como uma lição da mais importância: “estudar a formação de uma cultura pessoal por meio da biblioteca, vista como estratificação de sucessivas camadas sedimentadas ao longo do tempo de uma vida (...) pode servir de índice para o conhecimento da época”<sup>112</sup>.

Patrimônio nacional ou pequena coleção doméstica, originada de vultos intelectuais renomados ou anônimos cultos, a biblioteca tem uma história para contar e uma potencialidade que as disciplinas, a ciência, cada vez mais fazem aparecer. É pena que as instituições, em geral, no Brasil, insistem em não ouvir o recado que os livros têm dado. Outra contribuição programática para a conjuntura do livro no Brasil é dada na vida e na obra de Rubens Borba de Moraes. Uma das mais importantes contribuições, por seu perfil introdutório e iniciático, é **O bibliófilo aprendiz**. No Brasil, poucos são os que não prestam reverência a este pequeno tratado que Borba de Moraes designa como *prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas*.

Dono de uma erudição incomparável, Borba de Moraes foi uma das peças fundamentais na história da Universidade de Brasília, tendo contribuído diretamente para a biblioteca que Darcy Ribeiro quis fundar na UnB. Foi Borba de Moraes o primeiro a nos

<sup>111</sup> CANDIDO, Antonio. O recado dos livros. In: **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 236.

<sup>112</sup> Idem, p. 237.

explicar que todas ou quase todas as bibliotecas do mundo vieram de bibliotecas particulares, dado esse que não poderá nunca ser ignorado. Demonstrando como a bibliofilia não deve ser encarada como um *hobby* de gente rica, somos levados a reconhecer que no Brasil “onde a administração pública, além de ignorante é desmazelada e demagógica, *se não fosse o colecionador particular*, o bicho, a sujeira e o clima destruiriam tudo que o nosso passado nos legou”<sup>113</sup>.

Este “guia” nos ensina a reconhecer no colecionismo de Eudoro sua erudição, na medida em que um dos primeiros critérios para fazer formar e desenvolver uma coleção deve ser o conhecimento do colecionador. Considerado uma arte, o ato de colecionar tem no planejamento sua condição fundamental. Estudar o assunto pelo qual se decidiu enveredar, comprando livros a seu respeito, é uma imposição para que o conjunto não seja um mero amontoado de títulos. O axioma do ex-professor da UnB é emblemático: “quanto mais erudito for o colecionador, mais probabilidades terá de formar uma biblioteca de valor”<sup>114</sup>. A consequência do estudo é óbvia e efeito de um bom trabalho. Unindo critério e gosto, o valor de conjunto daquilo que paulatinamente foi comprado avulso será bem maior do que o investimento inicial.

Entre as orientações dadas pelo maior entendedor de bibliotecas que o Brasil do século XX já teve, bibliógrafo, bibliófilo, uma nos chama atenção por sua utilidade posterior, quando estivermos lidando com a bibliografia do professor Eudoro. Um caso a respeito da obra **Bibliotheca Graeca et Latina** demonstra a intenção de Eudoro em colecionar e/ou em organizar, com critério, uma biblioteca de estudos clássicos. Ciente de que uma bibliografia ideal não existe, que sempre haverá erros, Rubens Borba de Moraes adverte que “cada bibliófilo necessita de um tipo de bibliografia, conforme o assunto ou o autor que coleciona (...). O próprio bibliófilo é que deve escolher sua ferramenta, de acordo com o trabalho que pretende realizar”<sup>115</sup>. No II capítulo veremos a utilidade de uma norma dessa natureza, norma para a qual Eudoro de Sousa claramente prestava serviço, ele também consciente da incompletude de tudo que se propunha conclusivo e definitivo.

Mas estas são orientações gerais. Trabalhos mais específicos são feitos no Brasil, afluentes desses dois enormes leitões da história do livro e da crítica genética. Um deles é uma das obras mais antigas a respeito do tema, quando Suzi Sperber investigou a leitura de

---

<sup>113</sup> MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet De Lemos, 2005, p. 18, grifo nosso.

<sup>114</sup> Idem, p. 21.

<sup>115</sup> Idem, p. 110.

Guimarães Rosa<sup>116</sup>. Demonstrando que Rosa não era apegado ao livro como objeto físico, de onde se depreende que não era ou não se reconhecia como bibliófilo, Sperber realizou um importante estudo sobre sublinhados, anotações e marcas nos livros do autor de **Grande Sertão: Veredas**. Reconhecendo “eixos de interesse” definiu seu *corpus* e deu início a uma pesquisa comparatística entre a obra de Rosa e trechos advindos de livros lidos. Interpretando a marginalia com base na obra, uma das curiosas conclusões da professora é perceber a presença maciça de leituras de “quinta categoria” na biblioteca Roseana. Uma constatação interessante porque nos permite ver que uma grande obra literária pode vir de um leitor que se debruçava em revistas esotéricas, espíritas ou espirituais, entre outros escritos sem muito valor.

A escritora Clarice Lispector, ao se referir às suas leituras, dizia algo semelhante:

Eu sou tão má leitora que, agora, já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura. Nem sequer li as obras importantes da humanidade. Além do que leio pouco: só li muito, e lia avidamente o que me caísse nas mãos entre os treze e quinze anos de idade. Depois passei a ler esporadicamente, sem ter a orientação de ninguém<sup>117</sup>.

O testemunho de Clarice, longe de surpreendente, exemplifica a declaração que a mim foi dada pelo professor José Luis Jobim, quando conversamos a respeito em uma palestra na pós-graduação em Literatura. Ele me disse, quando lhe falei a respeito de minha pesquisa sobre a biblioteca de Eudoro, que muitas vezes não encontramos nada em marginalias ou exemplares lidos. Muitas vezes o que encontramos não diz nada. Superestimar essa busca pode ser frustrante. Eu sabia que, com relação a Eudoro, tal assertiva poderia não valer. Somente agora vejo como metodologicamente a conversa com o professor Jobim foi útil. Ele foi um dos que ouviu a palavra Eudoro e comentou: “é famosa a biblioteca do Eudoro, conhecia!”. Realmente era.

Quando Ricardo Iannace mostra como Hermann Hesse, Dostoiévski, Monteiro Lobato, Mme. Leprince de Beaumont, K. Mansfiel, entre outros, se imiscuíram na narrativa clariceana, ergue-se mais uma possibilidade de investigação e leitura que a sobrevivência da biblioteca pode fomentar.

Acontece que o trabalho de Suzi Sperber, trazido à tona nos idos da década de 1970, gerou frutos. Daniel Bonomo, ao estudar a biblioteca Roseana que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP), reuniu a bibliografia que constava no acervo do autor mineiro a respeito da língua e da cultura alemãs. Bonomo também

<sup>116</sup> Cf. SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

<sup>117</sup> IANNACE, Ricardo. **A leitura Clarice Lispector**. São Paulo: EdUsp, 2001, p. 15.

envereda pelos caminhos de ler a obra do clássico brasileiro por meio das possíveis transcrições que o autor realizava no ato de suas leituras de Nietzsche, Kafka, Auerbach, entre outros. Construindo uma lista de 360 títulos da “biblioteca alemã” de Rosa, Bonomo reuniu material escrito em alemão e traduzido do alemão, dando exemplos de como Rosa pensava em seus jagunços quando lera um determinado trecho de **Humano demasiado humano**. A pegada indicia algo que a leitura do manuscrito não pode negar: à margem do exemplar de Nietzsche a palavra “cangaceiro”. Bonomo mostra como nem tudo se encontra na obra de um autor e como outras leituras da obra são possíveis se lermos o que lia o escritor. O artigo do então doutorando da Universidade de São Paulo nos reserva ainda um enriquecedor anexo com a bibliografia alemã de Rosa<sup>118</sup>.

Eder R. Pereira publicou um estudo que vai no mesmo sentido do trabalho de Bonomo. Ao estudar os livros que sobraram da biblioteca particular do escritor Osman Lins<sup>119</sup>, Pereira também estudou a “assimilação”, os “desdobramentos” e a “transfiguração” que existem entre a obra e as marginalias. Dando ênfase, mais uma vez, nesse duplo gesto que imbrica leitura e escrita, apontando os problemas acarretados pela dispersão da biblioteca, estabelecendo relações entre o literário e o pictórico na prosa osmaniana, o autor enumera diversos títulos interpretando-os, construindo leituras para este material preservado. Eder Pereira propõe o que para nós é a essência da pesquisa com a biblioteca eudorina: fazer das referências e das marginalias uma chave para a leitura da obra. Como se não bastassem as inteligentes apropriações que Eder Pereira faz da obra de Telê Ancona Lopez, autora de rico material para o tema da biblioteca como instrumento de compreensão da criação literária, recentemente tivemos a oportunidade de conversar com o articulista sobre a pesquisa. A guisa de colocar nesta discussão a gênese da concepção de crítica genética como nosso instrumento de trabalho, transcrevo:

(...) cada caso é um caso diferente e isso eu ouvi pessoalmente do Philippe Willemart. Mas acredito que muito mais do que a biblioteca impor uma metodologia ou exercitar nossa criatividade, como aponta em suas considerações, ela nos dá segurança pela materialidade do que guarda através da marginalia. Somos leitores de um leitor/escritor particular, e nossa visão é assegurada pelo manuscrito que também fornece a possibilidade de outros lerem de forma diferente<sup>120</sup>.

<sup>118</sup> Para a leitura do interessante artigo, Cf. <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/38092>, recentemente acessado.

<sup>119</sup> 171 deles se encontram no IEB e 102 na Casa de Rui Barbosa.

<sup>120</sup> Em conversa virtual na noite de 17 de abril de 2015. Agradeço imensamente ao Eder, pela hospitalidade e pelo incentivo ao trabalho.

A certeza da importância da marginalia é uma problemática que também envolveu Maria do Céu Estibeira, em seu estudo sobre Fernando Pessoa. O título da publicação, quando questiona a razão para se editar a marginalia de Fernando Pessoa, já demonstra a intenção de trazer à luz uma maneira de considerar pegadas que a leitura deixa como uma combinação, uma síntese entre leitura e escrita. Tendo lido tudo quanto é espécie de filosofia e esoterismo, depois de seu regresso a Portugal, em 1905, a biblioteca pessoana reúne situações interessantíssimas, como quando textos de seus heterônimos se encontram soltos entre exemplares que pertenceram a Pessoa, ou como quando heterônimos assinam a posse de alguns exemplares<sup>121</sup>.

Eis aí alguns exemplos do caudaloso rio que são os manuscritos e as marginalias em bibliotecas. Seus afluentes secundários (crítica genética e história do livro) se encontram com um afluente fundamental, um afluente que, com o perdão da palavra, é genético (o paradigma indiciário) tal como o historiador Carlo Ginzburg nos demonstrou. Nada mais primitivo do que seguir a intuição, o indício, a sensibilidade, palavras tantas vezes minimizadas.

Outra das mais emblemáticas contribuições ao assunto dada no Brasil é a organização do livro **A biblioteca de Machado de Assis**. Nesta obra ainda pouco comentada<sup>122</sup>, José Luís Jobim revisita o importante texto que Jean-Michel Massa escrevera, em 1961, para a *Revista do livro*. O trabalho pioneiro de Massa sobre a biblioteca de Machado é republicado com outro texto, quarenta anos depois, e ladeado de diversas pesquisas que envolvem essa amálgama entre crítica genética e história do livro.

Em 1961, quando Massa se fez a pergunta fundamental de sua pesquisa, assim se expressou: “Diante dessa massa babilônica de obras, livros, revistas, de todos os gêneros, proveniências e formatos, como proceder?”. A resposta que deu a si foi imediata: era preciso procurar a marginalia. A tristeza é que Machado não anotava em seus livros. As poucas anotações que constavam nos livros eram de outras mãos que tocaram alguns livros que ele viria a comprar. Uma peculiaridade, entretanto, liga o autor de **Memórias póstumas de Brás Cubas** a Homero Pires, bibliófilo baiano responsável por uma das maiores *ruianas* no Brasil. Ambos tinham por hábito anotar nas páginas de guarda de algumas obras. Ali, na folha de guarda, detalhes sobre a edição e comentários sobre o exemplar, ou mesmo anotações sobre a obra, abrem espaço para uma possibilidade de estudo interessante. A *garde*, à época, parece

<sup>121</sup> A leitura do artigo de Maria do Céu Estibeira, autora da criativa tese de doutoramento sobre **A Marginalia de Fernando Pessoa**, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, está lícita em <http://iduc.uc.pt/index.php/matlit/article/view/1629>, acessado pela última vez em março de 2015.

<sup>122</sup> JOBIM, Jose Luis (Org.); ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks, c2001.

ter sido muito utilizada para este fim, sendo um traço de uma época e de uma educação quanto ao anotar em exemplares.

Não encontrando marginalias, Massa foi aos livros comprados por Machado, livros oferecidos por amigos, dedicatórias. Daí os gostos do escritor e a rede de amizades manifesta no acervo se tornaram visíveis. Percebeu-se, aos poucos, que mais da metade (55,53%) do acervo machadiano era de livros escritos em francês. Poucos, cerca de 23,95% eram em sua língua materna. A simples dos autores ofereceram seus livros a Machado, as livrarias das quais estes livros vieram (onde despontavam as da rua São José e rua do Ouvidor) toda uma gama de indícios da natureza da leitura de Machado foi aparecendo. A fluência nas línguas estrangeiras, o fato de ter começado a estudar o alemão já com avançada idade, a leitura assídua no Gabinete Português de Leitura...era chegada a hora de classificar, de organizar um catálogo da biblioteca e, por meio dele, possibilitar ao estudioso caminhos a serem seguidos no estudo das várias facetas que a biblioteca poderia reservar.

O pequeno estudo de Massa só tem dez páginas. Outras cinquenta e sete são dedicadas à lista detalhada do que restou da biblioteca que se encontrava, na época, na Academia Brasileira de Letras<sup>123</sup>. Tal lista, o catálogo, não é menos importante, mas constitui o cerne da pesquisa para Massa. Os 518 itens listados detalhadamente não estão ali por acaso. São eles que permitiram que Glória Vianna, Ana Lucia Henriques, Maria Elizabeth Chaves de Mello, João Cezar de Castro Rocha, Ivo Barbieri, Claudio Cezar Henriques e John Gledson, além dos próprios Jobim e Massa, desenvolvessem novos estudos sobre um material de tanta importância, e que vinha sendo dilapidado dentro da própria ABL.

Após demonstrar a contradição que é Machado de Assis estar no topo do prestígio de todas as listas dos professores de Literatura Brasileira e tão pouco ter sido feito pelo seu patrimônio literário, José Luis Jobim denuncia, na abertura do seu livro:

Um exemplo *gritante* de ação imediata e necessária sobre este patrimônio diz respeito ao que restou da biblioteca deste escritor. Este acervo, hoje sob a guarda da Academia Brasileira de Letras, *necessita de cuidados urgentes, para que parte substancial dele não se perca definitivamente. Esta seria a hora de os responsáveis pela alocação de verbas públicas ou privadas fornecerem os meios necessários para que as próximas gerações ainda possam usufruir do que restou da biblioteca de Machado. Infelizmente, o máximo que podemos fazer é esperar que a falta de*

---

<sup>123</sup> Os XII tópicos do catálogo são de especial relevância, na medida em que reafirmam a importância de manter unida, de preservar coeso o integral do acervo que em conjunto vale e diz muito mais do que separado. São eles: *Ouvrages Généraux, Domaine Grec, Domaine Latin, Domaine Biblique et Religieux, Domaine Oriental, Domaine Italien, Domaine Espagnol, Domaine Portugais, Domaine Bresilien, Domaine Anglais, Domaine Germanique e Domaine Français.*

*interesse (e verbas) das instâncias que poderiam e deveriam zelar pela conservação de nosso patrimônio cultural não condene esta coleção à deterioração completa*<sup>124</sup>.

Vê-se que a situação “gritante” de descaso para com o legado de um intelectual deste vulto não é algo exclusivo da maneira como a UnB trata o que herdou de Homero Pires, Pedro Moura, Agrippino Grieco, Carlos Lacerda e Eudoro de Sousa. A escolha política do que priorizar, a importância de que restaurar, de haver condições para restauro e, principalmente, dar um acesso hospitaleiro ao pesquisador, tudo isso é fundamental para que uma biblioteca consiga *gerar o interesse* por determinado acervo, construir o leitor ao invés de espantá-lo e tê-lo como um problema.

Machado era bibliófilo. O fato de encadernar seus livros aponta nesse sentido, pois expressa o cuidado com o exemplar, a tentativa de fazê-lo durar mais. A restrição hedionda que existe hoje para se pesquisar dentro do que restou da biblioteca de Eudoro é emocionalmente nociva ao próprio pesquisador. Haja vista a emoção que é estar dentro do material de trabalho de um escritor pelo qual se tem carinho e admiração. A professora e pesquisadora Glória Vianna, quando em 1989 esteve na ABL para visitar seu acervo, ao tocar as empoeiradas estantes da instituição foi surpreendida: “percebendo minha curiosidade *um bibliotecário informou-me* tratar-se dos livros particulares de Machado de Assis. *Fiquei sem ar*. Pois, para o leitor da obra de um escritor sua biblioteca é uma verdadeiro tesouro”<sup>125</sup>. Situação diametralmente oposta a que vive o leitor que tem a intenção de estudar a fundo a leitura no extinto CEC. Livros somem, o acesso é dificultado, os responsáveis pelo setor se incomodam com a visita dentro do local onde fica o acervo, vigiam o pesquisador ombro a ombro nas estantes, como se ele representasse um perigo para os livros, quando na realidade o maior bibliófago ali tem sido, historicamente, a própria instituição. Basta que se lembre de que há relatórios anuais do ano de 1966 que já pediam restauro de algumas obras da biblioteca de Eudoro que ainda hoje estão caindo aos pedaços nas estantes, por sinal, cada vez mais vazias.

Mapeando as leituras de Machado por meio de sua biblioteca, a professora Glória também lamenta o descaso de quem deveria salvaguardar e difundir os estudos da biblioteca particular de um grande mestre:

Difficil foi compreender porque a biblioteca de um escritor tão fundamental para a História da Literatura Brasileira ainda não merecera da crítica um estudo mais

<sup>124</sup> JOBIM, Jose Luis (Org.); ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 11, grifo nosso.

<sup>125</sup> Idem, p. 101, grifo nosso.



sistematizado. E mais difícil ainda foi verificar o *processo de desmantelamento por que passara o acervo particular* de Machado de Assis<sup>126</sup>.

Machado, como Eudoro, apesar de ter tido seus mestres, tinha um perfil autodidata, um tipo de amadurecimento intelectual que sempre andou junto com escritores, poetas e amigos com os quais se relacionavam. No caso do canônico escritor brasileiro, o processo de chegada de sua biblioteca à ABL (aquisição e compras sempre cheios de lições das mais variadas) foi tortuoso. À medida que foram morrendo os contemporâneos de Machado na ABL, a falta de um catálogo fez com que o material do patrono da casa fosse disperso, integrado ao acervo da Biblioteca Geral da ABL, como acontece na Universidade de Brasília atualmente, “sem qualquer referência à sua origem”<sup>127</sup>. As advertências sobre o estado de conservação das bibliotecas particulares é um trecho lamentavelmente presente nos estudos sobre o tema no Brasil. Ao rever a biblioteca de Machado de Assis a fim de reaprofundar seus estudos, a professora Glória denuncia: “É preocupante o estado em que se encontram alguns volumes. Caso não se tome uma iniciativa efetiva para preservá-los, receamos que as futuras gerações só saberão da existência da coleção por meio dos relatos e catálogos que dela forem feitos...”<sup>128</sup>.

No caso da biblioteca de Eudoro de Sousa, não há catálogo (se um dia houve). Também não tem sido fácil encontrar o que quer que esteja reunido sob a sigla de *arquivo do CEC*. Sobre a compra, uma resolução encontrada com a assinatura do então reitor Cristovam Buarque instituiu uma Comissão composta por alguns professores para avaliar a biblioteca. No sistema de livros da Biblioteca da UnB não se identifica na atual coleção de estudos clássicos o que pertenceu a Eudoro de Sousa. De 2007, quando trabalhei diariamente nas estantes da coleção, aos dias de hoje, centenas de livros sumiram.

A obra organizada pelo professor Jobim, com quem estive em 30 de setembro de 2013 para conversar sobre o assunto, reserva inúmeros olhares que dão o tamanho do trabalho que é possível fazer em um acervo dessa natureza: as 19 livrarias diferentes que constam entre as origens dos livros de Machado, o quadro de dedicatórias variadíssimo detalhadamente organizado, um catálogo das citações que Machado faz em sua obra (arrolado alfabeticamente), o catálogo atualizado da biblioteca do bruxo do Cosme Velho, além de detalhamento de como Machado lia Lawrence Sterne ou Ossian, da sua relação com a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a especificidade de sua relação com as línguas

---

<sup>126</sup> Idem, p. 102, grifo nosso.

<sup>127</sup> Idem, p. 115.

<sup>128</sup> Idem, p. 119.

estrangeiras e com o Teatro, tudo por meio de sua biblioteca. A professora Glória, em um exemplo notável de quão criterioso pode ser um trabalho quando se tem acesso livre e hospitaleiro ao acervo, verifica quantitativamente a incidência de sublinhas, marcações com pedaços de papel, com fitas de leitura, dobraduras em orelhas de páginas e até marcações com palito. Glória Vianna chega a notar, como também notamos em farrapos da biblioteca eudorina, sujidades devido ao excessivo manuseio do exemplar, onde é possível visualizar as marcas digitais do leitor no virar da página. A estudiosa lista os livros mais manuseados por Machado.

Em nosso trabalho, no capítulo III, nos propusemos *dar a ver* o que é possível que seja visto sobre a marginalia e os manuscritos de Eudoro de Sousa. Diante deles, ventilar, sugerir, traçar hipóteses de leituras, estabelecendo redes interpretativas que deem sentido, senão aos manuscritos, senão à obra eudorina, pelo menos ao valor incomensurável de sua biblioteca.

## Capítulo 2

### Biblioteca eudorina: a intersecção entre o homem e sua obra

O homem completo deve viver igualmente em muitos lugares e em muitos homens – deve mover-se constantemente em mais amplos contornos e em múltiplos sucessos.  
Novalis

No dia 27 de dezembro de 1911, na freguesia de Santa Isabel, nasceu Eudoro de Sousa. Sobre sua vida e formação faremos alguns comentários, com o objetivo de que entendamos seu percurso e, por meio dele, tenhamos a dimensão do legado preservado pela sua biblioteca particular.

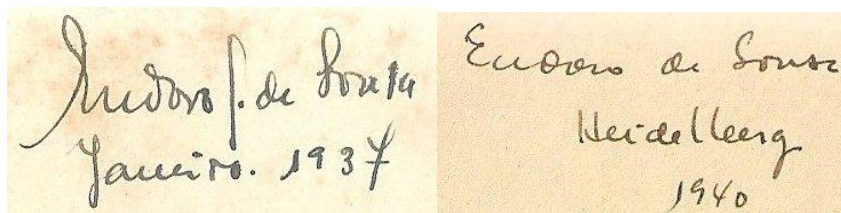
O filho de Dona Maria da Conceição de Sousa, segundo o registro mais antigo de que temos conhecimento, só muito tarde obteve o registro paterno. Conta a filha de Eudoro de Sousa, hoje residente em Brasília, que seu avô paterno teria sido Joaquim Martins Pontes, um padre português. Sobre essa curiosa informação há poucos comentários entre aqueles que falam destes primeiros anos.

Em **De Ourique ao Quinto Império**, Joaquim Domingues se refere a esta situação “lendária” e “milagrosa”. Diz o professor:

Seguisse ele a via comum e ocioso seria interrogarmo-nos sobre tais questões que, sendo do foro íntimo, não deixam de cair também no foro do intérprete, sobretudo quando tenta compreender o modo como a obra de um autor se insere na cultura do seu povo. O que julgo ser o primeiro e indispensável passo para quem a queira entender, até no que tem de divergente e mesmo irreduzível. Neste ponto a biografia do mitólogo sugere o conhecido, mas nem por isso menos excepcional, tema do *nascimento milagroso*, que assinala as personalidades históricas ou meta-históricas cuja originalidade, instaurando um novo domínio da realidade, mas se compadece à normal herança transmitida de geração em geração<sup>129</sup>.

Sendo ainda hoje motivo de susto, é de se imaginar o quanto foi problemático nascer em tais condições. Não podendo assumir o sobrenome paterno, Eudoro de Sousa assinará, por curto período, o nome Guerreiro, designando-se Eudoro Guerreiro de Sousa. Alguns poucos livros lidos pelo jovem conservaram o epíteto escolhido por razões ainda veladas. Em outros encontraremos apenas o registro: “Eudoro G. de Sousa”. Muito cedo veremos apenas o registro manuscrito “Eudoro de Sousa”, acima do lugar de aquisição do exemplar.

<sup>129</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 253, grifo do autor.



Diante dessa primeira informação que faz brota do “foro íntimo”, vale ressaltar que a família não considera a aproximação com o Seminário um fato desprezível. Ainda segundo conversas com Maria Teresa, sua filha, a intenção de Joaquim Pontes ao enviar o jovem Eudoro ao Seminário foi a de “bancar-lhe” os estudos. Financiar seus estudos foi, ao menos na leitura de sua filha, uma tentativa de contribuir com o destino do jovem. E sem dúvida o impacto que a vida monástica teve em Eudoro não foi qualquer. Mesmo sem ter se ordenado, o significado desse dado biográfico ainda é pormenorizado e conta, é bem verdade, com o silêncio do nosso próprio personagem, como tantos outros silêncios de sua existência controversa.

Por se ligar aos temas centrais da sua obra, sempre polarizados pelo sagrado, não há como não lembrar que o Seminário de *Saint-Sulpice*, naquela altura localizado em Paris (hoje transferido para fora da capital), era o que havia de maior prestígio e, certamente, um dos melhores do mundo católico. Isso significa dizer que seu acesso era reservado a jovens qualificados, com a expectativa de ascender a altos cargos da hierarquia católica.



Um período posterior a este, em Paris, é o que circula a Escola Portuense e, mais notadamente, a figura do filósofo Leonardo Coimbra (1883-1936). E quanto a este nome, talvez seja preciso algumas considerações.

Leonardo Coimbra foi uma grande referência filosófica para o Portugal do século passado, tendo sido mestre de uma cepa seleta de intelectuais entre os quais Eudoro de Sousa, ainda que indiretamente. Fundador da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este intelectual e pensador foi uma das mais relevantes influências do início do século passado em Portugal. Ao contrário de Eudoro de Sousa que, se teve discípulos, estes nunca passaram da esfera acadêmica, Leonardo Coimbra foi uma das personalidades mais brilhantes

de seu tempo, “aquela que mais amplos e fortes laços humanos e intelectuais desenvolveu”<sup>130</sup>. Esta consideração a respeito do autor de **O criacionismo** é relevante, a nosso ver, porque tradicionalmente Eudoro de Sousa sofre de um mal que Leonardo Coimbra também sofreu: sendo “vítima de sua grandeza”, na feliz expressão do professor Domingues, ter subvalorizada sua fase inicial.

Estamos diante de um homem que reuniu em torno de si, em tertúlias literárias e no movimento que ficou conhecido como Renascença Portuguesa, uma constelação de intelectuais que, mais ou menos próximos, tinham em Leonardo uma filiação espiritual que se materializou, por exemplo, em uma obra publicada em 1950, onde consta um dos mais importantes (e “menores”) textos de Eudoro de Sousa, escrito antes de sua vinda para o Brasil, já depois de sua estada em Heidelberg<sup>131</sup>.

Este registro é muito significativo, tendo em vista que, mesmo após sua imersão na cultura germânica, em um momento em que já vislumbrava deixar a Europa para tentar a vida na América, o que pode pressupor a busca de novas referências, o helenista prestava contas, se não com o Mestre de sua geração, com sua origem filosófica e poética.

Em um de seus mais apaixonados textos a respeito de um pensador, Eudoro analisa o que Leonardo Coimbra deve, a Bergson, nos fazendo entender a diferença que há entre eles a respeito do conceito de *intuição*, chave de compreensão das duas obras. Entretanto, o faz destacando a autonomia do português, ressaltando o erro em filiá-lo ao pensador francês sem entender que, apesar de antipositivistas e entendedores da filosofia como mediadora entre religião e ciência, Leonardo Coimbra e Bergson não podem sofrer do “estranho vício”, da “diabólica força”<sup>132</sup> que faz do segundo um adjetivo restritivo do primeiro. Apesar da francofilia inerente ao contexto português naquele momento, era preciso evitar uma etiqueta que terminava por cegar a leitura crítica para a eloquente admiração que provou, em todos de seu tempo, o legado leonardino.

Citando Álvaro Ribeiro, um amigo e discípulo de Leonardo, Eudoro de Sousa desfaz o simples (e pejorativo) bergonismo do Mestre com uma forma de expressão que diz muito, se não pelo tom, pelo sentimento:

---

<sup>130</sup> DOMINGUES, Joaquim. O primeiro Leonardo. In: **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 145.

<sup>131</sup> Trata-se do texto O pensamento eloquente e romântico de Leonardo Coimbra, publicado em **Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos**, Porto, 1950.

<sup>132</sup> SOUSA, Eudoro. **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 307-308.

*Quanto a nós, a leitura atenta, meditada, apaixonada*, das obras representativas de Leonardo, não consente que o paralelo prossiga até à aceitação desse extremo. Se o estilo não é o “homem”, é, certamente, o “escritor”; e o escritor de **A Alegria, a Dor, e a Graça** e de **Do Amor e da Morte**, não deve ao de **L'Évolution Créatrice** e de **Les Deux Source d ela Morale et de la Réligion**, nem a inspiração dos melhores momentos, nem as mais belas formas expressivas do pensamento<sup>133</sup>.

A afetividade da primeira sentença já denuncia a dívida sincera que Eudoro assume diante de Leonardo, uma dívida que a biografia e a fortuna crítica têm acumulado há muitos anos. Questionando a suposta pejoratividade do adjetivo “romântico”, que teria sido dado a Leonardo “ao acaso da rua e ao desatino das ‘letras’”<sup>134</sup>, o discípulo (direto ou não) já maduro profere: “Assim poderemos compreender a largueza e fundura do sulco de admiração *que dele nos ficou*. E dizemos, precisamente, sulco de admiração”. A paixão atribuída à leitura (!), a pluralização de um “nós” que o inclui entre os admirados jovens que testemunharam a atuação de Leonardo, bastam para que seja colocada na ordem do dia uma influência (espiritual, mais do que teórica ou metodológica) minimizada por tanto tempo.

Sobre esta coleção de “testemunhos” publicada à qual Eudoro veio a aderir, algumas cartas entre seus amigos contam a história da publicação. Em setembro de 1943, por exemplo, sete anos após a morte do Mestre, Álvaro Ribeiro diz a José Marinho<sup>135</sup>: “Tenho esperado (...) pela sua contribuição para a antologia da obra de Leonardo Coimbra. Mais uma vez lhe peço que recolha os elementos bio e bibliográficos que puder trazer para Lisboa (...)”<sup>136</sup>. Em setembro de 1949, seis anos depois, continuam as organizações entre os que herdaram a “tremenda responsabilidade”<sup>137</sup> sobre a vida e obra de Leonardo, com o acréscimo do nome de Sant’Anna Dionísio, um dos discípulos mais próximos do Mestre:

Se é certo que me anima a esperança de ver, enfim, publicado o “In Memoriam” a Leonardo Coimbra, lamento que a iniciativa tivesse deixado de pertencer a um grupo para ser, afinal, mais um negócio de um editor. Mas o nosso amigo Santana Dionísio parece, efectivamente, disposto a justificar a acusação de «testamenteiro» que lhe foi imputada e a mostrar-se absorvente e insociável em certos assuntos que deveriam ser regidos por uma ética mais *convivente*.

<sup>133</sup> Idem, p. 307, grifo nosso.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 308.

<sup>135</sup> Para o estudo de Leonardo Coimbra aos olhos de Álvaro Ribeiro e José Marinho, dois dos seus discípulos diretos, ambos próximos a Eudoro de Sousa, cf. **Leonardo Coimbra e O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo**, ambos publicados em 1945, este último, citado por Eudoro de Sousa em seu “testemunho”.

<sup>136</sup> As cópias das cartas me foram gentilmente cedidas pelo professor Joaquim Domingues.

<sup>137</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 143.

Como é de se esperar, conflitos em torno da imagem do Mestre. O que o que nos importa registrar, sabendo que a essa altura Eudoro já tem 38 anos, é que ainda estão presentes e vivas as sementes plantadas nas tertúlias literárias daquele grupo de jovens que, outrora, se reuniram em torno de Leonardo Coimbra e das questões que deviam ocupar aquela grei filosófica.

Em março de 1950, às vésperas da publicação da prometida obra, Álvaro Ribeiro escreve a Marinho:

Estamos no fim de março, e só talvez em abril será publicado o livro de "Testemunhos" sobre L.[eonardo] C.[oimbra] Espero, com receio, êsse acontecimento. Sobre nós, discípulos, recairá a atenção, a comparação e um juízo que nos envergonhará e que talvez anule o resultado do nosso trabalho. Temos perdido invernos sobre invernos, sem publicarmos obra pessoal que garanta, continuando, o ensinamento do Mestre. Todos estamos culpados da má orientação que temos dado ao nosso convívio e ao nosso ócio. Separámo-nos cedo demais: por isso, a nossa propaganda entre os infieis será superficial, efêmera e nula.

A crise diante do destino daquele grupo, Álvaro Ribeiro já denunciava em 1943, quando escreve a Marinho: “Como ficou combinado, deixaremos de ir ao acaso para o café, encontrar-nos-emos quando tivermos motivo de estudo e de discussão, principalmente escrito. Demasiado sofremos já durante as tardes perdidas no palavreado inútil”. E para terminar, onde enfim podemos reunir sob o signo de Leonardo Coimbra um grupo que Eudoro se vinculou espiritualmente desde o início, e que ainda mantinha relativo diálogo já nas portas de sua maturidade, leiamos o convite de Álvaro Ribeiro a José Marinho, em março de 1950: “Não nos poderíamos reunir, – mas todos, (J. M - S. D. - D. S. - E. S. - O. V. - S. L e A. R) num dos próximos dias? Responda”<sup>138</sup>.

A razão da obra que veio a ser publicada não foi apenas o fato de que se tratava do “mais notório caso recente do filósofo que formou uma plêiade de discípulos, os quais, não obstante quanto os separava, afirmaram a sua dívida perante o *magistério incomparável*”<sup>139</sup>. Seja nas tertúlias literárias, seja na Renascença Portuguesa, entre tantas atividades espirituais e acadêmicas que frequentavam, o grupo teve em Leonardo a figura do Mestre e Eudoro de Sousa, para citar apenas um acontecimento biográfico, tem em sua biografia semelhante crise

<sup>138</sup> As siglas correspondem a José Marinho, Sant’Anna Dionísio, Delfim Santos, Eudoro de Sousa, Orlando Vitorino, Silva Leal e Álvaro Ribeiro. É digno de que nota que, mesmo não sendo íntimo do círculo, Agostinho da Silva, ao vir para Brasília, intermediou junto à Fundação Calouste Gulbenkian uma enorme quantidade de material bibliográfico de/sobre Leonardo Coimbra. Pelo volume de material ainda presente no acervo é de se imaginar o que já existiu, no “reino” (segundo a descrição de Darcy Ribeiro) que era a biblioteca do extinto Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, o CBEP.

<sup>139</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 142.

religiosa que também assolou seu primeiro Mestre. Isto para dizer que, apesar da influência germânica que virá a ser fundamental em sua percepção da *Altertumswissenschaft*, como pretendemos discutir posteriormente, apesar de tudo que, do ponto de vista filosófico, moldou o caráter de seu pensamento, foi na filosofia portuguesa, na conhecida escola “portuense”, que Eudoro primeiro bebeu da fonte que Leonardo Coimbra lhe proporcionou. Não fosse assim, não estaria Eudoro de Sousa, em pleno café *Palladium*<sup>140</sup>, “devorando a **Evolução Criadora**”, segundo carta de Miguel Summavielle, outro jovem da época, a Álvaro Ribeiro, no ano de 1936. Tão importante a referência a Bergson na história intelectual do pensamento de E., que mais tarde, no início da década de 1960, se utilizaria de seus conceitos para anunciar a sua tese sobre o *princípio da complementariedade*, oferecendo ainda, segundo alguns frequentadores, um curso sobre o pensamento de Bergson, ainda inédito em sua bibliografia.

Leonardo Coimbra tinha como singularidade os laços que construiu, consolidados em um lugar que favoreceu imensamente o grupo que o circou. Como afirma J. Domingues:

A verdade é que a cidade do Porto foi, na transição do século XIX para o XX, pólo de um movimento espiritual cuja verdadeira natureza continua por esclarecer. Daí a importância de compreender o que determinou a gênese da Renascença Portuguesa (...)<sup>141</sup>.

A questão, pormenorizada, e exatamente por isso relevantíssima, de localizar Eudoro de Sousa no percurso que ele traçou bem cedo, fundamentalmente antes de vir para o Brasil (1953), antes da ida para a Alemanha (1940), se dá aqui para entender o ambiente em que ele despertou e evoluiu. Este esboço que propomos, tem na sua própria biblioteca particular elementos importantes, como o caso que citamos a seguir.

Em um dos livros que lhe pertenceu, uma revista publicada em 1931, às margens encontramos anotações a caneta. Trata-se de uma revista lida nos primeiros anos de investigação intelectual de Eudoro. Com cerca de vinte anos de idade o leitor sublinha com discreta curiosidade as explicações que Carl G. Jung dá para a antropologia de Levy Bruhl. O

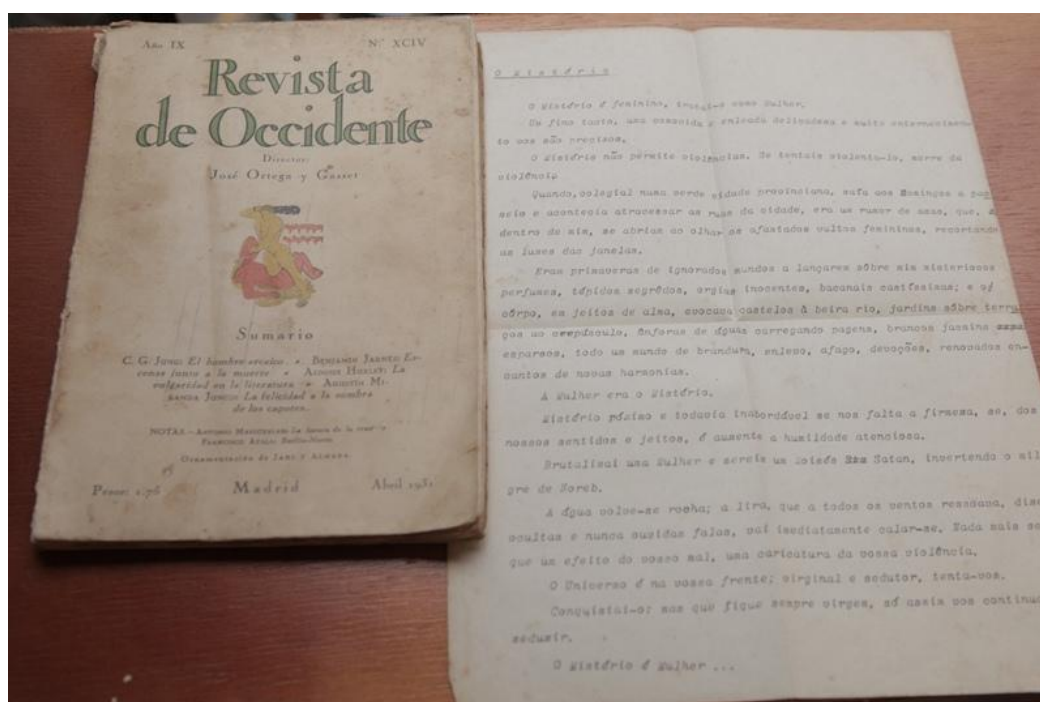
<sup>140</sup> Trata-se do café em que o grupo costumava se reunir. Conforme organização de cartas do professor J. Domingues, também o café “Moderno” era frequentado por Eudoro.

<sup>141</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 145. Sobre a importância da cidade do Porto na conjuntura histórica que vai de meados do século XIX até o início do século XX, anos de formação de Eudoro de Sousa e da juventude que o animava e com ele convivia, cf. ainda os ensaios *O Poeta do Génio Lusitano* (p. 113 e ss.) e *Agostinho da Silva e a Faculdade de Letras do Porto* (p. 223 e ss.) ambos da mesma obra supracitada. Para uma caracterização ainda mais profunda da realidade portuense e desta geração, bem como sobre o significado das tertúlias e dos laços entre os integrantes de tal geração, é fundamental a leitura de **No signo do 7: 150 anos de filosofia : actas dos colóquios realizados na Biblioteca Municipal de Sesimbra entre Março e Novembro de 2007**. Sesimbra: Câmara Municipal, 2008, em especial as contribuições de Pinhandá Gomes (*Imagens literárias de Lisboa na segunda metade do século XX*, pp. 35-44) e de Joaquim Domingues (*As novas gerações da filosofia portuguesa*, pp.115-121).



texto, vertido para língua espanhola, *El hombre arcaico*, além de estar inserido em um periódico que circulava àquela altura, exemplifica um elo com a cultura germânica que Eudoro viria a vislumbrar, cultura mais estimada na Espanha do que em Portugal, naquela época. No acervo eudorino ainda consta, por exemplo, **Las tendencias actuales de la filosofía alemana**, cuja primeira edição data de 1939, onde se vê os rabiscos que anotam aspectos fundamentais da fenomenologia de Edmund Husserl, sem perder de vista as referências alemãs que o texto argentino oferecia.

Em um de seus movimentos, vemos o autor Gergoges Gurvitch, explicando a fenomenologia à luz do intuicionismo bergsoniano<sup>142</sup>. O que é digno de nota é a presença, dentro do exemplar da revista, de um datiloscrito com um dos mais belos textos de Leonardo Coimbra.



O datiloscrito, exemplo do “lirismo metafísico”<sup>143</sup> de Leonardo Coimbra, testemunha a seleção desta passagem que Eudoro de Sousa viria a se utilizar para contribuir na publicação

<sup>142</sup> “El movimiento fenomeológico es, pues, um movimiento intuicionista”. É uma das frases destacadas por Eudoro.

<sup>143</sup> Para uma melhor definição do lirismo metafísico, onde se encaixa o poema citado no testemunho eudorino, solto no exemplar em questão, cf. SPINELLI, Miguel. **A filosofia de Leonardo Coimbra: o homem e a vida, dois termos da sua antropologia filosófica**. Braga, 1981, p. 221 e ss. O exemplar desta obra que tenho em mãos foi doado pela família do latinista e estudioso da cultura clássica, o prof. João Pedro Mendes, amigo de Eudoro de Sousa. Descartado como duplicata pela biblioteca da UnB, terminou nas estantes de um sebo, onde o comprei por R\$ 21 em 2014.

*in memoriam*<sup>144</sup>. Para uma obra que sabemos ter sido organizada entre 1936 e 1950, é de se intuir que a contribuição eudorina (haja vista a exaustiva demora em que Eudoro de Sousa limava um texto até trazê-lo à luz) tenha sido elaborada logo cedo, na virada da década de 1930 para 1940. Uma indicação epistolar localiza um pouco melhor a leitura da *Revista de Occidente*, sinalizando a gênese da contribuição que Eudoro deu sobre Leonardo Coimbra e, sobretudo, firmando na remota juventude a contribuição leonardina para sua vocação filosófica. Em 1936, escreve Álvaro Ribeiro para Delfim Santos:

Tenho conversado com o Eudoro, meu companheiro no estudo do alemão. Este amigo adquiriu livros da “Revista do Ocidente” no valor de 300 pesetas: Scheler, Messer, Spengler, Heimssoeth, Hegel, Ortega y Gasset, etc.. Assim, graças à bondade do Eudoro, tenho eu podido ler umas coisas novas e interessantes.

Quanto ao seu *curriculum*, e aos primeiros anos em Lisboa, como afirma o organizador de sua obra completa, “surpreende a aparente falta de nexos do percurso escolar, quanto à diversidade das instituições frequentadas e à feição inconclusiva dos estudos encetados em vários países”<sup>145</sup>.

Um pedaço da construção do artigo que viria a compor o testemunho que deu sobre Leonardo, entre o mistério iniciativo e o segredo decifrável, esteve ali durante boa parte do século XX, silenciosamente vibrante em uma revista velha de seu acervo esquecido. Se formos à obra que deu origem ao trecho solto dentro da revista de 1931, encontraremos a singularidade do estudo do exemplar, imiscuindo biografia e gênese. Em **A alegria, a dor e a graça do amor e da morte**, publicado em 1956, estamos diante de uma obra que tem como registro uma suposta doação feita por João Pedro Mendes (já referido acima, amigo, latinista, íntimo do círculo de Eudoro de Sousa nos tempos de Brasília), entretanto, carregando como *ex libris* o nome de outro amigo e parceiro intelectual de Eudoro, o professor português João Ferreira, também ex-professor da UnB. Abaixo de sua caligrafia a data de compra do exemplar: “Porto, 13-IX-56”. Como se não bastasse essa reunião de homens que circularam Eudoro e sua biblioteca, nos deparamos na p. 48 com um traço vertical exatamente ao lado do trecho selecionado para o testemunho que deu na obra sobre o Mestre Leonardo Coimbra. Outras experiências de acesso a bibliotecas particulares que tivemos, junto a pessoas que

---

<sup>144</sup> Considerando a data da morte de L.C. (1936) e os anos das cartas (1943 e 1949) em que Álvaro Ribeiro e José Marinho discutem a obra que viria a ser publicada em 1950, é possível inserir o exemplar da *Revista de Occidente* em uma leitura posterior a 1936 e anterior a 1950.

<sup>145</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p.

conviveram com Eudoro de Sousa, como a de Fernando Bastos, do próprio professor João Ferreira, Eudoro Augusto, Eva Waisros, entre outras, demonstra o trânsito de livros dele para as bibliotecas amigas, como bom orientador de leitura que se tornou. Neste exemplar, o que fazem rabiscados exatamente os trechos que dizem respeito à sua contribuição à memória leonardina? Tudo indica que se trata de um exemplar lido por João Ferreira e J. P. Mendes (ou ambos) após a leitura do texto que Eudoro de Sousa escreveu sobre o Mestre<sup>146</sup>.

A presença de Ortega y Gasset na biblioteca de Eudoro, na reflexão epistolar dos amigos e no acervo geral da UnB não é algo aleatório. Uma obra como **Études Kierkegaardienes**, escrita por Jean Wahl, demonstra a influência da tradução (leia-se, tradição, leitura) francesa, da qual Eudoro e muitos dos seus contemporâneos queriam se libertar. Em 1938, como se nota pela assinatura na folha de rosto, Eudoro G(uerreiro) de Sousa adquiria o exemplar ainda sobrevivente nas estantes da UnB. As anotações marginais à bibliografia que consta no fim do livro reúnem a maciça atenção dada por Eudoro à leitura francesa do autor de **Temor e tremor**, bem como os primeiros interesses pelos livros escritos em língua alemã, sobre o tema.

Antes das leituras que o levariam a um percurso, como ele próprio designaria “germânico”, o aluno Eudoro demonstrava em Lisboa sinais de dispersão profunda. Basta que se veja que:

- a) No ano letivo de 1927-1928 frequentou a 6.<sup>a</sup> classe de Ciências, no Liceu Pedro Nunes, de Lisboa.
- b) Em 14 de Setembro de 1934 requereu admissão à Universidade de Lisboa, cujo exame fez em 22 de outubro seguinte.

Já casado, com 22 anos,

- c) Em 25 de outubro matriculou-se e no dia seguinte inscreveu-se na Faculdade de Ciências em 3 cadeiras.

E aqui se verá, já bem cedo, atestado de seu interesse que mais tarde seria sempre presente na obra filosófica e filológica, a sua relação com outras ciências. Entre as cadeiras cursadas por Eudoro, estiveram:

- Álgebra superior, geometria analítica e trigonometria esférica;
- Geometria descritiva e estereotomia;

---

<sup>146</sup> O livro se encontra no acervo geral da biblioteca da UnB, encontrável pelo nº de chamada 869.0 C652A1. O trecho selecionado por Eudoro de Sousa é antecedido de uma reflexão sobre o mistério, onde possivelmente se pode depositar os primeiros flertes de Eudoro com o tema. À p. 45, um leitor que acreditamos ser o próprio Eudoro, ao lado de um momento em que o autor se questiona: “O que estará dentro do mundo?”, a lápis, encontramos “dentro de Deus?”.

- Química, curso geral.
- d) Em 3 Setembro do ano seguinte (1935) inscreveu-se de novo na primeira dessas três cadeiras e na de Química orgânica.
- e) A 11 de Setembro de 1937 matriculou-se outra vez na Universidade de Lisboa, mas no curso de Ciências Biológicas, inscrevendo-se nas cadeiras de:
  - Matemáticas gerais;
  - Botânica, curso geral;
  - Química orgânica;
  - Desenho aplicado às ciências biológicas.

Não é preciso ser exímio conhecedor do assunto para ver como a falta de rumo explícita terminou por deixar marcas profundas em um estudioso incapaz de assumir a especialização defendida pelas universidades ao longo do século XX. Panorâmico, heterogêneo, interdisciplinar, nosso leitor nunca caberá nos compartimentos que lhe serão oferecidos.



Acima temos uma foto de 1937, aproximadamente o mesmo Eudoro de Sousa da última data que temos de seu *curriculum*. Como bem observou o Amigo que investigou estes dados e nos remeteu, de Lisboa, não há informações sobre o que se deu entre 1928 e 1934, o que nos leva a crer que tenha sido este o período em que esteve no Seminário de *Saint Sulpice*, em Paris, o que nos permite intuir que tenha sido nestes seis anos, entre os 17 e os 23 anos, que tenha buscado a formação religiosa que seu pai biológico tentou lhe deixar.

### *Um Leitor em Heidelberg e algumas prévias*

Na década de 1930 Eudoro de Sousa começa a manter uma relação com Delfim Santos que passa a ter como tema recorrente a Alemanha e sua cultura. Neste momento, Delfim está em Berlim, ocupando um posto de *Leitor* de língua portuguesa. Delfim ocupa este posto de 1937 a 1942. Lá, orientado por Nicolai Hartmann, Delfim Santos elabora sua tese de doutoramento defendida em Portugal.

O mais relevante neste momento é que será neste período que Delfim contribuirá decisivamente para a formação intelectual de Eudoro de Sousa. Quanto à caracterização da

figura de Delfim, devido às condições e objetivos que este trabalho nos impõe, nada mais apropriado que a introdução escrita pelo seu próprio filho, Filipe Delfim Santos, que consta em **Meu caro Delfim... Delfim Santos e o Brasil**<sup>147</sup>.

Tendo sido aluno de Leonardo Coimbra junto com aquela geração da Faculdade de Letras da cidade do Porto, Delfim Santos teve envolvimento com muitos companheiros que, uns mais, outros menos, estiveram em diálogo com Eudoro de Sousa. Entre eles, vale citar os nomes de Álvaro Ribeiro, Sant'anna Dionísio, José Marinho, Aarão Lacerda, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, entre outros, como Aarão Lacerda, importante professor portuense.

Um belíssimo trabalho é feito pelo seu filho, Filipe Delfim Santos, com quem pude me corresponder por algum tempo e com quem estive, em Lisboa, na ocasião do Colóquio de Centenário de Eudoro de Sousa, no Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em 2011. Parte deste trabalho está disponível virtualmente, no site <http://www.delfimsantos.com/>. Além de textos críticos, lançamentos, Filipe Delfim Santos reúne ali um Museu a respeito de seu pai, com referências de estudo, curiosidades, cartas, uma coleção de dedicatórias que Delfim reuniu em sua biblioteca particular etc.

A experiência de Delfim Santos com a Alemanha (e talvez, como veremos, até as suas posições políticas) influenciará Eudoro intensamente. Algumas cartas inéditas<sup>148</sup> mostram sua aproximação à leitura de filósofos alemães. Em fevereiro de 1938, por exemplo, Eudoro escreve de Lisboa:

Continuo atrapalhadíssimo com o alemão de Klages: vejo-me obrigado a traduzi-lo aos farrapos e, ainda assim, mal. Às vezes chego a desesperar muito seriamente. Mas aquilo que já está traduzido é tão prometededor... nessas ocasiões – perdô-me – invejo-o!<sup>149</sup>

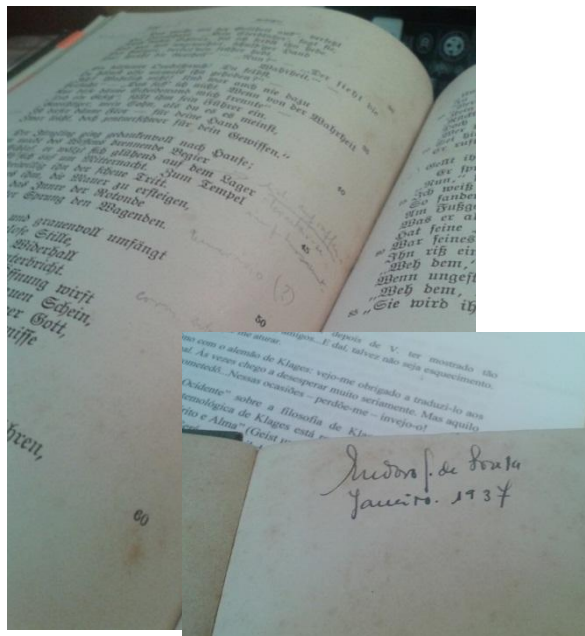
Essa experiência *com a língua* é visível nos exemplares da época, exemplares lidos por Eudoro àquela altura. Nas margens, um sem-número deles registra a aproximação com o idioma, ainda apreendido “aos farrapos”. Uma edição da obra completa de Schiller, comprada em janeiro de 1937, atesta a fluência inicial do alemão, ainda com inúmeras anotações de vocábulos às margens da versão teuta da *Gedichte* schilleriana.

<sup>147</sup> SANTOS, Filipe Delfim (organização, introdução e notas). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, Portugal, 2011.

<sup>148</sup> Em 2011 Filipe Delfim Santos colocou em minhas mãos para transcrição dezenas de cartas entre seu pai e Eudoro de Sousa, do período imediatamente anterior à ida de Eudoro para Heidelberg, sendo muitas trocadas durante o período “germânico” de Eudoro. Doravante, quando citar este material, usarei o termo CI (cartas inéditas).

<sup>149</sup> CI.

Imperioso notar que no mesmo exemplar desta edição, o primeiro volume da obra completa de Schiller, Eudoro anota, a lápis, à margem dos versos alemães, uma versão francesa para um poema de 1785. Quanto a isso, mas a respeito doutro expoente alemão, Eudoro escreve, na mesma carta acima referida: “Comprei há oito dias a ‘filosofia da história’ de Hegel na edição ‘Reclam’. (...) já traduzi a ‘Einleitung’ do du Brunstäd. (...) Também tenho a tradução francesa da ‘filosofia da história’ publicada pela Vrin e é o que me vai auxiliar na tradução do Hegel. E aí está como não há maneira de nos podermos livrar completamente do francês!”<sup>150</sup>. Em diversos livros, como pretendemos apontar no terceiro capítulo deste trabalho, está manifesta a maneira como Eudoro de Sousa foi se apropriando do alemão, fazendo desta língua, bem como da língua grega, instrumentos diuturnos de trabalho e vivência.



Após mais de um ano de silêncio, ao menos pela sequência das cartas que tenho em mãos, Eudoro escreve, de Faro, extremo sul de Portugal, comemorando o convite para ir para a Alemanha<sup>151</sup>: “(...) me pesa um pouco pensar que a minha ciência do alemão não estará à altura das circunstâncias; mas espero que em pouco tempo, *na Alemanha*, falarei o bastante para me fazer entender”<sup>152</sup>. A expressão “aos farrapos” é bem representativa das condições críticas não apenas linguísticas em que sempre viveu, como do cotidiano muitas vezes oprimido pelas condições financeiras. Ainda sobre o alemão, na carta de 30 de maio de 1940, afirma: “Assisto às ‘*Vorlesungen*’ dum tal Brecht que atualmente disserta sôbre Platão. Por enquanto é apenas para habituar o ouvido. Percebo apenas aos farrapos. Já é alguma coisa...”<sup>153</sup>. No primeiro dia de fevereiro do ano de 1940, Delfim já havia explicado a burocracia que levaria Eudoro para Heidelberg, discutindo as maneiras de fazer a viagem<sup>154</sup> e

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> Assim Eudoro se expressa a Delfim, ao receber o convite para estudar em Heidelberg: “(...) sua carta foi como a realização dum sonho, dum sonho sonhado anos a fio. Aceito sem reserva!” (CI). Em outra das transcrições que fiz, Eudoro escreve, em fevereiro de 1940: “Desde que sonhei que, um dia, poderia realizar o meu sonho de conhecer a Alemanha, não tenho sossego, nem penso, nem nada mais há para mim”.

<sup>152</sup> Ibidem, grifo de Eudoro.

<sup>153</sup> Ibidem. Um *curriculum vitae* encontrado durante a pesquisa (J. Domingues), provavelmente elaborado com o auxílio de Fernando Bastos, registra os nomes dos professores que deram aula a Eudoro em Heidelberg: além do já citado Brecht, único ao qual ele faz referência, estão Fehle, Hommel, Pfeiffer, Gundert e Schachermeyer.

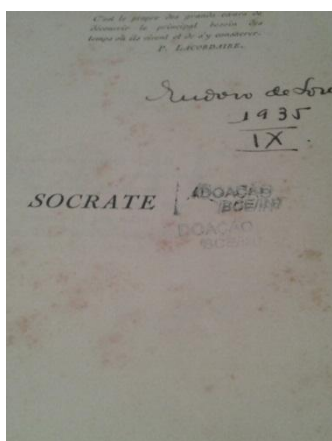
<sup>154</sup> Vale lembrar que a região estava em guerra e apreciar a melhor maneira de viajar (se por terra, mar ou ar) se torna relevante.

acalmado o novo e ansioso “Leitor”: “seu trabalho em Heidelberg não é difícil. Talvez seis horas semanais de lições de português a principiantes. E é tudo.” Eudoro se tornaria “Leitor” numa Escola de Intérpretes em Heidelberg, posto semelhante ao que Delfim sustentou e que, sem dúvida, foi estruturante de suas realizações intelectuais. Ainda sobre a questão da língua, Delfim mais uma vez acalma o amigo: “depois de lá estar algum tempo e de se familiarizar com o alemão é talvez possível arranjar coisa melhor”.

As articulações se dão, majoritariamente orquestradas por Delfim Santos e, em 13 maio de 1940, “estafado de 5 dias de barco, comboio...comoções como a do dia 10”, Eudoro chega em sua meta, conforme carta emocionada que escreve no dia 30 deste mês. Entre seus seis primeiros alunos está Walter Mönch, filólogo e romanista, que teria sido, àquela altura, diretor do Instituto de Intérpretes do qual Eudoro se tornou “Leitor”.

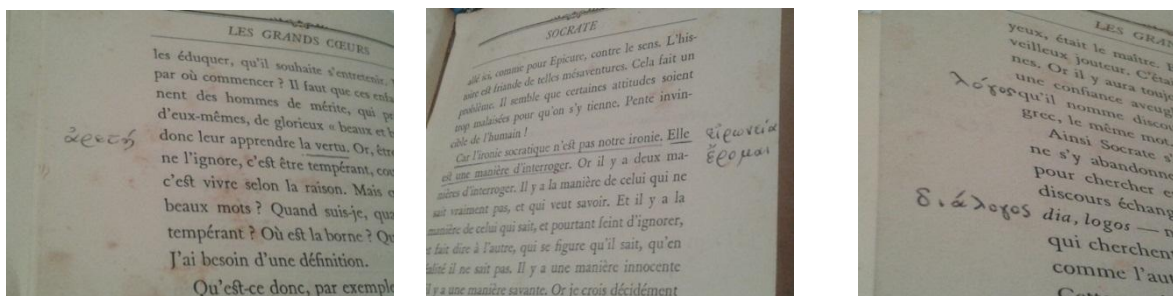
A carta de 30 de maio de 1940 é um dos mais importantes testemunhos da reviravolta que viveria naquele tempo. Como um portal para este novo momento de sua vida, “sonho sonhado anos a fio”, ela registra seu primeiro e expressivo contato com a figura controversa de Mönch, pontua os dois cursos de português que passou a dar (um de iniciação e outro para iniciados), além da conferência semanal que lhe foi imputada, que deveria versar sobre o tema das *Correntes literárias em Portugal, do princípio do S. XIX até os nossos dias*.

Mas há mais. Sem esconder sua hesitação diante da demanda, registra o início dos estudos de grego. A atual investigação em sua biblioteca particular demonstra que data de muito antes, os primeiros contatos com a língua grega.



Um livro como **Socrate**, do filólogo dominicano francês Andre-Jean Festugière, registra a data de 1935. A essa altura, com 24 anos, já se interessando por uma leitura de tradição pagã, mas ainda mediada pela Igreja, rascunha em grego noções basilares do pensamento socrático. Nesta obra publicada em 1934, a margem manuscrita guarda os indícios que precisamos para reconhecer que já dominava aspectos básicos do idioma helênico. ἀρετή, ειρωνεία ἔρομαι, διάλογος e λόγος. Palavras grafadas numa

obra que, por outros sinais, marca as primeiras investidas nos testemunhos e problemas da filosofia antiga.



Na mesma carta que apresentamos, torna-se explícita a relação intensa com as livrarias de Heidelberg, relação que Delfim testemunhou de perto. Sendo um dos únicos amigos, talvez o único, com que Eudoro manteve contato<sup>155</sup>, eles trocam livros, angústias, esperanças e informações sobre o desenvolvimento da guerra, felizes por estarem fora do alcance da “propaganda inimiga” (leia-se, britânica). Diz Eudoro:

O livro que V. me pediu que enviasse, não existia em nenhuma das livrarias de Heidelberg. Encarreguei uma delas de o mandar vir, mas, até agora, ainda não chegou. *Vou lá todos os dias* e dizem-me sempre que deve chegar dum momento para o outro. Logo que chegue lho enviarão<sup>156</sup>.

A avassaladora quantidade de livros que registram este ano, 1940, na folha de rosto, alguns inclusive tendo como local da aquisição a cidade de Heidelberg, é demonstrativa das compras do período. E não apenas isso, anuncia, delineando-se, *o gosto por colecionar* e reunir tal material de estudo, parceiros para uma interlocução rara no momento de solidão profunda que deve ter sido a vivência no III Reich.

Em 31 de junho de 1940, após já ter passado algum tempo de suas primeiras dificuldades, escreve uma carta atualizando o amigo que mediou sua ida a Heidelberg. Felicita-o pelo doutoramento recente, demonstrando, ao comentar sobre seus alunos de Língua e Literatura Portuguesa, a esperança de que possam “compreender e apreciar poesias e, através delas, alguma coisa da alma portuguesa”. Isso como Leitor, como funcionário da Universidade de Heidelberg, uma situação extraordinária. Como aluno, Eudoro está encantado: “como estudante, tenho andado em contínuo deslumbramento de iniciando”.

<sup>155</sup> Segundo o depoimento (baseado na organização das cartas) de Filipe Delfim Santos, Eudoro pedia para que não dissesse a ninguém que estavam se comunicando. Deixando claro que somente para ele estava dando notícias de sua vivência germânica. Rememorando a época em que conviveram em São Paulo, Dora Ferreira da Silva também comenta a pouco material epistolar de Eudoro de Sousa. Fernando Bastos em sua defesa de Doutorado contradiz estas posições.

<sup>156</sup> CI, grifo nosso.



Tal deslumbramento abre espaço a uma reflexão muito relevante na construção crítica e genética das influências primeiras que Eudoro teve, bem como das influências que passou a assimilar, por meio daquilo que o levou a Heidelberg. No meio de uma carta em que abertamente apoia o Nacional Socialismo e a figura política de Hitler, demonstra a distância que foi tomando, que há tempos queria tomar, da influência francófila na intelectualidade portuguesa, dando a nós, hoje, a cartografia de seus interesses filosóficos, estéticos e, sobretudo, para a pesquisa que desenvolvemos, bibliográficos. Deslumbrado, Eudoro confessa:

Como uma vez, sem bem me recorde, lhe dei a entender, o que eu procurava na Alemanha, não era bem aquilo que V. procurou e encontrou. Conforme é minha natureza ou a influências externas (a influência do Álvaro Ribeiro foi, sem dúvida, a mais forte destas influências), entreguei-me, logo que cheguei a Heidelberg, ao estudo da filosofia do Romantismo, principalmente Lud [wig] Klages e, através deste, aos filósofos da natureza e da mitologia. Entre estes, Schelling era inevitável!

Alguns traços biográficos são mais do que caracteres de vida. Neste caso, temos diante de nós um quadro que, apesar de inserir Eudoro no meio alemão, deposita na época de suas tertúlias junto a Álvaro Ribeiro sua influência maior. “Externa”, como ele define, mas talvez aquela que mais lhe fale à “natureza”. O filósofo de **A razão animada** já apontava, em 1936, em carta para Delfim, a dedicação do amigo aos estudos: “O Eudoro de Sousa segue os cursos da Faculdade e lê muito. *Estuda furiosamente a língua alemã, e espera ler no original o Hegel e o Scheler*. Quando? Talvez de daqui a um ano”<sup>157</sup>, e mais à frente enfatiza que “Eudoro, que está um *terrível germanófilo*, passou-me um livro interessante: ***Morales et Religions nouvelles de l’Allemagne***, de Ernest Seillère, livro em que se estuda especialmente a obra de Leopold Ziegler (...)”<sup>158</sup>.

Em 1938, Álvaro comunica a Delfim aquilo que está manifesto na carta acima referida: a predileção pela obra de Klages. Diz: “O Eudoro continua com as mesmas leituras e as mesmas tendências. Creio que lhe escreveu uma carta a agradecer a oferta do ***Eros cosmogonicus***, de Klages”<sup>159</sup>.

Uma investigação cuidadosa dessa influência aponta, convergindo com a pesquisa eudorina, os interesses de Álvaro Ribeiro, maior “influência externa” da busca de Eudoro pela cultura germânica. Encomendando livros (todos alemães), lamentando-se da inexistência dos

<sup>157</sup> RIBEIRO, Álvaro. **Cartas para Delfim Santos (1931-1956)**. Lisboa: Fundação Lusíada, 2001, p. 93, grifo nosso.

<sup>158</sup> Idem, p. 94, grifo nosso.

<sup>159</sup> Ibidem, p. 111, grifo nosso.

textos mais básicos dos filósofos alemães na Biblioteca Nacional de Lisboa, diz Álvaro para o amigo Delfim, em maio de 1939: “Claro que poderia fazer uma grande lista de livros que desejaria ler: todos os românticos me interessam desde Schlegel a Leopold Ziegler”<sup>160</sup>. Quando em janeiro de 1940 Eudoro já estava em Faro, prestes a se mudar, Álvaro Ribeiro havia se lamentado (em carta de junho de 1939), quando relata: “Tenho lido pouco. Não ganho para as despesas domésticas, não posso comprar livros. *As bibliotecas dos amigos não têm livros que me interessem. Perdi muito com a ida do Eudoro para Faro*”<sup>161</sup>.

A carta de junho de 1940 continua, com o vislumbrado leitor fortalecendo seus vínculos com uma pesquisa que lhe abriria o pensamento, sem abandonar o vínculo com a tradição francesa, mas terminando por consolidar o Eudoro que veríamos atuar nos anos seguintes.

Do meu primeiro contacto directo com Schelling, porém, nasceu pela primeira vez o Sentimento de que para seguir aquela via da filosofia romântica era necessário conservar uma certa liberdade em relação com a metafísica que segue vias tradicionais, liberdade que só é possível conseguir, pela sua compreensão. Isto, que pode ser banal, era no entanto qualquer coisa de novo para mim, que até então havia despresado teimosamente, sistematicamente essa metafísica. Por isso, hoje me encontro a braços com a “Crítica da Razão Pura”, diligenciando preparar-me convenientemente para umas próximas preleções sobre Hegel e um seminário sobre a “Fenomenologia do Espírito”<sup>162</sup>.

Todas essas informações, para além do biográfico, dão o caminho a ser trilhado pelo pesquisador que deseja, por meio dos livros, das anotações e, em alguns casos, de manuscritos perdidos entre as páginas de sua biblioteca particular, explorar a construção de seu trabalho publicado. Isto para os que não pensam, como nós, que o trabalho da leitura, a lida com a bibliografia, a construção da própria biblioteca foi, no caso de Eudoro, por si só, uma Obra. Quanto ao período em que estive em Heidelberg, vale considerar o apontamento que Filipe Delfim Santos fez a respeito de ter sido seu pai o único a receber cartas e manter contato com Eudoro. Isso dá o valor intrínseco das cartas inéditas que transcrevemos e a importância de sua utilidade na realização de uma biografia um pouco mais detalhada do que o que comumente se tem.

Apesar disso, da fertilidade que o vasto conjunto de cartas impõe sobre quem as lê, cumpriu-nos o dever de dar ênfase a um aspecto específico deste material: livros. Traçamos assim, a partir de agora, uma curta contribuição à questão dos livros e da biblioteca que nosso

---

<sup>160</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>161</sup> Ibidem, grifo nosso.

<sup>162</sup> Ibidem.

Leitor foi reunindo. Trata-se de um caso no mínimo interessante, por se tratar de um problema gravíssimo por ele enfrentado, além de ser um problema que girou em torno de livros, ou que teve, nos livros, sua desculpa.

Em 1940 Eudoro morava em Heidelberg, para estudos, mas tinha endereço formal em Lisboa, Estrada de Benfica, 77, 2º. Ao final do ano ele precisava voltar a Portugal e dar início a uma tentativa árdua de conseguir dinheiro (geralmente D. Maria Luisa, sua esposa, dava conta financeiramente destas urgências<sup>163</sup>) para estar em casa no final do ano.

Tenho há mais de 15 dias o meu lugar marcado no avião do dia 18, mas por causa das malditas demoras do correio, entre Lisboa e Heidelberg, ainda não chegou aqui (...) o dinheiro que pedi para a viagem. (...) se não aproveito êste avião, não sei quando terei outra ocasião de partir (...)

Eis o que disse, “à pressa”, “desesperado”, “atormentado”, solicitando dinheiro ao amigo Delfim, em 9 de dezembro de 1940. Sete dias antes de seu aniversário, Eudoro já está em Lisboa, agradecendo ao amigo pela ajuda que o fez deixar a Alemanha de maneira tão urgente. Mas o pior estaria por vir. Em fevereiro de 1941 manifesta-se a queixa:

Sr. Eudoro de Sousa:

Comunico-lhe particularmente a queixa contra si apresentada pela Legação. Surpreendeu-me a sua falta de seriedade e de escrúpulos. Evitei que a queixa fosse imediatamente comunicada ao Ministério do Estrangeiro e que fôsse chamado pela polícia portuguesa a prestar contas da sua fraude. Julgo que não reconhece a gravidade da situação que criou. Não tem apelação possível. Esta minha intercessão a seu favor é certamente a última e espero que imediatamente envie o dinheiro que ficou devendo e deposite em meu nome no Banco Espírito Santo a quantia de 140#00 que igualmente me ficou devendo.

Com esta carta terminam as nossas relações (...)

Delfim termina sua carta findando suas relações com Eudoro (relações que viriam a se reatar, como veremos) e o amigo em dívida, uma semana depois, responde:

Doutor Delfim Santos

Compreendo perfeitamente a indignação que a sua carta revela. No entanto ousou pedir como última das últimas indulgências, que atenda ao seguinte:

- 1) Dois ou três dias depois da sua partida julguei antevêr uma possibilidade de voltar a Heidelberg (...). Depois (...)fui atacado duma gripe violentíssima que não consentiu que durante êsse tempo tentasse solucionar uma situação que, nem por sombras, se me afigurava ter a gravidade que a sua carta aponta, porque
- 2) Nunca me julguei – nem hoje me julgo – devedor (...)

<sup>163</sup> Uma carta de uma imobiliária que prestava serviços para a UnB, enviada em meados da década de 1980 (Cf. cap. III) demonstra a problemática financeira do casal, quando na ocasião de aumento do aluguel do apartamento da Colina.

- 3) *Só trouxe para Lisboa os livros incontestavelmente pagos. Os outros estão encaixotados em Heidelberg, no Hotel em que habitei, prontos a serem devolvidos ou vendidos ao livreiro que os forneceu. Hoje mesmo, segue para Heidelberg uma indicação nesse sentido.*

(...) não vejo motivo de ser acusado de burla premeditada (...)

Admitindo o que ele próprio designa como “negligência”, Eudoro fica inteiramente à mercê de Delfim Santos, certo da “morte civil” que esta situação lhe acarretaria. Como de praxe, D. Maria Luisa Macieira de Sousa tenta intervir junto a Delfim, em carta enviada no mesmo dia da resposta acima: “(...) os livros que ele estava devendo encontram-se todos em Heidelberg no hotel onde ele esteve (...)”, escreve D. Maria Luisa sem o conhecimento do marido, acrescentando que torce que tenha ficado desfeita a má impressão que a situação gerou para Eudoro em Heidelberg.

A carta que se segue, como resposta a D. Maria Luisa é de um tom ameaçador. Por um problema que, a nosso ver, parece ter tido os livros apenas como a gota d’água, Delfim ameaça levantar diplomaticamente o problema. “A atitude do seu marido (...) em qualquer parte, não pode ser tão facilmente desculpada, e a minha indignação não era exagerada (...) O desleixo não desculpa nada e até, em muitos casos, agrava as circunstâncias”, responde. Em uma carta tensa, salientando que “a situação pode ser muito grave e não posso nem quero fazer mais nada (...)”, Delfim parece decretar a derrota de Eudoro na Alemanha.

Seu marido não se portou correctamente e iludiu as minhas esperanças. Estragou o seu futuro pelo menos na Alemanha, que poderia ser bem promissor para êle e para a família se êle tivesse clara consciência de sua responsabilidade. O pedido de bolsa que estava no Ministério em Berlim e que, segundo me informaram, ia ter em breve solução favorável, foi já arquivado. Talvez tivesse sido melhor assim. Seu marido talvez não soubesse aproveitar a situação única que lhe foi oferecida não somente para passar algum tempo na Alemanha, mas para garantir, de forma muito superior ao que poderá fazer em Portugal, o seu futuro e o da família.

Em uma resposta imediata, dando conta financeiramente da dívida deixada por Eudoro, D. Maria Luisa não resolve a questão dos livros, sinalizando a seguinte solução:

Acabo de depositar a importância de (...). Quanto ao dinheiro dos livros não envio porque meu marido escreveu para Heidelberg dando ordem para serem vendidos os livros (...). Essa venda deve exceder ou, pelo menos cobrir a dívida do livreiro.

O “triste caso”, nas palavras de D. Maria Luisa, deve ser resolvido de todas as maneiras possíveis. “(...) se o dinheiro da venda não chegar o doutor tenha a bondade de nos comunicar quanto falta”, completa ela, tendo em poucos dias uma resposta em que Delfim Santos especifica centavo por centavo as dívidas de Eudoro em Heidelberg. E esta é a última

carta que tive o prazer de transcrever deste período ainda nebuloso da experiência de Eudoro na Alemanha. Pouco se sabe deste período na sua formação. O que soará, no Brasil, como uma credencial fundamental para sua aceitação na intelectualidade, qual seja, a formação germânica na área em que se tornou singular, àquela altura, em alguns momentos, devido à crise, como vimos, parecer não ter sido uma conquista tão, digamos, formal. O “triste caso” de uma dívida junto a livreiros, lida nestas cartas, deixa visível a fragilidade (apenas formal) de um intelectual que, pouco tempo depois, de sua própria boca, identificar-se-á como um estudioso emancipado das instituições oficiais. Em janeiro de 1949, já dizia ele em entrevista ao periódico português *Diário Popular*:

Sou um autodidacta, quero dizer: não tenho curso universitário e por isso tenho sofrido as consequências que resultam da nossa legislação. Mas é o ensino superior o que fundamentalmente me interessa. Dedico-me, como sabe, ao estudo da cultura helénica, especialmente nos seus aspectos religioso e filosóficos (...)<sup>164</sup>

O que nos fica deste rico e raro depoimento, um dos únicos em que Eudoro fala de si (como se não bastasse a crítica mordaz à própria e simples noção de Faculdade de Letras), é a imagem que ele fazia a seu respeito num momento pouco posterior ao que temos relatado acima. Além disso, o dado biográfico de incompletude e inacabamento de sua formação (de um ponto de vista formal, burocrático), que em nada interferiu em sua inteireza espiritual. Muito pelo contrário, já que parece ter sido este um traço de sua maneira de atuar que sempre o libertou das amarras acadêmicas e das “erudições emburrecedoras”, como costumava se expressar. Em obra prestes a ser publicada, Joaquim Domingues questiona:

(...) este helenista não saiu da universidade portuguesa, nem da alemã, para já não falar da francesa, pois foi essencialmente um autodidacta, alguém que se formou à margem das instituições e programas oficiais, mas não sem mestres e companheiros, de quem recebeu as lições e os exemplos que, apesar de nunca os invocar, estão identificados de forma inequívoca<sup>165</sup>.

A questão que fica é: se ele próprio se designa autodidacta, referindo-se aos problemas legais que esta situação lhe trazia, é de se supor que a qualidade a ele atribuída tinha muito da admiração dos que só o conheceram aqui no Brasil. A impressionante qualidade e competência do helenista e pensador singular foi sempre ladeada pela inconstância e problemática relação com as instituições universitárias, instituições essas que ele tão bem

<sup>164</sup> SOUSA, Eudoro de. **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 358.

<sup>165</sup> DOMINGUES, Joaquim. *O tempo em Eudoro de Sousa*. TEIXEIRA, António Braz, EPIFÂNIO, Renato (Orgs.). **A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa**. Lisboa: Zéfiro, 2015.

criticou ao longo de décadas de dedicação exclusiva, como quando em entrevista, já em Brasília, disse que a universidade só seria boa se não desse diplomas. Ao final da década de 1940, se referindo a esta mesma reportagem, em uma das cartas para Delfim que temos em mãos, Eudoro assim se refere à situação singular da entrevista que deu em janeiro de 1949:

(...) lhe envio um recorte do “Diário Popular”, de janeiro deste ano, com uma “enterview” com este seu amigo e “ilustre helenista”, a quem deram a honra de pedir a opinião sobre os candidatos às últimas eleições presidenciais. Nas linhas “subrayadas” está a razão porque não posso viver aqui: não me deixam trabalhar naquilo em que eu posso dar a medida das minhas forças!

A carta que temos em mãos não tem o anexo, a entrevista encaminhada para o destinatário. Mas é de se esperar que os trechos “subrayados” sejam exatamente aqueles que, na entrevista, levantaram os problemas burocráticos e legais para o exercício de seu melhor. O testemunho denuncia, entretanto, que Eudoro já é, em seu país, apesar dos problemas de títulos, formais, apesar de seu autodidatismo (que no fundo lhe deu sempre a liberdade que o caracterizou), um “ilustre helenista” reconhecido. E reconhecido a ponto de ser chamado para falar sobre política, o que é digno de nota, já que foi assunto que ele sempre tentou tangenciar, na medida em que parece nunca ter cabido nas polaridades vigentes de então.

Numa entrevista única, em que se misturaram reflexões sobre o Estado Novo português e os problemas culturais da época, problemas que, segundo o entrevistador, eram os que importavam ao entrevistado, Eudoro faz uma reflexão que, às vésperas de começar a negociar a vinda para a América, ilumina muito a compreensão que tinha de seu próprio destino. Lamenta:

(...) muitos homens que noutro país seriam aproveitados para se dedicarem a missões altamente significativas para a cultura da Pátria, se encontram servindo em empregos subalternos, forçados a uma dolorosa desistência. Muitos dentre nós sofrem de não poder contribuir para a cultura da Nação com valores que só eles saberiam dar, quando nas funções que exercem, poderiam ser facilmente substituídos por pessoas que manifestam menos interesse pela vida espiritual.

(...)

Estou convencido de que o Estado, se não fosse tão rígido o seu sistema de recrutamento dos valores e se aproveitasse, sem formalismos jurídicos, as vocações existentes, em breve permitiria que a nossa cultura brilhasse entre as primeiras da Europa ou, até, do Mundo<sup>166</sup>.

O mais interessante, para além da extensão desse registro, é que em junho de 1949 Delfim está com um contrato pronto para que Eudoro assine e se mude para a Argentina, mais especificamente Mendoza, onde daria aula na recente Universidade de Cuyo. Em 1944 a

---

<sup>166</sup> Idem.

questão dos livros havia sido resolvida. Em 6 de março Eudoro articula junto a Delfim Santos um encontro na casa de um tal “Dr. Ferdinandy”. A essa altura, já amigos, em condições que as cartas que tenho em mãos não exprimem, o helenista e fiel amigo já havia escrito, em 1945, num tom que sintetiza a gratidão da experiência que Delfim proporcionou na Alemanha:

Agradeço as palavras desmerecidamente elogiosas, com que se refere ao meu trabalho. Se algum mérito têm estas páginas, V. tem grande parte nêle, pois eu não teria podido escrevê-las se não tivesse ido além-Reno, e, se fui, a V. o devo.

(...)

Gostaria de falar consigo, se fosse possível. Antes de publicar o livro que estou em vias de terminar, ser-me-ia grato, ler-lhe o passo mais importante em que esboço uma teoria (talvez nova) da origem da mitologia.

O andamento das cartas demonstra que o texto em que Eudoro está trabalhando e que foi elogiado pelo amigo é, provavelmente, ou o que havia sido publicado na revista *Rumo*, cujo título seria **Origem da poesia e da mitologia no drama ritual**, ou o que havia sido publicado na revista *Litoral*, em 1945, **As núpcias do Céu e da Terra**, ambos na obra que reúne os dispersos eudorinos, trazida à tona pela IN-CM. Vale lembrar que, a essa altura, Eudoro já está de posse da tradução comentada e maciçamente detalhada do que foi uma de suas obras máximas, a **Poética** de Aristóteles.

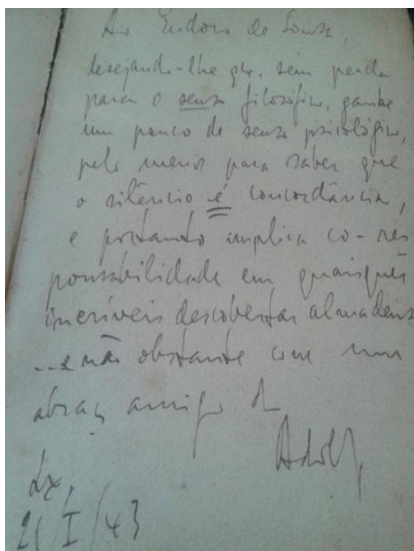
A insatisfação com a conjuntura formal que lhe impede o exercício de sua “vocação” não é apenas o único motivo que fez o “ilustre helenista” rumar a outro litoral, “deixando o Tejo na atitude ritual de quem limpa o pó das sandálias, virando as costas de uma vez por todas cortando os laços com um passado de que lhe não ficaram saudades”<sup>167</sup>. Também a insatisfação dos seus, da comunidade intelectual à qual ele sempre pertenceu, mas como Agostinho da Silva, cheio de reservas e soslaio, pesou no ostracismo ao qual foi condenado.

Vítima de sua grandeza, como tantos, é de se imaginar a recepção que teve o germanizado (aos olhos da influência francófila em Portugal) intelectual que, em prol de sua formação, teve que silenciar a tantos horrores, sendo por exemplo professor do afamado Mönch, para em seguida se posicionar “não à esquerda” do Estado Novo. Exemplo disso, dessa crítica que provavelmente pesou depois de seu retorno à Lisboa, vem registrada na dedicatória que Adolfo Casais Monteiro faz, em sua obra sobre Manuel Bandeira.

Datada de janeiro de 1943, a dedicatória na publicação da coleção “Inquérito” de cadernos culturais, registra:

---

<sup>167</sup> DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 251.



“Ao Eudoro de Sousa,  
Desejando-lhe que, sem perda  
para o senso filosófico, ganhe  
um pouco do senso psicológico,  
pelo menos para saber que  
o silêncio é concordância,  
e portanto implica co-res-  
ponsabilidade (...)”

Depreende-se que, aos olhos de Casais Monteiro, mas provavelmente de vários outros, seja pelo silêncio em relação ao vivido na Alemanha, seja em relação ao que estava sendo vivido em Portugal, Eudoro já vinha sendo criticado por alguma suposta (mas, provavelmente, mal entendida) “concordância” diante de situações e lutas políticas pelas quais ele, como afirma na entrevista ao *Diário* português, pouco se interessava. Quanto ao contexto de Heidelberg na ascensão do nacional socialismo, seria interessante aprofundar-mo-nos na leitura de uma obra como **The Heidelberg Myth: the Nazification and Denazification of a German University**, escrita por Stephen Remy, onde nos aproximamos do contexto vivido por Eudoro, onde tomamos nota do nome de Mönch como um dos articuladores hitleristas mais enfáticos daquela universidade. Em contrapartida, para a reflexão sobre os diferentes graus de “responsabilidade” na situação que envolveu Eudoro em 1940, instrutivo seria cotejar estas linhas com a obra de Karl Jaspers a respeito da “culpabilidade alemã”<sup>168</sup>.

No mesmo ano da dedicatória acima, onde se manifesta alguma diferença “psicológica” (no fundo político-ideológica) entre Eudoro e seus amigos, sua distância também é notada na carta que sua maior “influência externa” escreve a José Marinho. Após uma reflexão sobre a filosofia alemã e sua *Weltanschauung*, Álvaro Ribeiro comenta:

Ora o Eudoro, ultimamente, só tem estudado a *Hélada*, e só por autores alemães. Tem cadernos e cadernos de transcrições, citações e notas com o texto grego à

<sup>168</sup> Refiro-me à obra **El problema de la culpa. Sobre la responsabilidad política de Alemania**. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 1998, cuja primeira edição alemã data de 1945, com reedição francesa em 1948.



*esquerda e a tradução alemã à direita, cadernos que eu vi, e perante os quais desenvolveu as diatribes contra Croisets, Robins, Brehiers, etc, etc.*

Neste momento, o autor de **O problema da filosofia portuguesa** deixa bem nítida parte da exegese eudorina, relatando ao amigo o impacto do contato com o *modus operandi* da leitura deste recém retornado interlocutor. Quem já se debruçou nos livros lidos por Eudoro de Sousa pode imaginar sem dificuldade o caderno aberto com as duas versões do texto clássico, repleto das anotações, contrapontos e questionamentos que se impunha a cada batalha interpretativa. Exatamente deste período estão dois exemplares que constam em nossa biblioteca. Refiro-me a **Vie et mort de Byzance**, de Luis Bréhier e **La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique**, de Léon Robin. Ambos publicados em 1948, tais obras integraram uma conhecida e importante coleção da época, denominada *Bibliothèque de synthèse historique. L'évolution de l'humanité*, dirigida pelo filósofo francês Henri Berr, um espaço novo que teve em seu *curriculum*, por exemplo, as inovadoras contribuições de Marc Bloch e Lucien Febvre, destaques de um novo fazer histórico<sup>169</sup>.

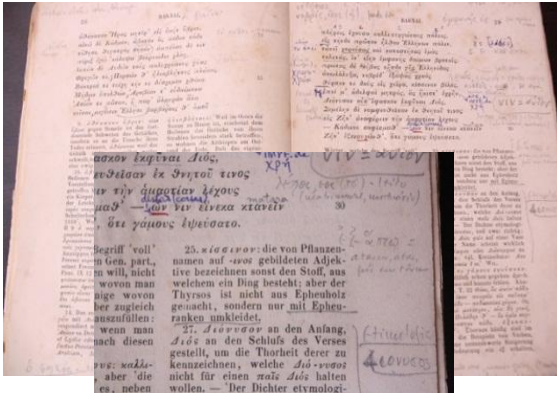
O primeiro exemplar não preserva vestígios diretos da leitura em marginalias e anotações, apesar do recorte da iconografia<sup>170</sup> ao final do livro e do enfraquecimento da encadernação e páginas dobradas denunciarem o manuseio; no segundo exemplar, uma obra que, pelo título, viria mais a calhar com um Leitor que “só tem estudado a Hélada”, podemos encontrar o esperado: anotações exclusivamente nos capítulos referentes a Aristóteles e aos Pré-socráticos, temas aos quais se dedicou por décadas. Em breve veremos quanto foi importante o estudo dos Pré-socráticos na demanda intelectual eudorina. Ambas as obras acima trazem algo que será permanente em Eudoro: o fato de serem edições que ostentam vasta bibliografia metodicamente estudada.

Eudoro procurará sempre edições com esta natureza, um traço provavelmente absorvido da *Weltanschauung* em que esteve imerso anos antes. Alguns livros do espólio particular do helenista, aparentemente intactos, sem anotações, nos surpreendem pela leitura detalhada única e exclusivamente da bibliografia e das notas.

Mas nada mais emblemático deste momento na biografia de Eudoro, bem como para exemplificar a visão que Álvaro Ribeiro compõe do amigo e seus cadernos, do que a edição alemã de **As Bacantes** de Ewald Bruhn, publicada em 1891. Eudoro viria a realizar uma das

<sup>169</sup> Trabalho interessante de reprodução e disponibilização virtual deste material se encontra em [http://translate.googleusercontent.com/translate\\_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=fr&u=http://archive.org/search.php%3Fquery%3Dcreator%253A%2522Berr%252C%2520Henri%252C%25201863-1954%2522&usg=ALkJrhj5X2LPwvGQeoKE0TKLZ3QwlePcng](http://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=fr&u=http://archive.org/search.php%3Fquery%3Dcreator%253A%2522Berr%252C%2520Henri%252C%25201863-1954%2522&usg=ALkJrhj5X2LPwvGQeoKE0TKLZ3QwlePcng).

<sup>170</sup> Percebe-se que Eudoro tinha o hábito de recortar a iconografia de seus livros para estudo específico.



principais traduções da importante tragédia de Eurípedes. Eis abaixo uma das edições utilizadas e que, provavelmente, já estava em suas mãos na data da carta de Álvaro Ribeiro:

O exemplar ao lado registra algo análogo ao descrito pelo amigo. Estamos diante da edição alemã do texto trágico, ladeado pelas repletas

anotações, traduções e estudos do grego. Quanto à “concordância” a que se refere Casais na dedicatória supracitada, é de se lembrar que o mundo helênico dos cadernos e da leitura não conseguiu isolar Eudoro dos problemas mais íntimos e cotidianos com a intelectualidade e o contexto português. Esse talvez tenha sido um dos motivos, entre tantos, que o leva a escrever para Delfim, ansiosamente, em 15 de junho de 1949: “Mande-me o contracto, o mais depressa possível, pois sem ele as autoridades portuguesas e consul da Argentina não me deixam partir”. Aproveitando-se das boas relações Argentina e Alemanha vinham travando antes, durante e depois da Guerra, o amigo mais uma vez começa a interceder para que o Eudoro saia de Lisboa e vá para a América. Em junho de 1949, Delfim escreve para o Dr. Irineu Fernando Cruz, então reitor da Universidade de Cuyo, para discutir o já discutido “caso de Eudoro de Sousa”<sup>171</sup>.

Meu caro reitor:

Venho hoje tratar do caso de que certa noite, depois de (...). Trata-se do meu amigo Eudoro de Sousa, helenista por dedicação amorosa e com reais e já provadas afirmações de sua competência. Eudoro de Sousa ficou encantado com a descrição que lhe fiz da sua jovem mas já célebre universidade e está resolvido, se o meu caro reitor quiser utilizar os seus serviços, a transportar-se *com família e biblioteca* para Mendoza. Aqui não tem lugar vago nas nossas universidades (apenas em duas se cultivam os estudos clássicos) e também não querem enveredar por outros caminhos que não sejam o da sua especialização. Eudoro de Sousa, *preparou-se com boas notas em Heidelberg e é categoricamente competente para tratar da história e da fenomenologia da religião grega, da mitologia e da filosofia helênicas*. Conhecedor profundo dos tratados dos grandes especialistas da hora presente sobre este assunto e das obras gregas sobre tais temas, parece-me sua, meu caro Reitor, uma boa aquisição para o corpo docente da Univ. de Cuyo. Ferdinandy conhece-o muito bem e pode fornecer-lhe informações complementares e mostrar-lhe as suas publicações e até o curriculum que já em 1947 lhe enviou. A bibliografia de Eudoro de Sousa é, deve ser assim considerada, uma promessa de trabalhos futuros que a sua vida profissional não permitiu que desenvolvesse pelo motivo, já acima apontado, de estarem preenchidos os quadros de professores das nossas universidades e sua especialização. Mas creio que sobre isto ninguém melhor do que o meu caro reitor para julgar uma vez que lhe sejam apresentados os respectivos trabalhos em poder do Prof. Ferdinandy. Em 1947 Eudoro de Sousa não pode decidir-se a partir para Argentina por motivo da sua vida particular, motivos que já não existem mais. A

<sup>171</sup> Já em 1947 Eudoro teria tentado, sem sucesso, “por motivo de sua vida particular”, transferir-se para a Argentina.

esperança de ficar em Portugal como professor universitário não é provável e por essa razão deseja ele (...) emigrar (...).

A carta nos dá muitos insumos para compreensão da vida e da obra do exímio helenista. Expõe, por exemplo, a contradição (pura e simplesmente formal, diga-se de passagem) de um *curriculum* que era eivado de um autodidatismo (“dedicação amorosa”?) que o prejudicava em Portugal, mas que chegava na América com categórica competência e boas notas, algo típico da provinciana cultura latino-americana que ainda hoje avaliza e legitima absolutamente tudo aquilo que vem de fora com o selo de qualidade do estrangeiro. A carta desperta também a nossa curiosidade para o que quer que tenha acontecido em 1947, quando pela primeira vez há uma tentativa de sair da Europa. E o mais importante, além da irrestrita influência e apoio de Delfim ao caminho seguido pelo amigo, a referência ao transporte “com família e biblioteca”.

Eudoro já tinha ao seu lado boa parte da biblioteca que viria a integrar ao menos três universidades brasileiras. Por pouco tal biblioteca, mote de nosso trabalho, não foi alocada (e talvez integralmente conservada?) em terras argentinas. Diante da cultura livresca que tem Buenos Aires, diante do fato de ter sido a Universidade de Cuyo criada em 1939, ou seja ávida de novas perspectivas e contribuições, não é impossível que a biblioteca de Eudoro de Sousa tivesse sido cuidada e melhor salvaguardada do que o destino que terminou por ter no Brasil.

Tematicamente, seu padrinho também dá o tom do que, para ele, Delfim, era latente em sua formação naquele momento: “história e fenomenologia da religião grega, da mitologia e da filosofia helênicas”. Esta linha é mais do que uma sugestão de disciplinas a serem dadas pelo possível futuro professor de Cuyo. Elas marcam a antevisão, uma síntese delfiniana do núcleo essencial daquele Eudoro que, se não era nem de perto o que saiu de Faro para Heidelberg, mesmo não sendo aquele que amadureceria no Brasil, preserva algo do jovem que usava o pseudônimo de Ernesto nas tertúlias dos cafés lisboetas.

Duas semanas após indicação detalhada para um cargo de professor na Universidade argentina, o próprio candidato escreve ao amigo Ferdinandy, sofregamente, tentando desfazer as más impressões que ficaram de uma carta que D. Maria Luisa teria escrito. Solicitando “o mais brevemente possível as condições do contracto”, Eudoro enfatiza: “Seja como fôr, peço-lhe que reflita nisto: *eu não posso viver aqui e V. dá-me a última esperança de melhor vida. Se lhe digo que cheguei a pensar no suicídio...*”. Em um tom dramático que ainda é para mim incompreensível, após a morte de um filho, diante do desespero de não conseguir realizar sua vocação espiritual, “ansiosamente à espera de uma decisão que mudará

o rumo da minha vida”, afirma ele próprio, sinalizando seus interesses, provavelmente colhidos além-Reno, dizendo:

Diga a seu Reitor que estou pronto a reger, em qualquer momento, um curso sobre língua, literatura, religião, filosofia da Grécia Antiga, ou, se não querem nada com os gregos, sobre a filosofia do romantismo e do idealismo alemão, ou sobre história geral ou fenomenologia das religiões<sup>172</sup>.

Bem mais completa que a síntese feita por Delfim, Eudoro termina sua carta solicitando o que para nós, mais uma vez, chama a atenção: “Lembre-se, ainda quanto ao contracto, que vou com a família: mulher e três filhos (...) e que *devo ir por mar porque tenho que levar a minha biblioteca*”.

Na carta em que Ribeiro e Marinho falam dele, um parágrafo explicita uma crise ainda a ser desvelada, mas intuitivamente interpretável por nós: “A pouco e pouco vai o Eudoro readquirindo os hábitos de estudos e de conversação; mas poucas vezes aparece nos cafés conhecidos, porque se irrita com os comentários às notícias dos jornais”. O temperamento já delineando-se, por demais irritável, convergente com um momento de crise que abateu inclusive os estudos.

Em setembro de 1949, os dois discípulos de Leonardo Coimbra comentam, cientes das intenções do amigo: “O Eudoro resolveu escrever em espanhol uma série de ensaios, que tem enviado periodicamente para a Argentina, na esperança de constituir um livro sobre mitologia. Mais tarde saberemos qual será o procedimento da Universidade de Cuyo”. Pela bibliografia ativa estabelecida pelo professor J. Domingues, trata-se de uma série que não teve sequência, haja vista a velada razão (supostamente “familiar”) do insucesso de Eudoro na tentativa de mudar para Mendoza. Apenas dois textos da “série” foram publicados em Mendoza, nos *Anales de Arqueología y Etnología. El papel de los mitos matriarcales en la religión griega* (1948) e *Mitología y ritual* (1949), ambos foram posteriormente incluídas, com alterações, na seleção de ensaios que se tornou a obra **Dioniso em Creta e outros ensaios**. Um caminho que, à luz dos amigos, já rumavam para mares insólitos, como quando Álvaro escreve a Marinho, após uma reflexão sobre Bergson:

(...) De aí, não me poder entender com o Eudoro que, segundo diz, cada vez se interessa menos pela mitologia e mais pela ritologia. O corpo cumpre os ritos, a

<sup>172</sup> Eudoro aqui acrescenta uma nota que vem abaixo do p.s. da carta, onde especifica: “Mas, o que prefiro, e onde poderei prestar melhores serviços, é um curso sobre mitologia, religião e filosofia da Grécia Antiga”. As atas do Primeiro Congresso Nacional de Filosofia, que quase contou com a presença de Eudoro de Sousa e, pela documentação, atesta a fertilidade potencial de sua chegada à Argentina, se as coisas tivessem dado certo lá, estão disponíveis em: <http://www.filosofia.org/mfb/1949arg.htm>.

alma cala-se, o espírito está ausente. Nessa sobrevalorização do corpo, onde o apolinismo, onde o dionisismo? Haverá, propriamente, tragédia?

Pondo de lado o sentido impenetrável da incompreensão de Álvaro Ribeiro, um amigo influente que, por ter sido uma das origens da vontade de Eudoro ir estudar na Alemanha, teria tudo para entender suas opções, o traçado dessa biografia nos leva à compreensão do que viria a ser, muito provavelmente o livro que lança em 1973. Estaria Eudoro falando do que se tornou **Dioniso em Creta e outros ensaios** quando, em carta a Delfim de meados dos anos 1940, dizia: “Gostaria de falar consigo, se fosse possível. Antes de publicar o livro que estou em vias de terminar, ser-me-ia grato, ler-lhe o passo mais importante em que esboço uma teoria (talvez nova) da origem da mitologia”? Qual ensaio, especificamente Eudoro tinha em mente quando se referiu ao trabalho como publicável, ele que demorava tanto para dar talho final a seus escritos, ele que tão pouco se referia à sua obra dessa maneira?

De fato ele atravessaria o Atlântico em busca da América, por mar, com família e biblioteca. Mas apenas quatro anos depois das infelizes articulações em Cuyo, e para desembarcar em São Paulo.

### *Um grupo de São Paulo*

*O itinerário do pensamento de um filósofo não é algo que possa ser explicado.*  
Dora Ferreira da Silva



Difícil e, no mínimo, constrangedor situar a chegada de Eudoro de Sousa no Brasil depois de a professora Constança Marcondes César ter escrito **O Grupo de São Paulo**, abordando de maneira tão profunda o contexto de sua recepção. O termo que dá título ao livro, como a professora explica, foi cunhado por duas personalidades que tivemos a honra de conhecer e dialogar<sup>173</sup>, personalidades que, sob tal designação, reúnem o que acreditam ser os “mestres fundadores do actual pensamento brasileiro”. Estamos falando de Vicente Ferreira da Silva, Dora Ferreira da Silva, Agostinho da Silva e Miguel Reale. É

<sup>173</sup> Refiro-me ao professor António Braz Teixeira, com o qual pude conversar na ocasião em que estivemos juntos para a realização do Colóquio de Centenário de Eudoro de Sousa, em 2011; e ao professor António Paim, com o qual pude contar de maneira enriquecedora na oportunidade em que organizamos, na UnB, as comemorações de nascimento de Eudoro de Sousa.

principalmente a estas personalidades que Eudoro irá se juntar em São Paulo, especialmente Vicente. De Agostinho, tudo indica, irá se aproximar, definitivamente, em Santa Catarina.

Foi em Vicente Ferreira da Silva que o recém-chegado português encontrou os braços mais acolhedores. Este relacionamento marcará profundamente a personalidade eudorina, na medida em que o carisma agregador de Vicente tinha, além de tudo que o circulava, uma perspectiva muito afim à percepção que Eudoro trazia de além-mar. Dado ao idealismo romântico e ao existencialismo heideggeriano, Vicente muito cedo viu o brilho do novo integrante do grupo.

Como esclarece a professora Constança, Vicente foi “director da revista *Diálogo*, membro do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) e da revista *Convivium*, deles participando como membro fundador”<sup>174</sup>. Eudoro integrará o Instituto e contribuirá na Revista do IBF, e em *Diálogo* como veremos, mas é preciso entender que VFS era como que um “ponto central” do Grupo, tendo fundado, ainda em meados da década de 1940, o Colégio Livre de Estudos Superiores que contava com contribuições de intelectuais tais como Oswald de Andrade, Antonio Candido, Renato Cirell Czerna, entre outros<sup>175</sup>.

Nesta mesma década, e com o apoio também de Vicente, o jurista Miguel Reale fundará o Instituto Brasileiro de Filosofia e sua respectiva revista, um espaço que, como comenta a autora de **Filosofia da Cultura Grega**, “promoveu os primeiros cursos, conferências, congressos nacionais e internacionais de filosofia entre nós”<sup>176</sup>. A obra da professora Constança, além de citar de maneira ampla os nomes das genialidades que frequentavam essas inaugurais instituições, filia Agostinho, Eudoro e Delfim, todos envolvidos pela figura incomum de VFS. Diz a professora:

É deste período o diálogo de Vicente com os pensadores portugueses Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e Delfim Santos.  
O pólo deste diálogo é a recuperação dos mitos gregos nas perspectivas de Eliade, Kerényi, W. Otto. É a busca de nossa mais profunda raiz espiritual, a tradição grega, que marca o ponto de encontro desses autores<sup>177</sup>.

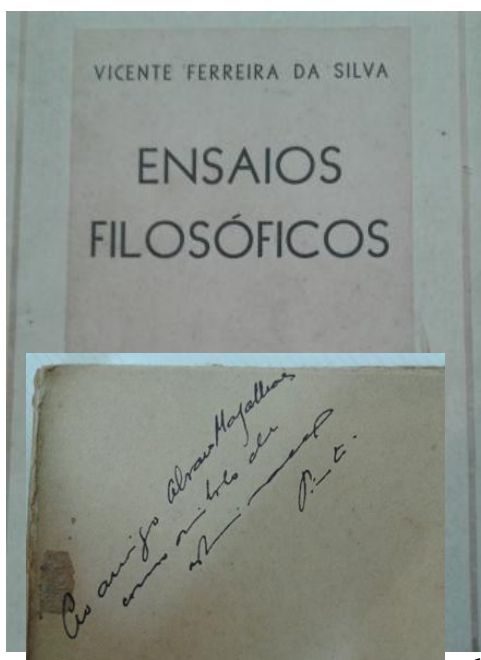
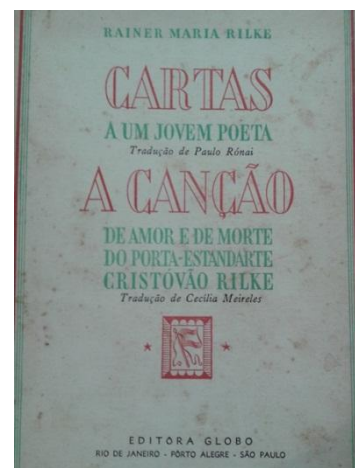
<sup>174</sup> CÉSAR, C. M. **O Grupo de São Paulo**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 10.

<sup>175</sup> Idem, p. 11.

<sup>176</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>177</sup> Ibidem.

Um dos símbolos dessa convergência entre Agostinho, Eudoro e Vicente, por exemplo, como afirma a professora, é a tradução da obra de R. M. Rilke, **Sete cartas a um jovem poeta**, cuja primeira edição data exatamente do ano de 1953, incluída entre as obras das quais Eudoro tinha um exemplar que foi preservado ao longo destes anos<sup>178</sup>. Símbolo poético, é bem verdade, como



forma *sui generis* do pensar, fundamento da existência.

Outro exemplo desse período é o **Ensaaios Filosóficos** que pertenceu a Eudoro de Sousa, provavelmente adquirido no período de sua chegada em São Paulo. Dedicado a um amigo comum, Álvaro Magalhães, a segunda obra de Vicente Ferreira Silva (1948) trata dos mesmos assuntos sobre os quais o português vinha se debruçando: a poesia de Novalis, a filosofia de Heráclito, ou a natureza da arte, “desinteressada e gratuita”, na leitura que Vicente faz de Schiller, Huizinga, Ortega y Gasset, entre outros.

As relações entre as teses e percepções de Eudoro e Vicente são descritas, nos termos de suas semelhanças, no livro da professora Constança<sup>179</sup>, bem como em seu: **Vicente Ferreira da Silva: trajetória intelectual e contribuição filosófica**<sup>180</sup>. Bebendo das mesmas fontes, veremos aí uma amizade encantadora e que, apesar do pouco tempo de vivência (Vicente morre num trágico acidente de carro em 1963) marcará profundamente Eudoro de Sousa. Basta que nos lembremos de que uma das obras de Eudoro de Sousa, **Horizonte e Complementariedade** (1975) foi dedicada à *memória de Vicente Ferreira da Silva*. Quando investigamos sua vida quando jovem, ainda no Ginásio de São Bento, em São Paulo, quando estudava junto com Milton Vargas, também grande amigo de Eudoro, vemos que estes jovens

<sup>178</sup> Vale lembrar que a poetisa e pensadora Dora Ferreira da Silva, que se tornou amiga de Eudoro e era companheira de Vicente, era especialmente dedicada à tradução da poesia romântica que embalava o “grupo”.

<sup>179</sup> Ibidem, p. 20, para análise das fontes comuns entre ambos, bem como da essência comum de duas filosofias que, entre outros aspectos comuns, tinham a poesia como desveladora da verdade e da origem. No mesmo ensaio (p. 24) a professora aponta para a “valorização do cristianismo” *versus* a proposta de um “neopaganismo” como uma das disparidades entre Eudoro e Vicente.

<sup>180</sup> Trata-se da tese apresentada para obtenção do título de Livre-Docência em Filosofia na PUC-Campinas, 1980.

críticos da *Semana de 22* eram leitores de Nietzsche e da Revista de Occidente, no início da década de 1930, mesmas leituras e no mesmo período em que o círculo de Eudoro questionava a francofilia portuguesa com a introdução do pensamento alemão por meio de Ortega y Gasset. Esta congruência de dois grupos distintos, com as mesmas referências, provavelmente deu vazão à amizade destes intelectuais.

Em 23 de julho de 1953 Eudoro já está em São Paulo. Assim VFS se expressa a DS sobre o fato de sua chegada:

Recebemos com grande alegria o amigo Eudoro. Já se tornou entre nós uma figura indispensável. É uma pessoa de apreciável cultura e de grande seriedade de espírito. Contrasta com a nossa superficialidade e frivolidade cultural e com a farsa em muitos atos que no Brasil se denomina cultura. Estamos entretanto encontrando uma certa dificuldade em descobrir uma inserção econômica digna dos méritos do prof. Eudoro. Estou convencido que o prof. Reale acertará com uma fórmula satisfatória, podendo assim o helenista permanecer nestas terras<sup>181</sup>.

A obra sobre a presença de Delfim Santos neste período da história intelectual brasileira reserva-nos várias surpresas, envolvendo inúmeras personalidades. Na reunião de cartas que temos em mãos, há o registro de umas das primeiras missivas que Eudoro escreve para o amigo, em junho de 1953, comentando da amizade como Milton Vargas, físico e filósofo, duplicidade que sem dúvida muito envolveu Eudoro de Sousa. Nesta mesma carta fala sobre o amigo comum, o escritor e poeta Jorge de Sena, que viria a, a convite de Antônio Soares Amora, se tornar professor da USP.

Amigos próximos, como testemunha a poetisa Dora Ferreira da Silva<sup>182</sup>, Eudoro assim fecha uma de suas poucas cartas redigidas a ela: “Cumprimentos e um grande abraço do Vicente Ferreira da Silva, que está aqui junto de mim no momento em que lhe escrevo”<sup>183</sup>.

Em 1954, após um período inexplicável de silêncio na correspondência, Vicente escreve a Delfim uma declaração que dá uma dimensão da sincronia que houve entre o contexto de São Paulo e a chegada de Eudoro. Eis o que diz Vicente, para em seguida se dar a discutir Heidegger e propor a existência de uma “frente única anticristã” dentro do “Grupo”:

O amigo Eudoro que vocês nos remeteu é uma grande figura, uma pessoa verdadeiramente lançada para as grandes coisas do espírito. Portugal tem nele o seu mais excelso representante entre nós. É incrível que ele não tenha conseguido se inserir na vida universitária da Península. Apesar de Eudoro não ser aparentemente uma personalidade brilhante ou um homem de palavra fácil e enxudiosa, é uma

<sup>181</sup> SANTOS. Filipe Delfim (org.). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 2011, p. 135.

<sup>182</sup> Cf. entrevista em <http://www.revista.agulha.nom.br/ag36silva.htm>.

<sup>183</sup> SANTOS. Filipe Delfim (org.). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 2011, p. 136.



pensador sério e um sabedor de coisas como poucos. Integrou-se em nossa tertúlia filosófica e já está ensinando em duas Faculdades de Filosofia.

Em “que você nos remeteu” podemos subtrair a nova dívida que Eudoro tem para com Delfim, dívida que em nada dispensa as qualidades únicas reconhecidas pelo círculo de VFS. Digno de observar é a consciência de Vicente a respeito da derrota que foi Portugal não ter conseguido alocar em seu quadro uma figura como Eudoro. As informações sobre o ingresso na “tertúlia filosófica” e nas “duas Faculdades de Filosofia” são a prestação de contas de que nosso emigrado já está imerso nas conversações e na vivência filosófica de um espaço rapidamente conquistado, bem como, do ponto de vista formal e burocrático, entregue a uma instituição onde está podendo colher os frutos de sua formação.

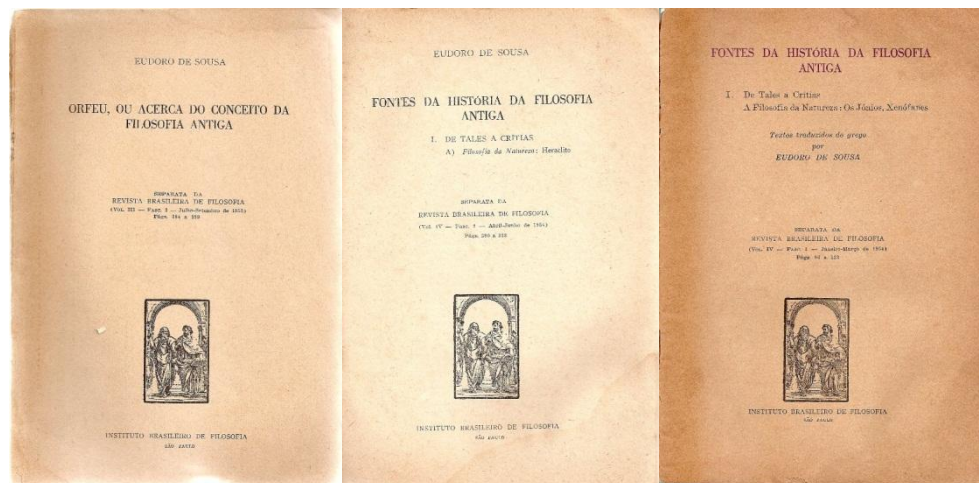
Sobre esse capítulo crucial da vida de Eudoro, um dado formal ilumina muito sobre a ligação entre a capacitação na Alemanha e o trabalho que fazia de 1953 em diante: a tradução dos *fragmentos dos Pré-socráticos*. Isso porque o então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o médico Paulo Sawaya, contato que Delfim utilizou para apresentar Eudoro, é o primeiro a receber as informações sobre o helenista que estava se candidatando a uma bolsa naquela universidade. A carta de Delfim em 1952 é direta e objetiva:

Exmo Sr.,  
Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que o Sr. Eudoro de Souza, candidato a uma bolsa de estudo dessa universidade, é um estudioso e investigador de grande mérito nos domínios da cultura grega, possui qualidades pessoais de convivência e colaboração que o tornam digno do ingresso em qualquer corporação científica, como já comprovou quando leitor na Universidade de Heidelberg e agora no Centro de Estudos Filológicos da Universidade de Lisboa. Quanto à capacidade intelectual aprez-me afirmar, para além da sua competência reconhecida nos trabalhos já publicados, que prepara por sugestão minha a tradução dos **Fragmentos dos Pré-Socráticos** compilados por Diehls, tarefa em que se tem empenhado superiormente. Por tudo isto, e ainda pelo conhecimento pessoalmente relativamente à sua conduta e caráter, é meu parecer que é altamente digno da bolsa que requereu<sup>184</sup>.

O pequeno registro acima não é apenas prova de que os juízos sobre as pessoas andam de acordo com os ventos, podendo mudar da água para o vinho. Sem querer entrar nesta seara, vale muito mais enfatizar algo que será útil quando estivermos diante da construção que Eudoro deu ao seu trabalho sobre os pré-socráticos, no terceiro capítulo. O que podemos adiantar é que Delfim Santos foi a mola propulsora deste trabalho. Traduzir do grego os filósofos da natureza foi a carta de entrada de Eudoro de Sousa no Brasil. Não

<sup>184</sup> SANTOS. Filipe Delfim (org.). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 2011, p. 117.

coincidentemente a revista do Instituto Brasileiro de Filosofia, pouco tempo depois de sua chegada, publica, em *Separata*, o que fazemos questão de reproduzir abaixo:



Com estas feições Eudoro de Sousa viu impresso um trabalho hercúleo de reunião de doxografia, testemunhos e fragmentos dos pré-socráticos. Por orientação de Delfim este trabalho foi trazido à pena instantes antes de sua chegada a São Paulo. É de se esperar que fosse algo ruminado ao longo de seu ostracismo pós-Heidelberg. O primeiro, de 1953, viria a integrar, com alterações, o último ensaio de **Dioniso em Creta e outros ensaios**, publicado vinte anos depois. Os dois seguintes, registrando a data de 1954, sobre Heráclito e sobre os filósofos da Jônia, respectivamente, integraram uma série que viria a se tornar uma das produções mais estimadas por Eudoro. Tais trabalhos que abriram suas portas no Brasil eram os temas aos quais ele mais se dedicou e um dos assuntos que mais o estimulava ao final de sua vida, sem muitos interlocutores, em um esquecido apartamento do bloco “D” da Colina Velha, na Universidade de Brasília, que ainda viria a ser criada. Com as portas abertas, Eudoro pode enfim comemorar sua nova condição.

Em carta de 18 de maio de 1954, após cumprir demandas oficiais advindas de Miguel Reale, Eudoro se encaminha para um parágrafo “particular” da carta, onde confessa:

(...) muito teria que relatar acerca da minha vinda no Brasil, de há mais de um ano para cá. Sei que V., com mãos cheias de razão, está indignado com o meu silêncio, e outro tanto sucederá decerto com os nossos amigos, que só indiretamente receberam notícias minhas. Quando V. cá chegar, em agosto, tentarei apresentar as *atenuantes*. Talvez então V. reveja o *processo* e pronuncie outra *sentença*. Por hoje digo-lhe apenas que desde junho do ano passado, todos os minutos foram poucos para conquistar o *meio*. Parece-me que em parte consegui o que desejava, mas isso à custa de muitos sacrifícios e de trabalhos sem fim. É claro que V. dirá, mais uma vez, que eu sou um homem de sorte. Mas se a sorte se lembra de mim é porque, na verdade, eu a provoquei. Em suma, hoje sou professor contratado de duas faculdades

de filosofia da Universidade Católica, mas ainda não professor de Grego, e esse é o meu objetivo. Não desistirei enquanto não o obtiver. Imagine V. que tive, desde meados do ano fundo, de aceitar a regência das cadeiras de Literatura Portuguesa e Filologia Românica! V. calculará o trabalho imenso que tive, desde então, para que os alunos não sentissem que eu, poucos dias antes da primeira aula, nem sequer uma página de filologia românica havia lido até então!... As únicas aulas que dou com verdadeiro prazer são algumas de Grego (a título de assistente, na Faculdade de S. Bento, aqui em S. Paulo) e as de Introdução à Filosofia Grega, no Instituto Brasileiro de Filosofia<sup>185</sup>.

É no mínimo heroico o modo como Eudoro deu a volta por cima na condição deplorável que parece ter vivido, ao menos do ponto de vista emocional, até que pudesse escrever uma tal carta. Os trechos grifados no original, sem dúvida, dialogam, intertextualmente, com o julgamento implacável que, no “triste caso” dos livros, Delfim desferiu ao amigo. Eudoro está prestes a apresentar uma comunicação no Congresso Internacional de Filosofia, à guisa de comemoração do IV Centenário de São Paulo. Sua intenção, também expressa na carta, gérmen de boa parte do núcleo do seu pensamento, era apresentar uma reflexão sobre a *Teologia dos Pré-socráticos* que acabou saindo, nos parece, com o título *Prolegômenos a uma filosofia da religião pré-helênica*.

A carta nos oferece ainda, no seu parágrafo final, uma imagem que em muito contribui para definir a amizade que se abria em São Paulo, assim como aquilo que findava em relação ao velho mundo. Diz:

Eu e o Vicente Ferreira da Silva estamos ansiosos pela sua vinda. Já estamos antegozando as noites que passaremos em casa dele (Vicente) em conversa sobre os problemas que nos preocupam. O Vicente é o homem com quem encontrei mais afinidades, - sintonizamos perfeitamente! (...) Por hoje nada mais me ocorre dizer-lhe. (Peço-lhe que não comunique a nenhuma dos nossos amigos a recepção da minha carta, para que eles não fiquem mais melindrados ainda. Não conto poder escrever a mais ninguém (...)).

Sem tempo para escrever aos amigos, com exceção a Delfim, sem o hábito de escrever cartas, como afirma Dora Ferreira da Silva, Eudoro vai aos poucos se dedicando ao resultado de seus esforços, à vida intelectual paulista. Numa ou noutra carta, lamenta a impossibilidade de Delfim não poder se mudar também para o Brasil, solicita ao amigo que traga batons para D. Maria Luisa e é tudo. Na coletânea de cartas reunidas e publicadas pelo filho de Delfim Santos, a carta 95 sela o fim da vivência de Eudoro em São Paulo, lugar que, ainda segunda Dora, ele vez em quando voltaria para visitar. Em 1955, possivelmente no mês de maio, Vicente escreve a Delfim uma carta “de constranger o coração”<sup>186</sup>:

<sup>185</sup> SANTOS. Filipe Delfim (org.). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 2011, p. 150.

<sup>186</sup> SANTOS. Filipe Delfim (org.). **Delfim Santos e o Brasil**. Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 2011, p. 175.

O nosso comum amigo Eudoro de Souza não conseguiu se manter em S. Paulo, devido a dificuldades financeiras, e teve que zarpar para uma pequena cidade – Florianópolis. Estamos muito tristes, eu e os amigos, com a partida de Eudoro. A situação do Brasil agora é de constranger o coração, é mais do que decadência, esfacelamento ou desagregação, é uma coisa que só poderia se descrita em ermos ovidianos, como a transformação de um ser em abóbora<sup>187</sup>.

Cessam-se aí as referências a Eudoro de Sousa na correspondência do grupo. Esta foi a última carta que Vicente Ferreira da Silva escreveu a Delfim. Em julho de 1963, um acidente de carro separaria definitivamente amigos que a paulicéia desvairada distanciou. Antes, porém, no início do ano de 1958, Milton Vargas lamenta-se junto a Delfim: “Perdi também o



contato com (...) o Eudoro e o Agostinho (...) parece-me, mergulharam na calma de Florianópolis e não querem saber mais dessa vibratidade forçada de São Paulo”<sup>188</sup>.

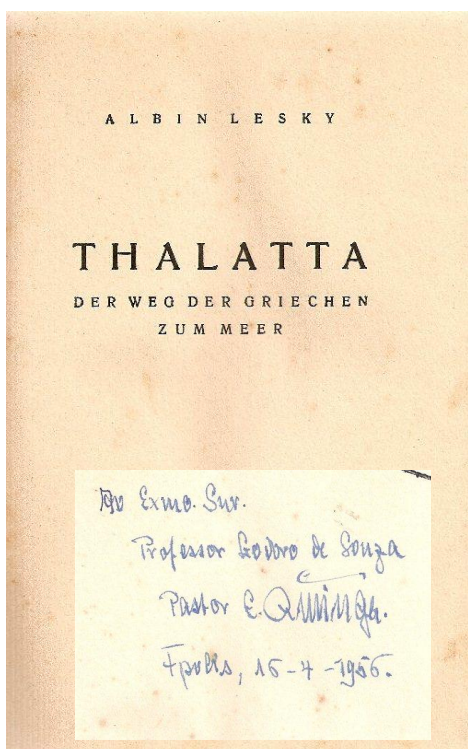
Estes são apenas alguns dos elementos que o conjunto de cartas dispõe. Ainda está por ser feito um trabalho que construa uma interpretação da obra desta geração por meio de algo mais que aquilo que foi publicado. Tanto a biblioteca particular, como o conteúdo pulsante dos diálogos da época, compõem mais do que um conjunto histórico, cronológico. Reunir os elementos da obra fora do texto, para além do que se tornou “obra”, é abrir um leque de leituras que fundamentaram a produção intelectual de um sujeito, é penetrar, desvelando aos poucos os enigmas de sua mais íntima contribuição.

Em meados da década de 1950 Eudoro se muda para Santa Catarina, com D. Maria Luisa e seus três filhos. Poucos documentos falam deste período, bem como mínimos acessos tivemos a pessoas que viveram com Eudoro neste momento, ou teriam alguma notícia a dar desta curta fase de sua vida. É fato que Agostinho da Silva contribuiu na vida universitária catarinense. Mas seu caminho se direcionou à Bahia, onde se doou de maneira singularíssima para a vida intelectual daquela universidade.

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Idem, p. 193.

Quanto a Eudoro, em setembro de 2004, o IV Encontro Catarinense de Filosofia convidou Ordep Serra e Reginaldo Gontijo para falarem sobre a vida, a obra e o legado do professor fundador daquela Universidade. Em visita recente à cidade de Florianópolis, pude identificar *in locu* que lá também Eudoro é um quase anônimo. Alguns professores, dos mais velhos, têm alguma notícia sobre Eudoro. O pouco período no sul do Brasil não deixou de marcar profundamente a intelectualidade e a sua própria trajetória. Nessa fase se radicam alguns importantes escritos como, por exemplo, o que saiu sob o título de *A escrita cretense, língua micênica e grego homérico* (1955), resultado notável do esforço de um homem que

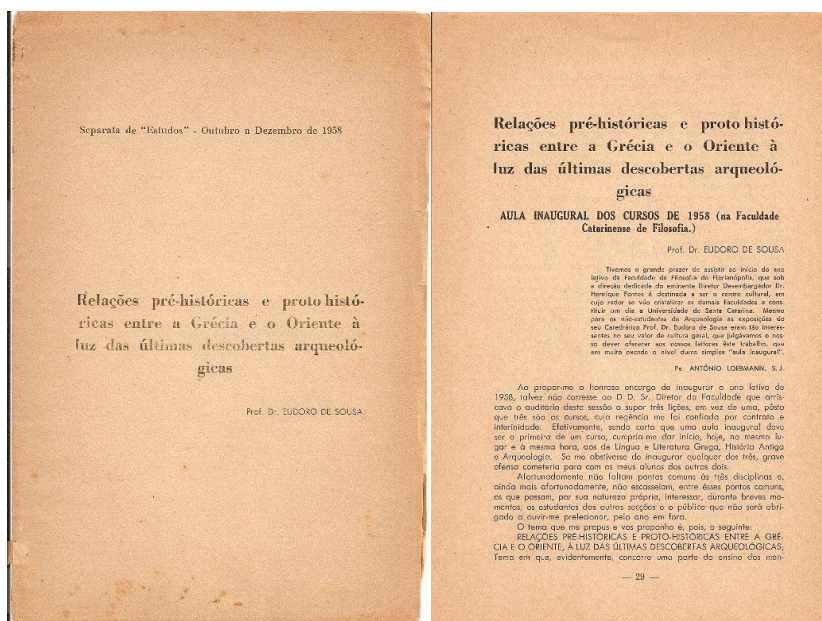


havia acabado de realizar o seu maior intento: ser professor de Grego.

Apesar do relativo silêncio sobre essa fase de sua vida, curta, a concretização que se deu em São Paulo, deste helenista que sonhava ensinar grego, teve em Florianópolis o seu ponto mais alto, o que faz daquela ilha, e não a península ibérica, o acme de sua maturidade enquanto homem do pensamento.

Em 16 de abril de 1956 um “Pastor” de nome indecifrável oferece “Ao Exmo Snr. Professor Eudoro de Souza” uma das obras do filólogo austríaco Albin Lesky (1896-1981), marca das relações sempre presentes entre o professor e a vida religiosa. Vale considerar estudioso ligado ao Nacional Socialismo, se não teve muitas referências na bibliografia de **Dioniso em Creta**, tem pelo menos quatro obras estudadas detalhadamente para a tradução da **Poética** de Aristóteles, sendo um dos articulistas de uma importante obra muito referenciada por Eudoro de Sousa, a saber, **Paulys realencyclopädie der classischen altertumswissenschaft**.

Pouco antes da data da dedicatória, 1955, nosso biografado viria a publicar *Variações sobre o tema do ouro*, artigo que integraria, com outro nome, obra posterior. Em 1958, daria importante aula inaugural que figurou com o título de *Relações pré-históricas e proto-históricas entre a Grécia e o Oriente à luz das últimas descobertas arqueológicas*, cuja separata reproduzo abaixo:



As separatas têm especial valor na construção dessa biografia porque elas carregam as inserções de quem proferiu tais palestras ou aulas. Elas delimitam também o “programa” de trabalho do filólogo e professor, imiscuindo-se com a “obra publicada”. São documentos que demonstram a relação que existem entre a prática da aula, do seminário, das lições, gêneros que tendem a ser excluídos do que é tido como a obra pela crítica. Partes constitutivas do que acabava sendo publicado foram Separatas, que exemplificam o núcleo do pensamento eudorino.

A separata acima referida, aula inaugural que ecoa um programa iniciado e apresentado em outra aula dada em 1954, em São Paulo, é precedida de uma nota que muito auxilia a pintura do quadro de sua vida e obra:

Tivemos o prazer de assistir ao início do ano lectivo da Faculdade de Filosofia de Florianópolis, que sob a direcção dedicada do eminente Director Desembargador Dr. Henrique Fontes é destinada a ser o centro cultural, em cujo redor se vão cristalizar as demais Faculdades a constituir um dia a Universidade de Santa Catarina. Mesmo para os não-estudantes de Arqueologia as exposições do seu Catedrático Prof. Eudoro de Sousa eram tão interessantes no seu valor de cultura geral, que julgávamos o nosso dever oferecer aos nossos leitores este trabalho, que muito excede o nível duma simples “aula inaugural”.

O comentário é feito pelo padre Jesuíta António Loebmann (1899-1980), então diretor da revista de cultura “Estudos”, onde este texto de Eudoro foi publicado pela primeira vez, sem subtrair-se de sua perspectiva letiva. Dois elementos sobre a separata revelam a relação entre a vida e a obra e o sinal que tal relação aponta para a polaridade obra *versus* não obra.

O primeiro deles é a abertura que o professor “Catedrático” deu à sua aula inaugural, sabendo que estava diante de ouvintes de cursos distintos. Reunindo seu intento de ser professor de Grego e fazendo uso dos largos conhecimentos sobre história Antiga, debruça-se pelos rincões da Arqueologia, construindo um amálgama de saberes que será constitutivo de sua atuação como helenista e professor. Sobre o assunto, o próprio diz:

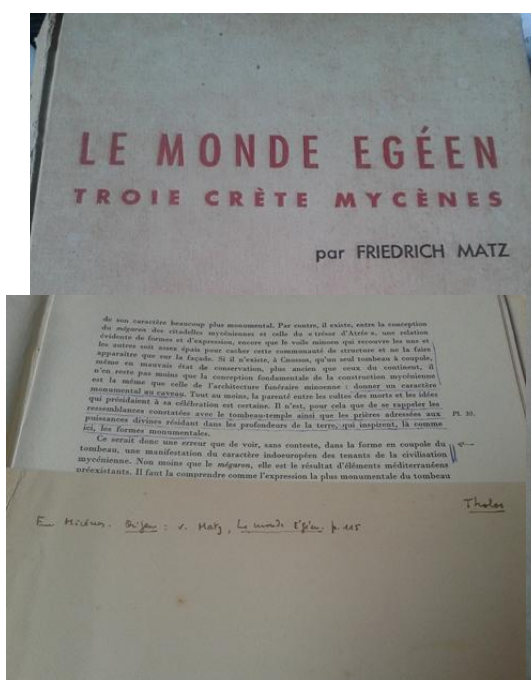
Ao propor-me o honroso encargo de inaugurar o ano lectivo de 1958, talvez não ocorresse ao D. D. Sr. Director da Faculdade que arriscava o auditório desta sessão a supor três lições, em vez de uma, *posto que três são os cursos, cuja regência me foi confiada por contrato e interinidade*. Efetivamente, sendo certo que uma aula inaugural deve ser a primeira de um curso, cumpria-me dar início, hoje, no mesmo lugar e à mesma hora, aos de *Língua e Literatura Grega, História Antiga e Arqueologia*. Se me abstivesse de inaugurar qualquer dos três, grave ofensa cometeria para com os meus alunos dos outros dois.

Por este trecho se mede a inteireza de um discurso que se propõe a dar conta de três áreas aparentemente distintas. Se dizemos aparentemente, é porque ele próprio faz questão de, assimilando facetas de um mesmo objeto de estudo (a *Altertumswissenschaft*), explicar:

Afortunadamente não faltam pontos comuns às três disciplinas e, ainda mais afortunadamente, não escasseiam, entre esses pontos comuns, os que possam, por sua natureza própria, interessar, durante breves momentos, os estudantes das outras secções e o público que não será obrigado a ouvir-me preleccionar, pelo ano em fora.

O que nos diz a abertura da aula inaugural de 1958 é mais do que uma precisão sobre os temas e disciplinas às quais se dedicaria. Estamos diante de uma maneira de expor o assunto que necessariamente passa pela lição, pela fala professoral. Este viés, com vimos, foi excluído da versão que ele próprio esculpiu noutra aula inaugural dada em São Paulo, como tentamos mostrar acima. Fazendo um “elogio do saber inútil”, como ele próprio define e conclui a aula ministrada, afirma sobre tais assuntos: “Não servem para nada! (...) precisamente em ‘NÃO SERVIREM’, é que reside o seu valor, valor que, desta vez, é absoluto, porque incomparado”. Em uma defesa apaixonada da Filosofia como o núcleo da universidade que estava ali sendo construída, Eudoro demonstra como a prática Filológica e Filosófica estão unidas. Quanto às obras, aos livros, às publicações, seriam apenas consequências naturais de tal *práxis*.

Muitos falam da eloquência das aulas de Eudoro, das célebres pausas de seus silêncios, das palavras de seus ouvintes e alunos, em auditórias, lotados, ovacionando exposições inesquecíveis. Pouco se tem dito da relação entre este elemento de sua biografia, como condição *sine qua non* para a realização de qualquer material que veio à tona publicado. E tais elementos, ou foram pormenorizados por ele próprio (o que nos coloca uma questão do próprio estatuto de nossa hipótese), mas também foi paulatinamente considerado menor pelas edições, pela fortuna crítica, sendo fruto de uma tradição que atingiu ele próprio, um autor que ruminava anos a fio a publicação que traria a público, um crítico de tudo aquilo que se



produziu e que era sempre nada acerca de nada.

Outro elemento interessante é a citação que o autor faz da obra de F. Matz, **Le monde Egéen**, Paris, 1956. Temos diante de nós o exemplar lido e citado na época, que ainda guarda as marcas da entusiasmada leitura do *scholar* luso-brasileiro. Apesar de catalogado entre 8 e 11 de novembro de 1993 (!), ou seja, cinco anos após a compra do acervo pela UnB, a data de aquisição do livro, pela anotação a lápis na folha de rosto, marca o ano de 1958, quando em Santa Catarina.

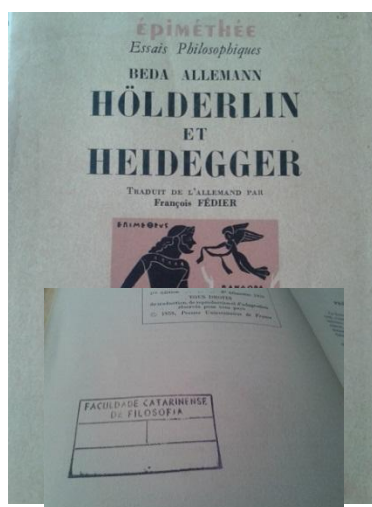
Em sua aula inaugural, cita um trecho específico do livro de Matz, a respeito da origem oriental do

*tholos*, “pp.115 e segs.”. Quando abrimos o exemplar, além das diversas anotações sobre cerâmica, sobre ornamentação, sobre descobertas da arqueologia mediterrânea, nos encontramos frente a frente com *a ficha* aberta pelo leitor com a indicação da parte que seria citada no artigo, dizendo: “Em Micéenas. Origem: v. Matz, **Le monde Égéen**. p. 115. *Tholos*”. Uma seta na margem direita do trecho citado indica a origem “indoeuropéia”<sup>189</sup> da formação arquitetônica em questão. E o que isso nos diz? Perguntaria uma perspectiva apressada. Na perspectiva que tomamos para interpretar estes vestígios, o que isso diz não é mais importante do que aquilo que está sinalizado aqui: há algo sempre desvelável, no caso de Eudoro, que passa pela sua experiência professoral e que está hibernando nos rastros de suas leituras. O aprofundamento do significado que este sinal nos sugere há de ser feito *a posteriori*, mediante a leitura da obra de Matz e da interpretação de seu “uso” e frequência noutros textos do

<sup>189</sup> Eudoro usa o termo “oriental” na nota em questão. Matz usa o termo “indoeuropéen”



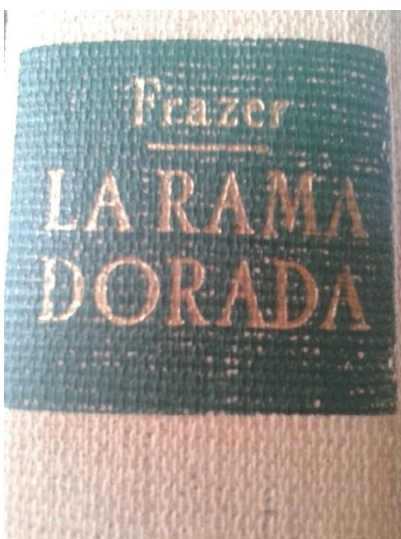
professor Eudoro. É curioso que não se trata de um livro citado nas bibliografias publicadas, vastos estudos que finalizavam as obras publicadas de Eudoro. O que chama atenção para sua importância *ad hoc* no contexto em que foi escalado para dar aula de Arqueologia. É do período catarinense, por exemplo, como se vê pela anotação na folha de rosto de outro exemplar, a leitura de **Griechische Epigraphik**, lido em 1958 e vastamente anotados em suas referências bibliográficas. **The study of greek inscriptions**, publicado em 1959, também carrega a letra de E. marcando sua leitura em 1960, quando era professor da matéria em Santa Catarina.



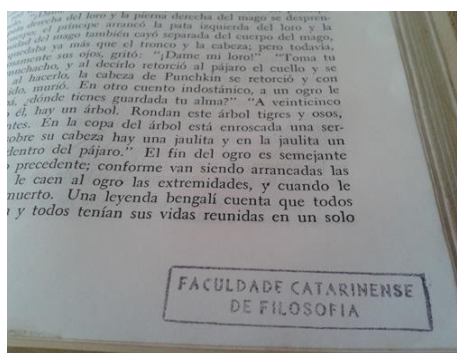
Uma curiosidade deste período é a vinda de numerosos livros que pertenceram à Faculdade Catarinense de Filosofia. Em Brasília Eudoro viria a fazer acordos com a universidade para integrar sua biblioteca particular ao Centro em que atuava. Não se sabe ao certo qual teria sido o impacto da biblioteca eudorina em Florianópolis e quais os modos em que foi organizada. De lá vieram livros que hoje integram o acervo do extinto Centro de Estudos Clássicos da UnB, hoje uma mera “coleção de estudos clássicos”. A leitura de **Hölderlin e Heidegger**, por exemplo, obra do suíço Beda Allemann (1926-1991), pode demonstrar uma afirmação da experiência tida no círculo paulista, onde se tinha em alta consideração a poesia de Rilke, a poética de Nietzsche, onde a relação entre a poesia romântica e o existencialismo era latente. Apesar de sua primeira edição datar de 1954, temos diante de nós o exemplar trazido ao público de língua francesa exatamente no ano em que nosso Leitor estava em Santa Catarina. O carimbo da Faculdade Catarinense de Filosofia não é apenas o único rastro presente no exemplar. Discretos traços nos levam a uma obra que trabalha a ideia de “aórgico”, aquilo que não é humano, ideia frequente nos últimos ensaios de E. e tema comum em seu diálogo com Vicente Ferreira da Silva, interrompido pelas questões acima apontadas, que o levaram a se mudar de São Paulo. Mas há mais: apesar das marcas dos dedos de E. na folhas do livro do professor da *École Normale Supérieure*, apenas em um parágrafo, a lápis, o Leitor deixou objetivamente a marca de sua atenção, a saber, a relação entre poesia e pensamento à luz da visão heideggeriana da metafísica. “*Le penseur pense vers le non-familier (das Unheimische), qui ne lui est pas un passage, mais “as demeure” (das zu Hauss). Au contraire, le questionnement mémorial du poète dit poétiquement le familier (das Heimische)*”. A explicação que se sucede na obra, quando Allemann usa fragmentos de Anaximandro para

ilustrar a perspectiva acima anotada, destacando “la dificulte de traduire le grec” apenas fecha um quebra-cabeça de uma leitura que contribuiu para estruturar o horizonte de E.

Quem leu a carta do período germânico, quando comentava com o amigo Delfim a importância de ter independência da metafísica, compreendendo-a, vê com lúcida certeza que a perspectiva mais adequada, para o caminho que trilhava, era a leitura de Heidegger. Sua curta e estruturante circulação em São Paulo sedimentou os, radicalmente, os alicerces da sua formação.



Outra obra relida no mesmo período é **La rama dorada**, de J. G. Frazer. A terceira edição espanhol que data de 1956, leva na folha de guarda a data de 18 de outubro de 1960. Data de publicação e aquisição (?) que inserem o exemplar no período catarinense de leituras eudorinas.



As mesmas marcas, em intensidade e coloração, da digital acidificada nos oferece alguma semelhança. Mas o fundamental aqui são as camadas que a biblioteca passa a sugerir a respeito de si mesma, para além dos vestígios e rastros a serem descritos, transcritos e, ao menos esboçadamente, comentados no capítulo terceiro deste trabalho.

### *O sábio da Colina: Brasília*

#### a) Antecedentes fundamentais

Para entender o significado de Brasília no projeto de Eudoro de Sousa, para tomarmos nota das dimensões que Brasília tinha para a realização do seu grande projeto, será necessário apresentar um personagem que, guardadas as devidas proporções, é análogo ao célebre helenista, primeiro morador da Colina Velha. Estamos falando de Aby Warburg (1866-1929).

Resumidamente, porque estamos longe de ter condições de avaliar a obra e o valor do



trabalho intelectual de Warburg, basta que saibamos que se trata de um grande estudioso que teve muita influência no século XIX e XX. Historiador da arte dedicou-se ao estudo da presença da Antiguidade no Renascimento. Esta síntese, como é de se esperar, não reúne o impacto e amplitude de seu trabalho, especialmente porque entre sua obra máxima estão, além dos escritos, a rede

de influências que exerceu e, o que mais converge com nossa proposta, a biblioteca que conseguiu reunir ao longo da vida.

No que toca à capilaridade de sua linhagem, foram seus discípulos intelectuais do porte de Erwin Panofsky, Ernst Cassirer, Fritz Saxl, Ernest Hans Gombrich, entre outros tantos, conformando uma escola de historiadores da arte<sup>190</sup>. Quanto ao segundo aspecto, algumas considerações. Assim como no caso de Eudoro, a biblioteca de Warburg foi uma de suas maiores obras, conforme diz Ginzburg. Giorgio Pasquali, imediatamente à morte de Warburg afirmou que seu nome evocava mais uma biblioteca que um homem.

Discípulo de primeira ordem, um dos nossos principais “guias” pela obra máxima que começou a ser montada em 1879, F. Saxl, ao se referir à monstruosa intenção de editar, três anos após a morte do Mestre, sua produção completa, estava ciente de que “só juntando os escritos e a biblioteca é que podemos ter uma imagem unitária da obra (...)”<sup>191</sup>. O catálogo da biblioteca de Warburg era mais que um *complemento*, era a *conclusão*, era a possibilidade de ter, da obra, “uma imagem unitária”.

Nos inúmeros escritos sobre a biblioteca arrolados por Settis, vemos que o problema da *Bibliothek* foi de grande interesse. Na lista há os tratados, em 1917, de R. Hoecker, seguido de Fritz Saxl, P. Tillich, G. Stuhlfauth, J. Mesnil, K. K. Eberlein, G. Bing, E. Wind, A. F.

<sup>190</sup> Para uma leitura introdutória a respeito de um dos aspectos do trabalho de Warburg e sua influência na história da arte, Cf. o artigo de NOVAES, André R. Geografia e história da arte: apontamentos para uma crítica à iconologia. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n° 33, pp. 43-64, Jan./Jun., 2013. Não é escopo deste trabalho investir sobre a discussão do interessante artigo de Novaes, nem abordar as influências latentes entre a maneira que Eudoro de Sousa entendia a iconografia e a sua possível influência (provavelmente indireta) em Warburg. Entretanto, impossível não fazer referência ao trabalho de mestrado da professora Catarina Helena Knychala que, orientada por Eudoro de Sousa na década de 1960, debateu os mesmos problemas trazidos à tona pela ótica warburguiana da leitura de imagens.

<sup>191</sup> SETTIS, Salvatore. Warburg *continuatus*: descrição de uma biblioteca. In: **O poder das bibliotecas: a memória dos livros do Ocidente**/direção de Baratin, Marc e Jacob, Christian; tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 108.

Blunt, J. B. Trapp, D. Wuttke e, por último, Hoffman-Syamken-Wranke, escrito em 1980<sup>192</sup>. O ensaio de Settis foi publicado duas vezes durante a mesma década, em 1985 e 1989. Republicado em 1996, na França, com reflexões inéditas, o temos em mãos pela tradução de 2000. Sua leitura me trouxe algumas importantes considerações: a) a influência intelectual da obra (e aqui passamos a considerar como intrínseco à noção de obra a constituição da biblioteca) é demonstrada na imensa gama de intelectuais a estudar especificamente o tema aqui dissertado e b) durante todo o século XX esta biblioteca foi motivo de estudo e debate, tamanho o impacto de sua vivência. O Instituto Warburg está localizado em Londres, desde a tentativa nazista de destruir a biblioteca. Atualmente tem 300.000 títulos, depois do nomadismo que lhe foi sempre imperativo.

O que podemos fazer, diante do exemplo acima, se não reconhecer que temos aqui, em tamanho empenho para expressar o significado de uma biblioteca, a oportunidade única para abrir a cifra que seu exemplo nos reserva? Porque temos elementos não apenas para abrir estas chaves internas da obra de Warburg, como, no caso presente dos arquivos do Instituto Warburg, “refazer a história da formação dessa biblioteca”<sup>193</sup>. Contudo, adverte o professor italiano: “uma descrição dessa biblioteca (embora possa ser sentida como útil, ou urgente) não poderia substituir hoje – provavelmente, nunca substituirá – a experiência direta de quem *se serve dela*, percorrendo os títulos dos livros ao longo das estantes (...)”<sup>194</sup>.

E esta é uma das dimensões que nos foge, como veremos, tendo em vista que a biblioteca particular de Eudoro, o que dela sobrou, o que hoje está reunido em uma masmorra escura, está vegetando, morrendo aos poucos dia após dia. Uma biblioteca que, de certa maneira, considerada uma lenda para os estudiosos de cultura clássica no século passado, teve uma influência que poucos conseguem avaliar.

O depoimento de Toni Cassirer, esposa de Ernst Cassirer, me faz lembrar a sensação que tive pela primeira vez que entrei no cubículo destinado aos livros de Eudoro, bem como pela primeira vez que estive no depósito no subsolo da biblioteca da UnB, onde por anos milhares de livros aguardaram silenciosamente a devassa de 2007. Teria dito o autor da **Filosofia das formas simbólicas**: “Nunca mais voltarei aqui, porque, de outra forma, neste labirinto acabaria me perdendo”<sup>195</sup>. Assim como para Ernst, para mim, a descoberta foi como descobrir uma mina.

---

<sup>192</sup> Na nota 67 do ensaio de Settis ele próprio avalia o extraordinário número de estudos na década de 1990 a respeito dos problemas da biblioteca de Warburg, demonstrando a relevância do seu texto.

<sup>193</sup> Idem, 110.

<sup>194</sup> Ibidem.

<sup>195</sup> Idem, p. 111.

O depoimento de Saxl no traz uma problemática que em muito afetaria a UnB, depois da morte de Eudoro de Sousa. Como fazer continuar viva a biblioteca de seu fundador? O destino de Warburg e Eudoro de Sousa nunca foi tão diametralmente oposto. O mesmo Saxl, em 1947, testemunhando a respeito do impacto produzido pela obra de Warburg, nos provoca, apontando a singularidade do Mestre: “(...) fazia questão de por os livros de filosofia ao lado dos de astrologia, de magia, de folclore, e de aproximar as seções sobre arte das sobre literatura, religião e filosofia”<sup>196</sup>. Apesar da influência improvável que o caso Warburg teve sobre Eudoro, não é um erro completo traçar a hipótese espiritual do diálogo entre tais bibliotecas, diálogo certamente acessível apenas aos iniciados na questão, haja vista o perfil tão heterodoxo que tinham estes dois impecáveis eruditos e colecionadores. “Essa biblioteca é perigosa”, continua Saxl, citando a impactante impressão de Cassirer ao entrar na biblioteca pela primeira vez. “Terei de evitá-la completamente ou nela me encerrar durante anos. Os problemas filosóficos nela implícitos são vizinhos dos meus, mas o material histórico que Warburg reuniu é tal que me esmaga”<sup>197</sup>, teria dito Cassirer, atônito.

Em duas outras ocasiões, em uma conferência e em seu prefácio para o segundo volume de **Filosofia das formas simbólicas**, Cassirer se expressa sobre a biblioteca de uma maneira que em muito vem a agregar aos depoimentos e *problemas* suscitados pela eudoriana. Primeiro em 1923:

(...) esta biblioteca não é uma simples coleção de livros, e sim uma soma de problemas. E não foram os domínios abrangidos pela biblioteca que provocara em mim essa impressão, mas foi o princípio organizador da biblioteca que me impressionou, princípio muito mais importante que a simples extensão dos domínios abarcados<sup>198</sup>.

E depois, em 1924, quando afirma que

(...) não foi apenas uma documentação quase incomparável por sua riqueza e sua natureza que encontrei aqui, nos domínios da mitologia e da história geral das religiões; a organização e a classificação desse material, a marca espiritual que lhera Warburg, o relacionavam com um problema único e central (...) <sup>199</sup>.

Ao dedicar uma obra a Warburg, três anos antes de seu falecimento, Cassirer ilumina a imagem de uma biblioteca, para nós, tão distante: “Em sua construção e em sua estrutura espiritual, essa biblioteca personificou o pensamento da unidade e coesão metódica de todos

---

<sup>196</sup> Ibidem.

<sup>197</sup> Ibidem.

<sup>198</sup> Idem, p. 112.

<sup>199</sup> Ibidem.

os domínios e de todas as tendências da história do espírito”<sup>200</sup>. Nada mais emocionante para o estudo de uma biblioteca como a nossa, onde os que viram e leram *in locu* são cada vez mais escassos, do que a homenagem feita por um dos discípulos de Warburg na ocasião do funeral:

A imagem desse homem se impõe a mim muito antes que o conhecesse. Eu poderia dizer que fiquei quase esmagado quando (...) atravessei pela primeira vez (...) as salas cheias de livros da Biblioteca Warburg. Experimentei então como que um golpe, que provocou em mim uma profunda ressonância interior: nessas fileiras de livros que pareciam intermináveis, que enchiam toda a velha casa até em seus cantos mais afastados, não se manifestavam nem a paciência diligente do bibliófilo-colecionador, nem o trabalho assíduo do puro erudito. Essa cadeia ininterrupta de livros me parecia como que envolvida pelo sopro de um mágico, que pairava sobre ela como em virtude de uma lei prodigiosa. E, quando mais eu penetrava no sentido oculto dessa biblioteca, tanto mais essa primeira impressão se reforçava, se confirmava. Da seqüência de livros emergia, de forma cada vez mais clara, uma série de imagens, temas e idéias originais, e, por trás de sua complexidade, eu acabava vendo se destacar a figura clara e dominante do homem que construía essa biblioteca, sua personalidade de pesquisador destinada a uma influência profunda<sup>201</sup>.



O que o exemplo nos deixa entender é o que poderia ter sido o que não se permitiu que se realizasse na UnB. Como veremos, a biblioteca de Eudoro de Sousa e o Centro que ele pretendeu criar ao seu redor, por motivos de conteúdo e de forma foram cada vez menos tendo espaço no “Plano” da Universidade *interrompida*. Pensar isso importa à medida que olhar para trás também requer considerar que o passado teve um futuro e que ele abriga aquilo que não pôde ser feito, para além das expectativas daquele presente que se foi. Ou, nas palavras de Paul Ricoeur, o pesquisador

deve transportar-se, em imaginação, para um momento do passado em que o futuro era ainda incerto, indeterminado, aberto, devido à ignorância do que viria depois. Para os homens do passado, o passado tinha um futuro. Se levarmos até as últimas conseqüências essa idéia de indeterminação do futuro no passado, atingiremos a idéia, mais importante ainda das promessas não cumpridas do passado<sup>202</sup>.

A UnB, já em meados de 1960, dava todos os sinais de que o projeto inovador de Eudoro, que parecia encontrar condições de se estruturar a partir da horizontalidade utópica

<sup>200</sup> Idem, 113.

<sup>201</sup> Ibidem.

<sup>202</sup> RICOEUR, Paul Apud PEREIRA, Mateus de Faria. Uma leitura historiográfica de três contribuições do livro *A Experiência do Tempo*. In: *Revista de História e Estudos Culturais*. Volume 6, Ano VI, Nº 03. Ouro Preto, 2009. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

aberta no ideal de Brasília, seria vetado paulatinamente. A imagem acima, da disposição da obra máxima de Warburg, apenas sugere as condições de possibilidade de estudo ali. Como diz um bibliotecário de Cambridge, é preciso entender a biblioteca como uma interação. Ora, “as maneiras de procurar e os meios de descobrir”, explica Mackitterick, “e, igualmente, os hábitos de leitura, dependem não só de questões de distinção e ordem, mas (...) das dificuldades e facilidade apresentadas pela acumulação dos livros nas prateleiras. É uma questão tanto prática quanto teórica”<sup>203</sup>.

Partindo de uma breve história da catalogação em bibliotecas e dos (muitas vezes negados) pressupostos políticos e filosóficos, e do conflito dos sistemas de catalogação com as singularidades que a própria imposição da ordem implica, afinal, categorizar é excluir, o autor da história da biblioteca de Cambridge diz: “A classificação conserva a terminologia e os modos de pensar do passado; oferece uma via de acesso para nos aproximarmos das mentalidades de uma época”<sup>204</sup>.

Mas o que tinha a biblioteca de Eudoro de Sousa como *background* que a fez sempre conflitar com o *modus operandi* da biblioteconomia local? Cômescios de que somente aqui em Brasília, com raras exceções, os livros da biblioteca eudorina receberam carimbos e a numeração do CDU, ou seja, mantendo-se numa ordem que era imposta pela pesquisa que ele vinha administrando, pelo mundo afora, noutras universidades, vale perguntar: o que essa biblioteca tinha, por natureza, que catalisou com tamanha força a influência sobre tantos trabalhos importantes, chegando a constituir uma vasta árvore genealógica descendendo deste mestre luso-brasileiro? Há mais mistérios e enigmas na biblioteca de Eudoro do que julga qualquer crítica genética ou história da bibliofilia no *campus* Darcy Ribeiro. Em breve a curta história desta biblioteca talvez nos ajude a reunir elementos para interpretá-la e assim, quiçá, poderemos entender o seu papel para a obra eudorina.

Por enquanto, nos cai como luva a reflexão bibliotecário inglês, profissional digno da profissão que escolheu e do legado que salvaguarda:

(...) é que os leitores são influenciados pela ordem dos livros: não só por sua ordem conceptual, mas também pelo ambiente particular em que se encontram, o dos espaços de leitura, dos catálogos, das estantes, dos depósitos. (...) Essa conversa silenciosa entre o leitor e o texto é determinada pela qualidade material do que se lê, pelas circunstâncias em que um texto particular é apresentado.

<sup>203</sup> MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p. 96.

<sup>204</sup> Idem, p. 106.

É preciso insistir nessas circunstâncias práticas e físicas do diálogo entre o leitor e o texto<sup>205</sup>.

Mistura de labirinto e prisão onde Warburg e Eudoro se enfiaram por anos, muito mais do que na obra publicada, estão na biblioteca os ecos do lido e vivido. É lá que encontraremos a dimensão da magia e da inspiração que ela suscitou. Uma indicação de Saxl, para continuarmos nosso paralelo, ilumina a herança intelectual que está por trás de homens deste porte. Referindo-se à biblioteca universitária de Estrasburgo, onde seu mestre estudou no final do século XIX, Saxl conta que “Warburg, em seu desejo ardente de decifrar os mistérios das imagens, deslocava-se de uma sala para outra, seguindo suas marcas, da arte à religião, da religião à literatura, da literatura à filosofia”<sup>206</sup>, um depoimento quase idêntico ao que mais à frente leremos, quando Suetônio Valença relembra a vivência *na biblioteca* junto a Eudoro. Superada anos depois, a biblioteca de Estrasburgo foi uma influência estruturante do pensamento warburgiano, como desvela Saxl: “Oferecer ao estudante uma biblioteca que unisse os diversos ramos da história da civilização humana, e onde se pudesse errar livremente de uma estante a outra: essa foi sua decisão”<sup>207</sup>.

Esta é uma diferença marcante da concepção de Warburg sobre sua biblioteca. A estrutura física irá se impor sobre qualquer catalogação, manifestando o pensamento do Mestre na imagem das estantes e no trânsito entre elas. No caso de Eudoro, o único recurso era aceitar a catalogação decimal universal (CDU), com a condição de se manter a “configuração alexandrina” inerente ao Centro de Estudos Clássicos tal como o concebia o célebre estudioso de Aristóteles.

Longe de avaliar a história, as sobreposições e as batalhas políticas entre paradigmas de organização de bibliotecas, assunto sobre o qual estamos longe de avaliar com o pormenor merecido, tomamos como orientação didática uma apresentação da problemática feita por Savaltore Settis, no artigo supracitado. Conta, o autor, que a Alemanha protagonizou “tensas e animadas” discussões sobre o assunto ao longo do século XIX e XX. Apoiando-se em Georg Leyth, continua: do século XVI em diante duas vertentes disputaram a primazia na organização das bibliotecas na Europa: a) “as pequenas bibliotecas, em particular as reunidas por humanistas, professores ou eclesiásticos isolados” e b) “as grandes bibliotecas”, sempre mais “simples” e guiadas por “preocupações práticas”.

---

<sup>205</sup> Ibidem.

<sup>206</sup> Idem, p. 114.

<sup>207</sup> Ibidem.



Tal pano de fundo, ainda que superficial, da história das bibliotecas na Alemanha, serve para entender a vitória final do primeiro tipo de biblioteca, as pequenas, que seguiriam algum tipo de *sistema*. J. J. Winckelmann, quando bibliotecário do conde Büнау e G. E. Lessing, ao projetar a biblioteca de Wolfbüttel, em Dresden, seriam representantes desse paradigma logo difundido por toda Alemanha, paradigma que se tornaria obrigatório no século XIX.

A *novidade* da biblioteca de Warburg seria eternamente algo *desconcertante*, *impactante* e *esmagador*. Não nos parece ingênuo pensar que também a biblioteca de Eudoro tinha para os seus um sentido parecido. Em ambas, a figura inesquecível do Mestre sempre presente, organizando e orientando leituras e métodos sempre novos. O imperativo de mudar a posição dos livros na estante toda vez que os caminhos do pensamento tomavam novos rumos, fez da “lei da boa vizinhança” o dispositivo *sui generis* de Warburg. Um “trabalho de Penélope” ao qual o bibliotecário se vê sujeito. Crise colocada pela biblioteca a própria organização sistemática a qual ela sempre tem de se submeter. Como explica Settis,

é justamente a opção por esse “trabalho de Penélope”, uma disposição sistemática em evolução contínua, que situa a Biblioteca Warburg (...) do lado das bibliotecas “particulares”, opostas às bibliotecas “públicas”, por causa da utilização de “sistemas” instáveis porque subjetivos e não controlados por instituições de Estado<sup>208</sup>.

É de se imaginar que o grupo que circulava Eudoro de Sousa, seus alunos, ele próprio, tenham sido subversivizados pelo regime que se impôs à UnB pós-1964. É certo que alguns, como Emanuel Araújo, por exemplo, tinham relações intensas com o comunismo. O mesmo não se pode dizer de Eudoro, “neutro” quanto aos regimes aos quais teve de lidar. O que era perigoso ali era mais do que a posição política pró ou contra a ditadura, mas uma maneira de vivenciar um grupo, criativamente, munindo a *intelligentsia* brasileira de uma forma de se relacionar e se relacionar com a história, com a Antiguidade, enfim, com uma proposta que militares e bandidos acadêmicos viriam a invejar, sabotar e, ao final destruir.

Se “*todo sistema de classificação de livros reflete – de modo mais ou menos declarado – um sistema, seja ele qual for, de ordenamento do conhecimento*”<sup>209</sup>, continua o professor de História da Arte e de Arqueologia Clássica da Escola Normal Superior de Pisa, é porque

Os sistemas de classificação (num sentido estritamente bibliográfico) são, pois, apenas um aspecto do problema da sistemática das ciências: mas um aspecto particularmente central e

<sup>208</sup> Idem, p. 117.

<sup>209</sup> Idem, p. 117-118, grifo do autor.

interessante, porque traduzindo-se pela organização *física* dos espaços de uma biblioteca e pela disposição dos livros, toda proposta de organizar os conhecimentos humanos em sistema (segundo modelos lineares ou hierárquicos) pode exercer uma influência incalculável sobre usuários dessa biblioteca (e, às vezes, por períodos de tempo consideráveis)<sup>210</sup>.

Respondendo à peleja entre polaridades acima referidas, resistindo a uma dicotomia refletida em “tradições” (alemã *versus* franco-anglo-americana) que se ignoraram mutuamente, os métodos e resultados das bibliotecas de Warburg e Eudoro de Sousa, não se filiando a nenhum lado da uma falsa antinomia, demonstram que em ambos os casos uma solução original era condição *sine qua non* para sobrevivência de um projeto. Isso se deve, segundo Settis, a algo que Warburg resolveu fisicamente e Eudoro, ironicamente. O fato de terem sido grandes bibliotecas, particulares, singulares, assinadas pelos que as conceberam, e também de vivido uma “transformação progressiva em espaço aberto ao público”<sup>211</sup>, denunciam que o que estava por trás daquele acervo “não podia ser reduzido a uma classificação corrente sem perder a marca (e a mensagem) de seu fundador”<sup>212</sup>. Assim como no Instituto Warburg, a biblioteca de Eudoro de Sousa será em Brasília, em vários momentos, um problema histórico essencial na Universidade, um problema que coloca em pauta veementemente o trabalho efetuado no Centro de Estudos Clássicos e nas Humanidades. Eudoro, como Warburg, erguerá em Brasília uma biblioteca que trouxe questionamentos de uma vida (ou várias?), muito mais do que respostas. A simples organização *alexandrina* imposta à centralidade preponderante obrigou sempre tanto instituição quanto seus leitores a se depararem com problemas insistentes.

As conclusões finais do trabalho de Settis ajudam a pensar o lugar final da última mudança de Eudoro. Warburg teve sempre discípulos, intelectuais, pessoas vinculadas ao trabalho na biblioteca, pessoas que quando ele era vivo, durante a doença, anos depois de sua morte, continuaram dando vida àquilo que é vivo: a biblioteca. É nesse sentido que se fala de um Warburg *continuatus*. Em Brasília, Eudoro muito cedo ficou só. A biblioteca muito cedo ficou só. Ainda está, materializada no medíocre lugar que a coleção de estudos clássicos ocupa, no medíocre plano que atualmente se tem pra ela (Biblioteca e Departamentos). Trata-se do maior artefato da vida de Eudoro de Sousa, com anos de bibliofilia, colecionismo e, sobretudo, pesquisa intensa de erudito sem igual.

---

<sup>210</sup> Idem, p. 118, grifo do autor.

<sup>211</sup> Idem, p. 121.

<sup>212</sup> Ibidem.

b) Brasília: crônicas de um bibliocídio

Segundo a memória oral espalhada pelo *campus* Darcy Ribeiro, Eudoro de Sousa foi o primeiro morador da Colina. Filhos, amigos, muitos endossam tal informação. Textualmente a encontramos na lembrança de Fernando Bastos, amigo e discípulo<sup>213</sup>. Ter sido um professor que chegou em Brasília nos primeiros instantes da criação da UnB não apenas o coloca na posição de “fundador”. Quem lê o anexo da recente republicação da editora da UnB, escrito por Eudoro *dias* depois da inauguração da Universidade Aberta, não pode deixar de ressignificá-lo. Mais do que um “fundador”, Eudoro contribuiu na gestão, na concepção da UnB, na ideia que ela faria de si própria da *Humanitas*, da importância da antiguidade para uma cidade, apenas aparentemente, vazia, apenas aparentemente sem relação alguma com esse passado longínquo e primordial em todos nós.

Impossível não recorrer ao texto, um dos raros momentos em que Eudoro fala de seu projeto, sua *magnum opus*<sup>214</sup>: “(...) a Universidade de Brasília não poderia, precisamente porque está atenta ao futuro e exatamente porque preza em alto grau as ciências e as técnicas, eximir-se do estudo da Antiguidade chamada ‘clássica’”<sup>215</sup>, afirma Eudoro, em maio de 1962, menos de um mês após a inauguração da UnB. Em um texto simplesmente magistral, dividido em três partes, uma de princípios gerais, outra designando seções para atingir seu fim, e última onde se arrolam pontos de organização do que viria a ser o Centro de Estudos Clássicos, estamos diante de uma carta de intenções que em muito orienta o entendimento sobre o que era a proposta eudorina. E mais do que isso (já que agora temos o exemplo exemplar de Warburg), dá a imagem do que Eudoro vinha tentando construir mundo afora, no Brasil, noutras universidades e que, quase foi possível se realizar em Brasília. Dois pontos (6 e 7) nos chamam a atenção:

Decidiu, pois, a Universidade de Brasília não colocar o estudo de grego e latim no seu Instituto Central de Letras ou a História Antiga no seu Instituto Central de Ciências Humanas, ou os fundamentos da Geometria ou da Mecânica nos seus Institutos Centrais de Física ou de Matemática; tendo-os pensado como um complexo, convinha dar a esse mundo antigo autonomia de trabalho, embora entendendo essa autonomia, como é princípio geral da universidade, sempre em um

<sup>213</sup> BASTOS, Fernando. Uma lembrança: Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 43-45.

<sup>214</sup> Vale a pena refletir sobre as razões pelas quais os revisores/comentadores da recente republicação eudorina não fizeram menção à origem de texto tão relevante para a memória dos estudos clássicos, da UnB e do próprio Eudoro. Em nenhuma linha do prefácio, nem nos comentários existe qualquer referência a esse achado. Até na edição de autores como Eudoro, bem como na Crítica Literária, somos obrigados a trazer a público as questões éticas que esse silenciamento da fonte deveria acarretar.

<sup>215</sup> SOUSA, Eudoro de. **Filosofia grega**. Brasília: EdUnB, 2013, p. 199.

fecundo jogo de implicações com todas as outras atividades universitárias. Criou-se, pois, um Centro de Estudo das Línguas e culturas Clássicas, encarregado da análise, da crítica e da formulação de uma “*Altertumswissenschaft*”, de uma Ciência da Antiguidade, porém inteiramente mais orientada para a construção de um futuro do que para a ressurreição de um passado.

Para que tal se possa fazer, e não só na Universidade de Brasília, mas no conjunto da intelectualidade brasileira, o centro tomará especial atenção não só em reunir todos os elementos de informação e documentação necessários à sua tarefa, mas, sobretudo, em preparar, neste campo de trabalho, os técnicos que de uma forma geral nos têm faltado e que, dentro desta orientação, nos vão ser tão necessários. Se o centro é um lugar de estudo, ele tem de ser, ao mesmo tempo, um foco de preparação de todos aqueles que mais adiante terão de levar a outras gerações, com a tradução de soluções que já tiverem sido alcançadas, o conjunto de problemas que provavelmente será sempre, para a glória e honra do homem, o que verdadeiramente marca a sua superioridade e assinala o seu progresso<sup>216</sup>.

Em seguida, o que é mais esclarecedor ainda, tanto para que se compreenda o que foi planejado, quanto para que se reconheça a fila de sucessivas derrotas deste então, é a enumeração complexa de áreas que constituiriam (e, de fato, por muito pouco tempo chegaram mesmo a constituir) o perfil interno do Centro. São elas, segundo a ordem de seu criador: a) Linguística e filologia, b) Literatura, c) Arqueologia e história, d) Religião e mitologia, e) Filosofia, ciências e técnicas, f) Artes e g) Tradição Clássica. A simples definição do que cada uma delas é, segundo sua concepção de gestor e *scholar* é uma aula a parte, guardando ainda muitos indícios do que viria a tona em publicações vindouras.

Ao final, como “pontos de organização” para que se cumpra o programa do Centro, Eudoro pontua, entre vários aspectos:

- a) Intercâmbio com todos os cursos, institutos e atividades culturais variadas da UnB e outras universidades nacionais e estrangeiras;
- b) Organização de uma biblioteca em que tenha parte predominante uma seção de referência dotada com todas as obras necessárias à consulta básica de uma erudição já estabelecida nos seus domínios próprios, um acervo de revistas que deem informação atualizada da pesquisa no mundo nosso contemporâneo, e que permita, ao mesmo tempo, demarcar, para objetivos de trabalho, as zonas ainda não esclarecidas, e ainda outra seção, esta dos trabalhos especializados, quer em original, quer em microfilmes, que venham a ser requeridos pelos pesquisadores que trabalharem no centro;
- c) Instituição de cursos de mestrado e doutorado;
- d) Para pesquisadores e para a comunidade em geral um Museu, não concebido como simples exposição de documentos de maior ou de menor interesse, mas como local de

---

<sup>216</sup> Idem, p. 201-202.

iniciação nos estudos, de manuseio do material e de partida para a sua recolha, pesquisa e estudo nos próprios lugares em que a prospecção esteja em curso.

- e) Instituição de publicações como uma das principais atividades do centro, de maneira a obter textos e traduções que formassem a primeira biblioteca clássica em língua portuguesa, conjuntamente a redação de manuais de introdução aos vários ramos da filologia clássica, elaboração de enciclopédias, publicação de boletins informativos a serem distribuídos tanto a iniciados quanto ao público em geral (o que incluía secundaristas, etc) que também poderia no centro se matricular em cursos especiais de iniciação, esmo sem haver preparação anterior;

E, por último, mas não menos importante,

- f) Organização de um sistema de convênios que permita a frequência de universidades estrangeiras por bolsistas do centro, onde estes seriam enviados para fora (Itália, Grécia, Oriente próximo), para, entre outros aspectos, observar e classificar peças em museus e levantar bibliografia em arquivos e bibliotecas especializadas.

Estes pontos de trabalho tão bem vinculados, com adaptações, foram extraídos do anexo *Deus ex machina* que se encontra na recente reedição da obra eudorina. É realmente uma pena que Thiago Castro Dória de Menezes, responsável por uma monografia inaugural sobre a história do Centro de Estudos Clássicos, não tenha entrado em contato com este “anexo”. Apesar disso, **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História** é responsável por uma das primeiras argumentações que inserem o extinto centro dentro do pilar tripartite da Universidade de Brasília. Isso nunca havia sido feito<sup>217</sup>.

Vale discorrer sobre o que considero a principal contribuição da monografia: a UnB, antes do assalto ou, usando as palavras de Darcy Ribeiro, do aborto de 1964, era dividida em três pilares: Institutos, Departamentos e Órgãos Complementares. Segundo Thiago Menezes,

(...) os Órgãos Complementares foram concebidos para atuar na área de extensão cultural e na formação profissional e na especialização dos estudantes, ministrando cursos de acordo com planos de estudos (...) Para responder a todas essas atribuições, foram criados órgãos muito diversificados como: Instituto de Teologia Católica, o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP), as Casas Nacionais da Língua e da Cultura, o Centro de Teledifusão Educativa e a Editora da UnB. Figurava, entre esses órgãos, o CEC (...)<sup>218</sup>.

<sup>217</sup> MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2007.

<sup>218</sup> MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2007, p. 11.

Em trabalho de conclusão de curso<sup>219</sup>, busquei demonstrar como os órgãos criados para “complementar” o tripé da UnB foram vários, foram sendo mudados, fechados, extintos, renovados ao longo das décadas de 1960 e 1970. Demonstro também, a partir de documentos oficiais, como a própria noção de “órgão complementar” foi sendo alterada pelos fantoches de plantão que ocuparam a reitoria após 1964. Está claro que a desarticulação dos “órgãos complementares”, a subtração de sua autonomia contribuiu para conduzir a crise institucional, atingindo projetos como o que vislumbrou Eudoro de Sousa.

A crise de outubro de 1965 foi um evento marcante. Após uma demissão em massa de professores, Eudoro, Agostinho da Silva e outros que ficaram, passaram então a ser vistos como reacionários e traidores. Nascia um estigma que em muito contribuiu para isolar Eudoro na Colina, como se não bastasse as “novidades” que viriam para o CEC e para a Universidade em geral. Bolsas foram cortadas, alunos foram desligados e uma reestrutura atingiu diretamente Eudoro, o Centro de Estudos Clássicos e a biblioteca. Mas o que era a biblioteca antes disso tudo?

### c) Eudoro *interruptus*

Que muitos projetos e programas jamais atinjam os fins que se propõem, acontece vezes sem conta; e o mais frequente é que deles nada sobeje, além de um plano inteligentemente elaborado, sumido nos arquivos de uma instituição, esperando o dia em que um cronista atento o faça “passar à história”.

Eudoro de Sousa

Poucas referências escritas existem sobre a biblioteca de Eudoro de Sousa no início da



UnB. Muito mais expressiva é, sem dúvida, a memória oral em torno do assunto. Ao lado temos uma foto da época em que o Centro de Estudos Clássicos funcionava no subsolo da reitoria, quando esta ainda se localizava no que hoje é a Faculdade de Educação. Na foto, da esquerda pra direita, identificáveis, temos o filho de Eudoro de Sousa,

Jorge de Sousa (1º), Cyro dos Anjos (3º), Roberto Pinho (5º) e, menor que todos, e com todos

<sup>219</sup> BORGES, Bruno de Alves. **Deus me livros: bibliofilia e marginálias nas Letras**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2009.

os olhos sobre si, o dono da casa recebendo visitantes e apresentando algum exemplar de uma biblioteca que tem nada mais que tijolos (ao fundo) como bibliocantos. As estantes de trás são, sem dúvida, parte do setor de referências que viria a constituir a biblioteca.

A imagem é relevante, entre tantos aspectos, porque para Thiago de Menezes o centro só passou a figurar com autonomia e regimento próprio, para além da designação de Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas em 1966, pelo ato da reitoria nº 11/66, de 13 de janeiro<sup>220</sup>. Isso de maneira alguma significa dizer que Eudoro esperou o ato da reitoria para dar início a seus trabalhos. O anexo presente na edição organizada pela editora da UnB, em 2013, demonstra o andamento da pesquisa, a força de suas intenções.

Como comentou professor João Ferreira, bem como se lê na literatura a respeito do também extinto Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (dirigido por Agostinho da Silva, depois Santiago Naud e Conceição Silva), Portugal e a *Altertumswissenschaft* não poderiam dizer respeito a nenhum país específico, devendo se constituir como “órgãos complementares” e autônomos. Certa vez, para citar apenas uma anedota que me foi contada por Conceição Silva, último diretor do CBEP, Darcy Ribeiro teria perguntado as razões pelas quais seria necessário um Centro Brasileiro de Estudos Portugueses no Plano essencial da UnB. Agostinho teria respondido, imediatamente: “para explicar aos brasileiros porque você se chama Ribeiro, por exemplo!”. O recado estava dado.

Se CBEP, que dialoga diretamente com uma herança portuguesa ainda hoje mal compreendida, passou por muita resistência, é de se imaginar a incompreensão enfrentada pelo CEC. Menezes nos conta:

Em 1966, com mudança de nome, reconhecia-se a singularidade do Centro, que não cultivava e transmitia cultura nacional específica, mas humanismo universal. Com a ratificação do Regimento, o CEC ganhou importância junto à Reitoria. Ganhou estabilidade, organização, recursos, mas permaneciam as diretrizes gerais, advindas da orientação de Eudoro e das atribuições que lhe eram reservadas, como Órgão Complementar, pelo Estatuto da UnB<sup>221</sup>.

Encaixando-se na universidade *aberta* preconizada pelos ideais que fundaram a UnB, cedo o CEC atuaria na extensão. Em 1963 ofereceu dois cursos<sup>222</sup>. Além disso, seus

<sup>220</sup> MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 200?, p. 21.

<sup>221</sup> MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 200?, p. 22.

<sup>222</sup> É pena que Thiago de Menezes não cite sua fonte. Entretanto, segundo ele (p. 23) em 1963 Eudoro teria oferecido “A antiguidade clássica e o pensamento romântico” e “Arqueologia de Creta e do Mediterrâneo oriental” como dois cursos de extensão. Aqui o historiador comete um erro ao associar o nome de João Ferreira

integrantes e, principalmente, Eudoro estariam sempre presentes publicando “artigos, traduções e comentários sobre os mais variados assuntos nos cadernos culturais, (...) no jornal *Correio Braziliense*”<sup>223</sup>, demonstrando a intenção de levar os debates e vivências do *campus* para toda a cultura brasiliense.

Quanto a estes primeiros momentos, nem a importante obra do professor Salmeron, *Dr. honoris causa* pela UnB, dá detalhes sobre Eudoro e sua atuação<sup>224</sup>, fato que só demonstra como o significado do projeto eudorino, protagonizado pela biblioteca do CEC, seria muito cedo deixado de lado. Nesse sentido, ecoando as palavras de Salvato Settis a respeito da biblioteca de Warburg, nada substituirá a experiência direta de quem se serviu da biblioteca de Eudoro e da vivência que o CEC, apesar da rápida sabotagem, proporcionou a uma gama



seleta de intelectuais.

Sobre a localização do CEC, no período em que Eudoro e D. Maria Luísa haviam acabado de chegar a Brasília (a foto ao lado é de 1963), o latinista e historiador da música popular brasileira Suetônio Valença relembra que “a partir da abertura do ano letivo de 1964, pude travar os primeiros contatos com o Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas, o CELCC, mais adiante denominado Centro de Estudos Clássicos”, revisitando o hábito de após as aulas de praxe, dirigir-se “invariavelmente para o prédio FE-5, onde se localizava o CELCC com sua biblioteca”<sup>225</sup>.

Lembra Fernando Bastos: “Implantado como Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas, adquiriu um total caráter departamental em 1965, quando recebeu o nome de Centro de Estudos Clássicos”<sup>226</sup>. Note-se aqui o engano comum em entender o CEC como algo de *status* departamental. Este não era o caso. Esta seria, já adiantamos, a grande manobra burocrática que solaparia o trabalho do órgão regido por Eudoro. Ordep Serra, em uma das ocasiões em que se referiu ao problema, assim se expressa: “Foi [Eudoro], aliás, o responsável

---

aos primeiros momentos do CEC, o que é impossível tendo em vista que o latinista português, como a própria monografia (p. 35) afirma, só chega em Brasília em 1968, às vésperas da extinção formal do CEC.

<sup>223</sup> MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 200?, p. 23.

<sup>224</sup> Cf. SALMERON, Roberto. **A Universidade interrompida: Brasília 1964-1965**. Brasília: EdUnB, 2007, em que o renomado físico insere Eudoro de Sousa como um professor de um Centro já integrado ao Instituto de Letras.

<sup>225</sup> VALENÇA, Suetônio Soares. Presença de Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 38.

<sup>226</sup> BASTOS, Fernando. Uma lembrança: Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 43.



pela fundação do CEC da UnB, que era ligado ao Instituto de Letras, mas tinha de fato um raio de ação muito abrangente (...)”<sup>227</sup>. Vê-se que essa “ligação” sugerida mais uma vez dá a entender uma tendência do CEC em servir às Letras, ou mesmo funcionar como algo que tem várias interfaces, transdisciplinarmente, mas tendo as Letras como área de referência. Isso Eudoro nunca quis para o CEC, menos ainda Agostinho da Silva para o CBEP. Tal ambiguidade, para além do Regimento Interno (nunca encontrado), ainda é um enigma a ser desvelado por pesquisas futuras.

Outro exemplo é narrado pelo autor da biografia de Lamartine Babo<sup>228</sup>:

O professor Eudoro (...) estava sempre no Centro. Enquanto seus assistentes e nós, eu já agora monitor ao lado de Ordep José Trindade Serra, *permanecíamos em nossas mesas de trabalho, espalhadas por entre as estantes da culta biblioteca, o mestre caminhava peripatecamente pelas áreas livres entre mesas e livros, como se fora uma fera enjaulada*. Cigarro entre os dedos, subitamente ele retirava os óculos do bolso da camisa, colocava-os, debruçava-se sobre o quê um de nós estava escrevendo ou lendo e punha-se a falar sobre o tema em questão, o que logo provocava o afluxo dos demais. Iniciava-se então uma “aula”, que podia durar cinco minutos ou cinco horas. E aprendíamos nas tardes ensolaradas do planalto que a pouco e pouco ia-se povoando<sup>229</sup>.

A memória singular de Suetônio se mescla com uma lembrança que é coletiva. A forma de estar no centro, seus espaços, longe de anunciarem a clausura de salas apertadas e sem acesso, muito pelo contrário, demonstram a vasta possibilidade de vivência. “Mesas de trabalho” “entre as estantes” onde Eudoro “caminhava peripateticamente pelas áreas livres entre mesas e livros” nos permitem imaginar a vastidão e horizontalidade da experiência. “Fera enjaulada”, uma imagem cheia de significados.

A esse respeito, o antropólogo baiano relata com inspiração fotográfica:

Nos anos em que lá estudei, o Centro de Estudos Clássicos era um importante núcleo irradiador cuja influência se fazia sentir em toda a Universidade. Os estudantes de Biblioteconomia, de que muitos foram alunos de Eudoro, *lá encontravam ensinamentos e fontes que lhes facultavam compreender melhor a história do livro*, por exemplo; jovens interessados em filosofia, antropologia, música, artes plásticas, letras etc. (como Pedro Agostinho, Rafael Bastos, Reinaldo Rossi, Olympio Serra, Hermano Penna e muitos outros) eram assíduos na biblioteca do CEC, onde costumavam assistir seminários e palestras. (...) Um amplo leque de atuação era o que o fundador sonhava quando implantou o CEC. Por algum tempo, conseguiu realizar este sonho...<sup>230</sup>

<sup>227</sup> SERRA, Ordep. A bela dádiva. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 50.

<sup>228</sup> VALENÇA, Suetônio Soares. **Tra-la-lá**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

<sup>229</sup> VALENÇA, Suetônio Soares. Presença de Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 39, grifo nosso.

<sup>230</sup> O trecho que citamos agora é um texto, salvo engano, inédito, elaborado para a ocasião em que organizamos na UnB, em 2011, o Centenário de Nascimento de Eudoro de Sousa, no Auditório Dois Candangos, grifo nosso.

Digno de menção é a referência à “história do livro”, uma disciplina oferecida por Eudoro, com alcance que abrangeu manuscritos medievais, o que gerou frutos como o trabalho da professora Catarina Helena Knychala (Cf. Anexo). Vejamos ainda o que afirma o professor Ordep:

O CEC instalou-se em um barracão, no seu começo heroico; depois passou a uma ampla sala no subsolo do edifício em que então funcionava a Reitoria. Tinha um belo acervo de livros e micro-filmes; uma pequena mapoteca; uma ampla mesa de reuniões no espaço principal, a cuja volta os seminários internos aconteciam; um gabinete em que o Coordenador ficava rodeado por fartas estantes, recheadas com livros que lhe pertenciam e tinham fichário especial, mas também por obras de referência e outras a cujo estudo ele se dedicava mais constantemente. Em *bureaus* destacados se instalavam os demais professores, as bibliotecárias e o pessoal da secretaria. O espaço todo era bem movimentado, com um afluxo constante de gente estudiosa, à procura de livros, revistas, informações. Uma saleta abrigava os monitores. Eudoro de Sousa a visitava quase todos os dias (...)

O leitor de microfilmes era uma grande máquina preta, um pouco sinistra, que apelidei de *Libitina*. Ficavam em um armário especial as estampas com reproduções de pinturas de vasos gregos e fotos de monumentos, estátuas, relevos, sigilos, moedas. Além dos livros especializados, essas fotos e estampas eram muito úteis para familiarizar-nos com a iconografia helênica, romana e greco-romana. Estudantes de arquitetura e artes plásticas sempre apareciam à procura desse material.

Os bolsistas do CEC tanto estudavam como trabalhavam lá. E o trabalho era parte da aprendizagem...*Muito aprendi com a simples arrumação da biblioteca.*

O CEC tinha ainda um anexo: uma copa, com um imenso bule, sempre cheio de café (...)<sup>231</sup>.

Isso tudo para mostrar o quão distantes estamos daquele *modus vivendi*. natural para os que frequentaram aquela biblioteca e a leitura ao redor de Eudoro. É Ordep que define a configuração da biblioteca como *alexandrina*, ao que volto em seguida. Por agora, dois outros elementos nos são úteis da memória supracitada de Suetônio. O primeiro deles é a descrição relacionando os nomes das pessoas aos estudos que elas desenvolveram, por área. Uma lista que reúne nomes como José Xavier Carneiro, Jair Gramacho, Fernando Bastos, Antônio Telmo, João Ferreira, João Evangelista, Dinah de Queiroz, entre outros. Ainda está por ser feita a grande árvore genealógica de tal linhagem intelectual. Em seguida, define-se a criação de Eudoro como um “apurado cenário em torno do qual nos movimentávamos com *reverência e prazer*”<sup>232</sup>. Suetônio fala do que mais nos interessa aqui, a biblioteca: “Inicialmente, (...), ele criou um acervo que ao tempo chegou a equiparar-se àqueles dos mais conceituados centros de estudos clássicos europeus e norte-americanos”<sup>233</sup>. Se referindo a um constante sistema de

---

<sup>231</sup> Idem.

<sup>232</sup> Idem, p. 40, grifo nosso.

<sup>233</sup> Ibidem.

aquisição de livros e periódicos internacionais, o latinista faz referência à amplitude do escopo da bibliografia eudorina.

Recordo-me particularmente dos repertórios bibliográficos e dos anuários, das obras de referência e consulta, expressas nos qualificados dicionários e léxicos, das melhores coleções de textos greco-latinos da francesa *Les Belles Lettres*, da inglesa *Loeb classical Library*, da alemã *Teubner*<sup>234</sup>.

Quanto ao acervo propriamente dito, alguns dados fundamentam o que pretendemos que seja, futuramente, uma biografia de Eudoro de Sousa e sua biblioteca. Entre os dados recolhidos nesta pesquisa, um dos mais importantes está no *modus operandi* utilizado por ele para erguer a biblioteca do CEC. Segundo se conta, a biblioteca foi completada pelas intenções de Darcy em ter na UnB um acervo de gabarito. Eudoro (que já tinha milhares de livros, coleções e material reunido ao longo de vida) teria combinado com Darcy Ribeiro que cederia sua biblioteca, desde que esta nascente universidade completasse suas coleções. Se o



professor tivesse uma determinada enciclopédia, por exemplo, com doze volumes, dos quais faltassem quatro, os seis eram entregues à UnB, para que a coleção fosse completada com a verba da universidade, mediante a organização criteriosa de escolhas bibliográficas.

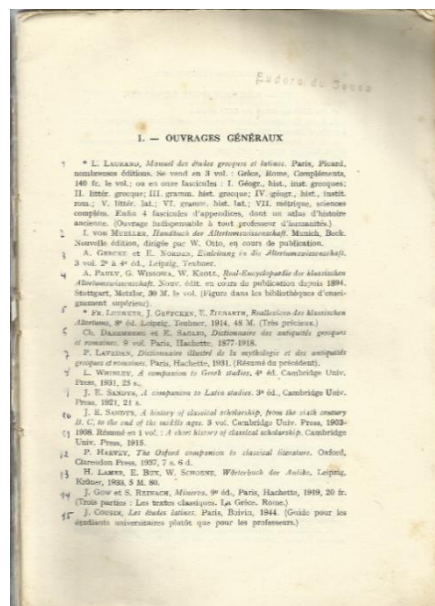
Imagem visível da intenção de erguer uma biblioteca (vale frisar: que fosse o “centro” de um Instituto de Pesquisa, tal qual foi o CEC) é a obra **Bibliotheca Graeca et Latina: à l’usage des professeurs des Humanités gréco-latines**, cujo o exemplar que pertenceu a Eudoro se encontra em nosso acervo particular. Trata-se da segunda edição revista e aumentada da obra do jesuíta belga J. Van Ooteghem. Felisberto Martins já na década de 1940 se referia à qualidade da **Bibliotheca** de Ooteghem, em um período em que, otimista, comemorava que o estudo da língua grega havia sido restaurado nos liceus portugueses. Em recensão para a revista do Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra (*Humanitas*), o professor de estudos clássicos destaca o “valioso instrumento de trabalho” que Eudoro de Sousa provavelmente carregou por onde passou. Martins destaca o fato de estarmos diante de estudo “cuidadosamente elaborado”, um “guia seguro, pela abundância da informação e pelo critério que presidiu à selecção de obras e artigos”<sup>235</sup>.

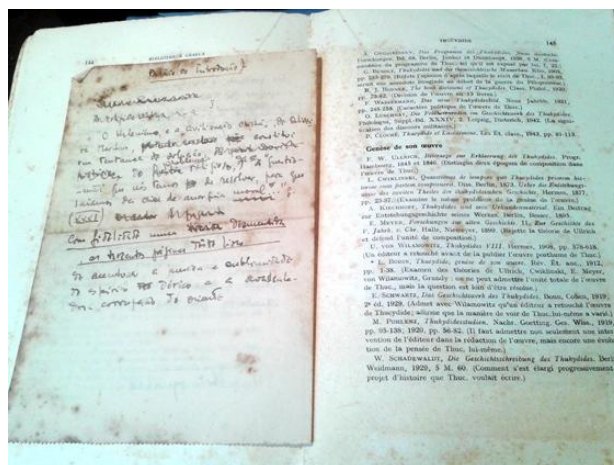
<sup>234</sup> Ibidem.

<sup>235</sup> [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/recens%C3%A3o\\_j\\_van\\_ooteghem\\_bibliotheca\\_graeca\\_el\\_latina](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/recens%C3%A3o_j_van_ooteghem_bibliotheca_graeca_el_latina), último acesso em 8 de abril de 2014.

O estudo do exemplar merece algumas considerações porque nele parece se encontrar parte essencial de uma história única de CEC e Eudoro de Sousa. A obra, ou melhor, o exemplar que temos dessa segunda e comemorada edição (1946), contém diversos riscos e marcas de Eudoro, não apenas leitor, mas professor que faria uso desse erudito catálogo (provavelmente um entre outros) para formar a biblioteca. Dividido em três partes (*indications préliminaires, biblioteca graeca e biblioteca latina*), as obras gerais da primeira parte registram com uma caneta azul a numeração feita por Eudoro, listando aquisições que ainda hoje, não todas, por motivos óbvios, ocupam as estantes de referência da atual coleção de estudos clássicos. Entre elas, as referências basilares citadas na segunda (e fundamental) nota de **Dioniso em Creta**. As anotações ao longo do exemplar demonstram a intenção de Eudoro em organizar a biblioteca, compondo uma coleção com exemplares da Universidade. À p. 33, por exemplo, ao lado da obra de S. Reinach, **Cultes, mythes et religions**, com uma caneta vermelha (uma segunda ou posterior marcação) o colecionador anota “vols 4 e 5”. A obra tem cinco volumes. Eudoro está completando sua coleção, a mesma que colocaria sempre à mercê dos que circularam sua biblioteca. Há vários tipos de marcas no decorrer das páginas, símbolos diferentes (riscos, asteriscos, xis, cruzes, vistos, travessões, setas) e o mais expressivo, entre as pp. 55-60, onde ele registra com sua mais frequente caneta porosa preta, ao lado dos títulos, as letras U e P, indiciando a separação de livros da Universidade e de sua biblioteca Particular.

Também na parte dedicada à tragédia grega, tema que o acompanhou durante toda vida, grifos e marcas de acidez que indicam a frequente leitura da lista de referências, que abrange obras gerais, edições críticas, estudos particulares, escólios, biografias, etc. Ao longo da (re)visita do exemplar, para a redação final da dissertação, encontramos uma surpresa:





O manuscrito acima, descrito e comentado no capítulo III, demonstra a riqueza que o simples manuseio do que restou da biblioteca de Eudoro ainda pode reservar. Além do exposto, há no exemplar, anotações manuscritas, símbolos, que indicam escolhas, comparações e conflitos entre autores. O exemplar nos reserva ainda algumas anotações na bibliografia correspondente a Platão, especialmente sobre a **República**, poesia Alexandrina, Virgílio, Arte poética de Horácio e Plutarco. Se formos de exemplar a exemplar grifado por Eudoro na vasta lista de Ooteghem, veremos que em todas há o intertexto com os temas eudorinos, tais como “a escrita em papiros e pergaminhos” (para um dos aspectos que a pesquisa da poesia Alexandrina leva), “o *background* religioso da arte de Virgílio” (tema que também seria constante quando se pensa no seu curso de 1966 sobre a Catábase na literatura).

Quase nada da terceira parte do exemplar em questão foi lido, sendo que muitas páginas ainda estão com os cortes superiores, inferiores e laterais por serem abertos. O exemplar, por si, conta histórias ainda a serem desveladas. A primeira delas é sobre essa partição do acervo em a) o que é de Eudoro e b) o que era adquirido pelas instituições onde ele esteve. É de se esperar que o que aconteceu em Brasília tenha acontecido noutros lugares, já que desde a década de 1940 percebemos livros de instituições migrando e se movimentando junto do colecionador.

No caso de Brasília, essa liberdade em adquirir livros muito cedo foi mal vista. A ideia de centralização da biblioteca da UnB<sup>236</sup> impunha um paradigma de economia. Era preciso controlar as bibliotecas do *campus* para que exemplares não fossem duplicados e serviços não onerassem a universidade. Segundo Edson Nery da Fonseca, na noite de 25 de agosto de 1963 Darcy Ribeiro teria dito a um grupo de bibliotecários da Fundação Ford: “A Universidade de

<sup>236</sup> Uma centralização que viria a afetar diretamente o CEC e que tentei discutir na monografia que apresentei em 2009.

Brasília tem um dos seus maiores desafios na Biblioteca. Se não for capaz de fazer uma biblioteca adequada ela fracassará”<sup>237</sup>. Para Edson, quando Darcy Ribeiro dizia que “não havia limites para a aquisição de livros e a assinatura de periódicos”<sup>238</sup>, isso o fazia o bibliotecário “mais feliz do mundo”<sup>239</sup>. Vê-se a incoerência dessas palavras quando lemos, mais à frente, a respeito da reitoria de Laerte Ramos de Carvalho, o seguinte:

As verbas eram escassas e a essa escassez juntava-se o caos da administração das finanças. A Fundação Universidade de Brasília deixou de ter crédito (...) inclusive por causa de débitos que remontavam aos primeiros anos. Vários desses débitos eram decorrentes da aquisição de livros e das assinaturas de revistas: aquisição e assinaturas desenfreadas (...) desde os tempos do primeiro reitor<sup>240</sup>.

A dubiedade desse depoimento é claramente realçada quando estamos diante do Diário Oficial de junho de 1964 que, ao dar o balanço geral do exercício de 1963 na UnB aponta *edifícios e móveis e utensílios* como os principais gastos ativos<sup>241</sup>. Entende-se aos poucos (e o depoimento de Edson N. da Fonseca é relevante por ele ter sido um “admirador” de Eudoro, segundo ele próprio, um amigo) que com relação ao projeto da biblioteca do CEC a tendência da centralização da biblioteca conflitava com a concepção do *centro de estudos* que seria extinto. E mais: o deslocamento da biblioteca para uma pequena sala (que cada vez mais foi diminuindo e seu acervo sendo dilapidado) foi *a grande articulação* para derrotar a proposta do CEC. O uso tendencioso de **A missão do bibliotecário**, de Ortega y Gasset, para doutrinar estudantes de biblioteconomia para lutar contra bibliotecas departamentais foi sinalizado por Catarina Knychala, aluna e orientanda do ex-diretor da BCE.

O fato é que em tom de crítica feroz, sem perceber que isso afetou tragicamente um projeto que, noutra memória, ele diz admirar, Edson Nery da Fonseca escreve, elogiando a gestão de Laerte Ramos:

Resistindo a pressões de certos professores para os quais o grau “Ph. D.” é mais um instrumento de luta do que um atestado de proficiência, não permitiu a proliferação

---

<sup>237</sup> FONSECA, Edson Nery da. **Martírio e restauração de uma universidade**. São Paulo: Ed. do autor, 1972, p. 14.

<sup>238</sup> Idem.

<sup>239</sup> Ibidem.

<sup>240</sup> Idem, p. 24.

<sup>241</sup> Em cifras da época, como exemplo das finanças em um período em que a UnB e Brasília eram um grande canteiro de obras, os gastos de 1963 para a) *edifícios* ficaram em 819.859.032,40 Cr\$, b) *móveis e utensílios* 115.982.788,80 Cr\$, enquanto a c) *biblioteca* recebeu 113.616.334,60 Cr\$ e d) *assinaturas de livros e revistas*, constando como contas em suspenso, registram a cifra de 8.871.069,10 Cr\$. Alta ou baixa a quantia dos gastos, vale registrar o argumento de Edson Nery da Fonseca porque, brevemente, esses e outros valores contribuirão para a extinção do CEC.

das bibliotecas departamentais sonhadas pelos que vieram para a UnB com todas as deformações das universidades tradicionais<sup>242</sup>.

Não durou muito o ímpeto criador no CEC, menos ainda o protagonismo operado pela biblioteca. E aqui será preciso que se faça entender a razão de trazer acima um livro como o catálogo de van Ooteghem. Na ocasião em que tive a oportunidade de trabalhar no setor de obras raras da biblioteca da UnB era comum que eu conhecesse pessoas (mais raras que os livros) que buscavam aquela parte do acervo. Lá participei de vários tipos de trabalhos, tais como atividades de reparos em manuscritos contidos no cofre das obras raras, como cartas e outros documentos, além de limpezas em espaços que definitivamente não condiziam com um setor de uma biblioteca, quanto mais em um espaço dedicado a obras raras. No meio de uma destas atividades em que selecionávamos livros que não eram obras raras e estavam ocupando espaço, para substituí-los por obras do acervo de Eudoro de Sousa, entre outros bibliófilos, devendo se integrar a um acervo de raridades, fui deslocado para atender um a senhor que descobri se chamar Mario Bastos. O livro que solicitou da biblioteca particular de Eudoro de Sousa.

O fato ensejou um diálogo, e ele comentou: “o Eudoro ficou muito chateado com o que aconteceu em 68”. Uma frase assim, numa primeira conversa, desdobrou-se em muitas outras. Foi quando entrei em contato pela primeira vez com a seguinte lembrança: Prestes a perceber que o estatuto da UnB seria “reformado”, dando um fim estrutural ao que era o Plano Orientador da UnB, certo de que isso acarretaria um desmonte que afetaria diretamente a biblioteca, Eudoro desmembrou a coleção do CEC levando para sua casa, na Colina, aquilo que lhe pertencia e que já era seu desde antes da chegada a Brasília.

Passava então a biblioteca de Eudoro por uma de suas mais importantes dispersões. Era o fim do que havia de mais essencial na estrutura do CEC. Levando sua biblioteca particular para a Colina, consentindo que parte dela *tivesse que ser centralizada* em um modelo que só viria a se formalizar em 1973, com livros que na realidade eram da FUB, Eudoro coloca um ponto final no Centro de Estudos Clássicos. Ficam à mercê da diretoria da BCE (leia-se, Elton Eugênio Volpini-Edson Nery da Fonseca) e de uma reitoria que, definitivamente, não simpatizava com o projeto eudorino. Os livros então “desceriam” para a biblioteca central<sup>243</sup>. Em conversas com o professor Ordep Serra e com os filhos de Eudoro, o relato foi confirmado. Sobre esse momento, temos de João Ferreira o seguinte depoimento:

---

<sup>242</sup> Ibidem.

<sup>243</sup> Vale notar, como se vê no site da biblioteca da UnB (<http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>) que neste período a biblioteca ainda ficava no prédio SG-12. Somente em 1973 seria inaugurado o atual prédio da biblioteca central.

A partir de 1968, porém, a nova Reitoria via com desconfiança a liberalização política dos que frequentavam o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, e também o Centro de Estudos Clássicos, e foi pensando na extinção dos Centros a curto prazo. (...) A Reitoria da Universidade e seus colaboradores, haviam tramado a morte dos dois Centros e a sorte de seus componentes. Primeiro foi extinto o Centro de Estudos Clássicos e os professores e funcionários foram distribuídos ou demitidos. Isto foi em 1969<sup>244</sup>.

A estratégia de atingir a biblioteca, de conseguir da Biblioteconomia a argumentação que defendesse a extinção de bibliotecas departamentais e, magistralmente, afetar a autonomia dos “órgãos complementares”, retirando-lhes autonomia e integrando-lhes ao Instituto Central de Letras (o que na realidade nada mais era que extinção) estava muito bem elaborada. Em março de 1969 um ato (nº 254/69) da reitoria explicita:

O presidente da Fundação e Reitor da Universidade de Brasília, no uso das suas atribuições e tendo em vista o que dispõe o novo Estatuto da Universidade, considerando a necessidade de promover a integração do Centro de Estudos Clássicos, às demais unidades universitárias, resolve constituir, sob a presidência do Vice Reitor, Professor José Carlos de Almeida Azevedo, e com a participação dos professores Eudoro de Souza, Elton Eugênio Volpini, Oneyr Baranda e Glaura Vasques de Miranda, Comissão incumbida de oferecer sugestões para a incorporação do Centro de Estudos Clássicos às demais unidades da UnB, no prazo de dez (10) dias. Brasília, 29 de março de 1969. Ass. Caio Benjamin Dias Reitor.

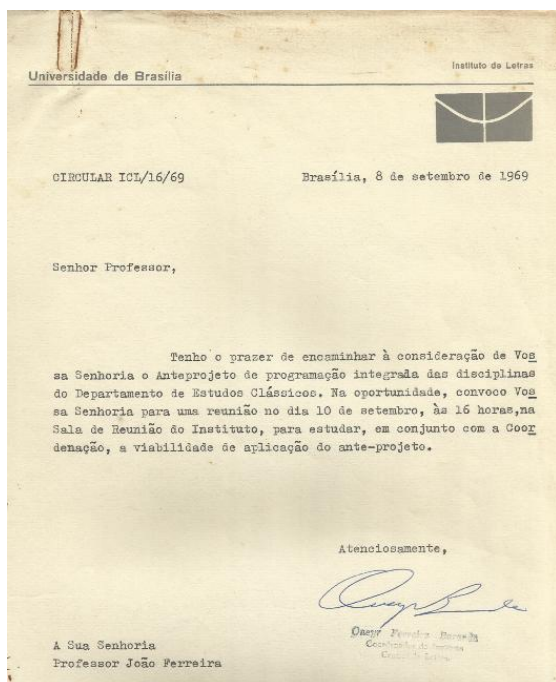
Esse documento é de uma riqueza indizível. Ele mostra exatamente a intenção de “matar” o CEC. Primeiro porque reconhece seu deslocamento dentro do “novo Estatuto” da UnB. Segundo porque considera a possibilidade de sua integração “às demais unidades universitárias”. O CEC, como “órgão complementar”, tinha natureza autônoma. Era uma casa de estudos transdisciplinares. Sem tocar na autonomia de outras áreas, departamentos e institutos, o CEC continha todas elas dentro de si, na medida em que era procurado pelas mais distintas personalidades que viam em seu percurso a necessidade de passar pela cultura clássica. Como algo que continha tudo passaria a ser contido por um Instituto ou Departamento? É de se imaginar o desencanto de Eudoro e daqueles que entendiam seu sentido e origem.

Em 8 de setembro de 1969, tentando induzir o professor João Ferreira a ser, dentro do Instituto Central de Letras, um articulador dessa indecente proposta de integrar CEC a um departamento/instituto, o então Coordenador do ICL, Oneyr Baranda emite uma circular cheia de boas intenções:

---

<sup>244</sup> SILVA, Agostinho da. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007, p.





Com o nome de “Anteprojeto de programação integrada das disciplinas do Departamento de Estudos Clássicos” estava selado o fim *departamental* de uma das mais criativas iniciativas que a UnB já teve, um dos projetos mais sonhados por Eudoro de Sousa, instituto que ao longo de décadas pelo mundo afora ele vinha concebendo, planejando, estudando maneiras de fazer existir. Quando havia enfim horizontes para isso, em poucos anos estava tudo enterrado. Em anexo está a lista “integrada de disciplinas” que reduziam os estudos clássicos a algumas matérias de língua e literatura. Mesmo

que “anteprojetos” dessa natureza existissem nas várias áreas onde a *Altertumswissenschaft* fosse possível (o que é pouco provável que tenha ocorrido), o desmembramento era exatamente aquilo que o batizava: um anteprojeto. Era totalmente contra tudo aquilo que Eudoro planejou em 1962.

Um depoimento impecável, ainda que dramático, da crise que já vinha se arrastando é dado por Agostinho da Silva, em maio de 1968. Ele, juntamente com Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, entre outros, foram convocados a discutir o problema das universidades, não apenas sobre o problema local da UnB, mas sobre a crise a história das universidades no mundo. Nesta Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), ao tocar o tema, Agostinho assim se expressou, criticando brutalmente o *afã normalizador* quer quis e conseguiu fazer da UnB uma universidade como qualquer outra do país:

(...) com esse esforço de tornar uma universidade normal, por exemplo, os seus estatutos destruíram coisas que eram únicas na Universidade de Brasília e que tinha sobrevivido. Cito apenas uma a V. Ex.<sup>a</sup>: o Centro de Estudos Clássicos (...).

Agostinho está respondendo a indagações feitas pelo Deputado mineiro Mata Machado, que viria a ser cassado meses depois por sua oposição à ditadura. O homem que tinha contribuído para criar o Centro de Estudos Afro-Orientais da Bahia (CEAO-UFBA), explica como se desse uma aula durante seu depoimento à CPI:

O Centro de Estudos Clássicos foi uma criação da Universidade de Brasília, como não há outra no Brasil, e como poucas se poderão encontrar no mundo. Quando se fala no grego e no latim, o que se fala é na literatura grega e na latina, ou na língua grega e na língua latina. Então (...) se fez a tentativa de apresentar a cultura clássica no seu conjunto. Não era apenas a literatura que importava, mas alguma coisa que foi no grego muito mais importante, muito mais essencial do que isso. Tentava-se apresentar a matemática grega, ou a filosofia grega, ou a história grega. Tentava-se apresentar o esforço humano, tentava-se sobretudo fazer entender que o Brasil, sendo um país jovem, tem consigo o paradoxo de ser um país antiquíssimo que vem do Mediterrâneo, e que a cada passo dos nossos costumes folclóricos, por exemplo, nós encontramos coisas que vamos radicar a Creta, ou que vamos radicar às tradições destas regiões do Mediterrâneo. Então, se estamos fazendo um esforço naquele Centro para que a cultura clássica fosse apresentada no seu conjunto, para que o aluno não fosse para ali apenas aprender a conjugar verbos gregos, ou traduzir mal traduzido um clássico grego, foi para que ele tivesse a idéia do que era o conjunto da cultura grega, de uma maneira geral, da cultura clássica e por aí aprender a descortinar certos processos de encarar a realidade, certas formas de raciocínio, ou a encontrar certos valores que lhe permitissem a ele pô-los como alicerce da sua própria cultura brasileira. Pois bem, na última reforma desta Universidade, extinguiu-se o Centro, para ser integrado numa coisa, que para a vergonha da Universidade e do nosso sistema universitário ainda se chama Instituto de Letras (letras é uma coisa que representa uma herança do século XVIII, dos literatos de salão do século XVIII, letras que desapareceu com a revolução alemã da filologia e com a sua adoção pela França, onde hoje se estudam essas coisas a sério e se estuda com filologia, com ciência). Foi integrado no Instituto de Letras, onde terá que ensinar aos meninos a não saber porque o que acontece quando eles saem do curso superior é não saberem latim ou a saberem pessimamente, não tendo nenhuma idéia da cultura grega. Bastou essa questão do Centro de Estudos Clássicos para mostrar que esta Universidade se atrasou, não se adiantou no tempo. Se atrasou, e vai ser uma vergonha para Brasília, vai ser uma vergonha para a Universidade, vai ser uma vergonha para todos nós, que amanhã se saiba que já existiu um Centro dessa natureza<sup>245</sup>.

Pouco foi feito para não deixar a UnB se mediocrizar. O que dizer desse testemunho, proferido por um homem que, em cartas, lamentava o fato de Eudoro de Sousa não lutar pela sobrevivência do CEC? "Ele gosta dos postos de comando", dizia Agostinho sobre Eudoro, "mas não entende que o posto implica o combate". O fato é que Eudoro foi se amofinando, se entristecendo, tornando-se um apenas professor de Grego, uma "lenda", um velho esquecido na Colina. Vale perceber que o depoimento de Agostinho aponta que já em 1968 o CEC era considerado extinto.

Silenciado pela sua própria natureza, inteiramente tomado pelo medo de enfrentar as autoridades na Universidade de Brasília (coisa que Agostinho fez em inúmeras situações), Eudoro não teve nenhuma reação ao novo estado das coisas. No percurso de nossa pesquisa, em nenhum momento encontramos depoimento ou registro de que ele teria tentando fazer o CEC resistir. Aceitar a extinção do CEC, levar o que lhe cabia da biblioteca para casa, amargar a "descida" do resto do acervo (o que não incluía apenas livros), dedicar-se à sua

<sup>245</sup> SILVA, Agostinho da; SIEWIERSKI, Henryk, (Coord.). **Agostinho da Silva: universidade: testemunho e memória**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2009, p. 52-53.

obra, estes foram os próximos passos de Eudoro. Segundo Ordep Serra, ele chegou a responder um Inquérito Policial Militar, documento que, se encontrado, teria muito a dizer sobre a visão de Eudoro sobre a subversivização operada contra o CEC.

Depois disso, Eudoro iria adaptar seu trabalho, prioridade óbvia de sua vida, à realidade que a UnB sob o regime militar lhe oferecia. Alguns acontecimentos merecem nota. Um deles é lembrado por João Ferreira. Diz que, em agosto de 1976, Edson Nery da Fonseca teria escrito um parecer para aprovar Eudoro como professor Titular. Como tal, teria direito a licenças e às condições para elaborar obras e pesquisas. Sobre isso, o próprio autor de **Estão todos dormindo** rememora:

Encontrei-o, certo dia, bastante deprimido porque o chefe de seu departamento o encarregara de ensinar língua grega a principiantes. Era realmente desperdiçar um professor capaz de ensinar nível de pós-graduação e de orientar teses. Procurei, então, o vice-reitor – *o tantas vezes incompreendido, embora sempre lúcido e bem-intencionado José Carlos de Almeida Azevedo* – e lhe disse: “O senhor não acha ser muito melhor para a UnB que um professor como Eudoro de Sousa escreva um livro por ano em vez de dar aulas de Grego I?”. “Acho”, respondeu Azevedo. E por sua ordem Eudoro de Sousa foi dispensado de carga docente, passando a ser tratado pela UnB como um *fellow* de Oxford. Foi justamente nos anos 70 que ele publicou seus mais importantes ensaios, como, **Dionísio** (sic) **em Creta** (1973), **Horizonte e Complementariedade** (1975), **Um poema dionisíaco de Álvaro de Campos** (1976) e **Sempre o Mesmo acerca do Mesmo** (1978)<sup>246</sup>.

Ainda que *orientado* a não fazer juízo a respeito das disputas sobre a memória de Eudoro de Sousa, devendo apenas apresentar as versões sobre sua biografia e dar a “liberdade” para que os leitores investiguem o tema e tomem suas conclusões, farei o contrário. Primeiro porque Ordep Serra descartou veementemente tal hipótese. Ordep era leitor dos textos de Eudoro às vésperas de eles irem ao prelo. Por mais que a família (é o caso de Jorge de Sousa, por exemplo) tivesse o professor Edson em alta consideração, nada é mais ficcional do que atribuir a outrem, especialmente ao “sempre lúcido e bem intencionado” Azevedo qualquer sucesso editorial de Eudoro nos anos 1970. Basta que se pense, por exemplo, que o belíssimo texto publicado na *revista de cultura da editora Vozes* em 1976, de forma alguma precisaria de licença e/ou qualquer tipo de intervenção de autoridade universitária. Em segundo lugar, se as datas que encontramos conferem (e contamos com isso), Eudoro teria sido alçado a professor titular “enquadrado” justamente em 1976, o que faz com que seja absurdamente forçosa a hipótese de atribuir às intervenções externas a publicação de **Dioniso em Creta e outros ensaios** (1973), por exemplo, que já vinha sendo escrito e reescrito anos a fio, e contou com os prelos de uma editora paulista. Isso fora o fato

<sup>246</sup> FONSECA, Edson Nery da. **Estão todos dormindo**. Recife: CEPE, 2010, p. 32.

de que as Separatas que recolhemos para descarte mostra o trabalho que abre o livro de 1973, já sendo finalizado e desenvolvido em 1966, quando saiu em Separata em revista de Porto Alegre, ensaio que viria a ser reunido com outros textos sempre guardados, reescritos etc.

Considerando que **Sempre o mesmo acerca do mesmo** foi pensado com intensa participação de Ordep Serra (que foi, segundo muitos, um dos grandes desengavetadores de obras de Eudoro), uma quase coautoria, impossível não excluir a mão de Azevedo ou Edson Nery da Fonseca desta obra, pois Ordep não trabalharia em um projeto dessa natureza. Resta avaliar a obra **Horizonte e complementariedade** (1975). É fato que no ano de sua publicação Azevedo era vice-reitor e Edson Nery da Fonseca fazia parte conselho editorial da Editora da UnB. Mas vejamos o que o próprio Eudoro diz no prefácio de seu “ensaio”:

Decerto, aos bons leitores não passará despercebido que alguns grupos de parágrafos deste ensaio, não passam de “torsos”, designadamente os que se referem a Empédocles e Platão. Só podemos assegurar-lhes que é nosso intuito desenvolvê-los em ulteriores publicações, se no-lo permitirem os poucos lazeres de uma vida quase toda dedicada ao ensino<sup>247</sup>.

Seja porque considere seus escritos “torsos”, parte de algo que já havia escrito, e que não havia escrito sob a batuta de nenhuma licença dada por autoridade alguma, seja porque expressa claramente que pretende voltar a trabalhar os textos, caso isso lhe seja permitido diante “dos poucos lazeres de uma vida toda dedicada ao ensino”, não nos parece que Eudoro deva a ninguém além de si próprio a publicação que prefacia. Muito pelo contrário. Apesar de a referenciação a esta obra no sistema da biblioteca da UnB registrar apenas a EdUnB como casa publicadora, quando na realidade também a editora Duas Cidades compôs a edição da obra, Eudoro agradece em seu prefácio apenas à “Livraria Duas Cidades e a seu conselho editorial (...) por tão magnanimamente fechar os olhos à perspectiva de lucros, que não pode resultar da publicação de livros que, por sua própria natureza, não caem no domínio (...) de um público numeroso”<sup>248</sup>.

Versões como estas, legitimadas pelo discurso memorialista inquestionável de um professor renomado como Edson Nery da Fonseca, sofrem da enorme dificuldade de serem comprovadas, tendo em vista que, como sugere o título de seu livro, estão todos dormindo os que poderiam dar maiores detalhes. Que a ficção memorialista fala leito de Procusto daquilo que relata, não é novidade na história do gênero. Triste é que a historiografia, como recentemente se fez, copie (e sem citar a fonte) cegamente uma interpretação do fluxo

<sup>247</sup> SOUSA, Eudoro de. **Horizonte e complementariedade: ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos**. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975, p. 10.

<sup>248</sup> Idem, p. 11.

produtivo eudorino durante das décadas de 1970 e 1980 sem sequer analisar os textos e perceber que muito já vinha sendo lapidado ao longo de anos, ou havia sido escrito “*dum jacto*”. Que falta honestidade intelectual entre alguns expoentes da Universidade de Brasília, não é novidade. Mas sustentar mentiras sobre a história – considerando-as verdade -, *dentro da historiografia*, é erro inadmissível a quem se proponha a discutir a trajetória intelectual de uma figura como Eudoro de Sousa<sup>249</sup>.

É bem certo perceber, entretanto, que a impotência medrosa ou covarde diante das autoridades se manifesta no mesmo prefácio, quando o autor agradece à Biblioteca da UnB da seguinte maneira:

(...) quanto à bibliografia, diga-se, por fim, que, sem a Coleção de Estudos Clássicos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, a cujo Diretor, assim como à Administração Superior de todo o complexo universitário, manifestamos aqui a nossa mais profunda gratidão, nunca este opúsculo veria a luz da publicidade<sup>250</sup>.

Ora, a biblioteca *era a dele*. Apesar de parte imensa dela se encontrar em sua casa, na Colina, a biblioteca à qual ele agradece no trecho acima citado foi comprada, organizada, concebida sob sua orientação. Trata-se de um insólito agradecimento. Nos custa crer que, se fosse devedor a alguém, Eudoro deixaria de manifestar aqui tal gratidão. Ele o faz, entretanto, para a Biblioteca da UnB, demonstrando tristemente sua aceitação diante do fato de que o Centro de Estudos Clássicos tinha se tornado uma mera coleção dispersa e mal cuidada. Eudoro agradece diretamente a Elton Eugenio Volpini, um homem que, segundo o próprio prof. Edson me relatou em Olinda, não era nem um pouco querido pelo helenista.

<sup>249</sup> Para a verificação da versão (na verdade uma aparente cópia), sem citação da fonte que é “memória” de Edson Nery da Fonseca, Cf. GUIMARÃES, J. O. N. “*Entre-lugar e lugar-nenhum: Eudoro de Sousa, de Portugal à (sic) Brasília*”. Archai n. 8, jan-jun 2012, pp. 75-79. Ainda que reconhecendo (o que tem sido bastante incomum na fortuna crítica brasileira) a influência da geração portuguesa, da filosofia portuguesa, da “Renascença Portuguesa”, o professor do Departamento de História da UnB entende essa “dupla orientação”, “tensão”, sob uma polaridade que a própria noção de “complementariedade” permite sustentar. Na verdade, sem ser antagônicas, não se trata de haver um binário “Novalis-Pessoa”, por exemplo, como dois lados de uma mesma moeda. Eudoro de Sousa colheu no curto período germânico elementos e visões de mundo que já vinham sendo gestadas mesmo antes de sua ida para Heidelberg. E mais: não é apenas em seu retorno à Lisboa que passou a integrar o movimento da “filosofia portuguesa”. Já antes de ir para Heidelberg Eudoro fazia parte do círculo de amigos que, já em Heidelberg, para Delfim Santos, em cartas, faria questão de dizer que rompera. Quando o artigo acima sugere que “em apenas 7 anos” Eudoro conseguiu montar “uma impressionante biblioteca” (p.78), é por desconhecer que ela já vinha de longa estrada, já impressionando por onde passou, estando já montada, em linhas mestras para as quais a UnB veio a contribuir, mas sempre tendo como núcleo os livros da biblioteca particular eudorina. Outro erro do artigo é desconsiderar que João Ferreira, apesar de influenciado e inspirado pela vivência com Eudoro de Sousa (e não do CEC, que estava praticamente extinto na altura (1968) em que chega a Brasília), fez seu doutoramento na Europa, dez anos antes de chegar ao Brasil. Mas isso são apenas desleixos que a pesquisa cuidadosa vai ajustando. Imcompreensível, mediante o endossamento da “memória” dormente de Edson Nery da Fonseca, é inserir a **Poética** de Aristóteles e **As Bacantes** de Eurípedes como o “grosso” de uma obra supostamente produzida com a dispensa de carga docente que um “colega” e o “então reitor” teriam dado a Eudoro.

<sup>250</sup> Ibidem.

Veem-se as contradições expostas em tal história. Quando estive em sua casa para pesquisar e conversar com prof. Edson sobre o assunto, esclarecer esses nós. Demonstrei minha intenção de escrever que, apesar de gostar do Eudoro, apesar de admirá-lo, o ilustre oblato do Mosteiro de São Bento trabalhou pela centralização do acervo da UnB e, com isso, pela extinção do CEC. Percebendo meu incômodo em argumentar, dentro de sua casa, questionando suas memórias, Edson, já acamado, me dizia: “mas diga! você tem todo direito de dizer isso que está pensando”<sup>251</sup>.

Foram muito longas e proveitosas as conversas durante o aniversário de Olinda, quando estive na rua do Mosteiro de S. Bento para tomar notas a respeito da relação entre essas duas figuras da história da UnB. Mas parece que até a lenda de que Pessoa escreveu O Guardador de Rebanhos “dum jacto” é mais verdadeira do que essa tentativa de apadrinhar Eudoro de Sousa. E antes que se pense que o argumento que contradiz a ficcional história de Edson tenha vindo de uma polaridade maniqueísta entre ele e um aluno expurgado (Ordep), afirmo: foi a crítica genética que mostrou como as obras as quais o memorialista faz referência, se forem analisadas no contexto profundo de sua produção e construção, de maneira alguma poderiam ser produzidas e menos ainda publicadas por meio de uma sensibilização por parte das autoridades ou diante da condição de vítima que Eudoro se encontrava.



Em 5 de outubro de 1968, o professor João Ferreira faria um dos relatos mais profundos e bem descritos das atividades do CEC, publicado no *Correio Brasiliense*. Demonstrando sua total dedicação ao Centro e ao que estava sendo feito ali, detalhando cuidadosamente as atividades, publicações e, sobretudo, os princípios que regiam o centro, o professor tentou, tornando a questão um problema público, tentando envolver os leitores, e comunidade brasiliense, levantar-se em defesa da originalidade e da utilidade de um projeto como o que estava sendo desmontado. De nada adiantaria.

Mesmo inspirado pelo regimento aprovado em 13 de janeiro de 1966, mesmo refletindo sobre a importância dos estudos clássicos para humanidade, para a sociedade, para a universidade moderna, nada sensibilizaria as autoridades. O artigo extenso detalha os i)

<sup>251</sup> Também na ocasião em que soube que eu estava sendo processado pela UnB devido à denúncia do bibliocídio institucionalizado que se deu na universidade, o prof. Edson amenizou ao telefone: “serei o primeiro a me levantar em sua defesa”.

“estudos e pesquisas” do centro, informa sobre as ii) “teses de mestrado e doutoramento” que ali vinha sendo desenvolvidas, explica a natureza das iii) “atividades docentes”, o que envolvia cursos das mais variadas espécies, lista os iv) “seminários” desenvolvidos por Eudoro de Sousa, um dos capítulos mais estimulantes para aqueles que tiveram a oportunidade de ouvir o Mestre e, finalmente, faz a defesa da manutenção dessa parte que estava sendo extirpada da história da UnB:

E a UnB, que luta presentemente pela sua renovação e sobrevivência tem no Centro de Estudos Clássicos, na forma autônoma como as autoridades o condicionaram, um dos órgãos complementares de finalidade cultural, uma guarda avançada, no estudo da “história e natureza da condição humana” que é sempre um dos problemas fundamentais de pesquisa e de interesse para o foro íntimo do homem<sup>252</sup>.

Todas as tentativas estavam fadadas ao fracasso por dois motivos fundamentais. O primeiro deles é que Eudoro a essa altura já estava prestes a rachar a biblioteca do CEC. Desmembrada, ela não mais seria um instrumento de trabalho. Os alunos se dispersariam e aquele convívio criativo possível no vasto espaço narrado por quem nele viveu, estaria interrompido. Além do mais, as “reformas” extraíram do CEC seu *status* de órgão complementar, não lhe deixando outra opção que não a extinção branca que era integrar-se, no dizer de Agostinho da Silva, a “uma coisa que para a vergonha do nosso sistema universitário se chama Instituto de Letras”.

Mas não cessaram por aí as estratégias de ostracizar Eudoro. Reconhecido pelo seu colecionismo, voltado, sobretudo, para a pesquisa erudita, a política de aquisição continuou. Ou seja: calava-se Eudoro mantendo uma aquisição de livros que talvez seja a razão, por

exemplo, de seus agradecimentos no prefácio de **Horizonte e complementariedade**. Só lhe resta, na verdade, aceitar e compreender o que o toro destino da UnB lhe impôs, fechar-se sobre si e sua obra, apartado de uma de suas Obras máximas, a biblioteca. De casa, com parte enorme de seu acervo transbordando pelos cômodos do apartamento na Colina, consultando, quando necessário, inclusive conseguindo novas aquisições (sem dúvida bem menos ativas e frequentes do que antes), Eudoro foi se recolhendo cada vez mais.

HERDER BIBLIOTECA LEVA  
psicologia - sociologia - literatura - filosofia - teologia - religião

Código Geral de Classificação de B.C. Instituição 308 221 1-a Via  
R. 21 - 133.374

NOTA FISCAL AO CONSUMIDOR - A PRAZO - SÉRIE C Nº 8519

A  
Prof. Eudoro de Sousa  
Rua Universidade de Brasília  
Cidade BRASÍLIA Estado DF.

QNTD.	AUTOR E TÍTULO	PREÇO
1	PLOTINS SCRIPITUM. Band 1a e 1b	43,00
1	PLOTINS SCRIPITUM. Band 5a e 5b	43,00
	Despesa de Correio	0,00
		86,00

Pedimos enviar-nos a importância supra mencionada...  
ANEXO O SUPLENTE DESTA LULA.

Ref: Seu Pedido 15784 de 25-7-68  
São Paulo, 25-07-68

<sup>252</sup> FERREIRA, João. “Atividades do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília”. Brasília: *Correio Braziliense*, 5 de outubro de 1968, caderno cultural.

Um dos exemplos dessa movimentação do acervo, ainda durante a crise, é o recibo da editora Herder, fruto de uma compra de volumes diferentes de **Plotins Schriften**. Solicitado por Eudoro em 25 de julho de 1968, os exemplares chegariam pouco tempo depois, em 25 de setembro do mesmo ano. Os produtos da compra (43,00 N CR\$ cada) podem ser consultados nas estantes da atual coleção de estudos clássicos, por meio da referência PLOTINO; HARDER, Richard. **Plotins schriften**. Hamburg: F Meiner, 1956. (Philosophische Bibliothek Band). Longe de ostentação de um dado desprezível, a possibilidade de ainda constarem tais exemplares<sup>253</sup>, demonstra como Eudoro ainda mantinha, como professor, pedidos que eram comprados apesar do desmonte da biblioteca.

A respeito destas estratégias de silenciamento ainda veladas para incentivar a mansidão de Eudoro diante da situação em que se viu após o desmonte do CEC, mais uma vez cartas entre amigos oferecem um testemunho que, mesmo parciais, não podemos deixar de lado. Em carta que Agostinho da Silva escreve para António Telmo em outubro de 1968, o também fundador da UnB avalia:

Os Estatutos da célebre Universidade de Brasília ainda não foram aprovados, nem se sabe quando o serão, de modo que o Centro tem mais um tempo para lutar por sua existência. Quanto ao dos Clássicos, dificilmente se sairá daquele ambiente; pode ser que um dia consiga, de fora, única possibilidade, criar alguma coisa ocupada de Grécia e Roma, que se chame a colaborar gente de lá; talvez isso dê certo. As manobras contra Eudoro eram fatais (...)<sup>254</sup>.

Agostinho lamenta a dificuldade em “livrar” Eudoro de Sousa das administrações, sentenciando a sina eudorina: “ele [Eudoro] terá sempre que se defender porque aquela gente não desiste e ele se cansará mais depressa do que eles”<sup>255</sup>. Ao final do mês de outubro do

<sup>253</sup> Segundo número de chamada disponível (1 (38) P729p = 30) os cinco volumes constam no acervo, cada um com dois Tomos, sendo que o último, volume V, teria três tomos.

<sup>254</sup> FERREIRA, João (org.). **Cartas de Agostinho da Silva para António Telmo**. Licorne, 2014, p. 52. Interessantíssima descrição de Eudoro e sua biblioteca está na nota 31 desta carta, em que se faz referência a uma obra de J. J. Conceição Rocha, um dos heterônimos de Agostinho da Silva, escrita em 1971: “Uma das grandes coisas, porém, na novel Universidade [de Brasília] foi o Centro de Estudos Clássicos, dirigido por (...) Eudoro de Sousa. Grande espírito de cientista, de filólogo e de filósofo, grande inspirador e grande professor, talvez um dos mais notáveis espíritos da geração a quem pertencem Sant’Anna Dionísio, José Marinho ou um Álvaro Ribeiro, e de quem o Prof. Agostinho da Silva diz que merecia ter frequentado a Faculdade de Letras do Porto, a primeira e única (...).

*Com um apoio integral da Universidade, conseguiu o Prof. Eudoro de Sousa reunir no seu Centro a melhor bibliografia clássica da América Latina e juntar à sua volta algumas das mais notáveis personalidades de aluno que passaram por Brasília.*

Tive eu próprio a ventura e o gosto de assistir a alguns dos seminários que ali se realizaram, por exemplo, o que decorreu sobre Heraclito, pensador difícil se o há, em que foi verdadeiramente assombrosa a maneira pela qual se discutiram os textos, quer no aspecto filológico, quer no filosófico, quer no histórico, e em que não só brilhou a inteligência ímpar do animador do encontro, mas em que deram a mais vigorosa e informada colaboração de seu talento e deu seu saber pessoas como (...).”

<sup>255</sup> Idem.



mesmo ano, anunciando a ausência de Eudoro em reuniões da Comissão “para tratar do caso dos Centros” (em março do ano seguinte a reitoria se pronunciaria formalmente sobre o caso), Agostinho relata a Telmo:

De Brasília sei que se constituiu uma Comissão para tratar do caso dos Centros; como o Eudoro não aparece nunca nas reuniões ou quando aparece fica calado ou aceitou de boa mente a liquidação do CEC (...) o Reitor não o incluiu na Comissão, o que o pôs como uma fera (...). A verdade é que precisamos ter uma Centro de Estudos Clássicos, mas não creio que vá para a frente sob a direção exclusiva do Eudoro; aquele homem ainda não percebeu que serve para frade mas não para prior do convento. O pior é que se está desgastando com tudo isso e daqui a pouco nada lhe sobrar de energia para trabalho, dando de barato, o que é duvidoso, que alguma lhe sobre para viver; no fim das contas esse é o ponto fundamental (...)<sup>256</sup>.

Como vimos na referência ao ato da reitoria anteriormente referido (nº254/69), Eudoro viria sim a integrar a Comissão, quando já não havia mais nada a ser feito. Há nestas cartas uma disputa ou, ao menos, construção da conivência e/ou passividade de Eudoro diante da situação. Em uma UnB bipolarizada, não é surpresa que Agostinho continue sua análise da conjuntura da seguinte maneira: “não creio muito na versão de que a revolta teve o apoio do Ordep; creio mais na que aponta o Xavier”<sup>257</sup>. A briga ideológica não atingiu apenas a política nacional e a recém criada Universidade, como também fragmentou as visões dentro dos próprios centros. Em novembro de 1968, após Agostinho já ter pronunciado em carta para António Telmo que, segundo ele, com o professor João Ferreira o CEC “iria muito melhor”<sup>258</sup>, Eudoro tira licença e o CEC passar a ser “pilotado” pelo professor João Evangelista. O professor João Evangelista, atualmente residente em São Paulo, tem uma visão diferente da posição de Eudoro neste momento.

No mesmo dia (17/11/1968) em que escreve a Telmo, um tanto otimista sobre a chegada de Evangelista à chefia do CEC, e também otimista sobre o ato que a reitoria emitiria em março do ano seguinte, Agostinho da Silva também escreve ao professor João Ferreira, em carta ainda inédita:

Dos Centros, tôdas as notícias me parecem excelentes; não há mais nada a que apontar esforços senão a que o acto da Reitoria saia o mais depressa possível (...). Uma das paciências tem que se exercer com Eudoro; é homem para entender – e como entende – mas inapto para a acção; não se bate; o pior, para êle e para os outros, é que gosta dos postos de comando; no fundo foi homem feito para viver sozinho e por isso gosta do comando, cujo companheiro é a solidão; mas não entende que o posto implica o combate; se os caminhos dele não forem outros,

---

<sup>256</sup> Idem, p. 66-67.

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> Ibidem.

sofrerá um dia ser posto fora não pelos hierarquicamente superiores, mas pelos comandados; ou por si mesmo.

Em março de 1969, um ano após já ter anunciado a extinção do CEC em depoimento para uma CPI no Congresso, Agostinho já não tem mais condições de admitir qualquer otimismo diante do quadro vigente em Brasília: “por aqui, tudo na mesma, com a UnB administrada da forma mais esquisita possível; os Clássicos passarão ao ICL (...)”<sup>259</sup>. A decadência estava institucionalizada, quando se decidiu integrar o CEC ao Instituto Central de Letras. Com a “centralização” da biblioteca o resultado final da “reforma” estava decretado.

De Sesimbra, em abril de 1969, Agostinho envia um postal para Telmo lamentando: “o CEC já foi à vela, com a biblioteca na Central e o pessoal disperso (...)”<sup>260</sup>. Em maio, Agostinho volta a lamentar a derrota, enfatizando a “participação” de Eudoro: “lá se foi o CEC, parece que com grande alívio do Eudoro, ou, pelo menos, sem reação alguma que pudesse sustar a coisa”<sup>261</sup>. Aparentemente alheio à realidade política no Brasil, em junho de 1969 Agostinho escreve a Telmo: “Parecia-me conveniente requerer prorrogação da sua licença na UnB, pelo Centro, já que os Clássicos acabaram. Então, *talvez ditadura*”<sup>262</sup>.

A história da destruição do CBEP e do CEC, para além da desarticulação que teve como foco, além das diásporas, a dispersão/centralização das bibliotecas, ainda está por ser feita. Mais ainda por ser feita é a história de dentro, imanente, da destruição. A última carta publicada de Agostinho que faz referência a Eudoro, em conversa com A. Telmo, é de 1973, quando lemos: “A UnB piorando como se esperar, Eudoro recolhendo suas obras para edição em São Paulo”<sup>263</sup>. O que restou de todo o relato acima descrito foi um professor já idoso, prestes a adoecer, em buscar de publicar sua obra, sem nunca deixar de tentar fazer com que o acervo, agora centralizado, se atualizasse, tentativa que cedo gerou o cansaço e a desistência anunciados nestas epístolas acima.

Sobre a grandiosidade do acervo, além da vastíssima memória oral (ainda) existente, alguns registros são fundamentais. Um dos mais extensivos e detalhados é o texto do professor Ronaldo de Melo e Souza. Assíduo leitor da biblioteca eudorina, o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) relaciona o perfil de Eudoro com o de sua biblioteca. Em **Intelectuais portugueses e a cultura brasileira**, estamos diante da leitura que o prof. Ronaldo fez do seu Mestre:

---

<sup>259</sup> Idem, p. 85.

<sup>260</sup> Idem, p. 86.

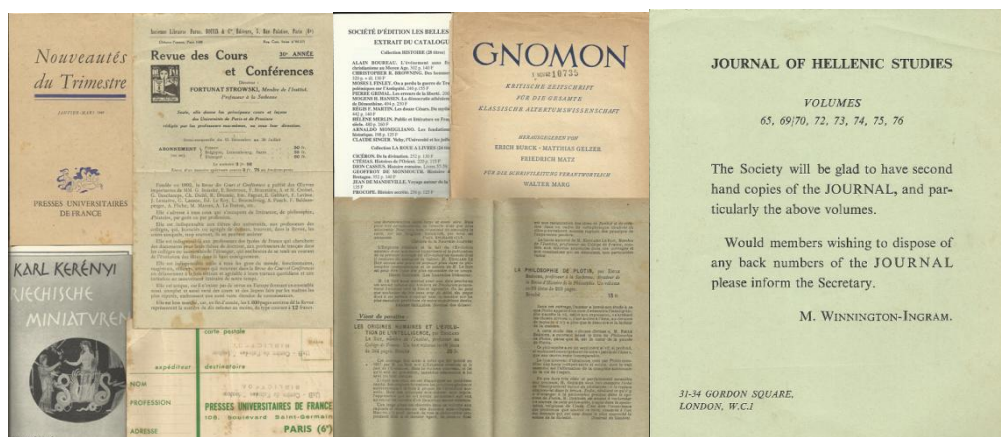
<sup>261</sup> Idem, p. 87.

<sup>262</sup> Idem, p. 94. Sublinha de Agostinho, itálico nosso.

<sup>263</sup> Idem, p. 119.

(...) Eudoro se distingue como o pensador que consegue realizar a conciliação extraordinariamente difícil entre a especialização disciplinar e a interação interdisciplinar. Um dos testemunhos mais eloqüentes do projeto eudoriano de formação cultural integrada se encontra na Biblioteca Central da Universidade de Brasília<sup>264</sup>.

O que se segue é um exaustivo detalhamento a respeito da biblioteca de Eudoro. Obras de referência, lexicógrafos e escoliastas, microfilmes com obras raras, coletâneas das mais variadas sobre pré-socráticos, inúmeras bibliografias fundamentais, como a **Bibliotheca graeca et latina**, anteriormente citada. O prof. Ronaldes lista ainda, separados por nacionalidade, as 45 publicações especializadas regularmente assinadas pelo CEC àquela altura. 11 alemãs, 7 americanas, 2 austríacas, 7 inglesas, 5 francesas, 1 belga, 3 Holandesas, 1, sueca, 1 norueguesa, 1 suíça, 1, espanhola, 1 canadense e 6 italianas. Hoje, todas estão esfaceladas, caindo aos pedaços, sendo paulatinamente desmembradas paulatinamente.



O que vemos acima são exemplos de folhetos que caem aos montes dos livros da extinta coleção. Catálogos de *Les Belles Lettres*, de editoras alemãs, da *Presses Universitaires de France*, do britânico *Journal of Hellenic Studies*. Até o folheto da revista alemã *Gnomon*, muito citada por Eudoro em sua obra, registra ainda o carimbo de 1982, sugerindo que no início da década de 1980 ainda havia alguma atualização de tais periódicos.

A leitura que Ronaldes de Melo e Souza faz da obra eudorina é apropriada para a argumentar em prol caracterização do que Ordep Serra viria a descrever como a “configuração alexandrina” da biblioteca. “O estudioso que consulta o precioso acervo

<sup>264</sup> SOUZA, Ronaldes de Melo. Horizonte e complementaridade em Eudoro de Sousa. In: GOBBI, Marcia V Zamboni; FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro; JUNQUEIRA, Renata Soares (Org.). **Intelectuais portugueses e a cultura brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 161.

inteiramente dedicado à *Altertumswissenschaft, Classical Scholarship, Philologie Classique*”, explica o autor de **Ensaio de poética e hermenêutica**,

prontamente verifica que a cultura clássica (...) tem de ser estudada e compreendida como uma unidade que só aparentemente se dispersa, como projeções suas, nos vários planos funcionais da língua, literatura, filosofia, arte ciência, mitologia, religião, direito etc<sup>265</sup>.

Antes de dar sua interpretação das principais obras publicadas, na intenção de precisar para o leitor o caráter da biblioteca, o prof. Ronaldo pontua:

*Decorrente do projeto de pesquisa interdisciplinar de Eudoro de Sousa, a Coleção de Estudos Clássicos não é apenas uma biblioteca de Letras Clássicas. O Objetivo não era “Letras”, mas a “Ciência da Antigüidade” (...). Como em nenhuma outra biblioteca do país, somente no Centro de Estudos Clássicos encontrará o estudioso, ao lado da literatura e da gramática, tantas e tão variadas obras acerca de história (política, social, econômica), instituições públicas e privadas, religião, arte, mitologia, ciência e filosofia da Grécia e de Roma*<sup>266</sup>.

Publicado em 2002, o ensaio de Ronaldo de Melo e Souza (mesmo que tenha sido escrito antes) não toma conhecimento de que, comprada ao final da década de 1980, a biblioteca particular de Eudoro, a grande parte dos livros que ele levou para a Colina em 1968/69, estava encostada no depósito. A biblioteca única, organizada “como em nenhuma outra biblioteca do país” estava desmembrada, ela sim vítima de um processo que começou durante a desarticulação do CEC e que continuou após a abertura democrática. É pena que as primeiras páginas do texto do professor Ronaldo de Melo e Souza, como veremos, nada mais é do que um plágio completo de outro texto que refletia sobre o problema da biblioteca do CEC.

Ao conversar sobre o assunto com o professor Ordep, nos idos de 2008, ele assim se expressou sobre a triste situação:

Caro Bruno

Veja bem: a imposição da retirada dos livros do CEC para a Biblioteca Central veio da Reitoria, ou melhor, do que naquela altura era impropriamente chamado de Reitoria da UNB. O interventor que extinguiu o CEC começou por aí. O que aconteceu no processo deve ter resultado dos desmandos habituais naqueles anos de chumbo. Havia no CEC livros que eram do Professor Eudoro de Sousa e que ele de lá retirou; esses livros tinham uma catalogação à parte. Não me parece que tenham

<sup>265</sup> Idem, p. 162.

<sup>266</sup> Idem, p. 163, grifo nosso.

sido retirados todos de uma vez. Lembro-me do caso do ANET: quando chegou um exemplar adquirido pela UNB, Eudoro levou o seu para casa. Acho que ele, com toda a razão, só levou “em bloco” os livros que lhe pertenciam para sua casa quando se impôs a passagem do acervo do CEC para a Biblioteca Central e o próprio CEC foi extinto. A imposição de transferir os livros do CEC para a BC foi uma estupidez. Centros de estudos clássicos (como o Centre Louis Gernet, onde também estudei) são bibliotecas especializadas onde os estudiosos se reúnem e promovem pesquisas, simpósios etc. Retirados os livros, o CEC deixou de ser efetivamente um Centro de Estudos Clássicos. Na Biblioteca Central, o acervo do antigo CEC estão simplesmente enfileirados. E quanto à salinha pequena e mal ventilada a que você se refere, dar-lhe o apelido de CEC é um insulto. O CEC só voltará a existir, se é que voltará, quando sua configuração “alexandrina” se restaurar, com um equipamento renovado, contemporâneo. Estive há pouco tempo na furnazinha em que os livros do CEC foram depositados. Não me parece que a UNB tenha ampliado em nada esse estoque de livros depois da extinção do CEC. De qualquer modo, desejo-lhe êxito em seu trabalho. Abraços Ordep.



Como frequentador da “furnazinha” em que depositaram os livros do CEC, foi em 2007 que conheci o local. De lá para os dias de hoje centenas de livros sumiram. A biblioteca de referências que ocupava a parede esquerda de quem hoje entra na sala da coleção está completamente vazia (cf. figura ao lado). As referências foram deslocadas estranhamente. Não há espaço dentro da sala para um remanejamento dessa natureza. Tendo trabalhado com espaçamento ali e em vários setores da BCE, sou obrigado a reconhecer que ou os livros foram dispersos no acervo geral (o que eles sempre negam) ou sumiram (o que negam mais ainda).

Esses dados, depoimentos e interpretações do que vem a ser a “configuração alexandrina” do extinto CEC, atual coleção de estudos clássicos, são uma resposta a conversações recentes que tive com um bibliotecário do quadro da BCE que se conhece algumas peculiaridades do caso CEC. Em conversa sobre a suposta natureza que o CEC tinha que ter, ele me disse que “o CEC tinha que ter só as classes 1 e 2”. A saber, classes 1 e 2 são as referentes a filosofia e estudos da religião. Onde ficariam os dicionários especializados no tema que não tem cabimento serem dispersos no acervo geral? E Estrabão? E o romantismo alemão? E as obras dedicadas aos trágicos? E a matemática, física, a medicina antigas? E a economia das instituições romanas e os detalhes sobre o comércio livreiro do mediterrâneo? Papirologia? Codicologia? A arte e a arqueologia antigas? Vê-se que nem os mais bem informados funcionários da biblioteca da UnB entendem a lógica do extinto CEC. Não é de surpreender que ao longo dos anos a coleção diminuiu abruptamente. Quando estive junto com o prof. Ordep Serra na masmorra em que os livros hoje se encontram, ele me disse que

não existia ali nem um terço do que Eudoro reuniu. Ronaldes de Melo e Souza, no seu artigo acima citado, fala em sete mil volumes, “não contando, entre estes, os dos periódicos especializados”<sup>267</sup>.

Se à luz da interpretação waburguiana da biblioteca o acervo de Eudoro de Sousa compõe uma obra constitutiva do que ele publicou, uma obra a parte, a grande obra de toda sua vida dedicada a colecionar referências sobre o tema e servir aos outros com tal exemplo alexandrino; a morte de Eudoro deu à UnB, com a compra da parte que estava em sua casa, o corpo inteiro de um monumento, não lhe restam nem os torsos. Eudoro morre a cada instante, desde que seu acervo foi comprado em abril de 1988. Sobre esta decisão, a monografia supracitada de Thiago de Menezes oferece dados importantes. Segundo ele, após a morte de Eudoro, em 14 de setembro de 1987, cerca de dois meses depois, uma Comissão foi designada para avaliar e emitir parecer sobre a situação dos livros de Eudoro (cf. resolução nº 075/87 de 16.11.1987). Sobre os livros, Thiago comenta, com base em notícias publicadas no *Correio Braziliense*:

Entre os livros, contavam-se, por exemplo, o SUDA, primeira enciclopédia em ordem alfabética, compilada em grego por sábios bizantinos, no século X (a edição de Eudoro, de 1619, possuía, além do texto grego, a primeira versão latina), e setenta volumes com data anterior a 1800.

O comentário de Thiago Menezes, além de oferecer importantes notícias da época em que a compra da biblioteca de Eudoro era tema na mídia local, denuncia uma situação ainda mais interessante: “Ainda hoje podemos visitar (...) o que restou dessa biblioteca do CEC. O acervo está localizado no subsolo da Biblioteca Central em uma sala do setor de obras raras, que conta inclusive com cadeiras e mesas para estudo”. O que se depreende desta citação é, primeiramente, que o estudante sequer imaginar que mais embaixo há um buraco, o segundo subsolo da biblioteca da UnB, onde o que viria a ser comprado após a morte de Eudoro estava alocado (conforme a imagem ao lado, de 2007/2008). Somente em 2007 boa parte da biblioteca comprada vinte anos antes seria integrada ao acervo, após o bibliocídio. Em segundo lugar, a fala do estudante de história dá a entender que há “cadeiras e mesas para estudo” nessa saleta onde os livros ficavam no início dos anos 2000. Disso se depreende que houve então um momento ainda recente onde era possível estar ali, sentar, estudar, consultar o acervo com alguma liberdade, sem a pseudo super proteção existente hoje.

---

<sup>267</sup> Idem, p. 161.



O que vemos acima é o início e o fim do longo corredor do segundo subsolo da biblioteca da UnB, no ano de 2008. Neste recinto insalubre, por vinte anos a biblioteca de Eudoro esperou por uma catalogação e integração ao acervo que só veio a força, após o fatos ocorridos e levados às mais altas instâncias judiciais deste país.

Não é difícil identificar estes livros atualmente, tendo em vista que eles portam uma etiqueta novíssima nas lombadas, indicando catalogação recente pelo lado de fora, mas contendo por dentro manuscritos, marginalias, carimbos, vestígios mais variados das leituras feitas por Eudoro que datam, de antes da década de 1980. Segundo o filho mais velho de Eudoro, o poeta Eudoro Augusto, a biblioteca foi vendida pela família pelo valor de quarenta mil dólares. Sua filha mais nova, Maria Teresa, me confiou a história de que a *Suda* não constava originalmente entre os livros a serem vendidos. Maria Teresa conta que na década de 1980, Eudoro advertiu a família de que, em caso de compra de sua biblioteca pela UnB, um certo livro do século XVII fosse vendido noutro lugar, porque pagariam melhor preço. A tentativa de cumprir o pedido do pai esbarrou em uma suposta lista que a Comissão escala pela compra levou para a família no dia da compra. No pacote tinha que constar a *Suda*. A mesma historieta acrescenta a isso o fato de que o preço da biblioteca *com a Suda* era exorbitantemente maior do que sem ela. Sem condições de manter este acervo junto da família, diante da facilidade de vendê-lo à UnB, com a intervenção de alunos como Fernando Bastos, não há como negar que esta foi uma decisão acertada, apesar do olvido de vinte anos e do que viria a acontecer às portas do jubileu da Universidade de Brasília.

Situação crítica que merece ser aberta a público diz respeito a várias coleções que integravam a coleção de Eudoro, mesmo depois que ela se partiu em duas. Em uma edição

para a revista *Humanidades* que comemorava os trinta anos da UnB, o professor João Pedro Mendes escreve, revigorando-se em nostalgia:

A transferência da BCE, com suas seções, para o prédio definitivo deu-se em 1973 (inauguração em 12 de março). Passaram a integrar o Centro de Estudos Clássicos, de forma paulatina, coleções adquiridas no mercado, nomeadamente de herdeiros de grandes mestres e classicistas, como Pedro Moura, Homero Pires, Agripino Grieco, Carlos Lacerda, Wandick Londres da Nóbrega.

Essa fala mostra como em 1973, até o professor João Pedro Mendes já fazia a confusão entre o Centro e a coleção de estudos clássicos, tendo em vista que o CEC já havia sido extinto. De qualquer maneira, vê-se que a natureza da biblioteca de Eudoro era tal que englobava as bibliotecas que iam chegando à UnB. Textos raros, materiais por demais específicos para estarem no acervo geral, se fossem da área de estudos clássicos iriam diretamente para a coleção da biblioteca. Há aí, no nosso entender, apesar da desarticulação que havia destronado Eudoro do CEC, uma força alexandrina que ainda reunia nessa biblioteca, várias outras bibliotecas.

Sabe-se que muitas foram as bibliotecas integradas a coleção de estudos clássicos. Vamirech Chacon, Fernando de Azevedo, Vera Pacheco Jordão, Ricardo Xavier da Silveira, Pedro Nava, Eduardo Farato, dentre outras contribuições menores. Afinal, é de se imaginar que muitos livros tenham escapado e descido para a biblioteca central. Fato é que quando morreu o amigo e discípulo Emanuel Araújo, sua biblioteca foi entregue à UnB. Em conversas durante o ano de 2008, Oto Dias Becker Reifschneider, especialista em obras raras e conhecido da viúva de Emanuel Araújo, a professora Sônia Lacerda, advertiu-a de que a Biblioteca Central não tinha condições de receber aqueles livros. A professora insistiu. Em junho de 2001, após a doação, como explica a monografia de Thiago Menezes, não havia quem tivesse qualificação para catalogar tal acervo, marcado por um *ex libris*: um olho de Ísis. Quando em 2008 percorri subsolos e rincões da biblioteca da UnB atrás deste acervo, uma bibliotecária me disse que eram duas ou três caixinhas que sumiram. Nunca se soube do destino dos livros do egiptólogo mais famoso da UnB, um dos mais importantes orientandos e amigos de Eudoro de Sousa.

A destruição da memória do CEC não atingiu apenas os livros. Que nos conste a estátua de Minerva que se encontra na atual entrada da Biblioteca Central fazia parte do material do Museu projetado para o extinto centro. Uma máquina de escrever em tipos gregos, iconografias, mapas etc. Tudo está hoje disperso ou ausente. A última vez em que estive diante dos microfimes aos quais Eudoro e alunos sempre fazem referência, estavam cobertos



de fezes de insetos em gavetas ácidas esquecidas pelos zelosos responsáveis pela guarda daquele material.

Não é possível entender um tamanho desmanche sem perceber o efeito que a centralização acarretou para o projeto do CEC.

*Da centralização: elo entre o desmonte pós-Golpe e a “devassa” de 2007*

Poucas discussões têm havido em ampla publicidade, transdisciplinarmente, dentro e fora da comunidade universitária, sobre os ônus e bônus de uma biblioteca central. Paradigma inquestionável de economia e boa gestão, é chegada a hora de uma reconsideração radical a respeito desse copo d’água que transbordou por baixo, no seu segundo subsolo. Iniciemos com um discurso localizado, advindo de alguém que foi diretor da BCE:

A biblioteca dessa universidade haveria de, por força das circunstâncias referidas, nascer Central e exibir todas as características históricas que contribuíram para formar a fisionomia da UnB, e que se costuma resumir num conceito singular (nas duas acepções): pioneirismo<sup>268</sup>.

Diretor da Biblioteca da UnB de 1990 a 1993, o professor Odilon não tem apenas o perfil de bibliotecário, mas de um professor bacharel em biblioteconomia e filosofia, uma personalidade que foi capaz de entender a problemática da centralização. No artigo em que falava dos acervos e coleções especiais da UnB, cita a coleção de estudos clássicos como a melhor do país. Ele tece importantes considerações. O sistema de bibliotecas da UnB foi elaborado com base numa contradição originária. “ (...) ao mesmo tempo em que se insiste na *centralização* de todo patrimônio bibliográfico num único prédio”, explica o professor, “continua-se a denomina-lo de *Biblioteca Central*. Ora, se é *central*, é em relação a quê?”<sup>269</sup>. Está posta aqui uma das questões que, apesar de aparentemente se circunscrever na esfera da biblioteconomia, atingiu diretamente o projeto do extinto centro. Tanto assim que várias pessoas ao longo de nossa pesquisa apontaram a centralização como o tiro de misericórdia que findou o CEC. Odilon explica: “Se é única, não é *Central*. Torna-se, portanto, supérfluo o adjetivo restritivo. (...) se o regimento menciona um *sistema de bibliotecas*, está explícita, no mínimo, a possibilidade de existência de outras, além da *Central*”<sup>270</sup>.

<sup>268</sup> PEREIRA, Odilon. Biblioteca Central: história e perspectivas. In: *Humanidade* (edição comemorativa de 30 anos), s/d, p. 508.

<sup>269</sup> Idem, p. 511.

<sup>270</sup> Idem.

Essa ambiguidade a qual o professor Odilon se refere nunca foi tão útil para interpretar como a centralização serviu ao novo estado de coisas imposto ao CEC. Reagindo contra a interpretação que ainda hoje é vigente, que supervalorizar o caráter “central” da biblioteca da UnB, o professor conclui sua argumentação:

Em antagonismo (explícito ou dissimulado) com o ímpeto centralizador que presidiu as ações dos diretores da Biblioteca Central, sobretudo dos primeiros anos, sempre existiu uma força centrífuga que impulsionava unidades acadêmicas diversas a instituírem oficiosamente suas próprias bibliotecas, independentes, à revelia da (oficialmente *única*) Biblioteca (*Central*)<sup>271</sup>.

A relativa abertura permitiu às autoridades na UnB, ao longo dos anos, usarem a centralização a favor de reformas. Nem expressamente proibidas, mas ligeiramente permitidas, outras bibliotecas sempre existiram e cresceram no *campus*. O CEC não poderia ser uma destas bibliotecas porque tal projeto não caberia em um departamento. A defesa do fim de bibliotecas departamentais foi um mote do professor Edson, conforme conversamos. Cavaleiro da centralização, costumava dizer:

Sempre que solicitei ao professor Darci (sic) Ribeiro uma idéia pelo menos aproximada a respeito do quanto poderia ser gasto *nessa inexistente rubrica orçamentária*, ouvi a resposta que faria qualquer bibliotecário do mundo feliz: ‘não há limites para aquisição de livros (...)’<sup>272</sup>.

Se bem entendemos a opinião de Nery da Fonseca, as posições variam muito no que toca à organização de bibliotecas. Em seu artigo, o autor afirma que “a constituição de coleções de bibliotecas não pode ser feita aleatoriamente, mas de acordo com princípios, processos e fontes” e continua:

*Não é lícito*, portanto, formar coleções de bibliotecas à base de festas nas quais se tem ingresso com um livro ou de cartas-circulares em que diretores de faculdades e até reitores de universidades imploram doações a autores e editores<sup>273</sup>.

Este artigo, escrito no ano de 1973, o ano da mudança definitiva da Biblioteca Central, marca a fase em que o cerco se fechou à falta de amarras com que *certos livros*, enfurecidos, procediam. Um trabalho que tive acesso, provavelmente do ano de 1987, comenta ainda

<sup>271</sup> Ibidem.

<sup>272</sup> FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca Central da Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. In: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Vol. 1, nº 1, 1973, p. 39, grifo nosso.

<sup>273</sup> Idem, p. 37, grifo nosso.

alguns aspectos do problema. “(...) no caráter centralizador da Biblioteca Central da UnB encontra-se a sua importância definitiva como modelo implantado com sucesso e, mais tarde, tido, pela Reforma de Ensino de 1968 como ideal para as bibliotecas universitárias brasileiras”<sup>274</sup>.

A opinião das autoras sintetiza bem o impacto da centralização. Sobre a implantação desse novo conceito de biblioteca universitária, somos informados de que o *sistema de bibliotecas* previa dezesseis outras setoriais, administradas pela Central. O que segue à imagem nítida do que ocorreu, ainda que não discutido pelas autoras:

Logo se percebe, no entanto, que esta descentralização coordenada significaria a descentralização total, isto porque os professores provenientes de faculdades que possuíam bibliotecas próprias e acostumados a este 'conforto', provavelmente iriam defender a emancipação das bibliotecas especializadas. No entanto, dentro da proposta da UnB de racionalização de recursos, a centralização total dos serviços de biblioteca era o mais adequado.

Para que não se caminhasse para a descentralização total foi fundamental o apoio dos reitores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, além da firme defesa da centralização por Edson Nery da Fonseca. Este último era absolutamente a favor de uma biblioteca única para toda a universidade, por ter visto no Brasil e no estrangeiro o desastre da descentralização. Acreditava ainda ser necessário desencadear uma campanha de convencimento das universidades federais, apresentando um modelo de centralização e evidenciando suas vantagens.

A pressão de alguns professores no sentido da descentralização foi forte e as reclamações em relação à BCE eram uma constante<sup>275</sup>.

Elas se referem ao Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, gerido por Agostinho da Silva como a primeira tentativa coordenada de descentralizar, referindo-se ainda ao Centro de Estudos Clássicos como outra tentativa de fugir. Ambos, forças centrífugas, terminaram por se integrar ao acervo central. “Apesar de todas estas pressões em contrário à idéia de centralização”, concluem as alunas de biblioteconomia que “esta se mostrou mais forte, e os acervos das bibliotecas isoladas que em alguns momentos surgiram no *campus*, foram incorporadas ao da BCE posteriormente (...)”<sup>276</sup>.

Não se cogita que não foi a ideia de centralização que foi mais forte. Não se considera que a ideia se impôs a força. Ainda não há um pensamento crítico estruturado sobre o que

---

<sup>274</sup>AQUINO, S. H. ; NASCIMENTO, Nêmora C.F. *Um pouco da história da biblioteca central da UnB*. [Trabalho elaborado para a disciplina Seminário do Departamento de Biblioteconomia da UnB] [1987, data provável]

<sup>275</sup> Idem.

<sup>276</sup> Ibidem.

aconteceu internamente com o CEC e seu desmonte. A situação teve um fundamento burocrático, por parte das autoridades que o combateram, e biblioteconômico, por parte de Edson Nery da Fonseca e de todos os que contribuíram para a extinção. Levar a biblioteca do CEC para a bela biblioteca inaugurada em 1973 foi deixá-la nas mãos de gerações de bibliotecários que aos poucos piorariam as condições de salvaguarda e acesso ao acervo. Basta que se saiba que a simples ida do acervo para a Biblioteca Central em 1973 foi uma crise registrada no *Relatório anual do ano de 1973*. Em 1987, com a compra do que Eudoro levou pra Colina em 1968/1969, o estrago seria ainda maior.

Nery da Fonseca é tão cego diante do potencial destrutivo da centralização para o projeto de CBEP e CEC, duas casas capitaneadas por humanistas sobre os quais ele firmemente se dizia admirador, que em seu **Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações** comenta que a centralização fez bem, por exemplo, para que a biblioteca fosse aberta dia e noite, domingos e feriados. Acreditando piamente que fazia algo bom em intervir para que o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) investisse capital na Biblioteca Central e não em uma biblioteca de outro instituto, o professor escreve que fugir do paradigma da centralização nada mais é do que “o erro da multiplicação de bibliotecas nas universidades tradicionais”. E continua: “uma só biblioteca impede a duplicação de livros e revistas de interesse interdisciplinar e permite, pela concentração de recursos humanos, a consulta nos três experientes”<sup>277</sup>. Lamentando que isso tenha desagradado aos “donos de cátedras”, sem perceber que a centralização afetou todo tipo de biblioteca setorial, inclusive bibliotecas que eram muito mais do que “setoriais”, o caso do CEC e do CBEP, Edson Nery da Fonseca cita Ortega y Gasset, em um contexto onde as palavras do importante intelectual só poderiam ser mal interpretadas:

(...) Até hoje agora ela [a nova missão do bibliotecário] tem se ocupado principalmente do livro como coisa, como objeto material. A partir de hoje terá que cuidar do livro como função viva: terá de exercer a polícia do livro e tornar-se domador do livro enfurecido”<sup>278</sup>.

É nesse sentido que dissemos certa vez, o que causou comoção por parte de um professor que considera religiosamente o autor ao qual se dedica a traduzir e estudar, que a missão do bibliotecário na UnB foi, depois de certo tempo, no caso de Eudoro de Sousa e do projeto do CEC, sinônimo de controle, de “polícia”. Eis porque é premente uma avaliação

<sup>277</sup> FONSECA, Edson Nery da. **Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 108.

<sup>278</sup> ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. p. 39.

com critério do que representou a centralização para as Humanidades e para o projeto do CEC especificamente.

Quanto a isso, um histórico descritivo elaborado por Eudoro, provavelmente a pedido da Biblioteca Central, é muito esclarecedor. Inserido como “histórico” de um relatório do ano da centralização, assim o helenista descreve a biblioteca que ajudou a formar e viu, a contragosto, descer para o atual prédio da Biblioteca Central dos Estudantes<sup>279</sup>:

A Coleção de Estudos Clássicos da Biblioteca da Central da UnB é a *notável resultante do fracasso de um projeto demasiado ambicioso*. Que muitos projetos e programas jamais atinjam os fins que se propõem, acontece vezes sem conta; e o mais frequente é que deles nada sobeje, além de um plano inteligentemente elaborado, sumido nos arquivos de uma instituição, esperando o dia em que um cronista atento o faça “passar à história”. E, então, nada mais resta, nem de um passado que nunca foi, nem para um futuro que nunca será. *Neste caso, porém, existe uma biblioteca*; há na Biblioteca Central da UnB uma “Coleção de Estudos Clássicos”, cuja a existência se justifica por si própria; que se mantém e desenvolve pelo valor intrínseco do seu conteúdo, conhecido por quantos a visitam e reconhecida pelas administrações que se sucederam na Biblioteca, desde a sua fundação, em especial o seu primeiro diretor, prof. Edson Nery da Fonseca e o atual prof. Elton Eugenio Volpini.

Mas, insistindo na primeira exposição dessa breve notícia, e no que ela possa conter de paradoxal, o certo é que *se não houvesse fracassado o “Centro de Estudos Clássicos”, que funcionou na primeira metade de quantos anos conta hoje a UnB, não existiria a “Coleção de Estudos Clássicos”*. Talvez não seja simples e insignificante produto do acaso o fato de se haver mantido *a mesma sigla: C.E.C.* É o sinal da relação que subsiste entre o possível e o real, no teor do projeto que não pode cumprido. *Se as disposições estatutárias e regimentais da UnB prescreveram que não cabia no domínio da possibilidade a instituição de um setor dedicado inteiramente à “Altertumswissenschaft” (Classical Scholarship, philologie classique); isto é, a cultura clássica, grega e latina, estuda e compreendida como uma unidade e só aparentemente (ou em obediência à propósitos didáticos rotineiros e obsoletos) se dispersa, como projeções suas, nos vários planos funcionais da língua, literatura, folosofia, arte, ciência, mitologia, religião, direito, etc., com um corpo de docentes investigadores, capacitados a ministrar o ensino e a desenvolver a pesquisa por tão vasto âmbito, em regime de formação, pós-graduação e extensão universitária, ficou, todavia, no domínio da realidade, conservar reunido o que podia se manter reunido: os instrumentos de trabalho fundamentais e indispensáveis e, em primeiro lugar, a biblioteca.*

Daí, que a C.E.C. se constitua numa grata surpresa para qualquer visitante que alguma vez se tenha compenetrado de um sentimento de estranheza, ao ver que os diversos aspetos da mesma cultura são estudados por pessoas diversas em diversos institutos ou faculdade.

Numa superfície de poucas dezenas de metros quadrados, apuram-se as estantes onde se enfileiram *cerca de 7.000 volumes* (não contando, entre estes, os dos periódicos especializados), que cobrem, com maior ou menor densidade toda a área das disciplinas humanísticas.

Raríssimos são os autores, gregos ou latinos, cujas obras não se encontrem na C.E.C., ou no original, ou em versão para qualquer dos idiomas modernos, ou no original com tradução. Nesta parte, que se refere a “autores e textos”, pode passar

<sup>279</sup> Mantive a redação original, com aspas e a assinatura de Eudoro, tais como estão no relatório, para evitar ter que digitalizá-lo. Os trechos sublinhados, tais como o original, são do prof. Eudoro. Os em itálico são nossos.

despercebida a existência da célebre Patrologia de Migne, com seus 221 volumes de autores latinos e 161 autores gregos. Mas, efetivamente, ali estão todos, em duas gavetas de microfichas. Ainda neste setor, não deve ficar esquecido o trabalho de muitas gerações de filólogos, na paciente e engenhosa tarefa de coligir os “fragmentos” de obras perdidas no decorrer da tradição. Só na parte grega, a C.E.C. conta, entre outras, com as coletâneas de pré-socráticos (Diels-Kranz), epicuristas (Usener), estoicos (von Arnim), historiadores (Jacoby e Müller), geógrafos (Müller), comédia ática (Edmonds), tragédia (Nauck, Mette, Pearson), lírica (Edmonds, Page...), epopeia (Kinkel, em microfilme), epigrama (Kaibel). Na sequência natural, devem ser lembrados os escoliastas e lexicógrafos, isto é, todo o trabalho de gramáticos eruditos antigos e medievais. Na C.E.C. existem os trinta volumes dos Commentaria in Aristotelem Graeca, publicados pela Academia das Ciências da Prússia, os léxicos de Pollux (Bekker), Apollonius Sophista (Bekker), Stephanus Byzantius (Meinecke), Moeria, Aelius Herodianus e Philetæus (Pierson e Koch), Hesychius (Schmidt); outros léxicos, assim como várias obras de gramáticos, estão contidos nas coletâneas de Anecdota Graeca, editadas por Boissonade (6 vols.), Bachmann (2 vols.), Cramer (4 vols.) e Bekker (3 vols.). Nesta última, está incluída a gramática de Dionísio Trácio e os respectivos escólios. E a propósito de escólios, convém lembrar que não faltam nesta coleção volumes de comentadores antigos a poetas gregos, alguns dos quais há muito que não se encontram no comércio livreiro; citamos, por exemplo, os dos trágicos (Ésquilo: Dindorf; Sófocles: Papageorgius; Eurípedes: Schwatz) e de Homero (Dindorf, 8 vols.); quanto as recentemente reeditadas, mencionamos os de Píndaro (Drachmann) e Aristófanes (Dübner). Observe-se que a lista precedente não esgota as obras congêneres, que existem na biblioteca.

A “Referência” merece especial atenção. Além das publicações de que nenhuma biblioteca clássica pode prescindir, como as grandes enciclopédias de Daremberg-Saglio, Pauly-Wissowa, o dicionário mitológico de Röscher, a Enciclopedia dell’Arte Antica, os oito volumes até agora publicados do Reallexikon für Antike und Christentum, os dicionários etimológicos mais recentes da língua grega e latina (Frisk, WaldeHoffmann, e, para chegar em breve, o dicionário etimológico grego de P. Chantraine), das línguas indo-européias (Pokorny), constam deste setor do acervo da C.E.C. a maioria dos léxicos modernos de autores individuais. Citamos, por exemplo, os de Eurípedes (Allen e Italic), Heródoto (Powell), Hesíodo (Paulson), Homero (Ebeling, Bechtel e Gehring), Sócrates (Preuss), Píndaro (Rumpell), Políbio (Mauersberger), Sófocles (Ellendt), Tucídides (Bétant), Xenofonte (Sturtz), Platão (Ast), Aristóteles (Bonitz), Cícero (Merguet), Tácito (Gerber-Greef), César (Merguet) e Virgílio (Merguet, Wetmore). A bibliografia constituiu uma das mais sérias preocupações do organizador desta biblioteca. Assim, o leitor interessado encontrará aqui a conhecida sequência cronológica das bibliografias fundamentais: Fabricius (Bibliotheca Graeca, 12 vols), Hoffmann (Bibliographisches Lexikon der Griechen, 3 vols), Engelmann-Preuss (Bibliotheca Scriptorum Classicorum, 2 vols), Klussmann (Bibliotheca Classicorum, 4 vols), Lambrino (Bibliographie Classique 1878-1914) e Marouzeau (Dix Annés de Bibliographie Classique 1914-1924) e, enfim, L’Année Philologique, volumes anuais em publicações regular, desde 1924 até hoje. E não mencionamos com mais pormenores as bibliografias especiais, como, por exemplo, a dos papiros do Egito grego-romano (Pack), da epigrafia creto-micênica (Grumach) e o Catalogus Dissertationum Philologicarum Classicarum.

Até aqui, a impressão de um visitante da C.E.C. poderia resumir-se apenas na idéia de que a UnB não se poupou sacrifícios para dotar a sua biblioteca de elementos bibliográficos consideravelmente dispendiosos; mas que, em última análise, tratar-se-ia de uma biblioteca de “Letras Clássicas” como tantas outras existem na maioria das Universidades do país, só, talvez, com uma nota de distintiva opulência.

*Impressão errada*, todavia, pois a característica primacial desta coleção não se reduz a preço e quantidade. Como já acima ficou escrito, o objetivo visado não era “Letras, mas “Ciência da Antiguidade” (*Altertumswissenschaft*). De modo que, excepcionada, talvez, a cadeira de grego da USP, nenhuma outra, no Brasil, contém obras de epigrafia como a Sylloge de Dittenberger, o Supplementum Epigraphicum Graecum de Leiden e as Inscriptiones Graecae da Academia de Berlim.

E, como em nenhuma outra, só aqui encontrará o estudioso, ao lado da literatura e da gramática, tantas e tão variadas obras acerca de história (política, social, econômica), instituições públicas e privadas, religião, arte, mitologia, ciência e filosofia da Grécia e de Roma. Nestes setores renunciemos a dar exemplos, dada a grande diversidade e o grande número de elementos bibliográficos de valor e fama equiparáveis.

Permitimo-nos, apenas, e em transcurso, deixar registrada a existência de cerca de quarenta volumes do Handbuch der Altertumswissenschaft (todos os publicados), com os seus grandes tratados de história da Grécia e de Roma, das suas língua e literaturas, da arqueologia, epigrafia, etc.

Por último, os periódicos. A C.E.C recebe regularmente tiragens de quarenta e cinco publicações periódicas especializadas, de todos os países em que mais intensamente, mais profundamente são cultivadas as ciências da antiguidade clássica. Da Alemanha, vêm: “Das Altertum”, “Das Altsprachlicher Unterricht”, “Antike und Abendland”, “Glotta”, “Gnomon”, “Gymnasium”, “Hermes”, “Historia”, “Klio”, “Philologus”, “Rheinische Museum” e “Die Sprache”; dos Estados Unidos: “American Journal of Archaeology”, “American Journal of Near Eastern Studies”; da Áustria: “Anzeiger für die Altertumswissenschaft” e “Wiener Studien”; da Inglaterra: “Anatolian Studies”, “Bulletin of the Institute of Classical Studies”, “Annual of the British School at Athens”, “Antiquity”, “Classical Revue”, “Journal of Egyptian Archaeology”, “Journal of Hellenic Studies”; da França: “Bulletin de Correspondance Hellenique”, “Revue Archéologique”, “Revue des Études Grecques”, “Revue des Étude Latines”, “Revue Hittite et Asianique”; da Bélgica: “Antiquité Classique”; da Holanda: “Mnemosyne”, “Numen” e “Phronesis”; da Suécia: “Eranos”; da Noruega: “Symbolae Osloenses”; da Suíça: “Museum Helveticum”; da Espanha: “Emerita”; do Canadá: “Phoenix”; e da Itália: “Archeologia Classica”, “Parola del Passato”, “Rivista di Filologia e di Istruzioe Classica” e “Studi Italiani di Filologia Classica”.

A C.E.C encontra-se expansão, embora a modesta escala, em conformidade com as disponibilidades financeiras da Biblioteca Central e as necessidades mais urgentes, quanto a áreas prioritárias. Contudo, ainda há poucos dias foi entregue ao Diretor uma lista de 250 títulos para aquisição, distribuídos pelas rubricas: “Referência”, “Paleografia”, “Epigrafia”, “Lírica e Epigrama”, “Língua Grega”, “História e Arqueologia”, “Homero e Hesíodo”, “Arte, Mitologia e Religião”, “Teatro Grego”, “Filosofia”, e “Varia”, abrangendo, principalmente, publicações dos últimos cinco anos.

Não obstante o que acima foi escrito em abono da C.E.C, devemos acrescentar que a *sua plena valorização dependerá, no futuro, do funcionamento de cursos de pós-graduação*, especialmente na área de letras, incluindo disciplinas obrigatórias de cultura clássica, pois, *só o ensino de línguas e literatura, em nível elementar, não obriga o estudante à leitura ou simples consulta de tais espécimes bibliográficos*. Que estas disciplinas não são “intempestivas”, verificá-lo-á quem queira, consultando os anuários das grandes universidades da Europa e dos Estados Unidos”. (Eudoro de Sousa)

Que este texto (a mais profunda e detalhada descrição da biblioteca do extinto CEC, feita pelo seu criador) esteja quase inteiramente reproduzido no artigo supracitado de Ronald de Melo e Souza, sem nenhuma referência à sua verdadeira autoria, não é questão que devemos nos ocupar nesta ocasião. É bem verdade que a destituição da autoria, se confirmada, revela um opúsculo novo do próprio Eudoro a respeito da centalização da biblioteca. Em parte alguma de sua obra ele se refere com tamanha nitidez fotográfica sobre o acervo que ajudou a UnB a conseguir.

Mas isto não é mais do que ter ele, nestas poucas linhas, deixado transparecer a sua preocupação e decepção com o destino que estes livros estavam tendo no ano de 1973, sob a égide de uma centralização-centralizadora que prestou os maiores desserviços ao CEC, sepultando de uma vez seu projeto essencial.

Alguns aspectos mereceram nosso grifo. Trata-se, o caso, de: a) “notável resultante do fracasso de um projeto demasiado ambicioso”, é um introito que entrega-nos a percepção que tem o diretor do extinto centro do que irá acontecer brevemente. Tanto é assim que, ao ponderar as sobras de projetos como os vários que não saem do papel, apontando a diferença entre eles e o do extinto centro, Eudoro sublinha: b) “*existe* uma biblioteca”. Em tais condições, reconhecendo *a biblioteca* como legado material de uma casa para chaves que não mais existem, uma afirmação categórica nos estarrece: c) “se não houvesse fracassado o ‘Centro de Estudos Clássicos’, que funcionou na primeira metade de quantos anos conta hoje a UnB, não existiria a ‘Coleção de Estudos Clássicos’”. Talvez aqui esteja a chave para a compreensão daquelas palavras iniciais, no mínimo estranhas a uma primeira vista, que constam no prefácio de **Horizonte e Complementariedade**. Eudoro estava, no íntimo, se referindo ao “Centro”. Mas se vê obrigado a demonstrar o reconhecimento à “Coleção”, ainda que sem deixar nunca de lembrar que se trata apenas da: d) “mesma sigla”. Tanto é assim que, em total desacordo com o que foi planejado em maio de 1962, ou melhor, escrito naquele ano – porque remonta a projetos e concepções que trazia de lugares muito longínquos – declara: e) “(...) as disposições estatutárias e regimentais da UnB prescreveram que não cabia no domínio da possibilidade a instituição de um setor dedicado inteiramente à ‘*Altertumswissenschaft*’” (...). Sabe ele, contudo, que deixaria para a Universidade uma bela dádiva, que na realidade seria encarada como prenda, talvez até como problema: “ficou, todavia, no domínio da realidade, conservar reunido o que podia se manter reunido: os instrumentos de trabalho fundamentais e indispensáveis e, em primeiro lugar, a biblioteca”.

Se referindo à quantidade de livros contida na coleção, registra: f) “7.000 livros”, um dado fundamental quanto tomamos ciência de que não existe, ao menos não existe ainda, um catálogo desta coleção, destaca a atenção que merecem as “Referências” e aquilo que foi sua “mais séria preocupação”, a saber, bibliografia. Como não poderia deixar de ser, tendo em vista o que se tornou para Departamentos onde nunca coube, critica o maior lugar-comum pelo qual enfrenta a CEC atualmente: g) Impressão errada, todavia, pois a característica primacial desta coleção não se reduz a preço e quantidade. Como já acima ficou escrito, o objetivo visado não era “Letras, mas ‘Ciência da Antiguidade’ (*Altertumswissenschaft*)”. Marcada sua posição, explicita para os bibliotecários o valor daquilo que agora têm em mãos:

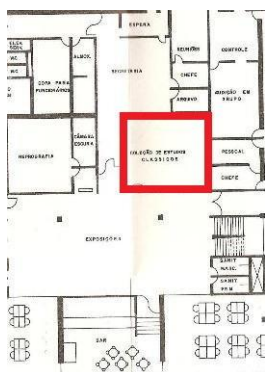


h) “excepcionada, talvez, a cadeira de grego da USP, nenhuma outra, no Brasil (...)”. Não é preciso dizer mais nada. Após *detalhar* à Biblioteca Central aquilo que provavelmente não teria condições de manter, como que prevendo o que aconteceria, Eudoro faz questão de registrar o único caminho para a: i) “plena valorização” daquele material.

Em pontos explícitos de uma primeira leitura, estes são os mais fundamentais do “histórico” que Eudoro fez de sua grande obra. Tão grandiosa é que não faltaram pretensos colaboradores e autores querendo encarná-la. Daí em diante, pouco se pode acrescentar sobre o destino dessa biblioteca olvidada. É fora de questão que ela entrou no abismo profundo da desatualização, pois custa crer que Eudoro tenha se dedicado *ad aeternum* a zelar (ao menos bibliograficamente) por ela, já que possuía farto material de trabalho em casa e a consultava quando necessário. Não há dúvidas também que, apesar de alguns gráficos demonstrarem o contrário, o acervo foi caindo no esquecimento. Não havia, não houve formação de um leitor para aquele acervo. Cada vez menos pesquisadores e estudantes acessou o que sobrou.

Hermenegildo Bastos falou sobre o caso, em uma ocasião rápida, nos corredores do *campus*. Comentou que cedo criaram dificuldades para que se pudesse acessar tudo aquilo. Em entrevista publicada em fevereiro de 1976, no *Jornal de Brasília*, o entrevistador afirma que foi ao encontro de Eudoro na porta 15 do Instituto de Letras, onde o helenista figurava entre os nomes do Departamento de Letras Clássicas e Modernas.

Segundo o **Guia da Biblioteca Central** para o ano de 1976, a biblioteca do CEC,



metamorfoseada em uma “coleção de estudos clássicos” por meio da manutenção da sigla, se encontrava no local onde hoje se está o acervo do professor Cassiano Nunes.

Remanejado, minimizado, motivo de disputas e todo tipo de chacotes e invejas por parte de “colegas” de Instituto, Eudoro foi cada vez mais se fechando, num tipo de fechamento que surtiu um efeito impressionantemente saudável para a publicação de diversas obras retiradas de gavetas abarrotadas, em um tipo de escrita que não tinha a menor pressão ou obrigação de se dar a público. Sobre duas delas (**Dioniso em Creta** e **Horizonte e complementariedade**), nessa entrevista de 1976, disse: “O segundo é o que eu mais gosto. Pensei-o em três anos. Escrevi-o em um mês. São parágrafos. Sem capítulos ou divisões outras. Meditações apenas. Simples, mas que dizem muito de mim. O outro não, são *notas de aulas desenvolvidas*, artigos para jornais...”<sup>280</sup>.

<sup>280</sup> SOUSA, Eudoro de. **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 362, grifo nosso.

N.º Registro		
Autor: TEICHMULLER, Gustav		
Título: <i>Studies zur Geschichte der Bergiffe</i>		
Edição	Local	Editor
Ano	Vols.:	
N.º Encomenda: 1025		Pedido por: Prof. Eudoro de Sousa
Data: 22.03.72		Dep. de Línguas Clássicas e Modernas
Livro: ROEMER		Oferta de:
Recebido:		
Preço: 177,00		

A ficha ao lado, que registra a entrada no catálogo de um livro de Gustav Teichmuller, marca o ano de 1972. O prédio da Biblioteca Central estava prestes a ser concluído, Eudoro era apenas o que está registrado canto inferior direito da ficha, um “Prof. do Dep. de Línguas clássicas e modernas”. Ao longo dos anos 1970, o volumoso rio de publicações contrastará com uma personalidade cada vez mais reclusa, que aos poucos foi se fechando na brutal mediocridade que tomou conta da UnB após a concretização das reformas que se iniciaram em 1968 e terminaram em 1972. Segundo um professor de História que chegou à UnB na década de 1970, após a “reforma”, Eudoro frequentava alguns seminários que aconteciam nas sextas-feiras, frequentado por professores mais antigos, da filosofia, da história, etc.

UNB	MEMORANDO	N.º
Data: / /		
De:		
Para:		
Hipoten Reserpina	1/2 comprimido por dia	
Clonidine	2 " " " "	
Eralon	2 " " " "	
Protina	8 " " " "	
Diagnose	2 " " " "	
Siprosina 8,9	- 1 comp. de manhã	
Planina	1/2 " " " "	

O fim da vida de Eudoro de Sousa não guarda mistérios nem enigmas. Com pouco mais de sessenta anos, “o rei da ansiedade”, como lembra a filha mais nova, se via obrigado a tomar pelo menos uma dezena de comprimidos por dia. Comprimidos para hipertensão, para problemas cardiovasculares, ansiolíticos e sedativos, como *Mandrix*, por exemplo, este último muito comum nos anos 1970. Na década de 1980, por um problema ortopédico, vai se tratar no hospital Sara Kubitschek e lá, numa bateria de exames, descobrem que está com câncer.

Brasília, 11 de maio de 1979.


CIRCULAR Nº 10/79

Prezado Professor,  
EUDORO DE SOUZA

Tem esta a finalidade de comunicar a V.Sa., que a Fundação Universidade de Brasília, aprovou a majoração dos aluguéis dos imóveis residenciais de sua propriedade, a partir do dia 1º de maio de 1979.

Tendo portanto o aluguel do imóvel ocupado por V.Sa., sido majorado para Cr\$ 3.620,00, informamos que esse aumento foi de 38,3%, de acordo com o Art. 1º do Dec. nº 81.624, de 04 de maio de 1978.

Aproveitamos o espaço para renovar a V.Sa., nossos votos de elevada estima e alta consideração.

Atenciosamente,  
  
ITAMARATY IMÓVEIS LTDA.

29/15/3  
705/705  
3.620

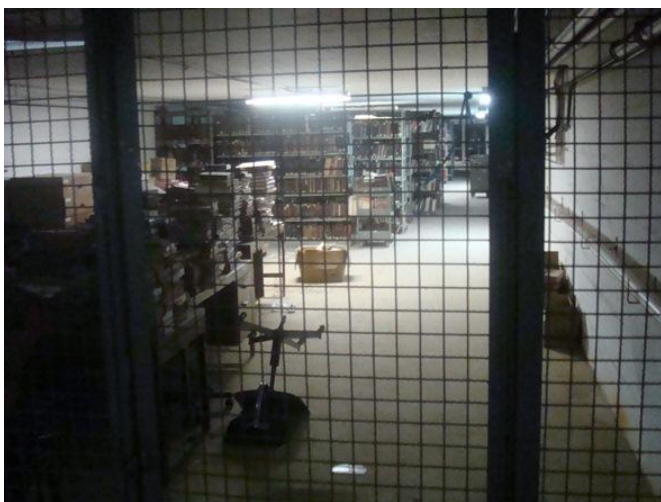
Uma circular de 11 de maio de 1979 anuncia o aumento de 38,3% no aluguel do apartamento de Colina. Anotações repetidas e abundantes no envelope indicam os inúmeros cálculos de D. Maria Luísa. Após aumentos impossíveis que tentavam tirar a família da Colina, após a morte de Eudoro, a família entra na justiça para lutar pelo direito de se manter na casa, tendo em vista a necessidade de D. Maria Luísa, já aposentada pela FUB. A vitória judicial não impediu que, devido ao alto preço do aluguel, a família fosse obrigada a abandonar a Colina.

No mais, a única informação que podemos acrescentar a estas breves crônicas sobre a história de uma das maiores bibliotecas de estudos

clássicos brasileira, é que foi comprada na gestão do professor Murilo Bastos, então diretor da Biblioteca Central, quando era reitor Cristovam Buarque.

Com a morte de Eudoro em 14 de setembro de 1987, a parte separada ao final da década de 1960, durante o auge da crise, viria a reencontrar a sua outra parte. E isso nos faz pensar o seguinte: se os dados que Eudoro oferece ao “histórico” que a Biblioteca inseriu em seu relatório de 1973 estão certos, se desceram 7.000 volumes para essa biblioteca abandonada no novo prédio da Biblioteca Central; e se o número de volumes da biblioteca particular comprada em abril de 1988 equivale a seu valor em dólares (quarenta mil), é de se imaginar o enorme montante de livros que chegou à biblioteca da UnB com a compra de tal acervo.

Era de se esperar que essa “metade” comprada com a intervenção militante do professor Fernando Bastos, por meio de uma Comissão fosse enviada para um depósito. Segundo as análises de um dos pesquisadores que mais estudou o caso, já na década de 1980 o prédio da Biblioteca Central não dava conta do crescimento de seu acervo<sup>281</sup>. A consequência seria óbvia: “(...) o desfecho não poderia ser positivo: milhares de livros nos porões, o espaço para guarda-lo exíguo (...)”<sup>282</sup>, e um futuro descarte indiscriminado que a tese acima referida denominou de “burlesco”, quando “um grupo de alunos acabou por gerar mudanças no rumo da biblioteca”<sup>283</sup>.



Ao chegar em 1988, não havia onde colocar a biblioteca de Eudoro de Sousa. O espaço no acervo geral e mesmo na sala onde havia algo chamado “coleção de estudos clássicos” não tinha mínima condição de receber o montante de livros. Não havia onde colocá-la. E lá, em um lugar insalubre, sujo, ora muito quente, ora muito frio, ora muito seco, ora completamente “inundado periodicamente, com fungos cancerígenos e fantasmas” (como costumavam lendariamente me narrar funcionários) um lugar com alta concentração de mofo, além das irregularidades inevitáveis de um lugar abandonado por anos, lá ficou.

<sup>281</sup> REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker; MIRANDA, Antonio. **A bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011, p. 58.

<sup>282</sup> Idem.

<sup>283</sup> Ibidem.

Até 2007 (cf. foto ao lado), depois de vinte anos de esquecimento quase completo, uma morte previsível resultado do desleixo ativo e destruidor, desastre prolongado que ainda hoje tem drásticas consequências.

Duas tentativas de catalogar o acervo particular de Eudoro ocorreram. Alguns livros que retiramos do lixo durante da “devassa”, foram catalogados em outubro/novembro de 1993 e durante os meses de junho, agosto e setembro de 1996. A informação não deixa nos causar perplexidade. Se confirmado, o que não tivemos tempo de fazer, isso significa que cinco anos depois da compra o acervo começou a ser catalogado. Oito anos depois outra tentativa esbarrou na morosidade e, diante do baixo índice de leituras e da crise que estudos clássicos se encontravam, numa inutilidade que os bibliotecários justificariam (como já os vi fazer) com dados de empréstimo e baixos índices de leitura.

Mas o pior não é isso. Estas datas (1993 e 1996) constam nos livros que temos em nossa biblioteca particular, fruto da doação que obtivemos durante o bibliocídio de 2007. Isso significa que apesar da singela tentativa da professora Euridice de Carvalho Ferro, na época diretora da BCE, de fazer subir (anábase) livros que estavam no segundo subsolo desde a compra, eles voltaram a descer (catábase).

Um capítulo à parte poderia ser escrito sobre a biblioteca que conseguiu fugir do triste acontecimento que marcou a história recente da UnB. Nos últimos anos integrei um grupo de pesquisadores de um projeto chamado *Memória da educação no Distrito Federal (1956-1964)*, coordenado por Eva Waisros Pereira, professora emérita da UnB. Além do contato com arquivos, com a memória oral, trabalhando ao lado de pessoas que estiveram nos primeiros momentos de fundação da Nova Capital e da UnB, tive contato o genro da professora Eva, o poeta Eudoro Augusto Macieira de Sousa, filho mais velho de Eudoro de Sousa.

Desta aproximação mediada por uma bolsa de pesquisa que me foi concedida por tal projeto quando a Biblioteca Central me demitiu por motivos ainda hoje inexplicados, e por um trabalho de organização no acervo particular da professora, pude observar que o fato de ter o poeta se casado com a filha dela levou para casa dela inúmeros livros de sua biblioteca particular. E nela estavam livros que pertenciam ao pai, livros que não tinham sido comprados pela UnB porque, na época da morte de Eudoro, estavam na casa do poeta que também integrou o quadro de professores da UnB.

Tal alegre situação, além de me aproximar de Eudoro Augusto, com toda a estreita relação que se aprimorou com o contato com a família, me possibilitou o estudo de diversos

exemplares, alguns dos quais foram utilizados para a redação deste trabalho e/ou constam no catálogo, cujos trechos mais relevantes estão em anexo.

Outra situação relevante da força centrípeta da biblioteca eudorina são os livros que pertenceram a ele e que se encontravam em bibliotecas de outros intelectuais. Vou citar apenas dois exemplos. Com a morte de Fernando Bastos, seu acervo pessoal foi entregue aos “alunos mais queridos”, como me explicou Elzuila Bastos, viúva do professor. Segundo ela, apenas os livros mais queridos, mais sentimentalmente vinculados a ele, ficaram numa pequena estante que eu vi, em sua casa, no elegante apartamento em que ela morava na L2 norte. Há poucos anos atrás uma volumosa doação foi feita em nome do professor Fernando Bastos. Era a biblioteca particular de Bastos, doada à Biblioteca Central. Ainda hoje é possível ver alguns destes livros no acervo da UnB, com o carimbo especialmente feito para essa doação *post-mortem*. O mais interessante é que nossos bibliotecários, como de costume, sem entender a especificidade de um acervo dessa natureza, descartaram como duplicatas. O destino: as paradas de ônibus da W3 norte. Cheguei a encontrar alguns com anotações de Bastos. Um, especificamente, chama atenção. Trata-se de exemplar em que Bastos discutia a obra do Mestre em publicação da Revista do Instituto Brasileiro de Filosofia.

Recentemente voltei a manter contato com a Elzuila Basto para tentar encontrar o exemplar lido por seu falecido companheiro da obra completa de Fernando Pessoa. Na primeira ocasião em que estive em sua casa pude ver nele anotações de Bastos se referindo a poemas de Pessoa que Eudoro teria sugerido estudo mais atento. Contudo, parece que quase tudo fora vendido a um sebo.

Outro caso interessante se deu com a importante biblioteca de João Pedro Mendes, integrante do CEC, pessoa próxima a Eudoro de Sousa. Uma bibliotecária (que me pediu para não citar seu nome) me revelou que a doação deste acervo estava sendo obstruída, dificultada. Não queriam tal “trabalho”. Depois de muitos conflitos, a biblioteca foi, finalmente, integrada ao acervo da UnB. Entretanto, parte da coleção se encontra à venda em sebos da cidade. O exemplar que tenho de **A filosofia de Leonardo Coimbra**, por exemplo, comprei em um deles e pertenceu a João Pedro Mendes. Terá a família vendido uma parte e doado outra para a UnB? Teria sido vendido aos sebos da cidade por funcionários da Biblioteca? Existem depoimentos que sugerem a segunda hipótese no que toca a outras coleções, num passado recente<sup>284</sup>.

---

<sup>284</sup> Em conversas com Oto Dias Becker Reifschneider, no ano de 2008, fui informado de que há muito pouco tempo o sebo que vendia livros da UnB foi advertido do problema cultural e patrimonial que essa prática representa.

Estes são apenas dois exemplos de bibliotecas que, por terem circulado a biblioteca de Eudoro, por terem pertencido a pessoas de seu círculo, mantém dentro de si vestígios daquela grande obra. Estes são apenas alguns dos caminhos trilhados por esta biblioteca. Capítulos ainda estão para ser construídos. Custa-me acreditar que deixaremos um patrimônio com tamanho valor cultural e material continuar a ser dilapidado e mal entendido por toda comunidade universitária.

## Capítulo 3

### Livros velhos e esquecidos: rastros de uma leitura

A História do Livro é a disciplina que, dando ao livro um estatuto privilegiado, inseriu o livro no panorama das ciências humanas, de forma a enfatizar seu caráter inter/transdisciplinar, construindo a percepção da rede complexa da qual faz parte, o que inclui leitores, mas também tudo que gira em torno deles, desde os aspectos físicos (papel, encadernação, tiragens, elementos tipográficos) até dados subjetivos como o inquestionável fato de que *a leitura tem uma história*. Não apenas *história do livro*, mas história da escrita e do impresso, dos suportes que a comunicação humana utilizou, além do impacto (o que pressupõe resistência) do revolucionário invento de Gutenberg; tudo isso passou a ser a grande área da história do livro. Dos colecionadores e bibliófilos do século XVII à figura (cada vez mais rara) do livreiro erudito de meados do século XVIII em diante, passando pelo momento em que o livro passa a ser visto como objeto com um valor em si (fabricação, material, conservação), para enfim chegarmos a meados do século passado, quando o livro aparece na história da nossa cultura, o que vemos é que o livro tem se manifestado como eixo para toda possibilidade histórica. “A história do livro se faz (...) história econômica (...), mas também história das culturas e das práticas culturais (...), portanto também história das categorias sociais, políticas, até simbólicas das diferentes épocas”<sup>285</sup>. Revitalizando profundamente o terreno da própria historiografia, como explica Frédéric Barbier, o “‘território do historiador’ do livro toca todos os eixos de uma reflexão histórica, ela mesma em processo de ampliação radical”<sup>286</sup>.

Concomitantemente, e com uma morfologia que aparenta advir da mesma origem, a Crítica Genética vem desde a década de 1970 valorizando cada vez incisivamente a noção de processo, seu grande objeto de estudos. “Não há palavra mais amada”, já afirmava Claudia Pino ao apresentar o local dos geneticistas na disputa intelectual entre texto e escritura, depois das efervescências de maio de 1968. O *manuscrito* aparece então, naquela altura, como uma maneira de resolver um problema. “É a solução ideal”, explica Pino, “a crítica literária (...) encontra nestes documentos a maneira de aliar uma teoria de bases sólidas (...) com o estudo ‘científico’ de um material não só concreto, mas também inédito”<sup>287</sup>.

<sup>285</sup> BARBIER, Frédéric. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 21.

<sup>286</sup> Idem.

<sup>287</sup> PINO, Cláudia Amigo. Da crítica do processo à crítica ao processo. In: *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, nº 13, São Paulo, janeiro de 2005, p. 47.

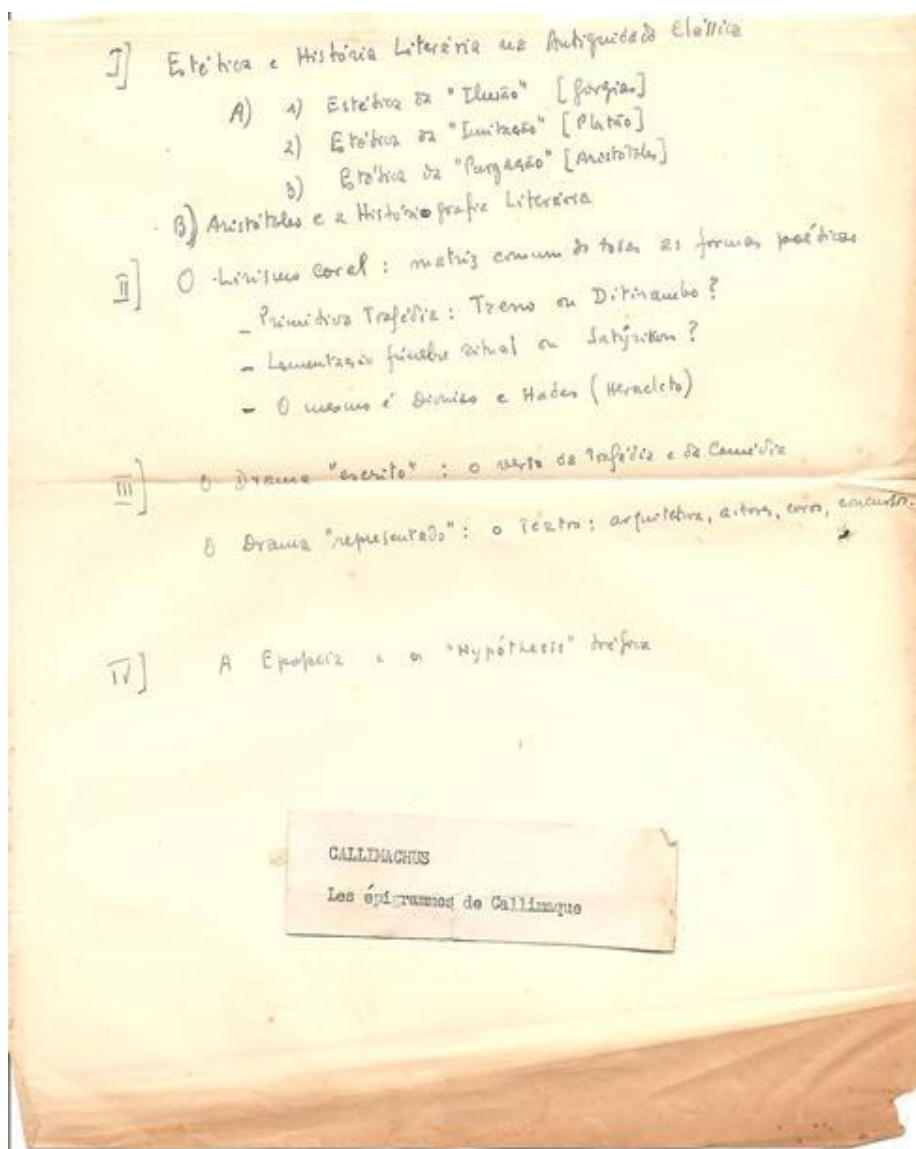
O que vale a pena considerar, especialmente sobre essa segunda perspectiva, é que desde a chegada de Heine à Biblioteca Nacional de Paris, o *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* e, dentro deste, o *Institut des Textes et Manuscrits Modernes (Item)*, que mais tarde teriam seus braços no Brasil sob orientação da Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), foi o “manuscrito literário” o modelo inspirador do geneticista. Eram os textos de literatura, de obras literárias os objetos de estudo. O próprio Willemart acredita que o nome da Associação devia mudar para Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética. Não apenas o *manuscrito literário*, porque não apenas a obra “literária” merece ter em relevo seu processo. Ainda mais se dermos início à discussão do que é o literário, autor, texto, problemas complexos demais para o objetivo deste trabalho.

O que temos diante de nós aqui não são necessariamente produtos editáveis. Menos ainda elementos que se identifiquem textualmente na obra publicada de Eudoro de Sousa. Em conversa recente com o professor Ordep Serra, após me questionar sobre os microfimes e mapoteca que já existiram no extinto CEC, o professor baiano indaga: “onde estariam as fichas preparadas à mão com excertos e fragmentos para posterior estudo ou para apoio a cursos”? A pergunta é de fundamental importância porque responde a utilidade de alguns materiais aqui apresentados. Heterogêneos, tais fragmentos resguardam elementos dispersos do pensamento de Eudoro, mas não o autor, ou melhor, do autor noutra sentença, o célebre conferencista, o impecável comentador, o professor singular. O que vamos apresentar agora demonstra que a biblioteca particular de *um leitor como Eudoro*, diferentemente do que parece ser a tônica na crítica genética tradicional, é um fim em si. A biblioteca não pode ser tratada como um meio para encontrar preciosidades, nem as marginalias e folhas soltas, possíveis inéditos, como produtos para quem sabe editar de maneira diferente a obra publicada. Sendo assim, o termo *manuscrito* utilizado aqui para os fragmentos apresentados pode envolver a noção de anotação, tradução, enfim, reunindo dentro de si a imensa variedade da exegese eudorina.

Apresentamos superficialmente a condição e especificidade física de 22 manuscritos (MS), transcrevendo-os e traduzindo-os quando necessário, e desenvolvemos algumas relações possíveis sobre e entre eles. Alguns são pequenos vestígios da presença humana de Eudoro entre seus livros. Algumas vezes os que parecem menos relevantes são os que provocam reflexões mais intensas.



## Manuscrito 1



**Descrição física:** folha de gramatura fina (23,5 X 21,5 cm) escrita a caneta preta. A fl. veio com uma pequena ficha onde consta o nome da obra **Les epigrammes de callimaque; etude critique et litteraire.**

## Transcrição:

- I) Estética e História Literária na Antiguidade Clássica
  - A) 1. Estética da “Ilusão” [Górgias]
  - 2. Estética da “Imitação” [Platão]
  - 3. Estética da “Purgação” [Aristóteles]
  - B) Aristóteles e a Historiografia Literária
- II) O Lirismo Coral: matriz comum de todas as formas poéticas
  - Primitiva Tragédia: treno ou ditirambo?
  - Lamentação fúnebre ritual ou Satyrikon?
  - O mesmo é Dioniso e Hades (Heraclito)
- III) O drama “escrito”: o verso da Tragédia e da Comédia
  - O drama “representado”: o teatro; arquitetura, atores, coros, concursos.
- IV) A epopéia e “Hypóthesis” trágica

## Comentário:

Apesar do haver referência à obra editada por Amedee Hauvette, publicada em Paris em 1909<sup>288</sup>, o fragmento foi encontrado noutra exemplar<sup>289</sup>, parte da coleção “alemã” dos livros eudorinos. A encadernação frequente em livros dessa época, quando reunidos, nos deixa intuí-lo. A caneta porosa preta com a qual E. escreveu seu nome na folha de rosto do exemplar é a mesma das anotações do MS.

Segundo indicação do professor Joaquim Domingues, que tem nos servido de norte para a interpretação de quase todas as anotações dessa natureza, é possível tratar-se de esquema para estudo ou aula.

Em sua tradução da **Poética** de Aristóteles, na nota bibliográfica a respeito da história da filologia grega na antiguidade, E. assim se expressa:

Com os sofistas, mais frequentes decididos e firmes são os passos da Filologia a caminho da maturidade. Agora é a vez da gramática, no sentido moderno da palavra. (...) Quando a Górgias, iniciador da prosa artística, certificado está pelo seu **Encómio de Helena** e pelo eco da respectiva doutrinação da comédia de Aristófanes, o contributo da Sofística *para uma teoria dos géneros literários e, em especial, para uma concepção da essência da poesia, que vigorou nas gerações que imediatamente precederam Aristóteles. A estética da “ilusão” é a doutrina de Górgias (...) que Platão refutará, substituindo-a pela estética da “imitação”, e esta, por sua vez, ele próprio a julga e condena (...)*<sup>290</sup>

<sup>288</sup> Constante no acervo da BCE pelo número de chamada 875 C159e = 40 da CEC.

<sup>289</sup> 875 H766 I A v.1, p. 797

<sup>290</sup> Cf. **Poética**, p. 240, grifo nosso.

Por meio de sugestão da nota acima, podemos encontrar fragmentos selecionados de “poéticas ante-aristotélicas”<sup>291</sup>, onde ele inclui precisamente Górgias e Platão, com os respectivos testemunhos e fragmentos.

Entre as anotações que faz ao final do apêndice I da mesma **Poética**, encontramos a referência a um título que pode auxiliar a leitura desta anotação, a saber, **The Greeks and the Irrational**, cujo exemplar também consta no catálogo por nós elaborado. Antes de apontar, tomando como cita as **Leis**, a dificuldade em se falar de qualquer “continuidade” no pensamento platônico, nosso leitor filósofo se refere especificamente ao “cap. III págs. 64 e segs. (cf. 217 e segs.)” do livro de E. R. Dodds (1873-1979).<sup>292</sup>

No exemplar em questão, temos *exatamente* as mesmas referências bibliográficas citadas na **Poética**, sublinhadas à caneta, além de uma interpretação da relação entre o “poeta” e o “vidente” à luz da sagrada doença (epilepsia) na época de Homero. Dodds refuta as teses de Rohde (amigo de Nietzsche) o que poderia marcar a leitura de **The Greeks and the Irrational** como contraponto a **Psyche**, lido por em Heidelberg<sup>293</sup>.

Detalhe importante é a anotação muitas vezes destinada *apenas às notas*. Isso quer dizer: em muitas páginas, o leitor circula *todas as notas* do texto, fazendo uma leitura paralela focada nas notas. Em alguns casos há um sistema de referência específico para as notas, onde o texto se torna uma leitura marginal, uma desculpa para o encontro das fontes, testemunhos, fragmentos, escólios, etc.

As páginas das anotações feitas por E. para sua **Poética**, estão refletidas no exemplar lido por ele. Tanto o capítulo III, intitulado *The blessings of madness*, quanto o cap. VII, *Plato, the irrational soul, and the inherited conglomerate*, denunciam usos de Górgias, Platão, entre outros, como insumos para o estabelecimento de *um dos pontos* do MS acima, a respeito das três estéticas que abrem o primeiro tópico do esquema.

Vale ressaltar que esta leitura não pode ter sido feita durante o período de redação da 1ª edição da **Poética** (1951), sendo um título que não consta na bibliografia geral da edição final/atual que temos disponível (2010). Na 2ª edição da obra, publicada no Brasil (Globo, 1966, p. 183), já consta a referência. Depreende-se disso que a obra **The Greeks...** possivelmente está incluída num período de leitura brasileiro de Eudoro de Sousa, apesar do primeiro contato com os argumentos terem se dado no periódico inglês citado acima.

<sup>291</sup> Idem, p. 209-213.

<sup>292</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>293</sup> Na realidade, como vemos na tradução de **As Bacantes** E. já comenta a leitura do historiador irlandês em 1940, em “um notabilíssimo trabalho que E. R. Dodds sumariou em artigo publicado na *Harvard Theological Review* (vol. 33, 1940)”.

Um curso oferecido em 1965, à guisa de comemorações ao sétimo centenário de nascimento de Dante Alighieri, cita a obra de Dodds. Ela também é citada na bibliografia de **Dioniso em Creta e outros ensaios** (1973).

Para tornar mais complexo este diagrama, nos seja lícito dizer que em 1974 E. publica tradução com introdução e comentários d'**As Bacantes** de Eurípedes e em seu estudo sobre *menadismo*, após indicar para seu leitor a relação entre F. Nietzsche, E. Rohde, E. R. Dodds e “epidemias de dança extática que se propagaram na Europa, do séc. XIII ao séc. XVII, de Liège até o sul da Itália”<sup>294</sup>, Eudoro seleciona um trecho inteiro do filólogo inglês para anexar ao seu comentário. Ei-lo:

Em resumo, tentei mostrar que a descrição do menadismo, em Eurípedes, não se explica em termos de pura imaginação; que o testemunho epigráfico (incompleto como é) revela uma relação com o culto realmente celebrado, mais estreita do que pensava os *scholars* da época victoriana; e que a mênade, por míticos que sejam alguns de seus atos, não é, essencialmente, uma personagem mitológica, mas um tipo humano observado e ainda observável; e que Penteu se defrontou com o mesmo problema que outras autoridades civis tiveram de enfrentar na vida real<sup>295</sup>.



O último parágrafo do apêndice sobre menadismo que Dodds acrescenta à sua obra foi inteiramente incluído no comentário de E. à última tragédia de Eurípedes. No exemplar (Cf. imagem ao lado), ainda se vê grifo vertical que destacando o trecho, onde também ainda estão presentes imagens inteiramente prenhes de significado.

Três canetas foram usadas para os grifos que estão presentes no exemplar. Uma vermelha, outra preta, outra azul. É possível, com estudo a ser desenvolvido, identificar as camadas de temporalidades distintas possivelmente presentes, marcando uma leitura na chegada ao Brasil (ou no máximo, às vésperas da Viagem) e outras duas durante as reescrituras constantes que E. operava naquilo que publicou durante a década de em que se

<sup>294</sup> SOUSA, Eudoro de. **As bacantes de Eurípedes: introdução, tradução e comentários**. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 101.

<sup>295</sup> Idem, p. 102. Trata-se de tradução foi feita pelo próprio E., tendo em vista que a tradução portuguesa é de 1988. Na bibliografia constante em **Dioniso em Creta e outros ensaios**, o livro citado é exatamente a edição que temos em mãos, onde E. registra: “Há tradução castelhana da Revista de Occidente” (p. 294).

debruçou na sua tradução da tragédia, bem como na elaboração “final” dos ensaios de **Dioniso em Creta...**

## Manuscrito 2

[De fabulacum Aristophanis textu tradito]

.....

Brevi post medium saeculum III<sup>um</sup> ante Chr. Singu-  
larem curam et aliorum poetarum et comicorum  
operibus impendit vir in paucis doctus et prudens  
Aristophanes Byzantius, qui Bibliothecae Alexandi-  
nae aliquantisper fuit praepositus, discipulus Callima-  
chi, Zenodoti, Eratosthenis, Machonis poetae comici,  
Euphronii, Dionysii Iambi. Qui poetarum lyricorum  
et sceniconum editiones paravit aliquanto  
quam quae antea circumferabantur utrores et  
gratiores legentibus. Nam et textum quam po-  
terat optime recensuit et carmina in versiculos  
concinuos ita direxit sive ἐκώλιον ut etiam  
nunc in codicibus leguntur praescripta. Cuius  
studii insignis monumentum praebet Bacchylides  
papyrus saeculo ante Christum 3<sup>o</sup> scripta.

Carminum didascalorum officio quomodo functus  
esset Aristophanes, 1<sup>o</sup> post Chr. saeculo narra-  
vit Heliodorus in Colometria, qui liber aetatem  
non tulit, sed saepe laudatur in scholis; quibus  
autem rationibus Aristophanes Byzantius esset ductus  
saeculo sequenti docuit Hephaestio in libro de  
Carminibus. Etiam signa quantitates, accen-  
tuum, spiritus est Aristophanem grammaticum  
referuntur. Crece (†) notabat A. versus mo-  
lesti suspensive vel omnino notabile aliquid habentes

**Descrição:** Folha de gramatura análoga à anterior (21,5 x 15,4). Trata-se da mesma caneta do MS anterior.

### Transcrição:

[De fabularum Aristophanis textu tradito]

Brevi post médium saeculum IIIum ante Chr. Singularem curam et aliorum poetarum et comicorum operibus impendit vir in paucis doctus et prudens Aristophanes Byzantius, qui Bibliothecae Alexandrinae aliquantisper fuit praepositus, discipulus Callimachi, Zenodoti, Eratosthenis, Machonis poetae comici, Euphronii, Dionysii Iambi. Qui poetarum lyricorum et scenicorum editiones paravit aliquanto quam quae antea circumferentur utiliores et gratiores legentibus. Nam et textum quam poterat optime recensuit et carmina in versículos concinnos ita diremit sive ΕΚΌΛΙΣΕΥ ut etiam nunc in codicibus leguntur perscripta. Cuius studii insigne monumentum praebet Bacchylidis papyrus saeculo ante Christum I<sup>o</sup> scripta.

Carminum dividendorum officion *quomodo* functus esset Aristophanes, I<sup>o</sup> post Chr. saeculo enarravit Heliodorus in Colometria, qui liber aetatem non tulit, sed saepius laudatur in scholiis; *quibus* autem *rationibus* Aristophanes Byzantius esset ductus, saeculo sequenti docuit Hephaestio in libro de Carminibus. Etiam signaquantitatis, accentuum, spiritus ad Aristophanen grammaticum referuntur. Cruce (τφ X, χιόζειν) notabat A[ristophanes]. versus molesti suspective vel omnino notabile aliquid habentes.

### Comentário:

O título que abre o MS, *De fabularum Aristophanis textu tradito*, é a pista que precisamos para ir ao acervo da BCE. A fl. foi encontrada em **Prolegomena ad Aristophanem**, escrita por Jan van Leeuwen (1908). Virtualmente temos acesso à edição da obra de Leeuwen<sup>296</sup>. À p. 264 encontramos a exata passagem transcrita (diga-se de passagem, com papel semelhante ao do MS1 e com mesma caneta) que se encontrava na p. 17 do exemplar de Leeuwen. Cogitamos agregar os dois manuscritos a um bloco que corresponderia às anotações de algumas das revisões para os comentários da **Poética**.

O exame *do exemplar lido* não oferece marcantes elementos para compreensão do MS2. No acervo da UnB há dois exemplares da obra<sup>297</sup>, sendo que um está registrado como da coleção de estudos clássicos e outro no acervo geral. Os dois exemplares parecem ter sido lidos por Eudoro ou, ao menos, guardam marcas de acidez e vincos exatamente no trecho selecionado para transcrição. Nosso primeiro contato com o livro foi uma extraordinária

<sup>296</sup> Disponibilizada pela Biblioteca da Universidade de Toronto em <http://booksnow2.scholarsportal.info/ebooks/oca7/35/prolegomenaadari00leeu/prolegomenaadari00leeu.pdf>, último acesso em 12/02/2015.

<sup>297</sup> 875 A717.Y1.

surpresa. Na primeira folheada ele se abriu na página 264, que ainda guarda as marcas oxidadas de alguém que por diversas vezes voltou ao trecho copiado. Uma curiosidade: um dos exemplares lidos pertenceu a Mario da Gama Kury, como se vê pelo nome no topo da fl. de rosto. Ambos os exemplares, sendo que um na *encadernação alemã*, foram lidos repetidas vezes. As páginas 280, 288, 311, 312, 321, são algumas em que constam tópicos estabelecidos por E.

Uma pesquisa superficial sobre a presença do nome de Aristófanos na vasta documentação reunida sobre o período alexandrino da filologia na Antiguidade nos dá ao menos uma certeza: Aristófanos é peça fundamental na transmissão de muitíssimo material que os discípulos de Aristóteles nos deixaram, por meio da biblioteca do Filósofo. Entre as pp. 245 e 253 do apêndice II que consta na **Poética**, incontáveis são as contribuições deste que não foi, definitivamente, apenas um bibliotecário, ou melhor, o foi no sentido mais completo.

Sobre a formação da biblioteca de Alexandria, da qual Aristófanos viria a ser um dos responsáveis, e sobre o papel que veio a ter Aristóteles na passagem do período “clássico” grego para o “helenístico”, E. comenta: “Por acaso não foi que *Demétrio e seus colaboradores entraram de recolher em uma biblioteca, que viria a ser orgulho dos reis do Egito, a poesia e a prosa de toda Grécia*”<sup>298</sup>. Conhecido na Academia de Platão como o “Leitor”, Aristóteles era um colecionador que, como Mestre, teria deixado indicado o trabalho e o caminho que seus discípulos deveriam trilhar diante do seu legado. É o que afirma E.:

História ou lenda, o certo é que se disse que a célula germinal da biblioteca do Museu fora a biblioteca do Liceu. História ou lenda, a verdade é que Aristóteles já estabelecera os princípios da primeira “enciclopédia das ciências filosóficas” e, portanto, as primeiras normas de catalogação dos tesouros da cultura<sup>299</sup>.

No mesmo sentido, ao avaliar a contribuição dos bibliotecários de Alexandria, citando o lamento de Wilamowitz a respeito do alto valor que se dava a Aristarco, em detrimento de Dídimo, E. avalia, se referindo a *Aristophanis Byzantius*: “importa não esquecer que Aristarco teve por mestre *o maior filólogo da Antiguidade*”<sup>300</sup>. Em quinze anos na direção da biblioteca alexandrina, esse que parece ter se tornado uma grande inspiração para o próprio E., e para

<sup>298</sup> Cf. **Poética**, p. 245, grifo nosso.

<sup>299</sup> Ibidem.

<sup>300</sup> Ibidem, grifo nosso.



todo aquele que desperta interesse pela Filologia, “tirou do sono e da vigília banal os momentos mais decisivos e mais significativos, em vinte séculos de filologia clássica”<sup>301</sup>.

Para que se tenha a conta do valor dado a Aristófanes, indício das razões para que um trecho em latim, como o que está acima, seja traduzido e considerado em anotações, não podemos nos furtar de entender a real contribuição de Aristófanes, sem a qual nenhuma filologia e crítica (textual, genética) seriam possíveis:

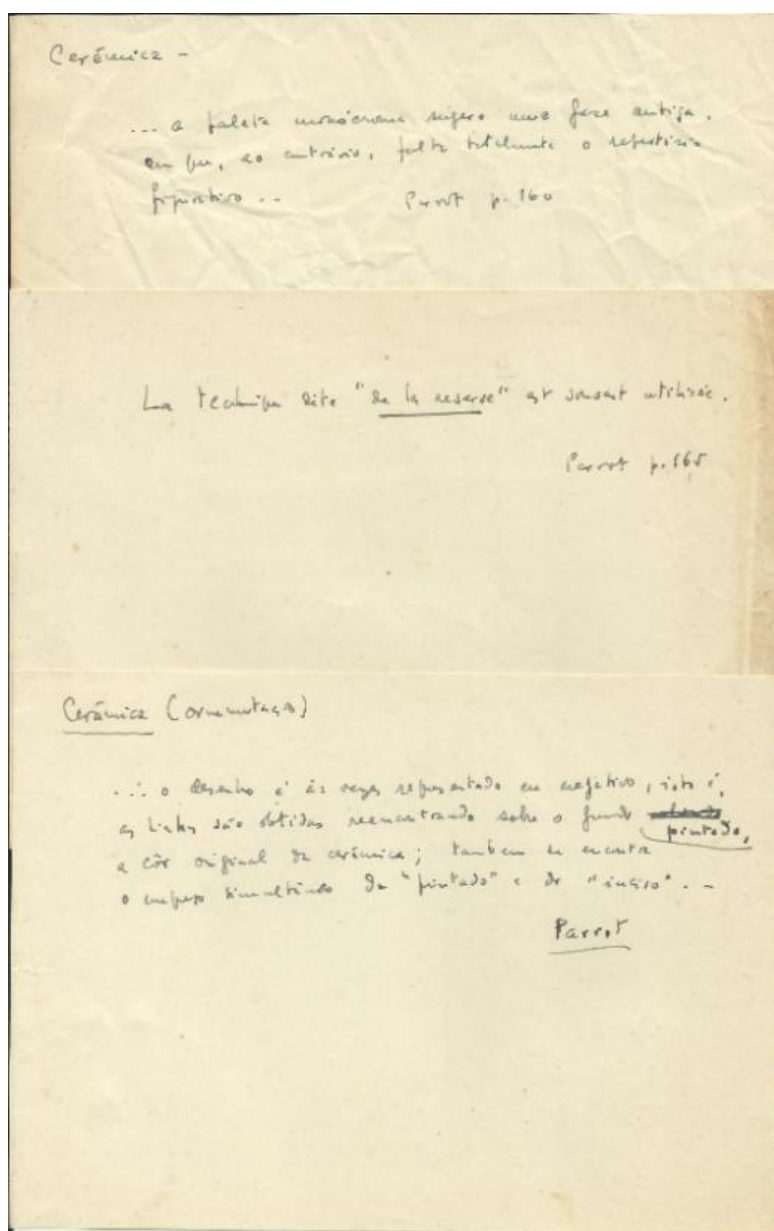
Nos textos de Homero e Hesíodo, dos líricos e dos trágicos, de Aristófanes e de Platão, incidiu pela primeira vez a *visão de um crítico que também foi historiador e quem sabe se teorizador da literatura*. (...) Primeira edição de Hesíodo foi a de Aristófanes. Porém, o mais alto título de glória advém-lhe certamente da recolecção dos líricos, cujas poesias andavam dispersas, ao sabor de preferências e simpatias mais ou menos razoáveis ao acaso do comércio livreiro. E não se limitou a coligir os poemas de Alceu, Alcman e Píndaro; senão que os agrupou em volumes, segundo a matéria e a métrica, e os dividiu em estrofes, de modo que o texto actual daqueles poetas vem a representar a edição de Aristófanes, com poucas alterações. Depois dos líricos, os trágicos: Ésquilo e Sófocles, talvez; Eurípedes, sem dúvida, foram editados criticamente, e cada um dos dramas introdução por um estudo histórico-literário que continha (...)

O que se segue, apontando o *modus operandi* do filólogo, bem como sua contribuição à lexicografia, logo continuada pelo seu discípulo e sucessor na biblioteca (Aristarco) demonstra como este método e maneira de lidar com as fontes e organizá-las inspirou o trabalho que E. viria a publicar, sempre demorado e soberbo de lições, anotações e comentários marginais.

---

<sup>301</sup> Ibidem.

## Manuscrito 3



**Descrição:** três folhas de iguais dimensões (11,5 x 15,9), escritas com a mesma caneta (ou tipo) preta dos MS 1 e 2.

**Transcrição:**

- a) Cerâmica -  
... a paleta monocroma sugere uma fase antiga, em que, ao contrário, falta totalmente o repertório figurativo..  
Parrot p. 160.
- b) La technique dite “de la reserve” est [ ] utilisée.  
Parrot p. 165.
- c) Cerâmica (ornamentação)

...o desenho é às vezes representado em negativo, isto é, as linhas são obtidas reencontrando sobre o fundo colorido, a cor original da cerâmica; também se encontra o emprego simultâneo do “pintado” e do “inciso”...  
pintado Parrot

**Comentário:**

As folhas foram encontradas em um exemplar da obra do arqueólogo francês Andre Parrot (1901-1980), conhecido pela sua dedicação (mais de quatro décadas, entre 1933 a 1975) às escavações na região da Ásia próxima do mar Mediterrâneo, Anatólia, Mesopotâmia, etc, tema constante dos estudos eudorinos.

O interesse destas pequenas folhas onde E. traduz trechos de um livro deste que foi diretor do Louvre em meados do século passado, não se dá apenas pela convergência com sua utilização na aula inaugural que deu dos cursos de 1958, para a Faculdade Catarinense de Filosofia<sup>302</sup>. Em nota (cf. nota 6) E. faz referência a outro texto publicado alguns anos antes (1955) na mesma revista, denominado *Escrita Cretense, Língua Micênica e Grego Homérico*.

Os dois textos se ligam e nos propõem uma hipótese: E. pela primeira vez foi professor de Arqueologia exatamente em Santa Catarina. Foi neste contexto, avaliando as descobertas arqueológicas das escavações após a II Guerra, quando ele pôde (e teve que) se dedicar com afinco à leitura de textos sobre arqueologia com o intuito de dar aulas. As três folhas acima permitem decifrar qual livro de Parrot foi utilizado para a leitura do texto, já que na nota 10 ele apenas diz: “Cf. A. Parrot, op. cit., pg 146 ss., 158 ss”, sem ter, de fato, citado a obra de Parrot anteriormente. Referindo-se a um “notável acôrdo das investigações arqueológicas”, ao identificarem elementos que estariam remotamente presentes naquela região, E. cita ainda um livro que também foi leitura feita na época aludida pelo MS 3, a saber, **Le Monde Egéen**, de F. Matz (1890-1974). Sobre tal obra, para construir a narrativa de

<sup>302</sup> A aula foi impressa em Separata da revista “Estudos”, outubro-dezembro de 1958, com o título de *Relações pré-históricas e proto-históricas entre a Grécia e o Oriente à luz das últimas descobertas arqueológicas*.

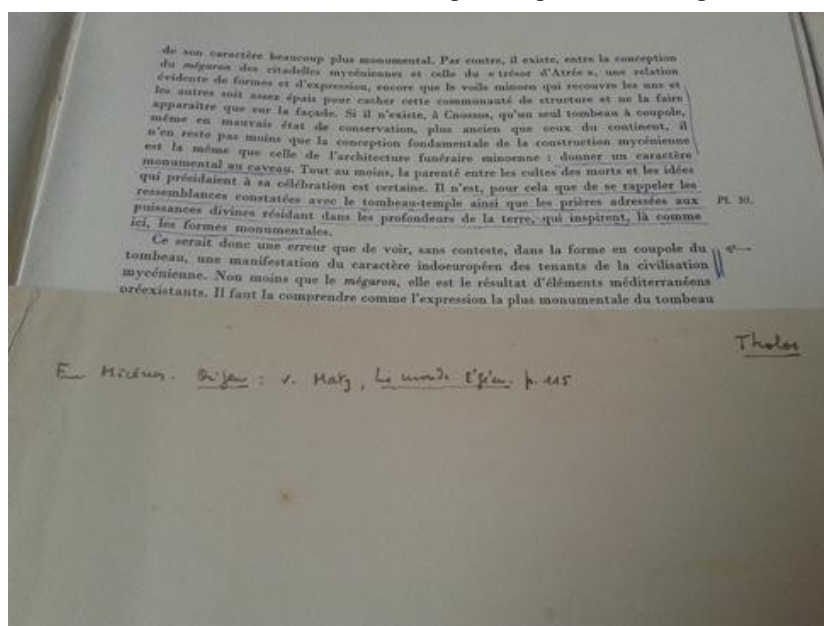
nossa hipótese sobre a acentuada leitura do tema, em Florianópolis, alguns dados devem ser considerados.

Em primeiro lugar E. se refere a um trecho específico do livro de Matz, “(pg. 115 ss. (sôbre a origem oriental do *Tholos*)”. Seu objetivo é claro, desfazer as essencializações tradicionais a respeito do “Milagre Grego”. E ele anuncia, à p. 36 da *Separata*, após explicar que está tomando emprestado conceitos da gramática histórica e comparativa para fazer arqueologia: “O que nos cumpre determinar é o contributo dessas culturas não gregas, para a formação da cultura grega, tal como a conhecemos através da sua história”. Tal intuito, marcadamente presente no programa eudorino, difundido pela maioria dos ensaios de **Dioniso em Creta** (1973), é explicitamente assinalado na crítica à *fórmula celebrizada* do “Milagre Grego”. Remando contra a maré dos estudos clássicos, Eudoro relativiza:

O “milagre grego”, que, de certo modo, é o milagre do Ocidente, teria nascido talvez, dêsse único e maravilhoso encontro de um anseio pela ideal transparência das formas intemporais, que é indo-europeu, e de uma transbordante criação de imagens,

tôdas impregnadas da seiva e do sangue da vida, repetindo-se ciclicamente, na temporalidade. O milagre grego consistiu, sobretudo, em incorporar, em encarnar o espírito de uma imaginação de tal maneira exuberante de vida, que jamais consentiu, por exemplo, que a lógica dos conceitos degenerasse em estéril conceptualismo, e portanto, que a escolaridade de uma filosofia do concreto algum dia se dissolvesse em palavroso e abstrato escolaticismo.

Milagre grego seria, por conseguinte, o milagre de uma perfeita reintegração<sup>303</sup>.



Demonstrando a

influência egeo-asiânica e oriental no mais íntimo ser cultural grego, E. desenvolve um voo panorâmico por várias disciplinas, uma das quais, tudo indica, seria amplamente estudada desenvolvida (após as leituras que vinham se acumulando), nas aulas durante a curta experiência como professor de Arqueologia em Santa Catarina.

Exemplo interessante é o comentário sobre o *tholos*. Na obra de Matz, ao abrirmos o exemplar lido, o que vemos, exatamente na página referida em sua aula inaugural (p. 115), são os grifos e a ficha de estudos em aberto, para detalhamento da referência feita.

<sup>303</sup> Cf. *Separata*, p. 38.

Paris / Buchet / etoastel

Número de Chamada: CEC 938.03/09 M446m

Fundação Universidade de Brasília  
Biblioteca Central

PRÉ-CATALOGAÇÃO DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO K 08-11-93

1 - Dados do Material  
Autor: MATZ, F. 01 = 40/2 12.06 740

Título/Subtítulo: MIONIDIE IEGIEINI: ITRIDIEI, ERIEITIEI, MYIEINEISIL (EI)

Ser.	Ordem	Ser. Acervo	Tipo	Ed.	Local	Editor	Data Publ.	Volume	Tomo	Parte	Exc.	Prq.	BDS	Lot.
135989			110			11010813141515191516						2	113	

2 - Controle de Pedido

Número	Solicitante	Orgão Origin.	Quantidade	Empenhado	Doado	Situação
						Biblioteca Arq. Pandoro etc

COD. 0180301 00.900 JGS - 04/90

Dentro do exemplar encontramos a prova cabal da demora em catalogação de um acervo adquirido ao final da década de 1980. As informações catalográficas indicam uma entrada em (08/11/1993), de um livro que viria a descer ao depósito para depois ser descartado em 2007, quando foi recolhido por nós

instantes antes de ser enviado à reciclagem. A ficha indica integração ao acervo do extinto CEC, com o número de chamada 938.03/.09 M446m. Enigmáticas razões deram este caminho à obra: catalogação como coleção de estudos clássicos-depósito-descarte. Lendo-o hoje, impossível não notar as abundantes marcas, a caneta, registrando palavras-chave e conceitos que foram utilizados para a elaboração do texto da separata e sua aula. Uma assinatura a lápis na primeira folha do exemplar sugere uma possível data para a aquisição da obra, no dia 28/2/58, época em que o helenista ministrava (entusiasticamente motivado pelas decifrações feitas na década de 1950 da escrita Linear B) a disciplina. Publicado em 1956, o exemplar lido leva inúmeras anotações a respeito das relações entre os povos da região em questão, levantando aspectos do vestuário (masculino e feminino), detalhes sobre elementos religiosos, bem como aspectos sobre escultura, arquitetura e, principalmente, cerâmica, uma palavra escrita às margens do exemplar pelo menos uma dezena de vezes.

Duas canetas foram usadas nas anotações presentes neste exemplar, uma azul, mais frequente, outra verde, além da caneta preta onde consta a referência à “origem oriental do *tholos*”, que se assemelha à caneta preta mais frequente neste *corpus*.

Vale ressaltar, como comentado acima, que tal obra não se encontra mais no acervo da biblioteca da UnB. Outras três, entretanto, constam no acervo e podem conter elementos úteis para a leitura que E. fez da arqueologia de Matz. Das três obras, curiosamente publicadas em anos próximos (aqueles que se circunscrevem entre as aulas de Santa Catarina e os primeiros anos de Brasília), duas se encontram na coleção de estudos clássicos<sup>304</sup> e uma no acervo geral<sup>305</sup>.

<sup>304</sup> MATZ, F. **Dionysiake telete** (1964) 292.11 M446d e **Kreta und fruhs Griechland** (1962) 7.032.6 M446k.

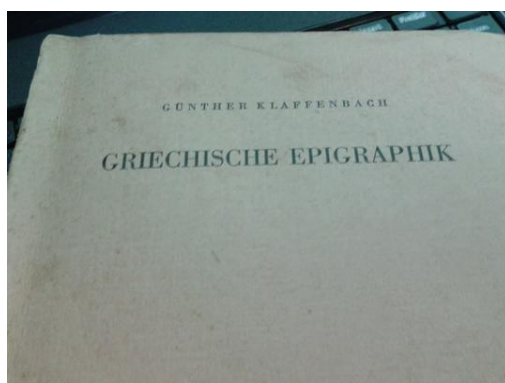
<sup>305</sup> Idem, **Kreta, Mykena, Troja: die minoische und die homerische Welt**, (1956) 7.032.6 M446k G.

Uma última informação ao leitor da obra eudorina é que ele voltaria a fazer referência à obra de Parrot no célebre ensaio que dá título a **Dioniso em Creta**<sup>306</sup>. Muito do que viria a ser o ensaio *Dioniso em Creta* foi colhido (confirmando e colocando na mesa) em dados da arqueologia mais recente, que já tinham sido plantados nas leituras notificadas no primeiro ensaio do livro de 1973, cuja a primeira versão anotada que temos, como se verá (cf. apêndice) data de 1966. Sabe-se que Eudoro já havia lido Matz em 1950, no iv fascículo de **Handbuch der Archaeologie** (1950)<sup>307</sup>. Sabe-se também, pela densa nota 16 supracitada, que a edição de Parrot referida por E. é de 1953 (que localiza a edição, mas não necessariamente a leitura do texto). Estes são dados que se não complicam, dificultam a precisão em relação às leituras. É fato, apesar disso, que E. deu aula de arqueologia em Santa Catarina, que se tratava de uma disciplina com a qual *o professor* estava lidando de maneira inaugural (apesar de acumulada leitura de helenista que já vinha se munindo do tema desde Heidelberg) e que a leitura de Matz era, possivelmente, algo acumulado que esperava latente a hora de se manifestar em obra e/ou docência. No mesmo ensaio de **Dioniso em Creta** (cf. a longa nota 32) o estudioso cita a obra “epocal” **Die frühkretische Siegel** (1928), além das duas teses apresentadas por Matz à Academia de Mainz. A longa nota é o detalhamento da leitura, especialmente de Matz e explica a importância da cerâmica, especificando seus conceitos, a guisa de comentar a obra de Karl Kerényi, outro ilustre protagonista das bibliografias eudorinas.

A nota 70 do ensaio que aqui nos utilizamos faria referência ainda a **The Archaeology of Palestine** (1956) também da época catarinense, que também consta em nosso catálogo (cf. apêndice) e parece figurar como outra leitura do período. O exemplar da obra de W. F. Albright que temos diante de nós, registrando várias anotações de E. acerca da *pottery* antiga, notadamente em seu capítulo 8, cujo o título é *Peoples and Languages, Writing and Literature in Ancient Palestine*, envolve os temas de ambas as Separatas publicadas em conjunto pela edição portuguesa de “dispersos” de Eudoro de Sousa. Inúmeros exemplares fortalecem a hipótese dessa cartografia catarinense onde se enfatizaram as leituras sobre arqueologia. Um exemplo, recentemente encontrado no acervo geral da biblioteca da UnB é a obra de **Griechische Epigraphik** (1957), de Günther Klaffenbach, onde se lê a assinatura de E. e a data de leitura/posse (1958). A caneta estampada na folha de rosto deste último exemplar aparenta ser a mesma esferográfica azul que falha nas anotações existe na obra descartada de Matz.

<sup>306</sup> Cf. nota 16 de **Dioniso em Creta**.

<sup>307</sup> Cf. nota 26 de **Dioniso em Creta**.



*Huber de Saussure*  
1958





**Descrição:** duas folhas de iguais dimensões (23,7 x 15,9) escritas com caneta preta porosa que se assemelham a papel *couchê*.

### Transcrição:

#### Mitani

Por volta de 2000, os Hurritas, cujo habitat primitivo é talvez a região do Lago Van, emigram para o norte da Mesopotâmia, onde se misturam com a população Subarta. Em 1800 já se encontram na Capadócia (Anatólia) testemunhos da presença de Hurritas.

De 1700 a 1500 [ilegível] apoderam-se de todo o norte da Mesopotâmia e da Síria. ~~Este território que constituirá~~ O REINO DE MITAN/NI, que durará até 1260, compreende ~~no seu~~ território que vai do Zagros ao Mediterrâneo e do Lago Van até à Assíria.

- Por 1460, Tutmés III, que havia submetido todos os pequenos estados da Síria, entra em contacto com MITANNI, cujos exércitos repele até ao Eufrates, sem, contudo, conseguir <sup>ocupar</sup> ~~tomar~~ as fortalezas de Karkemich e [ilegível] Haleb. –

- De 1460 a 1390 é a época do equilíbrio político entre Mitanni e o Egipto, na síria. Há notícia de algumas alianças entre as casas reinantes: uma irmã de Artatama (1430) esposa Tutmés IV e será mãe de Amenófis III, e este, por seu turno, <sup>também</sup> casará com duas princesas de Mitanni.

- Em 1390 esta situação pacífica é perturbada pela progressiva influência dos Hititas, que promovem revoluções internas no Mitanni.

- Em 1380 TUSHRATTA sobe ao trono, ~~e~~ retoma a política de paz com o Egipto, mas não pode evitar ~~o~~ encontro com as forças hititas, ~~que~~ cujo objetivo é o domínio do <sup>e militarmente</sup> Síria norte da Síria. Mitanni, diplomática [ilegível] isolado, <sup>vitoriosa</sup> não resistirá a segunda campanha de Shuppiluliuma, e a sua capital Wasuganni (cuja localização exata, ainda se desconhece) é tomada e destruída. O resto do reino cai na posse dos Hurritas, aliados do Hatti.

- De 1350 a 1300, Mitanni vai caindo na esfera de domínio da Assíria, por efeito da decadência do império Hitita, após a morte de Schuppiluliuma, até que Wasuganni é saqueada pela segunda vez, agora por

Em 1290 Adad-nirari I ~~(da Assíria)~~ [ilegível] e este rei consegue então estender fronteiras do seu Império até ao Eufrates.

Por fim, em 1270, Salmanassar I vence o último rei de Mitanni, que era protegido por Murshilish III de Hatti, e encorpora todo o seu território no império Assírio.

### Comentário:

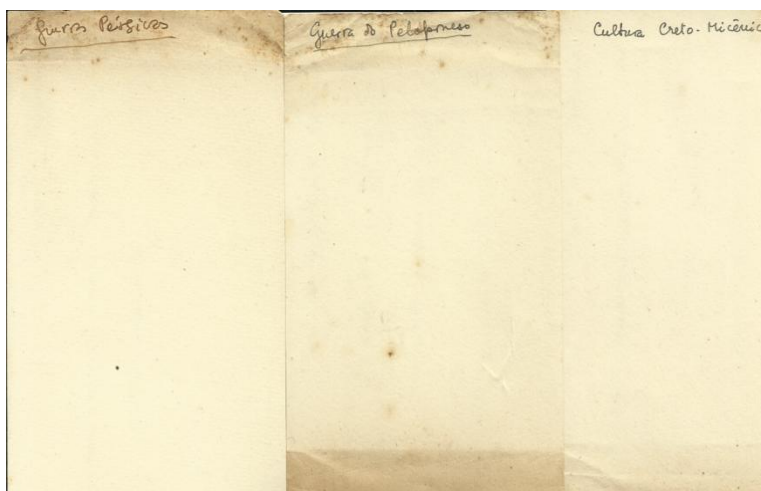
Pouco ou nada da leitura que fizemos da obra de E. auxilia a interpretação do manuscrito acima. É fato que o tema está nos escritos “arqueológicos” publicados em Santa Catarina, bem como nos ensaios de abertura de **Dioniso em Creta**. Além disso, um exemplar pode dar alguma contribuição para que se saiba, por exemplo, se as duas fls. são uma tradução de alguma obra lida. No que restou do Centro de Estudos Clássicos, consta como ainda existente a obra de Georges Contenau, cujo título, **La civilisation des Hittites et des Hurrites du Mitanni** (Payot, 1948, 201p.) guarda alguma surpresa<sup>308</sup>. No exemplar, *exatamente* o capítulo sobre Mitanni e os Hurritas está vincado, com marcas de acidez concentradas exatamente neste trecho lido. Apesar de se tratar de uma obra que pertenceu ao bibliófilo baiano Homero Pires (integrada ao acervo em 29/7/1963), o que assinala o trânsito para o extinto CEC de livros sobre o tema ao qual E. se dedicou a erguer uma biblioteca de referência, aparentemente se trata de um resumo da apresentação da geografia daquelas civilizações. Em anexo ao livro, o mapa da Ásia Ocidental antiga ainda conserva o grifo a lápis por baixo da palavra Mitani. A lista de obras grifadas na *bibliographie* (pp. 7-8) que abre a obra de Contenau não deixa dúvidas: E. a leu e nela colheu referências sobre o tema. E há mais: a ficha catalográfica que se encontra ao final do exemplar registra (a mão) leituras repetidas que se concentraram entre abril de 1966 e novembro de 1967, época provável de intensas revisões, releituras e reescrituras do ensaio que dá título a **Dioniso em Creta e outros ensaios**.

Este é um caso exemplar de como o contato *com a estante* (e só o contato *direto* com a estante), para além de uma obra ou autor específico, pode esclarecer o significado e utilidade da narrativa antiga sobre o povo Mitanni.

---

<sup>308</sup> 931 C761c.

## Manuscrito 5



**Descrição:** três pequenas folhas de iguais proporções (12,3 x 7,4 cm) que têm em seu verso três diferentes referências bibliográficas escritas, aparentemente, com a mesma caneta, mas com outra caligrafia.

### Transcrição:

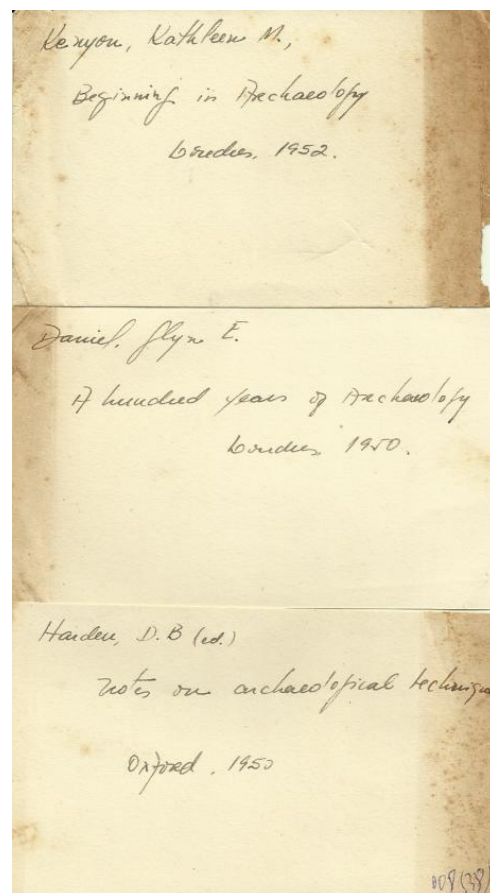
Guerras Pérsicas  
Guerra do Peloponeso  
 Cultura Creto-Micênica

### Transcrição do verso:

KENYON, Kathleen M. **Beginning in archaeology**. Gredos [ilegível], 1952.  
 Haiden, D. B (ed.). **Notes on archaeological technique**. Oxford, 1950.  
 Daniel, Glyn E. **A hundred years of Archaeology**. Londres, 1950.

### Comentário:

O primeiro aspecto a ser considerado é a origem das três fls. Esse é um tipo de anotação na qual há incerteza sobre a origem. Ou ela se encontrava em um livro cujo número de chamada é 008(38)(03) C228w 3ª edição, ou se encontrava em obra que tem como primeira palavra do título o termo **Mythos**. Se pouco ou nada pode ser dito sem esta informação, que solicita à pesquisa uma ida às estantes, muito representativa do interesse de E. pela arqueologia são as referências registradas no verso das três fls. Alguma indicação oferecida por amigo ou professor? Serão da época de Santa Catarina?



Apesar da estranha referência à editora Gredos, a obra de Kathleen Kenyon registra duas edições (ambas de 1953 e editadas em Nova York) na coleção de estudos clássicos. A visita aos exemplares<sup>309</sup> pode conter a prova de pertencimento ou não à biblioteca particular eudorina, junto com as potencialidades que essa pertença nos traz. Publicados nos anos em que E. estava em Florianópolis, teriam eles contribuído de alguma forma para a disciplina ministrada naquela ocasião? Outra obra de Kenyon, **Archaeology in the holy land** (Londres, 1960)<sup>310</sup> também se encontra na coleção do extinto centro.

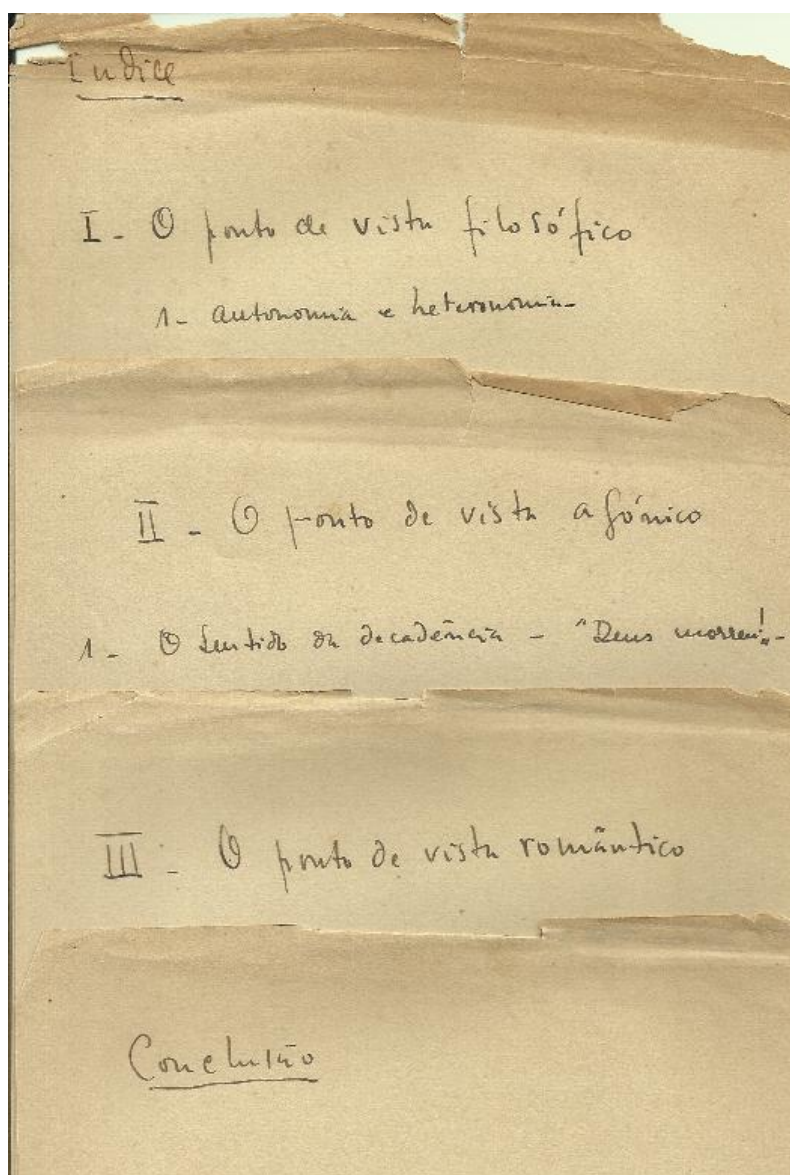
Quanto às outras duas referências, nada foi encontrado na biblioteca, nem na obra de E., que pudesse falar a respeito da leitura de tais itens.

---

<sup>309</sup> 930.26:001 K37 b e k37b 2ª edição.

<sup>310</sup> 930.26(33) K37a e K37A6.

## Manuscrito 6



**Descrição:** quatro folhas de iguais dimensões (21 x 13,5) de papel madeira mais frágil que os anteriores.

**Transcrição:**

Índice

I - O ponto de vista filosófico

1- Autonomia e heteronomia

II - O ponto de vista agônico

1 - O sentido da decadência - "Deus morreu" -

III - O ponto de vista romântico

Conclusão

**Comentário:**

Relação com o manuscrito 15.



**Transcrição:**

2) A religião olímpica oferece [ilegível] um aspecto, e apenas

um aspecto, da religião grega post-homérica. ~~A religião post~~

hipoteticamente

homérica a religião ctônica é a religião ante-homérica

é a Grega um aspecto da

é um aspecto da religião ante-homérica e post-homérica

Religião grega

A religião ctônica e a religião olímpica não cobrem,

~~nem crônica nem topicamente~~ cronologicamente a mesma extensão. A

religião olímpica oferece um aspecto, e apenas um aspe

cto, da religião grega post-homérica; a religião ctônica

foi até incerto momento toda a partir de certo momento  
e a religião ante-homérica e, depois de Homero, um as  
e apenas um aspecto

pecto da religião grega post-homérica.

**Comentário:**

A leitura que fizemos da obra de E., dispersa e incompleta, distanciada de uma releitura que não foi feita para a elaboração do cap. III desta dissertação, nos impede de identificar *na obra eudorina* a inserção dessa frase.

Um ensaio publicado em **Dioniso em Creta**, entretanto, dialoga diretamente com essa “transição” que Homero efetua na religião grega. “Como entender este trânsito?”, pergunta E. no terceiro parágrafo do segundo artigo de seu ensaio *Origem da poesia e da mitologia no drama ritual*<sup>311</sup>.

Em outro dos mais longínquos textos publicados, ainda em Lisboa, E. trabalha nos termos do Ms acima. Em *As núpcias do céu e da terra*, publicado pela primeira vez em 1944, elegendo a obra de Ésquilo como o “*maximum* de explicitação mitológica, no desenvolvimento histórico do mito nupcial do Céu e da Terra”<sup>312</sup>, estamos diante de uma profunda reflexão sobre o *status* político (polis) da religião olímpica. Citando as **Leis**, se

<sup>311</sup> Cf. p. 77.

<sup>312</sup> p. 56.

utilizando da explicação de Platão, para quem “os novos deuses, olímpicos, são, precisamente, os deuses *da cidade*”<sup>313</sup>, E. é categórico: “A constituição da Polis e a definição do Olimpo vão a par”<sup>314</sup>.

Ligado diretamente à tese fundamental de Eudoro, a respeito da origem poética da mitologia, o MS acima está disperso nas argumentações de alguns ensaios, como os dois citados acima. A filosofia, como é latente na obra de E., desempenhará papel fundamental, seja na “transposição intelectual do mistério”, seja na própria interpretação das transições vividas pelo “milagre” grego. É o que se pode prospectar de uma avaliação que E. julga conclusiva sobre **Euménides**:

A contradição implícita na lenda heróica, resolve-se (...) pela subordinação de uma ordem universal telúrica a uma ordem universal urânica, de uma religião “ctónica” a uma religião “olímpica”. A antiga religião dos povos mediterrâneos é absorvida e assimilada pela nova religião dos dórios imigrantes. A filosofia é mediatrix<sup>315</sup>.

Enunciando uma teoria que ele considerava nova, E. nos faz mergulhar na história da religião grega (em algum lugar ele afirma a impossibilidade dessa própria história) para entender a transição do culto para a poesia, desenvolvendo de maneira singular o que ele chamada de “problema da gênese poética da mitologia”<sup>316</sup>. O estudo da religião como forma de entender o papel da filosofia. A inserção da filosofia no estudo da religião como maneira de se contrapor, remando sempre contra a maré, ao caminho fácil que a história da filosofia sempre perpetuou, colocando a religião (logo, o mito) no homem primordial que, enfim, teria ouvido soar o badalar do sino da razão.

Explicando a seminal ideia de Heródoto, a respeito da origem da mitologia grega, E. mais uma vez trabalha, difundindo, disseminando, aquilo que *in nuce* está na frase em construção do MS acima. Explica o helenista:

A dádiva de Homero e de Hesíodo (...) teria constituído, no desenvolvimento da consciência religiosa dos gregos, como que um alvorecer e um despertar. O “outrora” ante-homérico, distingue-se do “agora” homérico e pós-homérico, como se distingue a noite do dia, e o sono da vigília<sup>317</sup>.

---

<sup>313</sup> p. 59, grifo de E.

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> Idem, p. 61.

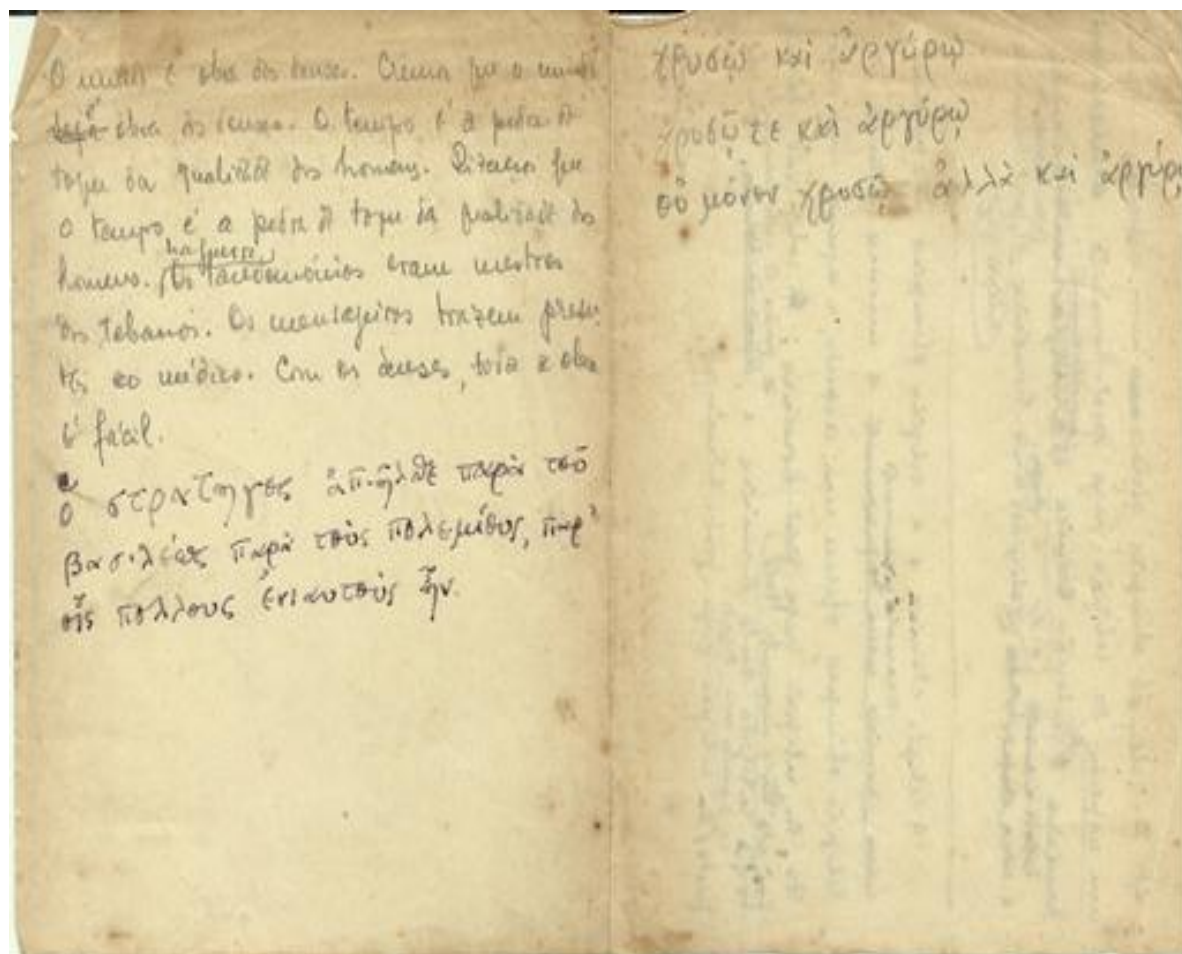
<sup>316</sup> **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**, p. 68.

<sup>317</sup> Idem, p. 75.



Estes são apenas alguns caminhos trilháveis na interpretação do significado do MS acima. Apesar de se concentrar em alguns ensaios, trata-se de um vértice da reflexão eudorina que, desde a década de 1940, é estruturante das buscas que sua obra realiza.

## Manuscrito 8



**Descrição:** trata-se do verso do manuscrito anterior, sendo que escrito em caneta diferente, com um trecho a lápis.

**Transcrição:**

O mundo é obra dos deuses. Cremos que o mundo seja é obra dos deuses. O tempo é a pedra de toque da qualidade dos homens. Dizemos que o tempo é a pedra de toque da qualidade dos homens. Na guerra os lacedemônios eram mestres dos tebanos. Os mensageiros trazem presentes ao médico. Com os deuses, toda a obra é fácil.

Ο στρατηγος ἀπ\*ῆλθε παρα του βαιλέως παρα τους πολεμους, παρ οis πολλους ἐηιαυτους ἦν.

Χρυσω και ἀργύρω  
Χρυσωτε και ἀργύρω  
Οί μόνον χρυσω αλλά και ἀργύρω

**Tradução**<sup>318</sup>:

O general partiu de junto do rei para os inimigos/guerreiros, local em que estava [há] muitos anos

O general abandonou o rei para juntar-se aos inimigos/guerreiros, com quem estava há anos

Ouro e prata

Ouro e também prata

Não somente ouro, mas também prata.

**Comentário:**

Nos parece que as três estruturas referentes a ouro e prata são tentativas de exercício da complexificação da frase. Do mais simples ao complexo.

---

<sup>318</sup> Tradução Luiz Eudásio.

## Manuscrito 9

1) ... à primeira vista já se nota a grande influência da arte sobre o Espírito Nacional dos Gregos; como o le gótico, o deus Júpiter, geralmente a padroeira foram beber ao Deus ~~divino~~ pretal, como <sup>divinização</sup> ~~as~~ <sup>aplicação</sup> ~~divinização~~ <sup>as</sup> obras imortais dos seus escultores a religião e ao estado.

2) ... a lina nascera o culto:   
 : eun-ai,   
 biculta cultivos por la fides, leus casti-   
 gues fuerit la deus sources de la Religion   
 et de l'histoire primitive, ~~et par aelli~~   
 honoreis et par eelli, <sup>ils furent honoreis avec</sup> à cõti d'autres   
 forces originaires: ~~un respect infini~~   
 les Grecques ~~travaux~~ ont divinifi son   
 Orpheus comme son Heracle:

3) A obscura antiguidade de lo ~~estado~~   
 fragmentariamente se pode representar   
 e ainda assim <sup>como</sup> ~~um~~ <sup>um</sup> ~~estado~~   
 como ~~um~~ <sup>um</sup> ~~estado~~   
 como ~~um~~ <sup>um</sup> ~~estado~~

**Descrição:** manuscrito com dimensões de 21,5 x 13 cm, íntegro e com fibras fortes de papel, escrito com caneta ferrogálica.

**Transcrição:**

- 1) ...à primeira vista já se nota a grande  
influência da Arte sobre o Espírito-nacional  
dos gregos; como os legisladores, os demagogos,  
generais, padres foram beber aos seus ~~divinos~~  
divinizadores aplicaram  
poetas, como eles ~~se serviram~~ das obras imor-  
tais dos seus escultores á religião e ao  
estado.
- 2) ...assim nasceram os mitos:  
... ! ceux-ci,  
bientôt culti [ilegível] par ler poètes, leurs cânti  
ques [ilegível] sources de la Religion  
et de l’histoire primitive, et pour ce lá (?) ~~honorés~~ et pour celà côté d’autres  
focers originaires: um [ilegível] infini  
Les Grecques divini [ilegível] ont divinisi son  
Orpheus commen seon Hercule:
- 3) A obscura antiguidade só ~~muito~~  
fragmentariamente se pode representar  
e ainda assim <sup>com</sup> muita incerteza.

**Comentário:**

O Ms foi encontrado à p. 107 da obra de Pierre Bertaux, cujo o título é **Le lyrisme mythique de Hölderlin: contribution a l’etude des rapports de son hellenisme avec sa poesie**. Paris: Hachette, 1936. 110 p<sup>319</sup>. Segundo o acervo da biblioteca da UnB (nunca confiável quanto à existência concreta do que o catálogo registra), há apenas este livro de Bertaux disponível. O título **Dichtung**<sup>320</sup>, organização da obra de Hölderlin publicada em 1954 que consta na coleção de Cassiano Nunes não nos interessa aqui, a priori, por se tratar de um exemplar que provavelmente não passou pelas mãos de Eudoro de Sousa, ainda que ambos tenham trocado livros no período em que se encontravam em atividade na UnB.

Bertaux (1907-1986), tendo sido próximo de Jean-Paul Sartre, Raymond Aron, notável estudioso de literatura alemã, tem ainda em seu *curriculum* a luta na resistência francesa durante a segunda grande guerra. O exemplar em questão, onde este Ms foi encontrado, foi comprado por E. em outubro de 1937, como atesta o registro na folha de rosto, onde o Leitor ainda assina “Guerreiro” como nome do meio. Uma primeira leitura dos vestígios a lápis

<sup>319</sup> 830 H727.Yb da CEC, o livro entrou no catálogo em 8 de novembro de 1990.

<sup>320</sup> 830 H727d. Constam ainda, aparentemente sem muita importância para a análise do MS, dois outros títulos: **Africa: Desde la pre-historia hasta los estados actuales** e **A mutação humana**, este último em duas edições (Gredos e Forense).

deixados por E. é que a obra, escrita em francês, entremeada de citações alemãs, é toda anotada nestas citações, claramente anotações de quem está buscando o idioma, estudando o idioma alemão por meio de trechos da poesia de Hölderlin. É assim entre as pp. 4-7 e é dessas páginas que E., ao estudar o alemão, traduz para o português, o verte para o francês. Vêm destas páginas os três tópicos presentes no manuscrito.

O primeiro na página 4, registra: “...*schon beim ersten flüchtigen Blick fällt es auf, welch einen grossen Einfluss die Kunst auf den National-Geis der Griechen hatte, wie die Gesetzgeber, die Volkslehrer, die Feldherrn, die Priester aus ihren vergötterten Dichtern schöpften, wie sie die unsterblichen Werke ihrer Bildner für Religion und Staat benutzten.* IV, 162”.

O segundo trecho, à guisa de entender a influência determinante dos poetas e da mitologia na alma grega, E. traduziu de: “...*so entstanden die Mythen: diese wurden bald von den Dichtern bearbeitet, ihre Gesänge waren die einzigen Quellen der Religion und Urgeschichte, und wurden daher neben andern Ursachen, auch deswegen mit unbegrenzter Achtung verehrt: die Griechen vergötterten ihren Orpheus, wie ihren Herkules...*VI, 163-164”.

E o terceiro trecho, que E. apenas começou a traduzir, mas não menos forte, já que expressa poeticamente uma leitura que fez anos depois, afirmará a respeito da impossibilidade de se fazer, por exemplo, a história da religião grega: “*Das dunkle Alterthum erlaubt nicht anders, als fragmentarisch, und auch das fragmentarische noch ser ungewiss vorzustellen*”. E. não escreveu diretamente sobre Hölderlin. Não há dúvida de que, apesar disso, a visão de Hölderlin sobre a antiguidade o influenciou. Essa é nossa intuição quando encontramos *entre os livros do acervo não vendido para a UnB* a obra de um filósofo que o influenciou e que era seu amigo, segundo alguns, com vasta troca de cartas que enigmaticamente nunca foram encontradas no decorrer de anos de pesquisa.

Referimos-nos a Karl Jaspers. Um número incontável de livros de Jaspers se encontra ainda disponível na biblioteca da UnB. Vários pertenceram a Eudoro de Sousa. Em muitos vemos anotações criteriosas, demonstrando uma influência nítida demonstrável em textos eudorinos.

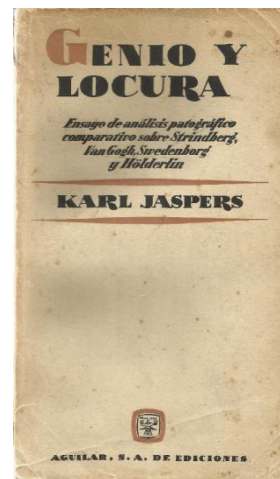
Apesar de existirem dezenas de livros de Jaspers dispersos pelo acervo geral da biblioteca da UnB, apesar de vários terem pertencido a seu amigo helenista, apenas um (!) se encontra na atual coleção de estudos clássicos<sup>321</sup>. Isso nos faz refletir, primeiramente, sobre a

---

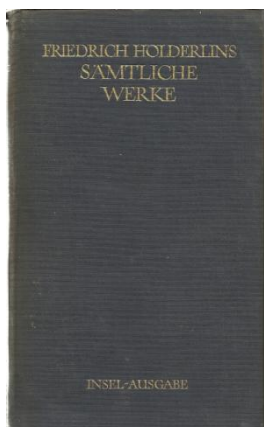
<sup>321</sup> Trata-se de **Über das tragische**, publicado em 1954, encontrável pelo número de chamada 82.01 J39u.

unidade da coleção. Apesar de não se tratar a obra de Jaspers, em sua maioria, de assuntos ligados aos estudos clássicos, qual a perda que acarreta destacar os exemplares que E. leu de Jaspers, dispersando-os pelo acervo geral? Quais (in)disposições políticas e biblioteconômicas fazem nascer uma sala para a coleção, reunida e coesa, de Cassiano Nunes, enquanto a “lendária” biblioteca de E. é paulatinamente, sob os mais distintos argumentos, fragmentada?

O cap. III de **Genio y Locura**, encontrado na biblioteca de Eudoro Augusto, provavelmente foi lido pelo pai. Poucas dúvidas restam sobre a pertença deste exemplar à biblioteca particular do prof. Eudoro. Apesar disso, não há marginalias no bem vincada capítulo sobre Hölderlin. Três vestígios demonstram que Eudoro Augusto, filho mais velho, poeta, também tocou a obra. Um convite para uma exposição e outro para o III Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro, realizado em 1986, além do rótulo de uma marca de *brownie*. Os convites registram o endereço de



Eudoro Augusto, na época, morador do Leblon. O único vinco marca o cap. III, deixando claro que o capítulo sobre Hölderlin foi folheado. Este é um dos livros que sobreviveu à dispersão e à devassa na UnB, entre outros que integraram, após a morte do pai, a biblioteca do autor de raros e esgotados exemplos de poesia marginal. A obra de Jaspers em questão orienta a compreensão que Eudoro tinha do poeta alemão, ainda mais quando se sabe que o filósofo e professor da UnB tinha laços de amizade. Diz Jaspers, à p. 190 do exemplar que temos diante de nossa mesa de trabalho, possivelmente lido por Eudoro pai e filho:

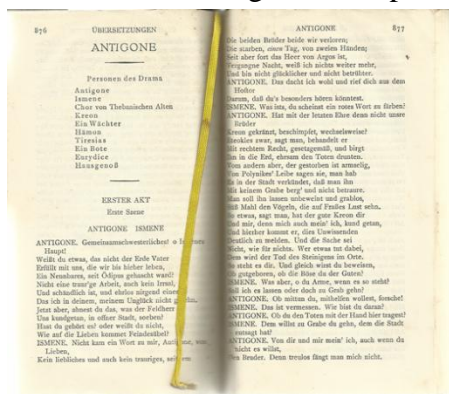


En su concepción del mundo deja entrever Hölderlin, desde el primer momento, la arraigada convicción de que existe um estrecho parentesco entre el hombre y la Naturaleza, La Grecia antigua y la divinidad: estos tres mundos constituyen, a sus ojos, en última instancia, una sola y única cosa.

Mas qual teria sido a leitura que E. fez de Hölderlin. A impossibilidade de estar diante da estante 830 na atual coleção de estudos clássicos nos impede de começar a investigar tal situação<sup>322</sup>. Entre os livros que sobreviveram ao pior destino que poderiam ter (a biblioteca da UnB) temos um exemplar da obra completa de Hölderlin, sobrevivente, com algumas marcas do interesse de E. marcas que fogem a um padrão, tendo em vista que praticamente não há grifos ou sublinhados no texto. Quatro textos estão bem

<sup>322</sup> Curiosamente o catálogo virtual da biblioteca da UnB registra apenas dois livros de obras completas de Holderlin e outros dois estudos de Heidegger sobre o poeta.

vincados. São eles: *Hyperion: oder der eremita in Griecheland, Der Tod des Empedokles, Hymnen des Pindar* e *Antigone*. Este último, muito mais sujo e com marcas de acidez que fragilizam o papel a ponto de fazê-lo rasgar no manuseio desatento, preserva ainda a fita marca texto original da edição alemã. Sabe-se que no ano de 1978 E. apresentou publicamente sua *leitura* de *Antígona* em opúsculo da EdUnB. Quando se vê hoje a bibliografia ao final

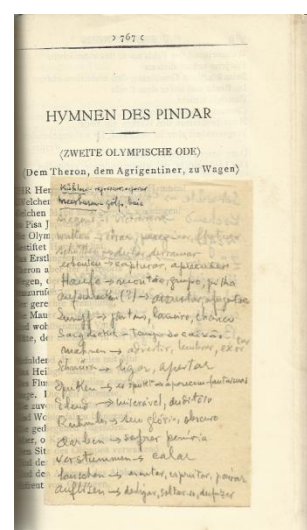


deste texto, definida como fundamental e obrigatória para a interpretação da tragédia, não encontramos referência à versão de Hölderlin, nem muito menos à leitura de Heidegger. Não é imprudente reconhecer que, apesar disso, como outros autores (Fernando Pessoa, por exemplo) Hölderlin parece ter sido um poeta que contribui para a estrutura mitopoética de cunho

romântico que está presente na obra de Eudoro.

Outro exemplo material da leitura que E. fez deste exemplar de 1910 da *Sämtliche Werke* holderliniana são os vocabulários que ele deixou entre as páginas lidas, páginas que, por si só, afirmam o interesse eudorino pela imagem clássica do poeta alemão. Os quatro textos lidos são exatamente quatro temáticas essenciais na mundivisão mitopoética de Hölderlin. *Hyperion, Empedokles, Pindar* e *Antigone*. Em três dos quatro textos lidos E. deixou um pequeno glossário de palavras em alemão que ele tinha dúvida. A presença destas dúvidas a respeito do alemão, listadas, sem dúvida auxilia a datação mais ou menos próxima da leitura do exemplar.

Outro exemplo da inter-relação, do intertexto, do diálogo constante entre as leituras é a obra já referida anteriormente (cf. cap. II sobre o período catarinense) escrita por Beda Allemann. A aproximação de Eudoro com a filosofia de Heidegger, explicitada aos pouco em sua obra final, já havia sido intensificada durante a década de 1950, no contato com Vicente Ferreira da Silva e seu círculo. A própria relação Heidegger-Hölderlin estará presente em ambas as obras. A preocupação que Vicente Ferreira da Silva tem para deslindar a concepção heideggeriana do homem, aliada a visão holderliniana do mundo está profundamente marcada em sua obra e não há como não notar que, cada uma à sua maneira (Cf. a tese da professora Constança sobre as diferentes, especialmente no que toca ao paganismo *versus* cristianismo) trabalham as mesmas fontes.





Quando se lê Eudoro de Sousa, especialmente sua obra ensaística final, o que se entende é que em tudo há nostalgia de um mundo em que os deuses não mais habitam a humanidade, protagonizando a vivência na terra. Ou sobrevivem, diferentemente, de uma maneira *sui generis*, no mito, mas a perspectiva parece ser a de compreensão desse “sentido da decadência”. Ora, quando lemos Vicente explicando Hölderlin, é isso que lemos: “Os homens já haviam vivido tempos maiores. Entre os nostálgicos visionários de novos horizontes destaca-se a figura de Hölderlin”<sup>323</sup>. E continua, explicando as razões de a filosofia hegeliana do Espírito ter sido “decepcionante” para muitos:

Quem não sente que os deuses se afastaram dos homens, que o homem foi abandonado (...) não poderá compreender os grandes acontecimentos em marcha. (...) Toda mensagem poética de Hölderlin está determinada por uma autointuição do homem que o relaciona intimamente com a fonte original do sentimento religioso<sup>324</sup>.

É nesse sentido, nessa difícil tarefa de voltar à origem (não apenas ao início) que a “obscura antiguidade” está tão distante. Apesar de diferenças que envolvem a própria noção de religiosidade, essa relação entre os pensamentos de Vicente e Eudoro, notadamente *influenciados (e se influenciando mutuamente) pela leitura* que Heidegger faz de Hölderlin, é cada vez mais viva. A preponderância da palavra para o ser, a poesia como algo que não é adjacente, coadjuvante, mas pressuposto da própria História são imagens conceituais que estão na gênese da ideia mitopoética eudorina. Ecoando a interpretação que Vicente dá sobre Hölderlin, Eudoro também acredita que tudo é devido aos deuses, mas só o poeta “traz aos homens a proteção divina e o lume espiritual”<sup>325</sup>. Não será à toa que E. coloca na poesia a origem da mitologia. Não será à toa que quando perguntado sobre sua maior influência filosófica ele terá dado o nome de um Poeta. Não será à toa que na última e única gravação em vídeo que existe de sua fala ele cita, intrigantemente, palavras do próprio Hölderlin.

A professora Constança, em seu estudo sobre o contexto ao qual Eudoro veio a se radicar em 1953 (e cada vez mais se vê porque a amizade entre ele e Vicente e Dora foi imediata), relaciona uma lista de fontes comuns entre eles. Quando nos fala sobre a relação entre mito e logos em Vicente, abordando sua fase de formação, ou seja, os anos entre 1941 e 1950, época em que Eudoro estava vorazmente bebendo nas fontes do romantismo e do idealismo alemão, nos explica que em um como em outro, podemos encontrar muitos temas comuns. Entre eles:

---

<sup>323</sup> SILVA, Vicente Ferreira da. **Dialética das consciências: obras completas**. São Paulo: É Realizações, 2009, p. 291

<sup>324</sup> Idem, p. 291-292.

<sup>325</sup> Idem, p. 293.

*A vinculação entre o romantismo alemão e a filosofia e a poesia contemporânea, o que produz referências constantes a Novalis, Hölderlin, Rilke, e a aceitação de um conhecimento não intelectual, mas poético e axiológico do mundo; a valorização da poesia e da missão sagrada do poeta, uma vez que a poesia, *mito originário*, instaura um mundo, revelando o ser<sup>326</sup>.*

Discutindo a vigência do pensamento poético na concepção de Vicente, segundo a leitura (que provavelmente fazia, talvez até uma releitura, com Eudoro, àquela altura) de Heidegger e Hölderlin, a professora Constança explica a importância da relação entre mito e poesia no conceito de arte na filosofia. Dá-nos assim uma cifra, uma tese-chave que mais uma vez irmana Eudoro e Vicente: “a relação entre mito e poesia e o mito como linguagem originária”<sup>327</sup>.

“Divinos poetas” ou “poetas divinizadores”, segundo a alteração feita por E. na primeira sentença do MS, o que temos aqui é profunda identificação entre poesia e religião. Numa descrição da influência de Hölderlin que em pouco deveria ser adaptada para a compreensão da obra eudorina, discutindo Vicente (para quem E. dedica o livro **Horizonte e Complementariedade**), afirma a autora:

Hölderlin afirma que a religião é, por essência, poética: festa da vida superior, na qual os opostos – deus e o homem – são conciliados. O poeta alemão fala também da unidade de todas as grandes religiões: cada uma honra seu próprio deus e, em todos os deuses, um deus comum. Essa maneira de conceber a religião, central na poesia de Hölderlin, apresenta similaridades com a filosofia da religião vicentiana<sup>328</sup>.

Ao analisar as principais fontes e os centrais temas para o estudo do mito em Vicente Ferreira da Silva<sup>329</sup>, muito longe de apenas listar filósofos e poetas que se alinham e munem Vicente para uma filosofia original, a professora paulista nos dá condições para investigar, encontrando *as mesmas referências na bibliografia publicada e na biblioteca particular* de E., o que representa o MS acima, Hölderlin e a leitura única que dele fez o professor fundador da Universidade de Brasília.

Na edição publicada em 1959 do clássico livro de Beda Allemann, edição que provavelmente foi trazida da biblioteca da Faculdade Catarinense de Filosofia, apesar das várias marcas ácidas indicando uma leitura intensa, apenas um trecho do capítulo *Heidegger*,

<sup>326</sup> CÉSAR, Constança Marcondes. **O Grupo de São Paulo**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 36, grifo da autora.

<sup>327</sup> Idem, p. 47.

<sup>328</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>329</sup> Ibidem, p. 66-81.

*Hölderlin et la métaphysique absolue* é anotado à margem. Apesar disso, um trecho que demonstra a atenção dada por E. ao problema da relação entre o pensamento e o poético. Diz o trecho: “(...) *Le penseur pense vers le non-familier (das Unheimische), qui ne lui est pas un passage, mais “sa demeure” (das zu Hauss). Au contraire, le questionnement mémorial du poète dit poétiquement le familier (das Heimische)*<sup>330</sup>”. O curto risco a lápis continua, numa meditação autêntica em busca de uma leitura que E. já trazia do velho continente e que não se desvencilhou nunca:

(...) De son côté, le dire poétique precede, d’une certaine manière, la pensée, dans la mesure où le familier, qui est énoncé poétiquement, garde toujours, dans ce qu’il n’énonce pas, la proximité à l’être, vers laquelle la pensée n’est jamais qu’en chemin. C’est pourquoi la pensée peut, dans la poésie, percevoir, mieux dit, ce qui est son essence la plus propre<sup>331</sup>.

Quando hoje relemos as palavras de Martin Heidegger, proferidas em 1951, a respeito do belo verso “...poeticamente o homem habita...”, nos damos conta de que, realmente,

O espaço e o pouco de tempo que, no modo atual de habitar, ainda resta para o poético acontece, no melhor dos casos, quando nos ocupamos das letras, do belo espiritual, veiculado em publicações ou por outros meios comunicacionais<sup>332</sup>.

Somos obrigados a concordar que, ainda nos dias de hoje, “a poesia ou bem é negada como coisa do passado, como suspiro nostálgico, como vôo ao irreal e fuga para o idílico, ou então é considerada como uma parte da literatura<sup>333</sup>”. Não à toa E. nunca esteve à vontade neste ou naquele departamento. Não à toa ele nunca permitiu que a literatura, ou melhor, o poético, fossem temas exclusivos de qualquer teoria ou história da literatura.

<sup>330</sup> ALLEMANN, Beda. **Hölderlin et Heidegger: recherche de la relation entre poésie et pensée**. Paris: Presses Universitaires de France, 1959, p. 232.

<sup>331</sup> Idem, 232.

<sup>332</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 165.

<sup>333</sup> Idem.

## Manuscrito 10

Orpheus als Stifter religiöser Institutionen Roscher (Gruppe) 463 no.

46) Nach allem bisher Bemerkten wird es wohl nicht zweifelhaft erscheinen, dass O. nicht aus dem Epos (z. B. Orpheusfahrt), sondern aus einer ursprünglich religiösen Überlieferung stammen würde; auch was nicht mit dem Vagenen überzogen ist, soll überhaupt die frühchristliche Familien die Hauptquelle des Epos bilden, wird sie auch in diesem Fall zeigen, da gerade bei O. auch die Heldensage den säkularsten Ursprung der Überlieferung nicht zu vermeiden vermocht hat.

Zu allen Zeiten fast

Orpheus als Seher

I. z. B. Orph. fr. 242; Philod. in ἠριστῶν περὶ ποικίλων; Clem. Alex. Strom. 1, 21, 134; F. H. G. 4, 648 b; Schol. Ap. Rhod. 2, 684; Euboth. B 596, u. zwar als Begründer der Weissagung oder doch jenseits Formen derselben: Plin. n. h. 7, 203; Iamblichus von Orakelprüfungen hießen unter diesem Namen (Jamb. Orph. 6; vgl. Plato Protog. 316 d) von. Auch im kretischen Kult ist O. als Weissager tätig (Phil. Anth. her. 5, 3; v. Apoll. 4, 14).

Als religiöser Heiler erscheint ferner

Orpheus als Begründer eines reinen asketischen Lebens

**Descrição:** Manuscrito de gramatura mais grossa que todos os outros anteriores, extraído de um caderno do qual foram extraídos, como veremos, outras folhas. As dimensões (32,5 x 22,3), dobrada ao meio, parecem sugerir um tipo de papel (caderno) distinto do comum no

Brasil, o que se depreende da leitura em questão, bem como da natureza dos manuscritos que virão, análogos.

### Transcrição:

Orpheus als Stifter religiöser Institutionen Rosche (Gruppe) 1103 ss.

44) Nach allem leisher Bemerkten wird es wohl nicht zweifelhaft erscheinen, dass O. nicht aus dem Epos (z. B. Argonautenfahrt), sondern aus einer ursprünglich religiösen Überlieferung stammen müsse; auch wer nicht mit dem Verfasser übereinstimmt, dass überhaupt die Geschlechtertraditionen priesterlicher Familien die Hauptquelle des Epos bilden, wird die doch in diesen Fall zugeben, da gerade bei O. auch die Heldensage ... den sacertotalen Ursprung der Überlieferung nicht zu verwischen vermocht hat.

Zu allen Zeiten ein Gast

#### Orpheus als Seher

S. z. B. Orph. fr. 242; Philoch. ἐν πρώτῳ περὶ μαντικῆς; Clem. Alex. Strom. 1, 21, 134; F. H. G. 4, 648 b; Schol. Ap. Rhod. 2, 684; Eutath. B 596, [ilegível] als Begründer der Weissagung oder doch gewisse Formen der selben: Plin. n. h. 7, 203; Sammlungen von Orakelsprüchen liefen unter seinem Namen (Suid. Orφ. 6; vgl. Plato Protag. 316d) um. Auch im lesbischen Kult ist O. als Weissager tätig. (Philostr. her. 5,3; v. Apoll. 4, 14).

Als religiöser Neuerer erscheint früher

#### Orpheus als Begründer einer seiner orphischen Leben

### Tradução:

Orfeu como estimulador/fundador de instituições religiosas Roscher (Gruppe) 1103 ss.

44) Segundo tudo até agora observado não parecerá duvidoso que Orfeu se deriva não do *epos* (como por exemplo *A viagem dos Argonautas*), mas sim de uma tradição originalmente religiosa; mesmo quem não concordar/estiver satisfeito com a teoria do autor de que sobretudo as tradições de sexo das famílias sacerdotais são as fontes do *epos* concordará, contudo nesse caso, que sobretudo quando se trata de Orfeu a saga heróica não conseguiu apagar a origem sacerdotal desta transmissão. Isso é válido para todas/qualquer as épocas.

#### Orfeu como vidente

REFERÊNCIAS zum Beispiel. Orph. Fr. 242; Philoch. [inicialmente acerca/sobre adivinhação]; Clem. Alex. Strom. 1, 21, 134; F. H. G. 4, 648 b; Schol. Ap. Rhod. 2, 684; Eutath. B 596, E certamente todos que deram origem à profecia ou às formas de sabedoria: Plin. n. h. 7, 203; as coletâneas de oráculos também utilizam seu nome (Suid. [Orf.] 6; vgl. (?) Plato Protag. 316d) e também no culto lesbico Orfeu desempenha o papel de oráculo/profeta (Phil. str. her. 5, 3; v. Apoll. 4, 14)

Como inovador religioso ele aparece além disso.

#### Orfeu como fundador/originador de uma vida puramente órfica.

### Comentário:

A bibliografia de **Dioniso em Creta e outros ensaios** nos dá W. H. Roscher. Além disso, se vamos à bibliografia temos o nome de Otto Gruppe, também citado no manuscrito. E. nos dá as seguintes referências: “**Die grieschische Kulte und Mythen in ihren Beziehungen zu den orientalischen Religionen**, Leipzig, 1887. Teogonia órfica, pp. 612-675”, e um artigo chamado *Orpheus*, lido em “Roscher M. L.” De Wilhelm Heinrich ROSCHER consta na coleção de estudos clássicos a obra **Ausführliches lexikon der griechischen und romischen mythologie**. Hildesheim: G Olms, 1965. 10 v. Outra obra que também integra a coleção, segundo o catálogo é **Die hippokratische schrift von der siebenzahl in ihrer vierfachen uberlieferung**. Acreditamos que o manuscrito faz referência à primeira obra, tendo em vista que a bibliografia eudorina cita ainda outro artigo com o título de “Phanes”. Editada por Roscher, a obra acima, **Ausführliches...** é a segunda obra da importante nota dois (2), umas das mais fundamentais notas do ensaios que dá título à obra **Dioniso...** Isso porque nesta nota E. dá as três principais ferramentas de estudo, a saber, um dicionário, um léxico e uma enciclopédia. Presume-se, entretanto, que não se trate de quaisquer instrumentos de trabalho. **Dictionnaire des antiquités grecques et romaines**, **Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie** e a **Real Encyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft**, esta última, de Pauly-Wyssowa-Kroll-Ziegler.

Sobre a importante enciclopédia a qual E. sempre se referiu, Edson Nery da Fonseca, em um de seus livros de memórias comenta:

Não sendo formado em letras clássicas, foi com Eudoro de Sousa que aprendi quais são as obras fundamentais da área, como a enciclopédia de antiguidade clássica de Pauly-Wissova, as *Patrologias* grega e latina do padre Jacques-Paul Migne, as melhores edições francesas, inglesas e alemãs dos clássicos gregos e latinos<sup>334</sup>.

De Migne, ainda constam na biblioteca da UnB, inclusive no setor de obras raras, alguns exemplares que provavelmente pertenceram a E. e, se estudados, podem ainda reunir elementos para ver como E. leu tais referências, que anotações para seus estudos possam ainda estar presentes nas margens. Analisando a vasta produção a respeito da filosofia, em comparação com a “*selva selvaggia*” da religião grega, o que lemos logo no primeiro parágrafo do célebre ensaio de **Dioniso em Creta** é o seguinte:

<sup>334</sup> FONSECA, Edson Nery da. **Estão todos dormindo**. Recife: CEPE, 2010, p. 31.

Não estranhamos, portanto, que, em desespero de causa, se chegasse à convicção de que um dicionário enciclopédico constituiria, neste campo da pesquisa, a forma de exposição menos sujeita a trair os ditames mais rígidos do que quer que passe por inquebrantável honestidade científica. E, na verdade, se as grandiosas publicações de Daremberg e Saglio, Roscher e Pauly-Wissowa-Kroll, por sua natureza, se constituem em mero conjunto de fichas, alfabeticamente ordenadas, também a leitura dos famosos tratados de Preller-Robert, Otto Gruppe, L. R. Farnell, Wialmowitz-Moellendorff, Otto Kern, A. B. Cook e Martin Nilsson (...) sempre deixa em nosso espírito, como ressaibo amargo, a quase certeza de que nunca será possível escrever uma verdadeira história da religião grega<sup>335</sup>.

Aparentemente, na sessão 292.11 estão presentes todos os “famosos tratados” citados por Eudoro para iniciar o seu leitor.

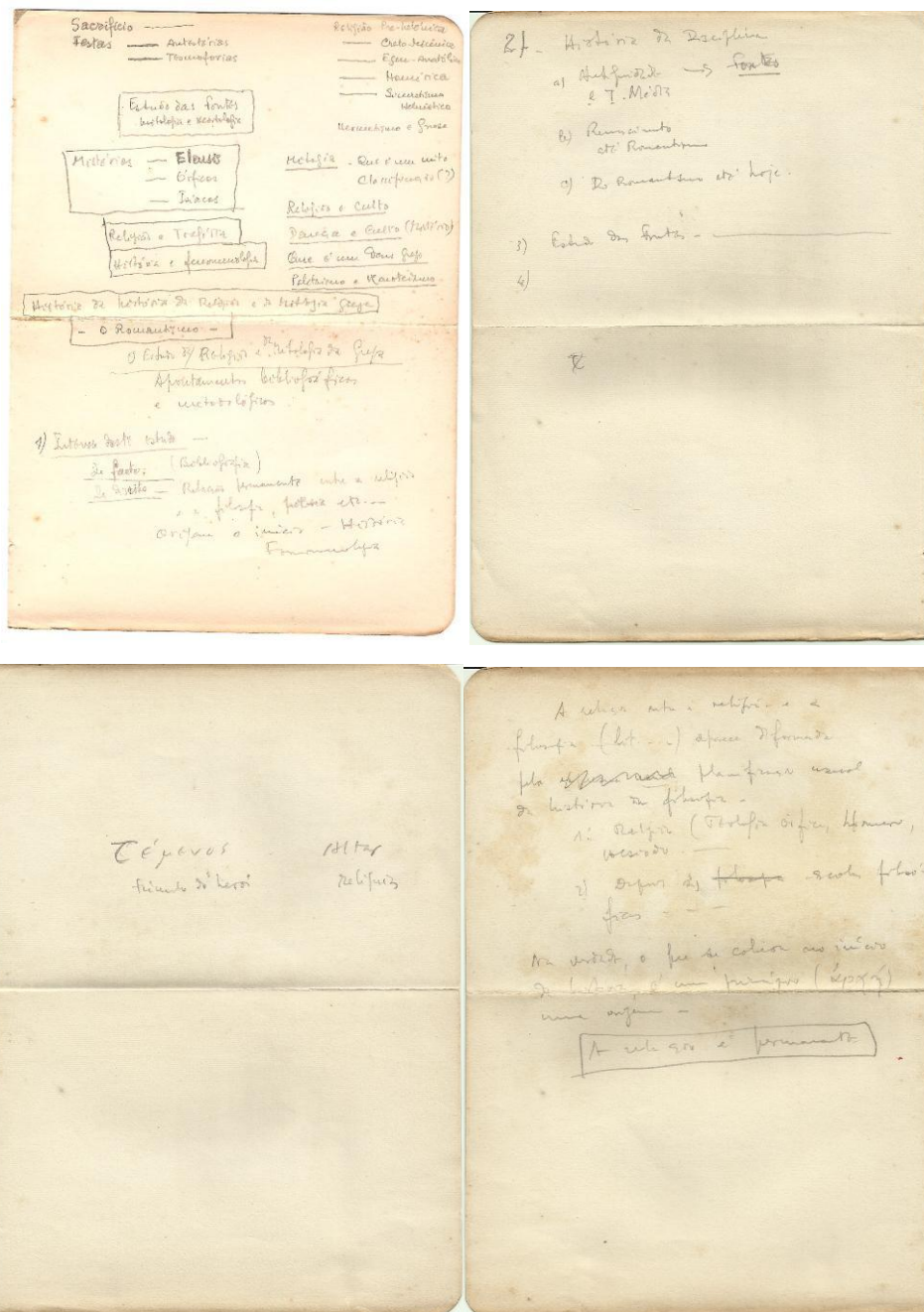
Em seu estudo para uma de suas traduções de Walter Otto, além de oferecer um perfil do grande erudito alemão que converge com o de seu Mestre, Ordep Serra, por meio deste desenho, tece um comentário apropriado à leitura que estamos propondo. Diz o professor baiano que Otto se impunha “por seu apuro rigoroso no tratamento das fontes, por sua familiaridade com praticamente todos os campos dos estudos clássicos”, contribuindo inquestionavelmente para “obras coletivas de peso, grandes monumentos da filologia clássica, como vêm a ser o famoso **Thesaurus linguae latinae**, a magnífica **Pauly Realencyclopädie der Altertumswissenschaft**, ou o célebre **Roschers Lexikon**”<sup>336</sup>. Obra recente publicada pelo professor Ordep, ao final de um ensaio sobre *A esfinge e seus mitos na iconografia grega*, oferece-nos as mesmas obras de referência que, ao que parece, ainda vigem no mundo dos estudos clássicos<sup>337</sup>.

<sup>335</sup> **Dioniso em Creta**, p. 15-16.

<sup>336</sup> OTTO, Walter. **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego**. Tradução e prefácio Ordep Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2005, p. xi

<sup>337</sup> SERRA, Ordep. **Navegações da cabeça cortada: breve incursão no campo dos estudos clássicos**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 116.

Manuscrito 11



**Descrição:** com as mesmas dimensões do MS anterior, com os dois pontos de extração que aparentam ser do mesmo caderno, além da coloração e marcas de acidez idênticas, presume-se que sejam papéis da mesma época, utilizados no mesmo período das leituras de Heidelberg.



**Transcrição:**

Sacrifício

Festas – Antestérias

- Tesmofórias

Religião Pre-helênica

\_\_\_\_\_ Creto-Micênica

\_\_\_\_\_ Egeu-Anatólica

\_\_\_\_\_ Homérica

\_\_\_\_\_ Sincretismo

Helenístico

Hermetismo e Gnose

Estudos das Fontes

Mitologia e [ ]ologia<sup>338</sup>Mistérios – **Eleusis**

\_ Órficos

\_ Isíacos

Mitologia – Que é um mito

Classificação (?)

Religião e CultoDança e Culto (mistério)

Religião e Tragédia


História e fenomenologia

Que é um Deus GregoPoliteísmo e Monoteísmo

História da história da Religião e da Mitologia Grega

- O Romantismo –

O estudo da/ Religião e da Mitologia da GregaApontamentos bibliográficos  
e metodológicos

- 1) Interesse deste estudo –  
De facto... (Bibliografia)  
De direito – Relação permanente entre a religião  
e a filosofia, poesia etc...  
Origem e início – História  
Fenomenologia
- 2) História da Disciplina
  - a) Antiguidade  Fontes  
e I. Média
  - b) Renascimento até Romantismo
  - c) Do Romantismo até hoje.
- 3) Estudos das fontes - \_\_\_\_\_
- 4)

[ **τεμενος** ]**Túmulo do herói****altar****reliquias**

a relação entre a religião e a filosofia (lit...) aparece deformada pelo ~~esquema usual~~ planificação usual da história da filosofia.

1º Religião (Teologia órfica, Homero, Hesíodo)

2º depois (?) as filosofia escolas filósofos-

<sup>338</sup> Acredito ser Morfologia.

ficas...

Na verdade, o que se colocou no início da história, é um princípio (ἀρχή) uma origem.

A relação é permanente

### Comentário:

O manuscrito acima foi encontrado entre as páginas 112 e 113 da edição da importante obra de Erwin Rohde, **Psyche: Seelenkult und unsterblichkeitsglaube der Griechen**, publicada em dois volumes no final do século XIX (1891-1894). A versão inicial proposta feita para a qualificação deste texto dissertativo tentava aprofundar o tema da posição de Eudoro de Sousa no panorama dos estudos clássicos, tendo em vista que E. Rohde, Friedrich Nietzsche, Richard Wagner e Ulrich von Wilamowitz protagonizaram uma das mais célebres guerras filológicas da história dessa disciplina, efeito do abalo desencadeado pela publicação do primeiro livro de Nietzsche<sup>339</sup>.

Altamente bem recebida pela crítica (de Wilhelm Kroll a Mikhail Bakhtin) **Psyche** teve várias edições depois da morte do autor. Sempre que era preciso, o leitor assíduo bem o sabe, Eudoro fazia questão de fazer referências às edições castelhana (1948) e francesa (1952) da obra de Rohde. O exemplar que temos em mãos (Cf. Apêndice) foi comprado em Heidelberg no ano de 1940. A ausência da folha de rosto, arrancada, deixa dúvidas, mas é provável que se trate da edição de 1925, onde consta estudo de Hans Eckstein.

As anotações têm nitidamente três camadas com diferenças caligráficas e organizacionais. Na primeira parte do comentário, o objetivo do leitor para ser resumir a obra, topicamente, registrando os principais aspectos discutidos por Rohde, dentro da perspectiva da disciplina História das Religiões.

<sup>339</sup> Sobre tal conflito, que abriu definitivamente a filologia para perspectivas antes vedadas pela hegemonia do paradigma histórico, é fundamental conferir a organização de cartas feita por Roberto Machado em seu **Nietzsche e a polêmica sobre o Nascimento da Tragédia** (2005). Também o prefácio escrito por Ordep Serra para sua tradução da obra de Walter Otto, **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego** (2005) comenta a “polêmica” e apresenta a figura de Otto, uma referência que, segundo o próprio professor Ordep, muita influência exerceu sobre o helenista luso-brasileiro. Veremos nessas leituras que Nietzsche, Otto, Eudoro, tinham em comum a primazia poética, a certeza de que poetas, muitas das vezes, têm mais autoridade do que muitos estudiosos ao falar de religiosidade. Aparentemente disponível na atual coleção de estudos clássicos está **Der streit um nietzsche 'gerburt der tragodie': die schriften** (1969), um título que poderia reservar alguma surpresa (quanto a marginais e/ou anotações) se tivesse sido encontrado pelas bibliotecárias durante as seis vezes em que buscamos o exemplar.

Aproximadamente no meio da primeira parte do manuscrito, divisado pela palavra “romantismo”, as anotações tomam outro rumo, estabelecendo apontamentos mais subjetivos, com uma caligrafia bem menos legível, onde se lê uma reflexão que está titulada: “O estudo da Religião e da Mitologia da Grega/Apontamentos bibliográficos e metodológicos”. Em seguida, o que vemos é outra topicalização, mas distinta da que vinha sendo feita anteriormente. A terceira parte, no verso da folha dobrada, apesar de parecer continuar a ideia anterior, registra uma caligrafia ainda mais leve, tal um rascunho, onde nos parece haver um apontamento que, se não foi feito diante de uma aula, rapidamente, demonstra a interpretação de Eudoro da leitura e/ou discussão da obra. A frase rascunhada não deixa dúvidas de que dialoga diretamente com o que o helenista viria a investigar nos anos seguintes: “A relação entre a religião e a filosofia (lit...) aparece deformada pela planificação usual da história da filosofia (...). Na verdade, o que se colocar no início da história, é um princípio (ἀρχή) uma origem. *A relação é permanente*”.

Não são poucas as referências às questões levantadas por Nietzsche e pelo que o professor Ordep designa como a “era de ouro da Filologia Clássica” na obra de Eudoro. Nas primeiras páginas de seus estudos à **Poética** já vemos a questão emergir. Em 1950, antes mesmo da publicação de sua mais importante tradução, em um dos textos que ofereceria à revista *Atlântico*, Eudoro comentava a “polêmica famosa”:

À distância de meio século, o demasiado-humano devém pequenez humana. Mas o destino, ou o fado, são de generosidade e de prodigalidade sobre-humanas: a contento ou a pesar de Nietzsche, Wagner venceu; Schopenhauer obteve o lugar que lhe competia na fenomenologia do Espírito; Wilamowitz encontrou-se com ele, no ponto em que ambos concordam com a autêntica tradição “clássica”.

Os erros filológicos da primícias nietzschiana adquiriram no fim do fim, o sentido verídico que a totalidade do sistema lhe conferiu. Que importava ao vidente de Engadine, que a tragédia grega houvesse ou não houvesse nascido do orgasmo dionisíaco, se ele não aspirava senão à perenidade daquele remoto *já-sagen zum Leben?*<sup>340</sup>

Como se não bastasse o fato ainda pouco investigado de Eudoro se inserir nessa tradição, responder a ela, assimilá-la e colher nela os elementos mais heterogêneos para formar a *sua perspectiva*, como se não bastasse ele próprio designar Nietzsche como “o poeta

<sup>340</sup> SOUSA, Eudoro de. *O homem às mãos com o destino*. In: \_\_\_\_\_. **A origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 312. Um texto como este passou despercebido no verbete *Eudoro de Sousa*, da hercúlea obra organizada pela simpaticíssima professora Maria de Lourdes Ganho, onde só constam quatro textos eudorinos. Cf. GANHO, Maria de Lourdes, HENRIQUES, Mendo Castro (orgs). **Bibliografia filosófica portuguesa (1931-1987)**. Lisboa: Editorial Verbo, 1988, pp. 11, 109, 264 e 354.

da *Origem da Tragédia*<sup>341</sup>, estamos aqui diante de um *tema português*, segundo a edição organizada pela INCM. E é de Leonardo Coimbra que Eudoro está a falar. Tal influência, o contexto português anterior a Heidelberg e durante as prévias de sua Viagem ainda não foi dignamente investigada no Brasil, tamanha a tendência insistente e viciosa em não perceber, como afirmou Joaquim Domingues, que “o mais patente nem sempre será o decisivo”<sup>342</sup>.

A questão do nascimento e origem da tragédia, como afirmam estudiosos respeitados, ainda estão em aberto. Neste texto pouco lido no Brasil, onde a vontade espiritual sempre deseja o que é Europa (mas nunca a ibérica), Eudoro comenta um *fragmento inédito* de Leonardo Coimbra que fala de Nietzsche e Aristóteles, publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*. Mas pra quê falar do trágico e da tradição clássica em Eudoro, fazendo referência aos germens de seu pensamento, em Leonardo Coimbra e na geração da filosofia portuguesa, se podemos filiá-lo ao centro de excelência em estudos clássicos que eram Heidelberg? Questões...

---

<sup>341</sup> Idem, p. 311.

<sup>342</sup> DOMINGUES, Joaquim. *O tempo em Eudoro de Sousa*. TEIXEIRA, António Braz, EPIFÂNIO, Renato (Orgs.). **A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa**. Lisboa: Zéfiro, 2015.

## Manuscripto 12

G. Francavelli - Uelti e Miti della Magna Grecia, Firenze 1921 -

pp. 129 -

Nel 1879 e 1880, praticandosi dall'ing. Cavallini prima appoi dall'ing. Feulso alcuni scavi nella regione corrispondente al luogo occupato dall'antica città di Sibari e poi da Turin, si rinvenne una vasta necropoli comprendente almeno una quarantina di sepolcristi a tumulo chiamati ancora, con vocabolo greco, Timpani (da  $\tau\acute{\upsilon}\mu\beta\alpha\varsigma$ , vedi Comptoni - Op. cit., p. 1). Poiché nella suppellettile sepolcristale nulla si rinvenne di più antico del V sec., così la necropoli venne ritenuta appartenere a Turin. In due dei quattro sepolcristi esplorati, e cioè in quello distinto coi nomi di Timpane grande e Timpane piccolo, si rinvennero, fra gli oggetti che avevano accompagnato i defunti nella loro ultima dimora, alcune lamincette d'oro iscrutte. Le prime due appartengono alla tomba detta il Timpane grande, le altre tre a tre distinte tombe del Timpane piccolo.

Lizieri Storie della Magna Grecia T. II p. 145; 1927

Sono i Timpani (dal greco  $\tau\acute{\upsilon}\mu\beta\alpha\varsigma$ ) grandi tumuli a forma di collinetta (con base di un diametro che va da m. 10 a m. 30) i quali s'ergono l'un dietro l'altro nella pianura compresa fra la fiumara di S. Mauro e il fiume Crati, sino al mare. Quando furono esplorati, notossi anzitutto che il tumulo consisteva di veri strati (sino a raggiungere il numero di dodici) e, cioè, di successive arsure di corpi di estinti, dei quali in mezzo a terra bruciata, con cenere e carbone, erano ossa indicanti la giacitura naturale del corpo, come se fosse stato disteso su d'un letto. In mezzo e nella parte superiore del tumulo trovossi una grande

Tomba a forma di cassa, ove risultava egualmente che il cadavere era stato cremato e poi ricoperto da bianco lenzuolo. Il particolare più notevole stava in ciò, che la tomba era perfettamente vuota e priva d'ogni corredo funerario, non essendovisi rinvenuto altro che una cassetina di legno ornata con palmette incise ed una testina fittile, oltre le ricordate lamiette auree; onde per il fatto che i tumuli s'elevano in mezzo ad un'ampia metropoli greca, venivano a presentare un rito funerario singolare, diverso, cioè, del rito dell'età greca. E non vi ha dubbio che codeste tombe dei cosiddetti Timponi, prive di corredo funerario, rivelino una concezione orfica della vita oltremondana del tutto in contrasto con l'altra consuetudine degli Italo-greci, i quali, ... nulla trascuravano che potesse esser utile e piacevole al defunto nella vita dell'al di là, considerata quale una continuazione di quella terrena, per cui ne veniva sepolto il corpo e curatamente comecché dovevano serbare gli organi e le funzioni che aveva avuti in terra; nulla invece ponevan gli orfici nella tomba e distruggevan il cadavere mediante un'arsione, più che altro simbolica, a volere indicare che ormai l'anima era liberata dal corpo, e cioè dalla sua prigione, per poter riguardare la sua natura divina.

Cf. Machion Zapfms. p. 261 ss.  
(desidero minuziosamente)

**Descrição física:** fl. dobrada ao meio, com as mesmas dimensões dos dois manuscritos anteriores. Escrito com duas canetas, uma preta e outra azul, com anotação final a lápis.

**Tradução**<sup>343</sup>:

G. Gianennelli – Cultos e Mitos da Magna Grécia, Florença 1924.

Em 1879 e 1880, foram realizadas pelo ing Cavalloni primeiro e em seguida pelo ing. Fulvio, algumas escavações na região correspondente ao local ocupado pela antiga cidade de Sibari e depois Turii, encontrou-se uma vasta necrópole correspondente a uma quarentena de sepulcros chamados também em vocábulo grego “timponi” (θύμβος). Já que não foi encontrado na “suppelletile” sepulcral nada mais antigo do que do século V, a necrópole foi justamente atribuída a Turii. Em dois dos quatro sepulcros escavados, ou seja, naqueles distinguidos com os nomes de “Timpone” Grande e “Timpone” Pequeno, encontrou-se, entre os objetos que haviam acompanhado os defuntos a suas últimas moradas, algumas laminzinhas de ouro com inscrições. As duas primeiras pertencem a tumba denominada o “Timpone” Grande, e as outras três a três tumbas distintas do “Timpone” Pequeno.

Ciaceri – Histórias da Magna Grécia T. II p. 145, 1927

São os “Timponi” (do grego θύμβος) grandes túmulos com forma de pequenas colinas (com bases de diâmetro que vai de 10 a 30m) os quais se erguem um atrás do outro na planície compreendida entre a “Fiumara” de S. Mauro e o rio Crati, até o mar.

Quando foram escavados notou-se sobretudo que o túmulo possuía vários estratos (chegavam a atingir o número de doze) e, portanto, de sucessivos dessecaamentos de corpos de extintos, dos quais no meio à terra queimada, com cinzas e carvão, havia ossadas indicando o jazir natural do corpo, como se els estivesse deitado em uma cama. No meio e na porta superior do túmulo, foi encontrada um grande tumba em forma de caixa, onde aparentava que o cadáver também tinha sido cremado e em seguida coberto por um lençol branco. O particular mais notável era que a tumba estava completamente vazia e privada de qualquer enxoval funerário, não tendo sido encontrado nada além de uma caixinha de madeira ornada por pequenas palmas incisas e uma vasilha de argila, além das mencionadas laminzinhas áureas; apesar do fato dos túmulos se elevarem em meio a uma ampla metrópole grega, eles pareciam apresentar um ritual funerário singular, ou seja, diferente do conhecido ritual da era grega. E não há dúvidas que essas tumbas dos assim denominados “Timponi”, privadas de enxoval funerário revelam uma concepção órfica da vida além da morte totalmente contrastante com a atribuída aos ítalo-gregos, os quais, .....de nada transcendiam do que pudesse ser útil ou prazeroso para o defunto na vida do além, considerada essa uma continuação da vida terrena, por isso o corpo era sepultado com muito esmero, como se devesse conservar os órgãos e funções que tinham tido na terra; nada, no entanto, colocava os “orfici” na tumba e destruíam o cadáver mediante uma fogueira, mais do que tudo simbólica, para indicar que dali para a frente a alma estava livre do corpo, e portanto da sua prisão, para poder retomar a sua natureza divina.

Cf Machiaro Zafoonis p261 (descrições minuciosas)

**Comentário:**

E. não cita a mesma edição que está disponível na atual coleção de estudos clássicos. A edição do MS acima (1924), entretanto, se um dia esteve na biblioteca particular eudorina (o que é sempre de se esperar), não se encontra mais no que dela sobrou. Consultável está **Culti e mitti della magna grecia: Contributo alla storia piu antica delle colonie greche in occidente**. Firenze: Sansoni, 1963. 302 p., escrita por Giulio Giannelli<sup>344</sup>. A outra referência inscrita no MS é uma edição romana (a 1ª é napolitana) de **Storia dela Magna Grecia**, escrita pelo historiador italiano Emanuele Ciaceri (1869-1944). A obra citada no MS não se encontra

<sup>343</sup> Tradução de Gabriela Abreu.

<sup>344</sup> 292.11 G433c da atual cec.

mais na biblioteca da UnB, apesar de existirem, segundo o catálogo, duas outras obras de Ciaceri, uma sobre Cícero e outra sobre Tácito, ambas ainda constantes na cec.

Por último, registrado a lápis ao final do MS, nos deparamos com um livro importante da biblioteca eudorina: **Zagreus: Studi intorno all'orfismo**. Firenze: Vallecchi, 1930. 626 p., escrito por Vittorio Macchioro<sup>345</sup>.

---

<sup>345</sup> Disperso no acervo geral da BCE (292.11 M149z).



## Manuscripto 13

Classificação do Olfisiori.

1. a

{	A - 54 <sup>mm</sup> x 36	A. B. C. Thuriis in agro Syberitico, a. 1879, hodie in Museo neapolitano servatur.
	B - 47 <sup>mm</sup> x 28	S. IV - III a. Chr. n.
	C - 46 <sup>mm</sup> x 25	ἔρχεται ἐκ καθάρων καθάρᾳ, φθόνων βουλήσια

3. b

{	A <sub>1</sub> - 450 <sup>mm</sup> x 270	Petebae (in agro Graeco) [apud Strougalis] reperta; hodie servatur in Museo Britannico. S. IV - III a. Chr. n. εὐρήσεις εἰς Αἶδα δόρυ...
	B <sub>1</sub> { C <sub>1</sub> - 55 x 7	Eleutheriae [in insula Aegae] reperta; hodie servatur in Museo Atheniensi. S. II a. Chr. n. εἶψαι αἴος...

2. c

{	A <sub>2</sub> - 81 x 23	Thuriis, in agro Syberitico, a. 1875 reperta, hodie servatur in Museo neapolitano. S. IV - III a. Chr. n. ἀλλ' ὁπότῃ ψυχῇ προδύση...
	B <sub>2</sub> - 75 x 24	Romae videtur reperta; hodie servatur in Museo Britannico. S. II p. Chr. n. ἔρχεται ἐκ καθάρων... κακίλια ἔεκουβέντα...

d

54 x 29 - Thuriis a. 1875 reperta; servatur hodie in Museo neapolitano  
πρασόνων ἴγι μακρῆ...

\* Altre quattro lamincette [A B C, A<sub>2</sub>] trovate in due tombe diverse presso l'antica Thurii, attuale Terranova di Libani, nel 1879... → [Turchi, p. 46]

A, B, C. Timpane piccolo in una sepoltura unica di famiglia o di sodalizio...

A B C: [The Campano Tablets v. VI, VII (Murray) found on the estate of the Baron Campano, near Naples, not far from the Timpane grande. The tablets were close to the head of the skeleton in each case [Murray 667]

A<sub>1</sub> "proveniente dall'antica Petelia presso l'attuale Strongoli in Calabria, trovata nel 1834" [Turchi, Relig. Antichissima p. 46]

A<sub>1</sub> B<sub>1</sub> C<sub>1</sub> tutte uguali, sono state ritrovate nel 1873 presso Eleuthera in Creta, dove il culto di Zagreo aveva una larga diffusione...

A<sub>2</sub> - Timpane grande [Timpane = Tomba a tumulo (it.)]  
= Timpane grande tablet (a) [Murray] "found in a large tomb in the mountains of Conigliano - Calabria, S. Italy."  
B<sub>2</sub> - trovata in Roma sulle via Ostiense e pubblicata nel 1903.

→ = Timpane grande tablet (b) [Murray]

**Descrição:** de iguais dimensões que os três (?) manuscritos anteriores. Mesma caneta preta preponderante, iguais marcas de extração de um caderno, mesmas marcas de acidez em intensidade e tonalidade que os MS anteriores.

**Transcrição:**Classificação de Ollivieri

1. A A 51mm x 36 A.B.C. Thuriis in agro sybarítico, a. 1879, hodie in Musaeo neapolitano servantur. “Alter Quattro laminette [A B C, A2] trovate in due tombe diverse presso l’antica Thuri, attuale Terranova di Sibari, nel 1879... [Turchi, p. 46]

B 47mm x 28 S. IV-III a. Chr. n. A, B, C. Timpone piccolo in una sepulture unica di famiglia o di sodalizio...

C 46mm x 25 ἔρχομαι ἐκ καθαριῶν καθαρά, αθονίων βασιλεια A B C = [The Compagno Tablets V. VI, VII (Murray) Found on the estate of the Baron Compagno, near Naples, not far from the Timpone Grande. The Tablets were close to the hand of the skeleton in each case [Murray 667]

3. B A1 450mm x 270 Peteliae (in Magna Graecia) [apud Strongali] reperta; hodie servantur in Musaeo Britannico. S. IV-III a. Chr. n. εὐρήσεις δ Αἶδαο δόμων...

B1 A1 56 x 10

B1 62 x 8 Eleuthernae [in insula Cretae] repertae; hodie servantur in Musaeo Atheniensi

C1 55 7 S. II a. Chr. N. δίψαι αἴος

2. C A2 81 x 23 Thuriis, in agro Sybaritico, a. 1879 reperta, hodie Servantur in Musaeo neapolitano Sec. IV-III a. Chr. n. ἄλλ’ ὀπτάμ ψυχη προλίπη... A2 Timpone Grande [Timpone = Tomba a Tumulo (it.)] = Timpone Grande tablet (a) [Murray] “found in a large tomb in the communa of Cosigliano-Calabro, S. Italy.

B2 75 x 24 Romae videtur reperta; hodie servatur in Musaeo britannico Sec. II p. Crh. n. ἔρχεται  
ἐκ καθαρῶν...  
καικιλία Σεκουδεινα...

B2 Trovata in Roma Sulla via Ostiense e pubblicata nel 1903

D 54x29 Thuriis a; 1879 reperta; servatur hodie in Musaeo neapolitano

Προτογονω ἦι ματρι...

Timpone Grande tablet (b) [Murray]

**Comentário:**

Mais uma vez a bibliografia de **Dioniso em Creta** auxilia o possível encontro com os exemplares lidos por Eudoro nesta ocasião. No caso de Gilbert Murray, a obra a qual a bibliografia faz referência é **Five Stages of Greek Religion**, Oxford, 1923. Há duas edições desta obra na cec atualmente, ambas londrinas, uma de 1935 (esta com dois exemplares) e outra de 1943<sup>346</sup>. Na mesma bibliografia, E. faz referência a **Prolegomena to the study of Greek religion**, 3ª ed., Cambridge, 1922, escrito por Jane Ellen Harrison, conforme a edição por ele lida. Dentro de tal obra, Murray teria escrito das páginas 660 em diante um *Critical appendix on the orphic tablets*. O tema do MS sugere que o esquema parece ter sido extraído deste *apendix*. Apenas a terceira edição (1955) se encontra na biblioteca da cec<sup>347</sup>.

<sup>346</sup> 292.11 M982f.

<sup>347</sup> 292.11 H319p 3ªed.

Há ainda no MS referências ao estudioso romano Nicola Turchi (1882-1958), consagrado pela sua dedicação à história das religiões. No MS, estamos diante de sua obra **La religioni misteriosofiche del mondo antico**, publicada em 1923.

Atualmente, disponível no acervo geral da biblioteca da UnB se encontra uma única edição da obra, exatamente de 1923<sup>348</sup>. A pesquisa ainda não determinou se se trata do exemplar lido por E. A única outra obra de Turchi acessível ao leitor da biblioteca da UnB é **Fontes historiae mysteriorum: Aevi hellenistici: e graecis et latinis scriptoribus selegit brevi adnotatione instruxit**, desta vez restrita à cec<sup>349</sup>.

Quanto ao nome de Alessandro Olivieri, é bem provável que o MS esteja se referindo a um raro folheto de 28 p. que se encontra na atual cec, com o título catalogado de **Lamellae Avreae Orphicae**, publicado na Alemanha em 1915.

Depreende-se do acumulo destes dados, bem como dos elementos dos últimos MS, que o tema Orfeu foi estimulado acentuadamente no período alemão, apesar de se tratar de uma imagem da juventude, dos anos 1930, da geração à qual E. fez parte. Ainda quanto ao tema de Orfeu, digno de nota é a obra publicada ainda no século XVIII (1764) que consta no setor de Obras Raras da Universidade de Brasília<sup>350</sup>.

Tema dos dois últimos ensaios de **Dioniso em...**, Orfeu acompanhará durante toda a vida o imaginário eudoriano, tendo sido motivo dos mais sinceros manifestos ao longo de uma peleja que envolveu os mais qualificados helenistas da época que Ordep Serra chama, em seu prefácio a **Os Deuses da Grécia**, de “época de ouro da Filologia Clássica”<sup>351</sup>. Após uma interessante discussão sobre as diversas posições diante do “orfismo”, “se tal ‘sistema’ existiu”<sup>352</sup>, E. provoca: “Que muitos ‘nadas’ perfazem coisa nenhuma, não há que negá-lo; mas sim que os ‘poucos’, se muitos forem, não possam vir a ser algo. É este o caso dos vestígios da mais alta antiguidade do orfismo (...)”<sup>353</sup>.

O MS acima, de difícil interpretação quando nos falta a leitura das referências que nos permitam interpretar a “classificação” proposta, carrega uma hipótese que tentamos averiguar sobre a localização de um *caderno alemão* de E. Com o mesmo tipo de folha, com temas que tocam no assunto do mundo inferior, catábase, túmulo, Orfeu...vamos conduzindo um grupo

<sup>348</sup> 292 T932r.

<sup>349</sup> 292.11 T932f.

<sup>350</sup> Trata-se de **Orphei argonavtica hymni libellvs de lapidibvs et fragmenta** cvm notis. Lipsiae: Svmtibvs Caspari Fritsch, 1764. 484 p. (292 C231o).

<sup>351</sup> OTTO, Walter. **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego**. Tradução e prefácio Ordep Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2005, p. xii.

<sup>352</sup> Sousa, Eudoro de. **Dioniso em Creta e outros ensaios**. p. 234-236.

<sup>353</sup> Sousa, Eudoro de. **Dioniso em Creta e outros ensaios**. p. 236.

de MS que em breve explicitaremos em conjunto, que parecem terem sido fruto de um mesmo período de leitura temática, em Heidelberg. Investigações a serem aprofundadas.

## Manuscrito 14

Δεπίννας ἐξ ὑπὸ κόλπῳ...] - τίς δὲ εὐδοκῆς?  
 Εἰς ἔργον δὲ Dieterich De hymn. orphicis... p. 38  
 ε δὲ Harriani Proleg. Pj. 594. Ἐργὸν δὲ ἡμετέριον  
 ἔστι, ἡ ἀναμνηστικὴ ἐν τῷ ἔργῳ;  
 cf. Br. I.] σὺ 13, 23 ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰγέρου  
 ἢ οὐκ ἔστιν ἡ ἀναμνηστικὴ ἡ ἀναμνηστικὴ  
 ποινῆ; cf. Ἐργὸν ἐν τῷ κόλπῳ ἐν Κεῖλη ἔργῳ fr.  
 16 etc.: Αἰδέω κόλπος, σὺ γὰρ τοὶ ἐν κόλποις γὰρ  
 καλῶσται. Νῦν γὰρ ἐν τῷ κόλπῳ εἰς ἀναμνηστικὴν  
 ποινῆ (Nikola II p. 224 n. 6). Τέλος ἔργου οὐκ ἔστιν  
 τὸ ἐν βίῳ. Ὁ κίβητος ἀναμνηστικὴν ποινῆ ἔστιν ἡ ἀναμνηστικὴ  
 οὐκ ἔστιν ἡ ἀναμνηστικὴ ἀναμνηστικὴν ποινῆ. cf. Arist.  
 topika Pythagorika fr. 12 Koch (= Meusnier vol. III p. 362,  
 fr. IV, V):  
 \* Ἐργὸν τὸ καταβῶς εἰς δίκαιον τῶν κἀτα  
 ἰδεῖν ἑκάστους, διαφέρειν δὲ πᾶσι τοῖς  
 τοῖς Πυθαγορίσταις τῶν νεκρῶν ἰδέσθαι γὰρ  
 τοῖς τοῖς Πλούτωνά συσπείρειν ἔργον,  
 δι' εὐσεβείαν.  
 fr. 12 Koch for Br. Laert. VIII, 38

Ἐριφος ἐστὶ γὰρ ἔργον] καὶ ἔργον δὲ Νίκομα [II, 225]  
 ἀναμνηστικὴν ποινῆ ἢ ἀναμνηστικὴν ποινῆ ἢ ἀναμνηστικὴν ποινῆ  
 ἀναμνηστικὴν ποινῆ... ἢ ἀναμνηστικὴν ποινῆ ἢ ἀναμνηστικὴν ποινῆ  
 ἀναμνηστικὴν ποινῆ...

---

In Wirklichkeit sind die Spuren spezifisch optischer Lehren recht  
 schwach; weder die Deckwandmalereien noch die Risse ungerichteter  
 Wandlinien nach die Reichheit waren ausschließlich optisch... [Nikola II 225]

**Descrição:** Manuscrito escrito com a caneta preta frequente, cuidado nas margens, com dimensões de 21 x 13,5 cm.

**Transcrição:**

Δεποινας δε υπο κολπον ] – Rito de educação?

É a opinião de Dietrich *De hymnis orphicis...* p. 38

E de Harrison *Proleg.* p. 594.

Exprime já a proximidade, a intimidade com os deuses?

cf. Ev. S. João 13, 23 ἐν τῷ κολπῷ του Ἰησοῦ

será habitáculo da ΔΕΣ

ποινας? Cf. Expressão com esse sentido em Kaibel *Epigra. Gr.*

56 etc.: Αἰδεω κόλπος, σομά τοι ἐν κόλποις γαῖα

καλύπτει. Não pode ser porque ΔΕΣποινας é bastante pessoal (Nilsson II p. 224 n. 6)

Talvez designe o banque te dos beatos. Os pitagóricos acreditavam que só eles tinham o direito de comer à mesa de Plutão, nos Infernos. Cf. Aristophan *Pythagoristas* fr. 12 Koch (= Mei(?)necke vol. III p. 362, fr. IV, V):

Εφη τε καταβας εις διαιταν των κάτω  
ιδεῖν ἐκάστους, διαφέρειν δε παμπολυ  
τους Πυθαγοριστάς των ηεκρών μόνοισι γαρ  
τούτοισι τον Πλούτωνα συσσιτεῖν ἔφη,  
δι' εὐσεβειαν.

fr. citado por Diog. Laerti. VIII, 38.

Εριφος ἔσ γαλ' ἔπετον] na opinião de Nilsson [II, 225]

trata-se apenas de uma “Ausdruck der völkstümlichen Hir tensprache... der die Befriedigung eines heissen Wunsches be zeichnen soll”

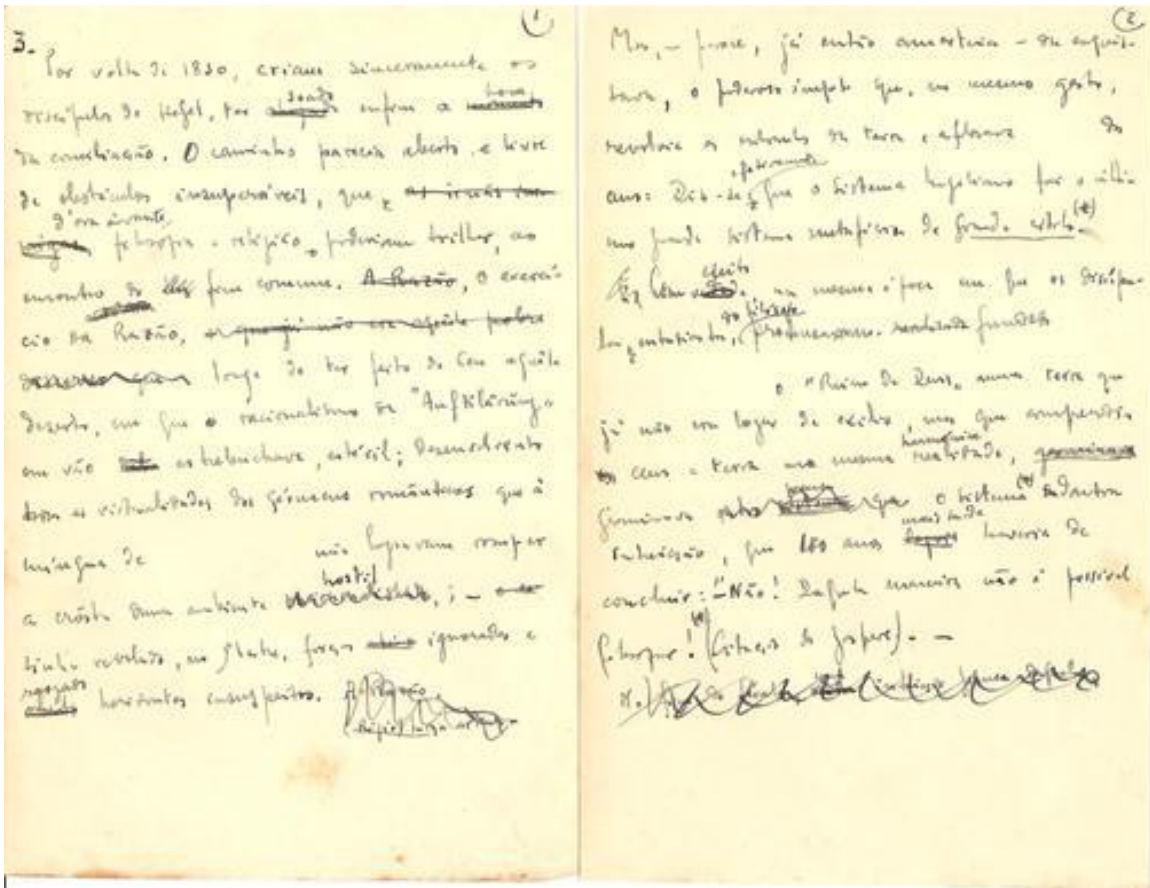
In wirklichkeit sind die Spuren spezifisch orphischer Lehren recht schwach; weder der Seelenwanderungsglaube noch die Büsse ungerechter Handlungen noch die Reinheit waren ausschliesslich orphisch... (Nilsson II 225)

**Comentário:**

MS encontrado no livro de Martin P. Nilsson, **Geschichte der Griechischen religion II**. Ainda se encontram em uma das notas do exemplar as anotações uma das referências levadas para o estudo em questão.

KAIBEL, Georg. **Epigrammata graeca**: Ex lapidibus conlecta. Hildesheim: G Olms, 1965. 703 p. **875(08) K13e**. O mesmo manuscrito ainda trabalha textos de Jane Harrison (procuramos o exemplar e ele não se encontra mais no acervo da UnB) e Albrecht Dietrich filólogo alemão dedicado ao tema do orfismo, aluno de Hermann Usener, um dos catedráticos da tradição heidelberguiana de filologia do início do século passado. Não encontrar o exemplar de eudorino de **Prolegomena to the study of greek religion** só não é mais constrangedor do que não haver sequer um exemplar de Dietrich na atual coleção de estudos clássicos.

Manuscrito 15



**Descrição:** três folhas de iguais dimensões (19 x 12, 2 cm) escrita com caneta preta com duas numerações diferentes. Uma se refere às folhas propriamente ditas, no canto direito de cada uma, outra numeração constando na primeira folha, fazendo integrar outras duas partes anteriores.



E, na verdade, foi quem ~~se~~<sup>Sartre</sup> da representação <sup>(3)</sup> ~~em~~  
 do seu pensamento de Kierkegaard na Europa ~~de~~  
~~interesses~~ do século XX, poderíamos dizer  
 não clamava, a cada vez, ~~em~~<sup>deserto!</sup> Nem o seu  
 pensamento ~~de~~ filosófico, na sua forma existencial  
 nem o pensamento teleológico, na forma da ~~de~~<sup>de</sup> ~~te-~~  
~~ologia~~ protestante, <sup>(\*)</sup> ~~de Karl Barth~~ ~~crêem~~, hoje, ~~de~~  
~~colaborar~~ ~~na~~ autonomia, ~~em~~ ~~relação~~ ~~a~~ ~~heteronomia~~;  
 que era princípio, meio e fim do ~~de~~<sup>de</sup> sistema  
 hegeliano, ~~sempre~~ ~~dedicados~~ ao impulso de  
 interior da filosofia, hoje, é a necessária  
 "uma e outra filosofia", é dois modos, levar  
dois, que terá de fundamento a suá autonomia.  
 Como ~~se~~<sup>se</sup> ~~fundamento~~, não nos interessa  
 verdadeiramente; basta registar o facto de <sup>de</sup> não ser negado;  
 pois não ~~se~~<sup>se</sup> ~~impõe~~ ~~simples~~ ~~mente~~ ~~é~~  
filosofia de fim e religioso, que a filosofia de  
revelação autônoma

**Transcrição:**

3 –

1

por volta de 1830, criam sinceramente os discípulos de Hegel, ter <sup>soado</sup> ~~chegado~~ enfim a <sup>hora</sup> ~~momento~~ da conciliação. O caminho parecia aberto e livre de obstáculos insuperáveis, que as ~~irmãs~~ <sup>D'oravante</sup> ~~inimigas~~, filosofia e religião, poderiam trilhar, ao encontro do ~~seu~~ fim comum. ~~A Razão~~, o <sup>autêntica</sup> exercício da razão, - ~~que já não era aquele pobre discorrer que longe~~ de ter feito do Ceu

aquêlo deserto, em que o racionalismo da “Aufklärung” em vão deba <sup>hostil</sup> ~~estrebuchava~~, estéril; desenvolvendo todas as virtualidades dos gérmenes românticos que à míngua de

[ ] não logravam romper a crôsta dum ambiente ~~racionalisante~~; - ~~o~~ tinha

revelado, no Mestre, forças <sup>rasgados</sup> ~~até a~~ ignoradas e ~~aberto~~ horizontes insuspeitos. ~~A Razão~~ <sup>(Régio) Sarça ardente</sup>

2

Mas, - parece, já então amortecia – ou enquistava, o poderoso ímpeto que, no mesmo gesto, revolvia as entranhas da terra e aflorava [ ] dos ceus: Diz-se que o sistema hegeliano foi o último grande sistema metafísico de grande estilo.<sup>(\*)</sup>

E, com <sup>efeito</sup> ~~verdade~~, na mesma época em que os discípulos, estuasiastas, <sup>do filósofo</sup> ~~realizado~~

fundado [ ] o “Reino de Deus” numa terra que já não era logar de exílio, mas que

compreendia os céus e terra na mesma realidade, <sup>harmônica</sup> ~~germinava~~ germinava <sup>pensa</sup> ~~outro sistema~~ que o

sistema<sup>(\*)</sup> doutra intuição, que 100 anos <sup>mais tarde</sup> ~~depois~~ haveria de concluir: “-Não! Daquela maneira não é possível filosofar!<sup>(\*)</sup> (citação de Jaspers)...

~~N. fim do século outra intuição gêmea daquela~~

3

E, na verdade, só quem <sup>sabia</sup> ~~conhecia~~ da repercussão imensa do pensamento de Kiekegart na

Europa ~~da actual~~, ~~pode avaliar~~ do século XX, poderá verificar que não clamava, aquela voz,

~~no~~ deserto! Nem o pensamento ~~relig~~ filosófico, na sua forma existencial, nem o pensamento

~~certa tal~~

(\*) \_\_\_\_\_

colaborar

certa

religioso, na forma de de teologia protestante, de Karl Barth, crêem, hoje, poder realizar na autonomia, ou reconhecer a heteronomia, que era princípio, meio e fim do logi sistema hegeliano, prolongando obedecendo ao ímpeto de outrora. Se a filosofia, hoje, é a mesma “una e eterna filosofia” é doutro modo, bem diverso, que terá de fundamentar a sua autonomia. Como, de facto a fundamenta, não nos interessa directamente; basta registar o facto de não ser negada; pois não é menos importante importa menos à filosofia do que à religião, que a filosofia se reconheça antinomia.

### **Comentário:**

Não foi possível ter acesso à estante onde podem vir a constar livros de Hegel na atual coleção de estudos clássicos. Em junho de 1940, Eudoro escreve a Delfim que está “a braços com a ‘Crítica da Razão Pura’, diligenciando preparar-me convenientemente para umas próximas preleções sobre Hegel e um seminário sobre a ‘Fenomenologia do Espírito’”. Ordep Serra, lembrando as aulas do Mestre, comenta:

(...) não era este mestre um hegeliano – seu pensamento evoluiu por rumos diversos dos que abriu e sulcou a fortíssima correnteza do pensamento de Hegel – mas ainda sinto a vibração que transmitiu ao ler e comentar, certa vez, (...) densas páginas de uma obra do grande filósofo, numa sessão de estudos das que às vezes lá promovia fora de qualquer programação (era, talvez, quando nos dava as suas melhores lições). Até hoje não abro a **Fenomenologia do espírito** sem que ouça a voz amiga e sinta o mágico toque do entusiasmo de que me contagiou<sup>354</sup>.

Ao discutir o cataclisma nietzschiano na Filologia Clássica, em seu prefácio para a obra de Walter Otto, Ordep Serra toca no assunto do manuscrito acima, *en passant*: “Grandes helenistas continuavam, na passagem do século XIX ao seguinte, a nutrir-se da visão da história que Hegel descortinara, e se envolviam nos debates de alguns dos seus herdeiros”<sup>355</sup>.

Há no manuscrito referências a Karl Jaspers e ao poeta de *Sarça Ardente*, o português José Régio, o que mais uma vez nos coloca um helenista de matriz “germânica” dialogando sempre com a geração da filosofia portuguesa com a qual manteve intensa interlocução antes e depois de Heidelberg. A relação entre religião e filosofia, para além do lugar-comum que

<sup>354</sup> SERRA, Ordep. A bela dádiva. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 47.

<sup>355</sup> OTTO, Walter. **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego**. Tradução e prefácio Ordep Serra. São Paulo: Odyseus Editora, 2005, p. ix.

alcunha como “religiosos” os poetas que tocam o tema, parece estar no âmago do pensamento eudorino e não seria surpresa que a crítica dessa polaridade não estivesse presente num comentário/leitura de Hegel e seu legado. Já no início do último ensaio de seu livro **A arte de filosofar** (1955), Álvaro Ribeiro já apresenta o problema que fora discutido longamente por toda aquela geração: “Sabemos, assim, que a filosofia alemã, depois de Hegel, domina a cultura mundial (...)”<sup>356</sup>. Seja com Marx, Kierkegaard e mesmo Nietzsche, a filosofia portuguesa, na leitura do autor de **A razão animada**, apresentou-se como uma “reação às culturas estrangeiras que entre nós quiseram estabelecer protectorado ou padroado”<sup>357</sup>. Escolhendo Eudoro de Sousa como um dos importantes desveladores do próprio pensamento de Leonardo Coimbra<sup>358</sup>, um dos interlocutores que mais influenciou Eudoro de Sousa ataca:

Estranho é que um povo agraciado com uma filosofia superior não a admire e dela se divorcie para imitar filosofias inferiores. Todo o drama cultural português resulta de uma absurda oposição tópica entre o *cá dentro* e o *lá fora* (...) Tentando acertar a nossa nomenclatura pelas nomenclaturas estrangeiras, por obediência a decisões tomadas em congressos internacionais ou por motivos ainda menos justificáveis, cada vez mais nos afastamos da isgnificação primitiva do nosso culto, da nossa cultura e da nossa civilização<sup>359</sup>.

O trabalho da vida e da obra de Eudoro, especialmente quando vinculado os ricos momentos com Agostinho da Silva, quando CEC e CBEP andavam juntos, firmaram a possibilidade de algo novo, original, dentro da universidade brasileira. Custa crer que as reflexões acima não tenham vivido constantemente a meta eudorina. E se o jargão filosófico, radicado nesta ou naquela escola que no fundo lhe era exógena, insiste em permanecer, é porque falta à fortuna crítica a compreensão de um dos mais belos fragmentos de Novalis: só podemos *tornar-nos* no caso de já *sermos*.

---

<sup>356</sup> RIBEIRO, Álvaro. **A arte de filosofar: ensaios**. Lisboa: Portugalia, p. 235.

<sup>357</sup> Idem, p. 241.

<sup>358</sup> Idem, p. 216.

<sup>359</sup> Idem, 241-242.

## Manuscripto 16

- [Ledi.]  
 Gadamer, H.-G., Vom Verstandesbegriff der Sokratischen. (Wege der Forschung, 18). Darmstadt 1968.
- Riezler, K., Das Homerische Gleichnis und der Anfang der Philosophie (1936) - Die Antike, 12, 1936, 253-277 [11-1-20]
- Snell, B., Die naturwissenschaftliche Begriffsbildung im Griechischen - Die Entdeckung des Geistes. 3. ed. 1955  
 H. 219-319 [H. 21-42]
- Waerden, B.L. van der, Die Beweisführung in den klassischen Wissenschaften des Altertums. (Bulletin de la Société Mathématique de Belgique 1957, 8-13). [43-48]
- Jaeger, W., Die Theologie der milersischen Naturphilosophen. (Die Theologie der frühen griechischen Denker, Darmstadt 1964) [H. 49-87].
- Zielbauer, Fr., Der Satz des Anaximandros von Milet. (R. H. 87, 1938, 376-382) [88-94].
- Hölcher, U., Anaximander und die Anfänge der Philosophie. (Hermes 81, 1953, H. 257-277, 385-418) [95-176]
- Reinhardt, K., Heraklitos (Hermes 77, 1942, H. 225-248) [177-208]
- Bröcker, W., Heraklit zitiert Anaximander. (Hermes 84, 1956 382-384) [209-213]
- Stenzel, J., Zur Entwicklung des Geistbegriffes in der griechischen Philosophie (Klein Schriften zur gr. Philosophie. Darmstadt, 1957, 127-150) [214-245]
- Fritz, K. von, Die Rolle des Noös - Noös und Noein im Neuhomerischen Gedächtnis - Noös und Noein und ihre Ableitungen in der vorsokratischen Philosophie (mit Anschluss des Anaxagoras). (Classical Philology 38, 1943, 79-93; 40, 1945, 223-242)

41 (1246) 12-74 [246-388]

Gadamer, H.-G., Zur Vorgeschichte der Metaphysik  
(Anteile Martin Heidegger zum 60. Geburtstag, Frankfurt  
a. M. 1979) [364-390].

Schwab, H., Sein und Doxa bei Parmenides (Wiener Studien  
66, 1953 pp. 50-75)

Fränkel, H., Zenon von Elea im Kampf gegen die Idee der  
Vielfalt. (Amer. Journ. of Philol. 63, 1942, pp 1-28, 193-205  
e Weg und Formen ... 2. ed., 1950, 198-236 e 371)  
[423-475]

Klein, J., Die griechische Logik und die Entstehung der Al-  
gebra (Auszüge). (Quellen und Studien zur Geschichte der  
Mathematik, Astronomie u Physik, Abt. B, 1934, Band 3,  
Heft 1, 53-64, 66-70). [476-496].

Reinhardt, K., Empedokles, Orphiker und Physiker. (Class. Philol.  
45, 1950 170-179) [497-511]

Gadamer, H.-G., Antike Atomtheorie. (Zeitschrift für die gesamte  
Naturwissenschaft 1935, Heft 3, 81-95) [512-533]

Kapp, E., Rec. a Lengerbeck, H., Doxis Epichysmie: Stu-  
dies zu Demokrits Ethik und Erkenntnislehre (em  
Gnomon 1936, 161-168) [534-544].

**Descrição:** ficha de papel duro, escrito com caneta esferográfica preta, com dimensões de 20,3 x 12,7 cm. Rasgada, amassada, dobrada e queimada no topo (devido à exposição fora do exemplar)

### Transcrição:

- Gadamer, H.-G., Um die Begriffswelt der Vorsokratiker. (Wege der Forschung, IX). Darmstadt 1968
- Riezler, K., Die Homerische Gleichnis und der Anfang der Philosophie (1936) – Die antike, 12. 1936, 235-271 [ M.i 25?]
- Snell, B., die naturwissenschaftliche Begriffsbildung im Griechischen. Die Entdeckung des Geistes. 3. Ed. 1955 pp. 219-319 [ pp. 21-42 ]
- Waerde , B. L. van der, Die Beweisführung in den Klassischen Wissenschaften des Altertums. (Bulletin de la Societé Mathematique de Belgique 1957, 8.13). [43-48]
- Jaeger, W., Die Theologie der milesischen Naturphilosophen. (Die Theologie der frühen griechischen Denker, Darmstadt 1964) [ pp.49-87].
- Dirlmeier, Fr., Der Satz des Anaximandros von Milet. (Rh. M. 87, 1938, 376-382) [ 88-94 ].
- Hölscher, U. Anaximander und die anfänge der Philosophie. (Hermes 81, 1953, pp. 257-277, 385-418) [ 95-176 ].
- Reinhardt, K., Heraclitea (Hermes 77, 1942, pp. 225-248) [177-208]
- Bröcker, W., Heraclit zitiert Anaximander. (Hermes 84, 1956 382-384) [209-233]
- Stenzel, J. Zur Entwicklung des Geistbegriffes in der griechischen Philosophie (Kleine Schriften zur gr. Philosophie. Darmstad, 1957, 127-150) [214-245]
- Fritz, K. von, Die Rolle des Noûs – Nous und noem in die homerischen Gedichten – Nous un noem und ihre Ableitungen in der vorsokratischen Philosophie (mit Amschlüss des Anaxagoras). (Classical Philology 38, 1943, 79-93; 40, 1945, 223-242 41 (1946) 12-34. [246-3( )3]
- Gadamer, H. – G., Zur Vorgeschichte der Metaphysik. (Anteile. Martin Heidegger zum 60. Geburtstage, Frankfurt e. M. 51-79) [364-390].
- Swabl, H., Sein und Doxa bei Parmenides. (Wiener Studien 66, 1953 pp. 50-75.
- Fränkel, H., Zenon von Ele im Kampf gegen die Idea der Vielheit. (Amer. Journ. of Philol. 63, 1942, pp. 1-25, 193-205 e Wege und Formem...2. ed., 1950, 198-236 e 371) [423-475]
- Klein, J., Die grichische Logistik und die Entstehung der Algebra (Auszüge). (Quellen und Studien zur Geschichte der Mathematik, Astronomia und Physik. Abt. B, 1934, Band 3, Heft 1, 53-64, 66-70). [476-496].
- Reinhardt, K., Empedokles, Orphiker unb Physiker. (Class. Phil. 45, 1950 170-179) [497-511]
- Gadamer, H.-G., Antike Atomtheorie. (Zeitschrift für die desamte Naturwissenschaft 1935, Heft 3, 81-95) [512-533]
- Kapp, E., Rec. a Langerbeck, H., Doxis Epirhysmie: Studien zu Demokritz Ethik und Erkenntnislehre (em Gnomon 1936, 161-168) [534-544].

### Comentário:

A predominância de uma bibliografia germânica guarda indícios que merecem investigação profunda. O encontro direto *com os exemplares* explicitará as marcas crônicas da aquisição e leitura da maior parte dos livros. A obra de Stenzel, marcando o ano de 1957, indica a data limite de tais referências. Se pouco pode ser dito em um primeiro olhar para tais publicações investigadas por Eudoro, muito se pode intuir da ausência da maioria destas obras na atual coleção de estudos clássicos da UnB.

### Manuscrito 17

**Descrição:** duas pequenas fichas de fina gramatura e dimensões pequenas (12,3 x 7,4 cm) escritas com caneta porosa preta.

### Transcrição:

Quinta-feira

2 ½ - 5 ½

Grego

Berenguer Amenós (J.) Gramática Griega – 40 ps.

\_\_\_\_\_ Helade Ejercicios de Griego

I. Morfologia – 40 ps.

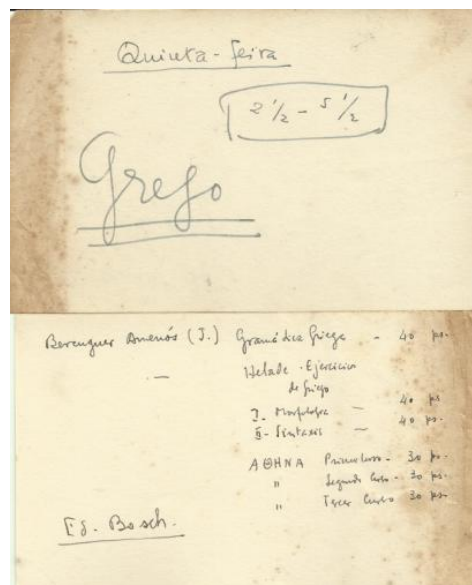
II. Sintaxis – 40 ps.

AΘHNA primeiro curso – 30 ps.

\_\_\_\_\_ segundo curso – 30 ps.

\_\_\_\_\_ terceiro curso – 30 ps.

Ed. Bosch



### Comentário:

Dispersos pelo acervo geral da BCE podemos nos deparar com vários exemplares referentes ao estudo do grego. São obras que, muitas delas, pertenceram a Eudoro de Sousa. Da edição à qual o professor se refere no pequeno papel acima, temos no acervo da UnB apenas uma fotocópia. Encontramos ainda, dispersos, **A Gramática Grega** de António Freire (1947), **Phonétique du Grec Ancien**, de Maurice Grammont (1948), ambos com sinais de terem pertencido à fragmentada coleção eudorina. Reunidos para este comentário, temos ainda diante de nós, no acervo geral da BCE, **Védico y Sánscrito Clásico**, de Francisco Adrados (1953). Esta obra, vale ressaltar, tem grifos no início do livro, onde se discute alfabeto e pronúncia e ainda marcas de leitura no glossário final. O carimbo de Eudoro de Sousa indica que se trata de uma obra de seu acervo particular, posteriormente integrado ao acervo da coleção de estudos clássicos para, finalmente, ser tirado de lá para integrar o acervo geral. Em **The Greek Language**, escrito por B. F. C. Atkinson (1931), nos encontramos diante de muitas anotações, especialmente nos capítulos sobre nomes, pronomes e no capítulo sobre dialetos. Eudoro leu enfaticamente tal exemplar.

Uma curiosidade é o **Manuel d'accentuation grecque**, de Charles Bally (1945). O livro está limpo, como se tivesse acabado de sair do prelo. Trata-se de um exemplar que pertenceu a Eudoro, mas consta como doação (*post mortem*) do professor Fernando Bastos. O



caso de Bastos é exemplo da sobrevivência da biblioteca de Eudoro aos tristes destinos na UnB, já que os empréstimos ou até doações a seus alunos fizeram algumas obras resistirem para, no caso de Bastos, recentemente, retornarem à coleção originária. No exemplar temos o carimbo de Eudoro e o carimbo feito para constar nos livros doados, provavelmente, pela viúva do professor Fernando.

Constando como doações anônimas, mas provavelmente integrantes da coleção eudorina, estão **Traité de phonétique grecque**, de Michel Lejeune (1947) e **Les verbes “dire” en grec ancien**, escrito por H. Fournier (1946). Tais obras, com etiquetas novíssimas, constando como catalogadas recentemente, deixam as suspeitas de que integravam as coleções esquecidas no depósito da UnB. Se não são de Eudoro, do que lá havia estagnado em 1988, fazem parte de coleções de classicistas que, *a priori*, poderiam vir a constituir uma grande coleção de estudos da língua grega.

Em casa, recolhido durante os descartes de 2007, tenho ao menos duas outras obras interessantes se inseridas nestes títulos enumerados. **Les mots grecs groupés d’après la forme et le sens** (1882) e **The First Year of Greek**, escrito por um professor de Grego da Califórnia chamado James Allen, em 1947.

O que tudo isso nos deveria fazer pensar é: qual o valor de tal coleção reunida? Quando um exemplar deste pertenceu a Eudoro de Sousa e passa a ser integrado ao acervo como “doação anônima”, qual a perda para o significado da coleção? Trata-se apenas de um detalhe essa origem/posse de Eudoro? No caso dos que ainda constam no acervo geral da UnB (o que, para muitos casos é um erro, devido à especificidade do assunto) como se deram tais dispersões ao longo dos anos? Foram os reduzidos índices de leitura que fizeram tais obras sequer terem patrimonialização e integração ao acervo?

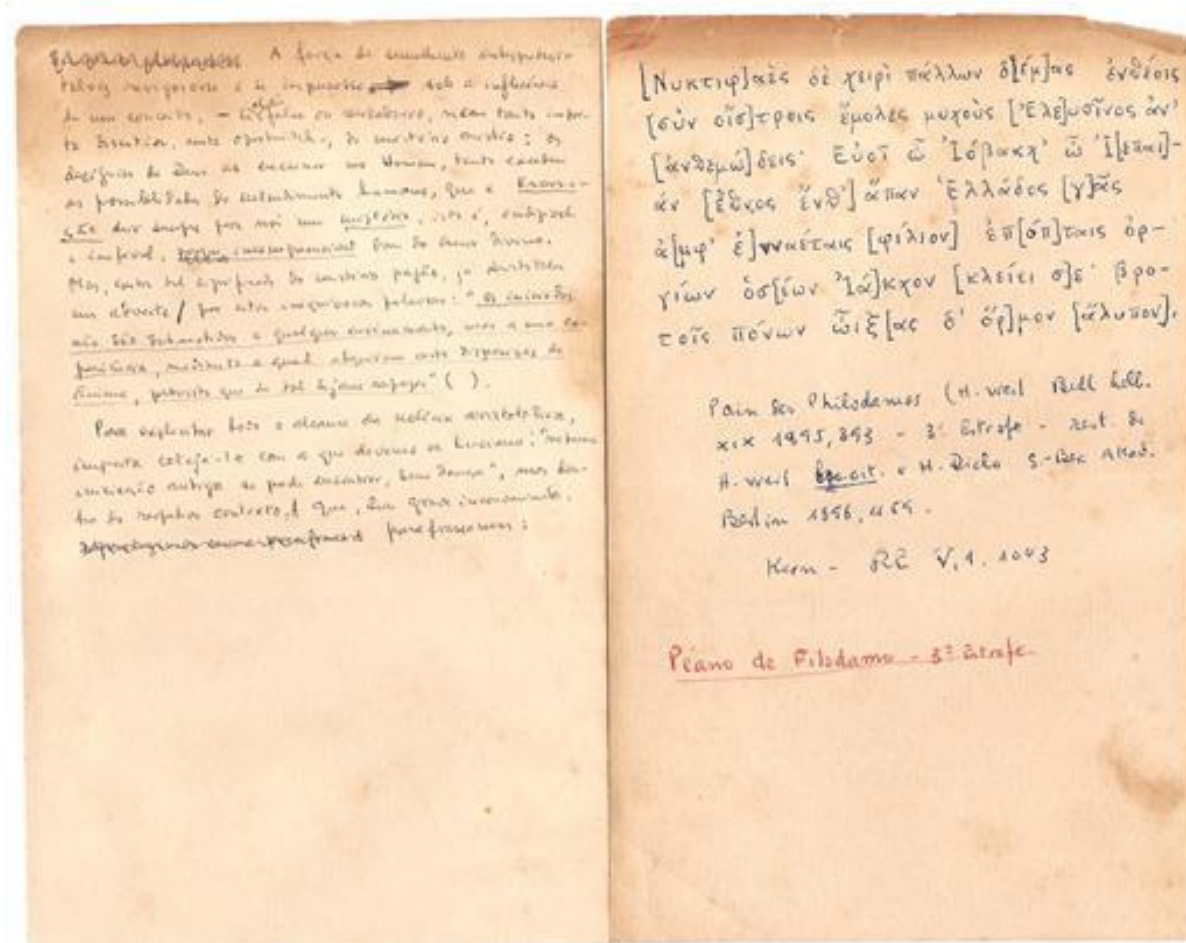
Eudoro de Sousa, como vimos em anotações de uma obra lida sobre Sócrates, já nos anos de 1930, estudou grego o século inteiro. Sua biblioteca, como em tantos outros assuntos, reuniu, representaria (se coesa, completa, orgânica) todo o panorama dos estudos filológicos durante o século XX. Talvez seja um exagero falar em uma babel filológica. O fato é que como o acervo era voltado a instituições, a pesquisadores, Eudoro reunia na coleção também aquilo que lhe fugia, que ele não poderia mais ler, estudar. Delegava leituras. Perder o que ele conseguiu reunir ao longo de décadas, de 1930 até a década de 1980, é perder como, no caso do ensino e método de língua grega, isso foi tratado ao longo do século passado. Não foram apenas exemplares perdidos, uma ou outra obra descartada ou dispersa. Estamos diante de uma estratigrafia complexa que não pode mais ser feita.

Como destaque curioso de tais sentidos trazidos pelos exemplares, basta que se saiba que quando quis se mudar para Mendoza, visando dar aulas na recém-criada Universidade de Cuyo, o já consagrado helenista estava lendo **Introducción a la Lingüística Griega y Latina**, tradução espanhola da obra de P. Kretschmer, como mostra outro exemplar descartado. Vinte anos depois, em 1966, a língua espanhola ainda oferecia a Eudoro material de estudo, como se vê nas anotações disciplinadas presentes em **Primera antología griega**, de Francisco Adrados, terceira edição da célebre editora Gredos, nunca faltante nas bibliografias eudorinas.

Nem sempre se pode dizer algo sobre alguém e seu pensamento a partir de sua biblioteca. Muitas vezes, nada se pode dizer com base nos livros que alguém leu. Por outro lado, muito deixa de ser dito quando tais livros somem e/ou se dispersam, na medida em que seu sentido é outro quando estão lado a lado na estante. E isso porque estamos falando de obras que pertenceram a Eudoro e constam como “doação anônima”, obras que foram para biblioteca de alunos e voltaram mostrando em seus carimbos a história do livro, obras que são identificáveis como sendo de Eudoro devido a manuscritos dele, obras que foram descartadas e que tiveram a sorte de eu ter tido a oportunidade de recolhê-las.

E o que se foi?

## Manuscrito 18



**Descrição:** duas folhas de gramatura grossa (cartonadas) de iguais dimensões (20,2 x 12,7), em bom estado de conservação. Uma escrita com caneta esferográfica preta, outra com duas canetas esferográficas diferentes, uma (azul) para o texto grego e referência, outra (vermelha) para outra referência.

**Transcrição:**

a)

~~Semelhante interpretação~~ A força de semelhante interpretação talvez revigorasse e se impusse por sob a influência de um conceito, - se ele é falso ou verdadeiro, nem tanto importa discutir, nesta oportunidade -, do mistério cristão: os designios de Deus ao encarnar no Homem, tanto excedem as possibilidades do entendimento humano, que a Encarnação será sempre para nós um mistério, isto é, indizível e inefável, porque incompreensível dom do Amor divino.

Mas, contra tal significado do mistério pagão, já Aristóteles nos adverte/por estas inequívocas palavras: “os iniciados não são submetidos a qualquer ensinamento, mas a uma experiência, mediante a qual adquirem certa disposição de ânimo, provisto que de tal sejam capazes” ( )

Para explicitar logo o alcance da notícia aristotélica, importa cotejá-la com a que devemos a Luciano: “nenhuma iniciação antiga se pode encontrar, sem dança”, mas dentro do respectivo contexto, a que, sem grande inconveniente, ~~sempre dizíamos numa paráfrase~~ parafraseamos:

b)

[Νυκτιφ]αες δε χειρι πάλλων δ[έμ]ας ενθους  
[συν οίσ]τροις ξμολες μυχους [Ελε]ουσινος άν  
[άηθεμώ]δεις Ενοι ώ' Ιόβακχ' ώ' Ι[εππαι]-άν  
[έθνος έηθ ] άπαν Ελλάδαδος [γ]ας  
ά[μφ έ]νναέταις [φίλιον] επ[όπ]ταις όρ-  
γίωον όσ[ίω]ν Ίά]κχον [κλείει σ]ε βρο-τοις  
πόνων ωιζ[ας δ] όρ]μον [άλυπον].

Pain des Philodamos (H. Weil B\*\*\* hell. Xix 1895, 393 – 3ª Estrofe – rest. De H Weil \*\*\*.cit e H. Diclo S.-Ber. Akad. Berlin 1896, 459.  
Kern – RE V, 1. 1043

Péano de Filodamo – 3ª Estrofe

### Tradução:

Brandindo a tocha nas tuas mãos- luz na escuridão da noite-, tu chegaste em teu entusiasmo aos recantos de Elêusis cobertos de flores-, evoé, ó iô Baco, ó iê Peã!-, onde toda a nação da terra grega, em volta das testemunhas nativas dos mistérios sagrados, invoca-te como Íaco: tu abriste aos mortais um porto contra os males, livre de pesares. Iê Peã, vem salvador, protege de bom grado essa cidade com próspera fortuna<sup>360</sup>.

### Comentário:

As referências que terminam o fragmento em grego, apesar de abreviadas, indicam certamente o nome do filólogo franco-alemão Henri Weil (1818-1909), autor, entre várias obras, de **Études sur le Drame Antique** (Paris, 1897), citada na bibliografia da **Poética eudorina** e **Études sur l'antiquité grecque** (Paris, 1900), cuja referência é feita em **Dioniso em Creta e outros ensaios**. Infelizmente, à primeira vista, *nenhuma* obra de Weil existe atualmente no que sobra da coleção eudorina. A anotação cita ainda PAULY, August Friedrich Von; WISSOWA, Georg. **Paulys realencyclopädie der classischen altertumswissenschaft**. Stuttgart: 1914, vol. “V, 1. 1043”.

<sup>360</sup> Esta tradução consta como sendo de tradução de J. M. Macedo, disponível em <https://sites.google.com/site/dionysionbr/poesias-e-hinos/pea-a-dioniso-de-filodamo-de-escarfeia>, acessado pela última vez em maio de 2015.

Uma consideração se faz importante antes de qualquer coisa. Eudoro cita Weil duas vezes em sua obra, pelo que tivemos contato com suas bibliografias mais expressivas em sua **Poética e Dioniso em Creta...** Na sua segunda referência, diga-se de passagem, ele cita as páginas ao final da referência (“pp. 37 e segs”). Isso nos leva a crer que, ao menos para uma delas, o leitor se refere a uma edição específica, aquela lida no exemplar que tinha. Se uma mesma edição mantém o número de páginas para toda sua tiragem, vê-se que E. quer especificar aquela edição, haja vista que em muitos casos algumas das obras de sua biblioteca não foram reeditadas e nem mais se encontram no mercado livreiro. Ou seja, se as duas obras de Weil não foram entre as poucas dezenas que conseguimos subtrair da sala de descarte da Biblioteca Central em 2007, se elas não se encontram catalogadas no acervo atual disponível no sistema da mesma biblioteca, não é leviano imaginar o fim que tiveram os exemplares que o helenista tinha de Henri Weil.

Pelo que tomamos consciência, consta que existe na coleção atual de estudos clássicos o texto bilíngue que registra o nome de Weil. Trata-se da 10ª edição de **Discour de la courone**, de Demosthenes, publicado em Paris (Hachette, 1902), esta sim com várias traduções para o português, desde o final do século XIX, passando pelo séc. XX, onde figura uma da década de 1960 introduzida por Mário da Gama Kury.

Discutindo o “desafiador” ensaio *Dioniso em Creta*, atualizando e revisando a discussão sobre a tauromorfia dionisíaca na ilha de Minos, Ordep Serra adverte que esse deus “é chamado *Touro* em preces e poemas”, exemplificando: “assim ocorre no famoso peã de Filodamo, por exemplo, que tudo indica imitar um modelo litúrgico”<sup>361</sup>.

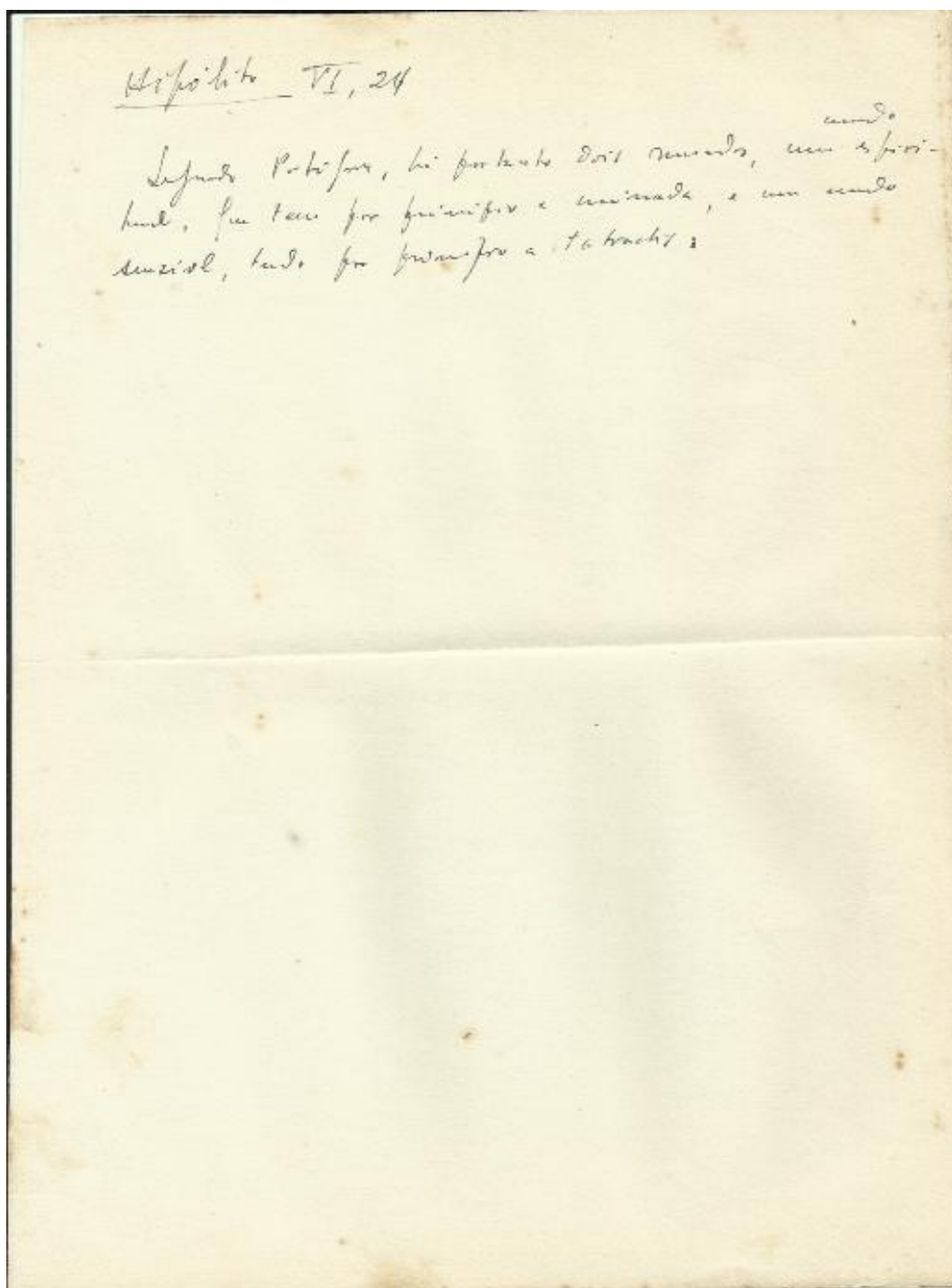
A primeira parte do manuscrito foi integralmente inserida (praticamente sem alterações) no ensaio publicado em espanhol no ano de 1949, em Mendoza, para depois ser revisto no ensaio homônimo que integrou a o conjunto de **Dioniso em Creta e outros ensaios** (1973). Pesquisas futuras poderão indicar, examinando em conjunto o que foi publicado nos *Anales de Arqueología y Etnología* e a versão de 1973, se a folha cartonada escrita com esferográfica preta data da década de 1940 ou se foi uma reescrita para a leitura “final”.

De nossa parte, acreditamos, como foi comentando em nossas discussões sobre crítica genética, que enquanto fosse vivo Eudoro estaria lidando com este ensaio, como tantos outros. De 1949 a 1973 podemos ver o envolvimento com o texto, reescrevendo, reelaborando. Também os ensaios de Eudoro de Sousa nunca estavam prontos, eram apenas abandonados devido às suas demandas maiores com as aulas, com os seminários e, sobretudo, com livros.

---

<sup>361</sup> SERRA, Ordep. **Navegações da cabeça cortada: breve incursão no campo dos estudos clássicos**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 211





**Descrição:** Duas folhas de iguais dimensões (22,1 x 17,2) escritas com a caneta preta frequente em boa parte dos manuscritos anteriores. Marcas de acidez nas pontas. Não quebradiço.

### Transcrição:

#### Hipólito – VI, 21

A Heresia de Valentino contém a doutrina pitagórica e platónica. É que Platão, no Timeu, copiou inteiramente completamente Pitágoras; sendo neste livros é o próprio Timeu é um hóspede pitagórico, de Platão. Por conseguinte, recomendável se torna rememorar primeiro as doutrinas pitagórica e platónica, e só depois começar a exposição dos teoremas de Valentino. Se bem que nos livros precedentemente escritos [Nota], já tenta consignado aquelas doutrinas, quero agora ... Então, A mais exacta e minuciosa combinação e comparação, das bem relevará as [ilegível] de Valentino. Aqueles [i. e. Pitágoras e Platão] [ilegível] recebidos dos Egipcios e sua doutrina, e amoldaram-na à mentalidade dos Gregos; este [re .: é. Valentino] recebeu-a daqueles, mas ocultou este o facto.  
VI, 22 –

#### Hipólito VI, 24

Segundo Pitágoras, há portanto dois mundos, um mundo espiritual, que tem por princípio (a mônada?), e um mundo sensível, tendo por princípio o tetractis.

### Comentário:

Os trechos acima são manuscritos de traduções, notas auxiliares para uma interpretação eudoriana da influência de Platão em tradições pré-helênicas. As fls. foram encontradas nas páginas 157 e 159, respectivamente, da obra que está registrada na Biblioteca da UnB como **BIBLIOTHEK der Kirchenväter: eine auswahl patristischer werke in deutscher übersetzung**. Kempten: Kempten & München. Trata-se de uma coleção que publicou diversos volumes, percorrendo os anos de 1911 a 1938. Segundo o site *vialibri.net*, onde podemos encontrar raridades como estas à venda, um livro deste dentro da coleção completa (cerca de 62 volumes) pode custar entre 500 a 1600 dólares. Atualmente no acervo remanescente que pertenceu a E. e/ou ao CEC, temos apenas três exemplares da coleção. Entre os livros da bibliografia eudoriana, entre as obras salvas e catalogadas por nós (Cf. apêndice), onde encontramos os dois manuscritos acima, temos o exemplar de 1922, referente ao volume sobre Hipólito de Roma. Trata-se de uma obra que foi comprada com a morte de E. e catalogada apenas em julho de 1996, tendo voltado ao depósito para tornar a sair daquele recinto em 2007, quando tivemos a oportunidade de encontrá-la.

Além do livro VI, onde os manuscritos foram encontrados, e o início do livro IX, onde intensas marcas de acidez e grifos de lápis indicam ostensiva leitura, vale ressaltar as anotações do livro V, onde ainda se encontra a fita azul de marcar páginas, original do



exemplar. Entre estas páginas (p. 88 e seguintes) estão a maior parte das anotações do nosso Leitor.

No auxílio que para futuros interessados pode prestar a anotação, reproduzimos abaixo o trecho preciso traduzido por E.

a)

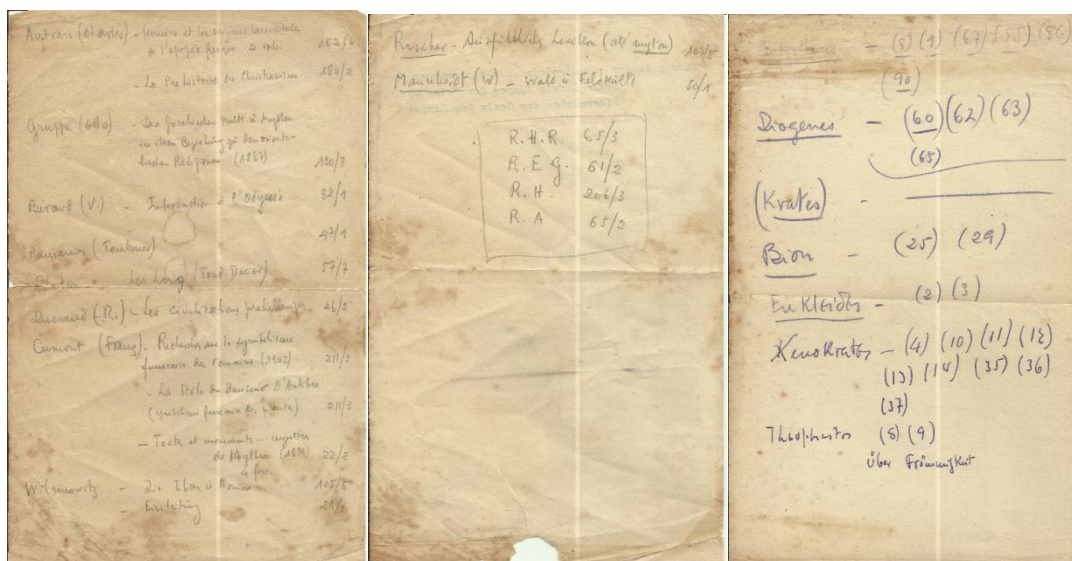
Die Häresie des Valentinus enthält die pythagoreische und die platonische Lehre. Plato hat nämlich im Timäus den Pythagoras vollständig nachgebildet; so ist ihm auch Timäus selbst ein pythagoreischer Gastfreund. Es dürfte sich somit empfehlen, erst einiges Wenige von der pythagoreischen und platonischen Lehre in Erinnerung zu rufen und dann mit der Darstellung der Sätze des Valentinus zu beginnen. Denn wenn auch in den vorher von uns verfaßten Büchern die Lehrmeinungen des Pythagoras und Plato niedergelegt sind, so werde ich doch auch jetzt mit gutem Grund ihre Ansichten auszugsweise und summarisch in Erinnerung bringen; so treten dann durch die nähere Zusammenstellung und Vergleichung die Meinungen des Valentinus gut hervor; jene haben einst ihre Lehre von den Ägyptern übernommen und für die Griechen zugeschnitten; dieser nahm sie von ihnen, aber er unterschlug diese Tatsache.

b)

Nach Pythagoras gibt es also zwei Welten, eine geistige, die als Prinzip die Monas hat, eine sinnlich wahrnehmbare, mit der Vierzahl als Prinzip, die vollkommene Zahl (...).

Por meio da anotação marginal vemos o largo grifo a lápis do trecho exato em que E. faz referência ao exemplar onde estavam estes manuscritos. A leitura do oitavo ensaio de **Dioniso em Creta e outros ensaios** nos dá, em sua nota 21, a maneira como o prof. Eudoro se utiliza do trecho lido para compor a concepção manifesta em *O mito de psique a simbólica da luz*.

## Manuscrito 20



**Descrição:** três folhas de iguais dimensões (21,6 x 13,9), sendo que as duas primeiras (a e b) estão grafadas a lápis e a última (c) em metade com algum tipo de lápis de cor lilás e na outra metade uma caneta porosa lilás.

**Transcrição:**

a)

Autran (Charles) *Homère et les origines sacerdotales de l'épopée grecque* 2 vols. 162/6*La Préhistoire du Christianisme* 184/2Gruppe (Otto) *Die Griechischen Kulte und Mythen in ihren Beziehungen zu den orientalischen Religionen* (1887) 130/7Berárd (V.) *Introduction à l'Odysée* 82/1

Pausanias (Teubner) 47/1

Platon *Les Loins* (Trad. Dacier) 57/7Dussaud (R.) *Les civilisations prehellenique* 46/2Cumont (Franz) *Rechercher sur le symbolism funeraire des romains* (1942) 211/3*La Stèle du danseur d'Antibes**(symbolisme funeraire des plauto)* 211/3*Textes et monuments...mystères de Mythra* (1896) 4 fasc. 22/2Wilamowitz *Die Ilias und Homer* 105/5*Einleitung [in die Grieschische Tragödie]* 29/4

b)

Roscher *Ausführliches lexikon* (até myton) 104/5Mannhardt (W) *Wald unb Feldkulte* 50/1

R.H.R 65/3

R.E.G. 61/2

R.H. 206/3

R.A. 65/2

c)

Antisthenes (8) (9) (67) (85) (86) (90)

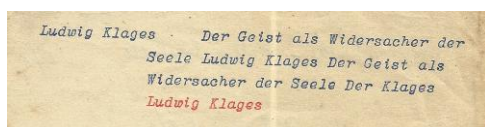
Diogenes (60) (62) (63) (65)

Krates  
 Bion (25) (29)  
 Eukleides (2) (3)  
 Xenokrates (4) (10) (11) (12) (13) (14) (35) (36) (37)  
 Theophrastos (8) (9)  
 Über Frömmigkeit

### Comentário:

Em primeiro lugar estas três folhas foram encontradas juntas, com mais uma, que será descrita e analisada a seguir. Todas estavam entre as páginas 144-145 do livro **Bibliotheca graeca et latina**.

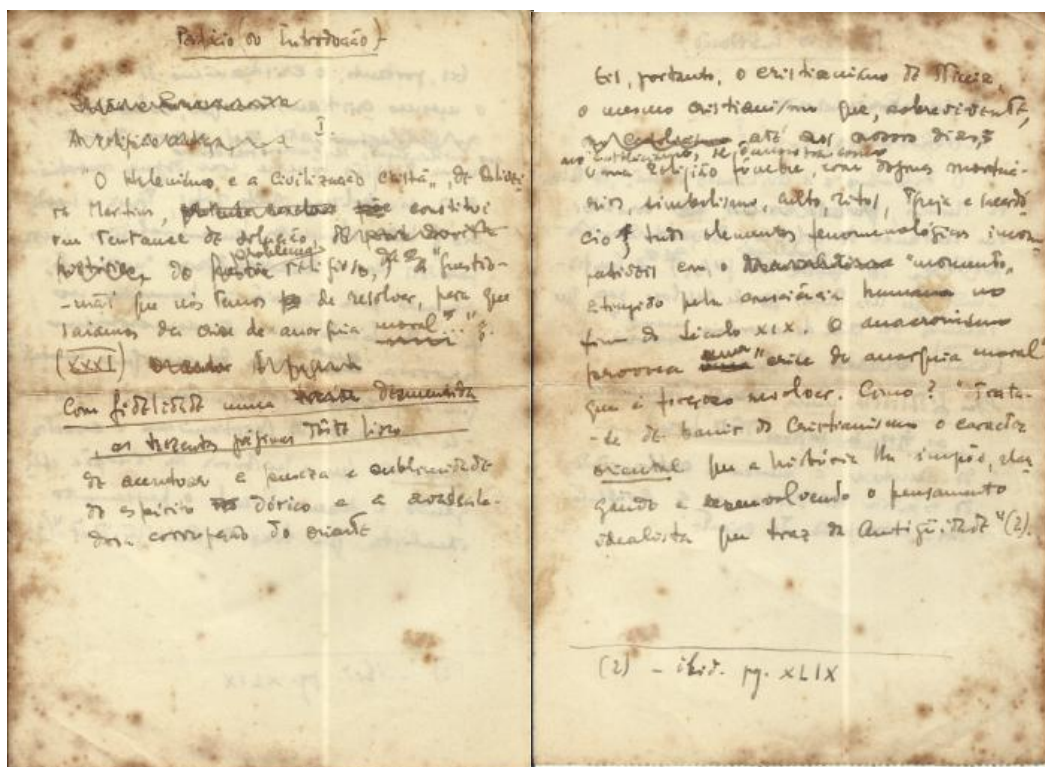
Com base na bibliografia listada em a) e b) podemos notar, de início, que pelo menos metade destes exemplares não se encontram presentes atualmente na coleção de estudos clássicos. No verso da segunda folha, datiloscrito, encontramos uma das poucas referências que aparentemente podem ser consultadas na coleção.



Como sabemos pelas cartas inéditas com as quais trabalhamos no capítulo II, Klages foi um dos principais interesses de Eudoro em sua ida para Alemanha. Neste trecho datiloscrito está registrada a obra **Der Geist als Widersacher der Seele**, edição em três volumes de 1929 que parece estar presente na atual coleção de estudos clássicos.

O lápis lilás é o mesmo que encontramos em grifos e anotações de seu exemplar de **Tragicorum graecorum fragmenta**.

## Manuscrito 21



**Descrição:** Uma folha (19,6 x 13,5) com alta acidez, suja, o que não impede a leitura do texto.

**Transcrição:**Prefácio (ou Introdução)

[ ]

A religião antiga, ... I.

“O Helenismo e a Civilização cristã”, de Oliveira Martins, pretende resolver p[ro] constituir um tentame de solução, do ponto de vista histórico da questão problema religioso, da “questão-mãe que nós temos que de resolver, para que saíamos da crise de amorfia moral...”

(XXXI) [ilegível]

Com fidelidade nunca desmentida  
as trezentas páginas deste livro

de acentuar a pureza e sublimidade do espírito dos dórico e a avassaladora corrupção do oriente

Eis, portanto, o cristianismo de Niceia, o mesmo cristianismo que, sobrevivente, no catolicismo até aos nossos dias, no catolicismo, se demonstra como uma religião fúnebre, com dogmas mortuários, simbolismo, culto, ritos, Igreja e sacerdotio, tudo elementos fenomenológicos incompatíveis com o [ilegível] “momento”

(2) - ibid. pg. XLIX

atingido pela consciência humana no fim do século XIX. O anacronismo provoca uma “crise de anarquia moral” que é forçoso resolver. Como? “Trata-se de banir do Cristianismo o caracter oriental que a história lhe impôs, alargando e desenvolvendo o pensamento idealista que traz da Antiguidade” (2)

(2) *ibid.* pg. XLIX

### Comentário:

O MS é um trecho de artigo publicado em 1947, em Portugal, depois republicado na edição de ensaios dispersos organizado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2000. Em **O prejuízo positivista na obra de Oliveira Martins**<sup>362</sup> Eudoro reage, entre outras coisas, ao que chama de “sistemas de exclusão”, neste caso, representado pela influência comteana francesa em Portugal. Segundo ele, “nenhuma pensador português se libertou completamente” do que essa doutrina defende. Interessante notar aí, já em 1947, após breve mas intensa imersão germânica, uma expressão radical contra a preponderância da influência francesa. Em seus argumentos, um tema que lhe é caro: *o problema religioso*.

Pois se o manuscrito acima pretendia ser um “prefácio ou introdução”, como lemos no topo da folha, na versão publicada três outros tópicos servem de abertura ao problema propriamente dito, qual seja, a perplexidade com que trata o tema da religião, “em especial, a religião Antiga”, tema que a cultura (cultura que E. opõe a ciência tal como opõe a opinião a conceito) lida com hostilidade.

Os três tópicos que terminaram por abrir seu comentário à obra (1. Opinião e conceito. Cultura e ciência, 2. A muralha da cidade, 3. Ciência compreensiva e cultura exclusiva) antecedem a exposição do *conflito* presente na obra **Helenismo e a Civilização Cristã**, “as páginas mais densas de contradição fecunda e verídica, que, até então, jamais produzira o espírito lusitano”. Ao apresentar a tese de Oliveira Martins (5) nos deparamos com a versão que E. passou a limpo do verso do MS acima:

Eis o cristianismo de Niceia, sobrevivente no catolicismo: uma religião fúnebre, com dogmas mortuários, simbolismo, culto, ritos, igreja e sacerdócio – tudo, elementos fenomenológicos considerados incompatíveis com o “momento” atingido pela consciência, no fim do século XIX.

<sup>362</sup> SOUSA, Eudoro de. **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, pp. 285-299.

Tal manifestação anacronológica provoca uma “crise de anarquia moral” na sociedade moderna. Como debelá-la? “Trata-se de banir do cristianismo o caráter oriental que a história lhe impôs, alargando e desenvolvendo o pensamento idealista que traz da Antiguidade”<sup>363</sup>.

O comentário que se segue ao que se tornou o trecho manuscrito é útil para dar a importância ao transcrito trecho. Para E., “estas palavras definem plenamente o escopo da ensaiada tese”<sup>364</sup>. Eudoro passa então a analisar pormenorizadamente a “tese”, submetendo-a ao seu critério de cientificidade que, claramente, se distancia muito do pensamento de Martins, localizado entre meados e o final do século XIX. “Todas as páginas deste livro”, continua E., “que ao helenismo se referem, perseguirão *o duplo propósito de acentuar a pureza e sublimidade do espírito dórico e a inevitável corrupção que sobre ele exerceu o Oriente*”<sup>365</sup>. E aqui encontramos a forma final de outro trecho presente no MS, onde está escrito:

Com fidelidade nunca desmentida as trezentas páginas deste livro  
de acentuar a pureza e sublimidade do espírito dos dóricos e a avassaladora corrupção do oriente

Eudoro relê a obra sem deixar de ver nela sua beleza e importância. Mas insiste em identificar, helenista dedicado ao estudo das origens do próprio cristianismo, os “resíduos” do positivismo de Oliveira Martins. E a identificação deste resíduo ele o faz trazendo sua distinção que, *no que se publicou*, insiste numa posição que se tornou consagradamente eudoriana: a incompreensibilidade que a cultura e a política, mutuamente, geram para a ciência e para o conceito. Ou dito noutros termos, a política atrapalhando o juízo. Mas não a política que nos remete à *πόλις*, essa que nos liga à cidade impreterivelmente. Eudoro está reagindo ao panfleto, à cegueira das ideologias. Tal posição é extremamente compreensível quando se entende de onde ele veio (Alemanha durante a Guerra) e para onde foi (Portugal sob uma ditadura que não essencialmente combatia, nem publicamente apoiava).

Sobre a sua leitura do momento político português, momento próximo ao da publicação do texto que discutimos acima, em uma entrevista de 1949, perguntado sobre o que pensava do momento político português, E. respondeu: “Confesso que a luta pouco me interessa”<sup>366</sup>. A posição política de E., tendo em vista a discussão que ele faz do erro *político*

---

<sup>363</sup> Idem, 289.

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Idem, p. 289-290.

<sup>366</sup> Idem, p. 357.

que contribui para gerar o “resíduo positivista” de Oliveira Martins, não fica menos clara quando ele afirma, na mesma entrevista,

Inclino-me a esperar que o actual regime – que aliás, demonstrou a maior competência e o mais penetrante sentido das realidades no que respeita a obras públicas, economia, etc. – complete o seu programa construtivo, satisfazendo as ansiedades dos escritores e, de modo geral, de todos os intelectuais portugueses<sup>367</sup>.

A reflexão para a qual fomos levados pela viagem que a comparação entre o manuscrito e o publicado nos proporciona, uma comparação que não revelou diferenças substanciais, apesar de apontar a importância da “tese” e a exposição anterior que firma um sentido do Político para relegar ao dogmático outro, incondicionalmente nos leva à dedicatória feita por Adolfo Casais Monteiro anos antes, quando o poeta afirma esperar que Eudoro ganhe, além do “senso filosófico”, um pouco mais de “senso político”, para saber que *silêncio é concordância e portanto implica co-responsabilidade*.

Com a devida vênia pela fuga que a leitura forçosamente nos solicitou, de abandonar a questão científica pela política, cumpre-nos dizer que o que se nos afigura como o sétimo ponto do argumento eudorino sobre o livro de Oliveira Martins, intitulado “o recorte dogmático”, no fundo era onde começaria o “prefácio ou introdução”. Sem nenhuma mudança substancial do conteúdo do que é dito, não quer dizer isto que a mudança de posição dentro do ensaio não possa ser interpretada de outra maneira, por outras leituras, em pesquisas futuras. Mais relevantes seriam estas leituras, conforma a visão que o próprio Eudoro tinha da leitura, se dissociarmos – como não o fizemos aqui – a política no seu sentido menor, turvadora da terceira via pela qual caminha a verdade.

Assim ficou o trecho publicado em 1947, reproduzido na versão da INCM:

**O Helenismo e a Civilização Cristã** parece visar a solução de um problema que o desenvolvimento histórico da religião, no Ocidente, a cada “momento”, nos propõe; parece constituir um tentame de reposição e de resolução do denominado “problema religioso”, do ponto de vista histórico. Mas, desde o início, o autor nos adverte de que intencionalmente este problema será, por assim dizer, *segundo*, porquanto “a questão-mãe que nós temos de resolver para *que saíamos da crise de anarquia moral*, é a religiosa”<sup>368</sup>.

A religião é uma questão não entendida. A obra de Eudoro se dedica a tal problema. Ele, sua geração, de uma forma ou de outra reagiram ou discutiram a relação entre o pensamento filosófico e religioso. Nela, a religião, “apenas aspectos propícios à motivação de

---

<sup>367</sup> Idem, p. 358.

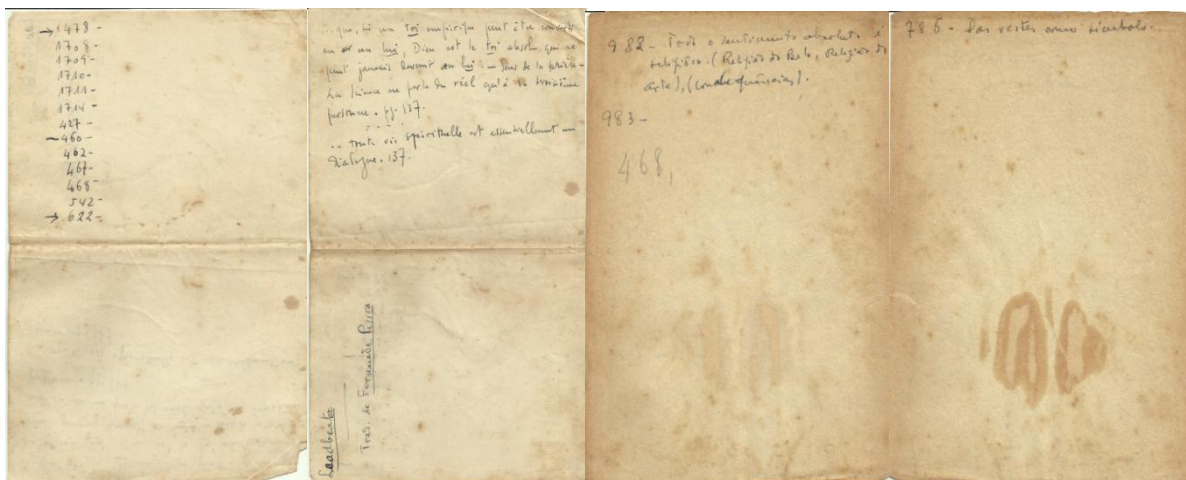
<sup>368</sup> Idem, 291, grifos de Eudoro.

opiniões morais e atitudes políticas” tem sido relevados. Quer helênica, quer cristã, quer qualquer outra, a religião tem sido tratada unilateralmente. E isso cada vez mais, onde o triunfo de um deus único toma conta de nosso sentido religioso, capaz de encostar o carro em um *drive thru* de oração.

A análise de Eudoro que não temos condições de acompanhar aqui, neste momento, deixa a marca significativa de, num “tema português”, que é como lhe classifica a edição da INCM, deixar precisamente delimitada sua crítica a um binarismo que separa religião e filosofia como a história da filosofia tem separado mito e logos.



## Manuscrito 22



Carta sobre literatura - Noch Nicht,  
die respekt zu Fiktion. Fankem, e gta  
ache Novalis, que ha uma dimensão  
e acrescentar e que é muito universal  
das literárias não serviu de crítica  
entre outros ainda muito universal.  
Auf die Philosophie angewandt...  
Aplicação à filosofia do Novalis: Deve haver  
entre o pensamento e o ser uma  
forma de equilíbrio partindo de qual  
ambos se podem governar; não  
qual a: forma, motivação de um  
pensamento em realidade.  
Wie jede Einheit ist...  
Assim como todo o sistema unitário  
isto começa com um qualismo  
assim começa também a ser  
fragmento

**Descrição:** Temos aqui três folhas distintas. Duas em que Eudoro escreve em frente e verso e uma última em que há escritos a lápis. A primeira folha (de dimensões 20,9x13,3/caneta porosa preta) lista fragmentos de Novalis e assinala a referência a uma tradução de Fernando Pessoa. A segunda (15,2x11,5) também anotada em frente e verso, também lista e traduz fragmentos. A última folha (13,5x10,4), está anotada a lápis apenas de um dos lados.

## Transcrição:

Fl. 1:

1478, 1708, 1709, 1710, 1711, 1714, 427, 460, 462, 467, 468, 542, 622.

Verso da fl. 1:

...que, si un toi empirism peut être converti en un lui, Dieu est le toi absolu qui ne peut jamais devenir en lui.  
Sens de la prièula sciente ne pare du réel qu'à la troisième persone. pg. 137

..toute vie spirituelle est essentiellement un dialogue. 137.

Leadbeater

Trad. de Fernando Pessoa

Fl. 2:

988 Todo sentimento absoluto é religioso (Religião do Belo, Religião da Arte), (consequências), 983, 468.

Verso da fl. 2:

785 Das vestes como símbolo

Fl. 3:

A crítica deste pre-citada “*Noch Nicht*” diz respeito à Filosofia. Também a esta acha Novalis que há uma dimensão a acrescentar e que é mais universal das ciências deve servir de cúpula outras Ciências ainda mais Universal.

*Auf die Philosophie angewandt...*

Aplicado à filosofia isto diz-se: Deve haver entre o pensamento e o ser uma zona de equilíbrio partindo da qual ambos se podem governar; na qual as forças motrizes se convertem em pensamentos e os pensamentos em realidades.

*Wie jede Einheitslehre...*

Assim como toda a doutrina unitarista começa com um dualismo assim começa também a dos Fragmentos.

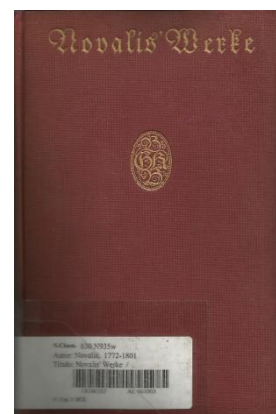
## Comentário:

O exemplar no qual os manuscritos acima foram encontrados parece ter história relevante no percurso intelectual eudorino. Tal história, imanente, está nos indícios, não sendo uma verdade. Entretanto, será a nossa, se essa nossa leitura não nos introduz a um significado mais amplo do pensamento de E., traz a dimensão poética para sua obra, uma prosa rebuscada e, em alguns momentos, direcionada a iniciados.

O livro é uma edição publicada na década de 1920 do século passado. A coleção quase centenária tem quatro volumes. Temos em mãos encadernados juntos os volumes III e IV, reunindo vários *fragmentos* do criador da “flor azul”.



O exemplar tem uma história anterior à biblioteca particular de E.: um carimbo no verso da última folha de guarda (o da primeira foi apagado) não deixa dúvidas de que o livro integrou a coleção de uma *Bücherei des deutschen vereins lissabon*. Duas indicações internas mostram que o exemplar era parte de uma coleção maior desta Biblioteca da Associação Alemã de Lisboa. Tal Associação, fundada em 1870, viveu as intensas crises durante as duas guerras mundiais e, ao que parece, ainda existe. Sua história



registra opulenta biblioteca que viveu, como é de se esperar, as problemáticas situações de dispersão inerentes aos conflitos bélicos. Acreditamos que destas situações críticas é que E. possa ter tomado para si um exemplar da *Bücherei* lisboeta.

A publicação da obra, durante os anos 1920, não marca uma das primeiras possíveis leituras de E. só pelo fato de ter sido adquirida no momento em que as tertúlias literárias das quais fazia parte estavam ainda vivas e influentes. A relação traçada entre Fernando Pessoa e Novalis nos parece ser rastro que também indica uma leitura muito antiga. Eudoro leu Pessoa muito cedo. Isso parece nos dar uma cifra interessante: o romantismo alemão de Novalis lido à luz de Pessoa? Um Fernando Pessoa lido à luz dos fragmentos novalisianos? A sugestão não seria apenas hipótese, não fosse o registro vertical de curiosa anotação, a saber, o nome de um autor que Fernando Pessoa traduziu em 1916: *C. A. Leadbeater*. Ora, que circunstância interessante pode ter reunido um autor esotérico como Charles Webster Leadbeater, os fragmentos de Novalis e um registro de certa tradução pessoana? O interesse maçônico de Pessoa e Leadbeater provavelmente não era o ponto comum que fez E. os ligar a Novalis. Não é impossível também que a anotação sobre **A clarividência** esteja deslocada no conjunto das anotações que, na verdade, listam fragmentos e cotejam a versão alemã com uma versão francesa dos mesmos fragmentos.

Quanto a este aspecto, concordando com Constança M. César, situando Novalis no pensamento de Vicente Ferreira da Silva, somos forçados a traçar uma linha comparativa entre ele e Eudoro no que toca à leitura do poeta romântico. A própria presença, na década de 1950 e 1960, de traduções feitas por Dora Ferreira da Silva da poesia de Novalis indica que este era um tema (além de Rilke, Hölderlin, Lawrence e *Fernando Pessoa*) presente. Exemplo da maior grandeza está da edição de *Cavalo Azul*, que apresenta um dos mais belos textos de Novalis (*Os Discípulos de Saís*) vertido para o português por Dora. O número inaugural, que se abre com uma discussão sobre *Aspectos do romantismo alemão*, é notável demonstração de que a razão lógico-discursiva, objetiva, aqui simbolizada pelo texto de Anatol Rosenfeld, é incapaz do impactante significado sem mediação que a poesia (na trad. de Dora) atinge nas páginas imediatamente seguintes.

O diálogo entre poesia e filosofia, sobretudo para que a ênfase da primeira se manifeste, as diferenças entre facetas do romantismo na Europa, nenhuma explicação de Rosenfeld é mais apropriada do que a referência que ele próprio faz a F. Schlegel: “Um homem bem livre e culto deveria poder afinar-se, à vontade, de um modo filosófico ou filológico, crítico ou poético, histórico ou retórico, antigo ou moderno – bem arbitrariamente,

da mesma forma como se afina um instrumento, a qualquer hora e em qualquer grau”<sup>369</sup>. Essa nos parece uma das maneiras de entender a filosofia dos fragmentos de Novalis, uma filosofia para a qual há um diálogo essencial em toda vida espiritual manifesta (*toute vie spirituelle est essentiellement um dialogue*).

Quanto aos trechos que fazem brilhar os olhos de quem, inspirado por alguma crítica genética, tende a esperar novidades inéditas, as anotações a lápis da fl. 3 não passam de traduções feitas para as partes que mais lhe chamaram atenção no *Einleitung des herausgebens*. No prefácio, Hermann Friedemann diz textualmente, entre as páginas 10 e 11.

Die Kritik dieses vorausdeutenden “Noch nicht” trifft auch die Philosophie. Auch ihr meint Novalis eine Dimension hinzuzusingen und dia universellste der Wissenschaften mit einer noch universelleren zu überwölhen.

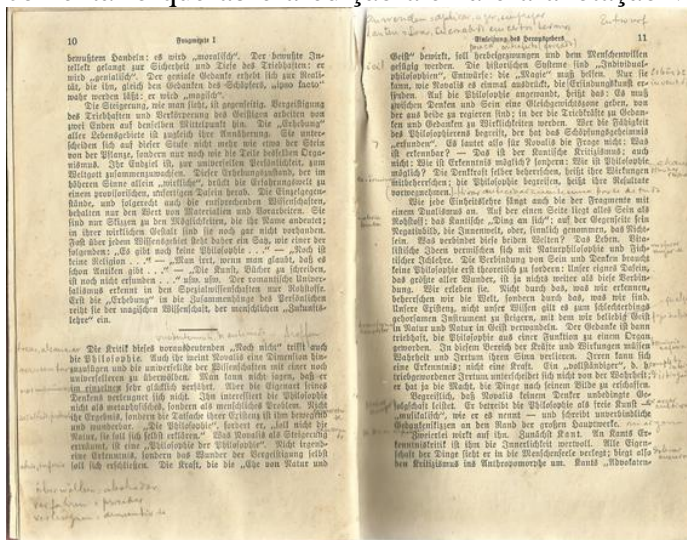
Na página seguinte:

*Auf die Philosophie angewandt*, heist das: Es muss zwischen Denken und Sein eine Gleichgewichtszone geben, von der aus beide zu regieren sind; in der die Triebkräfte zu Gedanken und Gedanken zu Wirklichkeiten werden.

E ainda,

*Wie jede Einheitslehre* fängt auch die der Fragmente mit einem Dualismus an.

A leitura da anotação que traduz o comentário, uma das tantas traduções que nosso leitor realiza como procedimento padrão, esclarece: não parece haver relação entre o comentário que abre a edição alemã e a anotação vertical que registra o nome de Fernando



Pessoa. Ainda assim, a imagem das duas páginas lidas demonstra, nas margens, vastamente anotadas de um alemão que ia se firmando, o ímpeto voraz de uma leitura que precisava ser decifrada. E decifrada com suporte francês.

Tal “cifra”, tem de passar pela poesia e pelo *status* religioso que o poético funda. Para Vicente Ferreira da Silva,

explica a prof. Constança, Rilke, Hölderlin e *Fernando Pessoa* compartilham de uma visão de mundo comum que envolve, como faces da mesma moeda, mito e poesia.

<sup>369</sup> ROSENFELD, Anatol. Aspectos do romantismo alemão. In: *Cavalo Azul*, nº1, março-abril, 1965, p. 11.

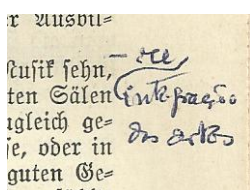
A investigação de Vicente sobre Novalis (e aqui nos referimos, não por coincidência, à sua leitura de *Os Discípulos de Saïs*), estamos diante de duas codificações distintas: a do poeta e a do cientista. Estamos diante de uma polaridade que E. levará para toda sua obra: mito e logos. “Examinando os poemas de Novalis”, Vicente teria descoberto que “o mundo é um mistério a ser decifrado”<sup>370</sup>. A ideia de uma existência fundada na poesia, sobretudo de uma poética que, prometicamente, vê sempre antes da filosofia, segundo Vicente, se tornou preponderante em boa parte da filosofia contemporânea (Nietzsche, Bergson, Heidegger).

Aliando esta maneira de pensar a outro expoente deste tempo, Rilke, também objeto de uma das mais belas traduções de Dora Ferreira da Silva, vemos que

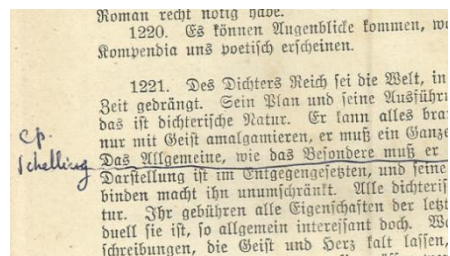
No Romantismo alemão, e principalmente, na obra de Novalis, o poeta é visto como o mediador entre Deus e os homens, o revelador da verdade. A razão que o inspira não é a razão discursiva, mas a razão abissal, símbolo e mito na sua manifestação<sup>371</sup>.

Quando em **História e mito** vemos E. desenvolver o assunto (*Mito, sensibilidade e natureza*) à luz de uma glosa de Schelling e remontando à natureza críptica da fisis, quando ele diz textualmente, parafraseando o próprio Schelling, que *o espírito é o indiscreto revelador do que a natureza preferiria deixar secreto*, trazendo como imagem que antecede toda sua prosa a Noite cósmica de Álvaro de Campos; vemos como Fernando Pessoa perpassa seu pensamento, desde o início de suas primeiras leituras – época em que talvez se dedicasse às mais principiantes aproximações esotéricas (Leadbeater) - até o final de sua vida. Inspirado em Schelling, para E. mitologia e natureza não são conceitos indefiníveis separadamente. Entre a filosofia da natureza e a filosofia da mitologia, relação de codependência que sinaliza (*Natureza e passado mítico*) parece termos diante de nós uma linhagem que vincula Heráclito, Pessoa, e Novalis com toda diversidade e complexidade do romantismo alemão.

A ideia da arte como essência de toda filosofia verdadeira (Schelling) parece já ser uma busca que E.



vislumbra, marginalmente, quando propõe a comparação do fragmento 1221 e Schelling, ou quando aponta a



“reintegração das artes”. Não há dúvidas de que as reflexões acima, feita

de imagens da leitura e de decalques do estudo que a professora Constança fez sobre o estudo do mito em Vicente Ferreira da Silva, estão passíveis de caírem abaixo. Basta que se saiba

<sup>370</sup> CÉSAR, Constança Marcondes. **O Grupo de São Paulo**. Lisboa: INCM, p. 105.

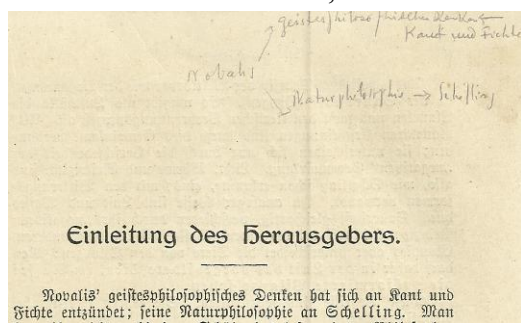
<sup>371</sup> Idem.

que para Ordep Serra, por exemplo, a influência de Vicente em Eudoro teve um efeito “não muito positivo”<sup>372</sup> e que a própria professora Constança aponta, em sua tese de livre docência, distinções significativas entre ambos, Eudoro e Vicente. Independentemente das verticalizações, sempre arriscadas, aqui propostas, não há dúvidas de que a visão de mundo de Novalis, ao anunciar um novo tipo de pensamento que funda a existência humana na poesia, colocando em primazia o mito sobre o logos, oferta elementos que Eudoro, Vicente, e um certo círculo intelectual paulista que os rodeou em meados do século passado compartilhava.

Quanto aos outros não sabemos. Em relação a Eudoro, o exemplar acima, com suas anotações, ainda que meros rascunhos, sinalizam um interesse romântico que veio de muito cedo e que prismou a gênese da visão de mundo eudorina. Novalis, Rilke, Lawrence e F. Pessoa, cada um à sua maneira - e já sabemos da predileção pelo último – deram a toda essa geração a imagem mítica do mistério da existência que as filosofias para sempre tentariam desvelar.

Um dos seus primeiros textos, escrito em 1944, já anuncia sua leitura do mítico à luz da concepção que Schelling. Nesse mesmo artigo, escrito algum tempo depois de sua chegada da Alemanha, fala-se de entender a alma (de um povo) por meio da poesia, anseio que ele já havia levado para as aulas que dava a autoridades e alunos da Universidade de Heidelberg.

Em *Arte e escatologia*, onde encontramos reflexões sobre o romantismo alemão, inclusive sobre suas derrotas diante do classicismo, apontando a síntese vitoriosa do Liceu sobre a tradicional polaridade tese clássica da imitação *versus* antítese romântica da criação, E. afirma: “Com efeito, a estética romântica tinha de postular a veracidade do famoso



fragmento de Novalis: ‘a poesia é o real absoluto’<sup>373</sup>. A acidez das páginas iniciais dos fragmentos da estética de Novalis não deixa dúvidas: o “famoso fragmento” 1186, na versão lida por E., que diz *Die Poesie ist das echt absolut Reele* não apenas contribuiu, muito cedo, para firmar as

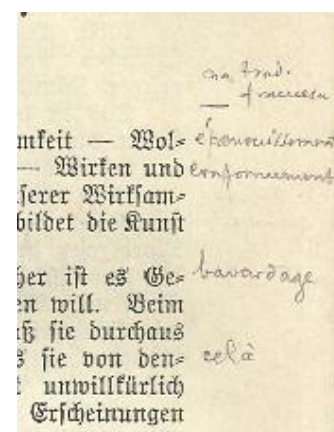
bases de uma leitura de mundo, como foi a porta de entrada para toda uma tradição clássica que se envolveu com o efeitos do romantismo, num tipo de volúpia intelectual que ainda hoje nos afeta. As sementes da crítica genética, por exemplo, foram plantadas naquele frutuoso momento da virada do século XVIII para o XIX na Alemanha, quando Novalis ecoava o pensamento da filosofia do espírito de Kant e Fichte de um lado, e de outro a filosofia da

<sup>372</sup> SERRA, Ordep. A bela dádiva. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003, p. 53.

<sup>373</sup> DC., p. 157.

natureza de Schelling. No topo do mesmo estudo que antecede os fragmentos, Eudoro assinala, a lápis, a interpretação da edição. *Novalis geistesphilosophisches Denken hat sich an Kant und Fichte entzündet; seine Naturphilosophie an Schelling*. Também interessante é encontrarmos no início do *viertel teil*, a reunião em torno do fragmento 1370 dos nomes de “Carus, Bergson e Klages”, traço que avizinha a leitura desta edição de Novalis à leitura de *Romantische Naturphilosophie*, escrito por Wilhelm Rosle, publicado em 1926. Nesta última obra, além de vasto material de estudo marginal (para a interpretação de filósofos do romantismo) o prefácio explicando Herder, Goethe, Kant e Schelling registrar em algumas de suas margens, repetidas vezes o par “*Leben und Geist*”, para terminar com duas anotações que resumem o prefácio: “história da relação *Leben – Geist*” e “caráter rítmico da vida”, esta última noção, sempre ladeada pelo nome de Klages.

O que temos aqui é exatamente o ciclo de leituras germânico, protagonizado pelo interesse que, em carta para Delfim Santos, já na Alemanha, Eudoro afirma ser a filosofia do romantismo e a obra de Schelling e Ludwig Klages. Outras preferências imagens filosóficas foram encontradas já neste período, como quando vemos que o par sono-vigília, que mais tarde seria fundamental em sua interpretação de Heráclito, são encontrados no telurismo de Dietrich Georg von Kieser.



Voltando a nosso exemplar, onde encontramos manuscritos que cotejam a edição alemã com outra (“na trad. francesa”), a leitura das margens não deixa dúvidas de que o leitor tem como suporte duas edições em mãos. Eis uma razão de nossa estranheza ao perceber que não há nenhuma outra edição Novalis que tenha pertencido a E.

O exemplar de 1920 que E. leu, foi um dos que foi à sua casa na Colina quando o CEC fechou. Em 1987, foi comprado para se integrar ao acervo do que se tornou a coleção de estudos clássicos, coisa que nunca ocorreu. Em 2007, após o triste acontecimento dos descartes “burlescos” comentados ao longo desta dissertação, um grupo de estudantes *voluntários* desenvolvemos propusemos e realizamos um projeto de extensão que lançava enfim ao acervo o que ainda existia no segundo subsolo da BCE. Eu pessoalmente retirei esse livro do depósito, com papel mata borrão e lidas limpei superficialmente o exemplar devido à sujeira de anos que



escureciam os cortes, procedimento feito para permitir que os livros fossem ao acervo sem infectar outros. Hoje o livro está no acervo geral da UnB (com carimbo de registro de “doação anônima” e catalogado em janeiro de 2009) onde pude encontrá-lo e, nele, recolher estas anotações acima que estavam dentro da obra, suscetíveis à displicente leitura geral. Constava ainda no exemplar, entre as pp. 214-215, imagem recortada de jornal de *As três idades do homem e a morte*, do pintor renascentista alemão Hans Baldung.

A obra de arte, o trânsito entre as artes, a própria lição que os fragmentos dão, fragmentos que preservam sempre a natureza múltipla e heterogênea do disperso, do mutilado, filosofia do inacabamento; remete a uma história que me foi contada por Maria Coeli, aluna e amiga de Eudoro de Sousa. Atriz, cineasta, pintora, roteirista, múltipla, na década de 1960 vinha sendo criticada por professores pela falta de foco, por fazer de tudo, filmar, gravar, pintar... era preciso escolher uma coisa e fazer, ao invés de querer fazer tudo. Cobrada, incomodada, Maria Coeli foi procurar Eudoro, para lamentar o que sentia ser uma incompreensão dos professores. Eudoro não teve dúvidas e orientando com a firmeza do grande Mestre disse: “Não há nada errado Maria! Tudo isso que você faz é você. Você se expressa em todas essas coisas. E não há razão para ter que escolher nenhuma delas”.

Quando Novalis diz, em um de seus mais belos fragmentos que Dora Ferreira da Silva tão lindamente traduz, que o Mestre “sabe reunir os traços dispersos por toda parte”, ou que, quando criança:

(...) vagou pelo mundo, viu outras terras, outros mares, outros espaços, constelações desconhecidas, plantas singulares, homens, animais; percorreu grutas profundas, observando como a terra se configurava em camadas e estratificações coloridas, imprimindo argila nas bizarras formações rochosas. Encontrou por toda parte o já conhecido, mas em extravagantes agregados e junções, e assim, *em seu próprio espírito, as coisas mais estranhas espontaneamente se ordenavam. Percebeu correspondências, encontros, coincidências em tudo. Logo, nada mais viu solitário*<sup>374</sup>.

Quando relembremos a história íntima de Maria Coeli e, para além dos complexos emaranhados filosóficos que essa nossa viagem apenas mapeia, se formos à imagem poética primordial que aqui se encontra, na leitura que Dora, Vicente e Eudoro, que toda uma geração, fizeram de Novalis, quando tomamos consciência de que a flexibilidade de suas fronteiras disciplinares, bem como a configuração alexandrina de sua biblioteca, obra prima como nunca houve na história da UnB e nos estudos clássicos na América Latina, vemos que

<sup>374</sup> SILVA, Dora Ferreira da. Os Discípulos de Saís (trad.). In: *Cavalo Azul*, nº1, março-abril, 1965, p. 23.



a lição do criador da flor azul em nada se distancia de uma das mais belas odes do homem que mais influenciou Eudoro de Sousa:

Para ser grande, sê inteiro: nada  
 Teu exagera ou exclui.  
 Sê todo em casa coisa. Põe quanto és  
 No mínimo que fazes.  
 Assim em cada lago a lua toda  
 Brilha, porque alta vive.

(Ricardo Reis)

## §

### *Comentários ao conjunto dos manuscritos*

Algumas conclusões prévias. Em primeiro lugar, estamos diante de 22 “manuscritos” com naturezas diversas, mas que podem ser lidos como elos de uma forma de estudar. São fragmentos de um pensamento, um *modus operandi* que se interliga. Quando enfrentados separadamente não dizem, nem calam. Quando lidos em uma abertura que tem sido o gesto interpretativo ao qual nos impomos, tais pedaços esquecidos por uma biblioteca dispersa e dilapidada dão sinais da oracular maneira com que Eudoro de Sousa lidava com sua leitura/escrita.

Os 22 exemplos dados se dividem em cinco grandes grupos que designaremos como a) transcrições/traduições, b) bibliografias, c) tópicos/roteiros, d) material em grego e, por último, e) “autorais”.

O primeiro e maior grupo reúne os manuscritos (MS2, MS3, MS4, MS19, MS9 e MS22). Imensa maioria de transcrições e traduções para fins de estudo, aulas, cursos, vale destacar o fragmento que diz respeito a Novalis (MS22), pois se trata de um estudo que parece se localizar em um período bem remoto, além de estarmos diante de anotações feitas a partir de duas edições distintas, realçando (especialmente se a hipótese cronológica for confirmada) a preocupação bibliográfica sempre presente. Ainda nesse grupo, formando um bloco destacado, temos manuscritos que convergem com o período “germânico” de Eudoro. Pelas suas naturezas físicas e de conteúdo, acreditamos que tais manuscritos (MS10, MS11, MS12 e

MS13) foram anotações da época de Heidelberg, constituindo folhas extraídas de um *caderno alemão* utilizado para as aulas e estudos da época.

O segundo grupo é constituído de bibliografias, listas de livros que, infelizmente (ao menos a maioria) parecem não constar mais no atual acervo disperso. Tais listas (MS16 e MS20), carregam a curiosidade de, além de oferecer perfil de pesquisa, de um lado acentuam influência francesa, de outro influência alemã.

Um terceiro grupo enigmático (MS5, MS6 e MS1) fazem parte de tópicos/roteiro. Dois deles, sem localização, dificultam a construção e sentido. Podem ser fichamentos de leituras, mas podem ser também propostas de artigos, ensaios, livros, aulas. Não se sabe, ainda. Vale lembrar que o MS1 pode ser mais do que topicalização de uma leitura, já que acreditamos que sejam anotações que possam ter participado da estrutura mental que favoreceu o comentário da **Poética**.

O quarto grupo (MS8, MS14, MS17 e MS18) é semelhante ao primeiro. Separados apenas pela questão da língua, estão escritos em grego, o que talvez justifique um olhar especial, daí sua separação. Vale destacar a curiosidade burocrática que assinala horário, dia de aulas, livros de estudo (MS17) e também o MS14, por tratar-se de um estudo filológico mais sério que não deixa de ser “autoral”, apesar de não termos encontrado a discussão na obra de Eudoro que foi possível ler durante esta pesquisa. No MS8 há uma versão de tradução de Eudoro, mas parece haver também um exercício, o grego sendo manipulado na estrutura frasal.

O quinto e último grupo (MS7, MS21, MS15, MS18 e MS1) fazem parte de um grupo que denominamos de “autoral”. Estes materiais são mais férteis ao estudo genético que pode ser feito, na medida em que estão sendo construídas e reconstruídas frases para integrarem ensaios, são analisados livros que serão criticados em ensaios e textos, ou seja, estamos diante de um material do Eudoro escritor/ensaísta. O MS15, por exemplo, se confirmada sua autoria, é uma descoberta feliz por se tratar de três páginas novas sobre Hegel, assunto que Eudoro deu cursos, sinalizava em suas produções, mas do qual não se tem muitas linhas. Apesar disso, a tendência é que seja uma tradução. As variações riscadas, substituídas, olhadas com cuidado, podem dar a entender a opção do tradutor, ou a hesitação de quem está escrevendo algo original. Não foram usados critérios firmes para nossa maneira de descrever. Apesar da tentativa de fazer a transcrição “diplomática” de alguns textos acima, estou ciente de que não fui preciso em muitos deles, com o agravante de que o parco conhecimento de francês, alemão e grego muitas vezes dificultaram as transcrições. Trata-se de tentativas iniciais que, esperamos, serão apropriadamente trabalhadas e desenvolvidas em trabalhos futuros.

Dar a ver um material encontrado, esquecido, que merecesse ser trazido à tona após a grande Noite que viveu e ainda vive o legado dessa biblioteca e seu artista. Mas não apenas dar a ver, como tentar ao menos sugerir os gestos interpretativos que, em nosso caso, saem e voltam sempre à biblioteca eudorina. Uma biblioteca que já foi a mais importante biblioteca do assunto na América Latina e que hoje, só restam alguns fragmentos dispersos em livros esquecidos e mal cuidados, em uma universidade que sequer tem leitores para uma biblioteca dessa natureza, tendo em vista a crise profunda que passam os estudos clássicos, uma crise desencadeada na década de 1960, com um impacto ainda hoje sentido nas Humanidades da UnB onde um projeto da natureza pensada por Eudoro, como afirmaram muitas histórias de quem ali viveu, não tem espaço mais na atual conjuntura universitária.

Só com uma reconfiguração total, informática, logística, abertura transdisciplinar (e não os grupúsculos que se privilegiam do que resta deste acervo), só quando a UnB se propuser a repor o que foi embora, a encontrar a mapoteca perdida, a restaurar os microfimes que eu mesmo cheguei a ver repletos de fezes de insetos (alguns microfimes são raríssimos), só quando se pensar um projeto, amplamente discutido (e não apenas com “autoridades” acadêmicas e/ou docentes), para fazer voltar o que não é apenas uma “coleção” de livros entulhada em um espaço intransitável, subtraído constantemente pelos desmandos dos dados de leitura e empréstimo. Somente quando tomarmos para nós tal problema é que poderemos começar a falar em estudos clássicos na Universidade de Brasília. Tudo que fuja a isso, que continue, coniventemente, deixando de lado a questão dos livros de Eudoro de Sousa, será um blefe greco-romano em revistas e publicações *ad hoc*.

Os estudos clássicos em Brasília carregam o bônus e o ônus de terem em sua história a presença de Eudoro de Sousa. Essa presença, entretanto, não pode ser tratada apenas alegoricamente. Fazer estudos clássicos em Brasília e, de certa maneira, no Brasil, é dialogar compromissadamente com as portas abertas por Eudoro de Sousa desde sua chegada com família e biblioteca no porto de Santos, trazendo em um dos braços o sonho de se tornar professor de grego, no outro (debaixo da recém-publicada tradução de Aristóteles) os rascunhos da tradução dos pré-socráticos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Coisas varridas e  
ao acaso  
mescladas  
- o mais belo universo.  
Orides Fontela*

### *Da crítica*

1

O mercado se acostumou a gostar do produto que demasiadas vezes a crítica (não só genética) lhe entrega, já que essa tende a lhe oferecer, sempre que pode, edição nova, “revista”, com notas e/ou marginalias do autor. A *tendência* em proporcionar publicações sem dúvida acabará gerando uma escola. A crítica não pode *servir* nem estar à mercê do que quer que seja, menos ainda da novidade editorial. Pensar uma obra, desenvolver um conceito a partir da experiência que a leitura (do manuscrito, da anotação etc) implica não pode se prestar a *produzir resultado* esperado por leitor algum. Quando a pesquisa começou bibliotecários e acadêmicos perguntavam *para quê* tudo aquilo. Só quando nossa leitura (e a pesquisa) forem *um fim em si* a crítica terá liberdade autêntica.

2

Quando nada acontece após a chegada de algo de tal grandiosidade, quando há silêncio institucional sobre o impacto da compra de uma biblioteca onde transbordam elementos a serem investigados e, pior, quando são criadas condições para que a pesquisa se torne inviável; assume-se a decadência derrotista que a fortuna crítica *em Brasília* se deixou afundar. Não apenas as Letras, com todas suas disputas disciplinares (críticos literários ou genéticos, representacionistas ou derridianos, marxistas e evangélicas), mas as Humanidades na UnB perderam a grande chance de perceber, como percebia Agostinho da Silva, que o centro de estudos clássicos *era a base, que nunca houve, de uma tentativa cultural realmente nossa*.

3

Nascida no seio do *manuscrito literário* (como cadernos e anotações de poetas e escritores) a crítica genética aqui parece ter sinalizado os limites da sua possibilidade. Se foi ou não feita a investigação *à genética*, é mais porque os elementos de fundamentação não deram suporte ao que o material apresenta, do que pelo fato de não haver aqui condições para o desenvolvimento de estudos dos mais variados, desde a exegese da marginalia e das relações intertextuais entre leituras, até elaboração de propostas verdadeiramente engajadas com o

legado eudorino, propostas que o editem, por exemplo, fazendo emergir (anábase) o valor ainda imperscrutável que sua obra (a biblioteca+aulas+seminários+livros) tem para seus escritos. A chega de um tesouro de tamanha magnitude não acontece outra vez. O evento é a expressão da própria noção da raridade. A UnB perdeu a chance de fazer deste material um centro de pesquisa. Tal como *equipe* H. Heine ou *equipa* F. Pessoa, só isso poderia ter evitado o sepultamento *post-mortem* de Eudoro de Sousa em uma catábase iniciação ou mistério algum, condenando-o às várias mortes sucessivas ao longo de décadas (de 1987 aos dias de hoje). Enquanto a comunidade não discutir a condições de possibilidade desse pagamento retroativo de nossa dívida com a própria história da UnB e com um dos capítulos mais profundos de história intelectual brasileira recente, a miséria crítica estará na ordem do dia. Basta que se leiam as duas mais recentes reedições da obra de Eudoro, onde intelectuais sérios ignoram a perda citando em notas de rodapé ricas preciosidades vendidas no peso.

4

Há entre as anotações de Eudoro de Sousa camadas que sugerem os estudos do *professor*, elaborações do *ensaísta*, notas do *leitor*, vestígios biográficos do *homem*. Apenas identificadas nestes estudos iniciais, estamos diante de um conjunto irregular que demonstra o potencial do que ainda pode existir disperso. A noção de uma crítica *exógena*, como afirmou um dos grandes expoentes da crítica genética no Brasil, permite que se entenda a obra de Eudoro por meio do que não é nem poderia ser o publicado. Exemplo disso é a *compartimentada diacronia* definidora de tempos diferentes entre os fragmentos que analisamos. Parafraseando o próprio Eudoro, mais fácil do que demonstrar como se resolve um problema é *indicar* como de modo nenhum se resolverá. A vasta produção, em folhas soltas e dispersos (além de marginalias) encontradas abre pouco espaço para “novidades” eudorinas. Ela aponta, contudo, o teor verdadeiro de sua escrivinha, colocando em nossas mãos seus instrumentos de trabalho, a forma como trabalhava e traduzia um texto ou anotava copiosos elementos bibliográficos, lido e relidos só para confirmar, como certa vez disse, “que não poucos nada tinham que ver com o tema do nosso trabalho”.

5

A beleza de um manuscrito, já foi dito, está na sua interpretação, na sua leitura, no ato criativo que se opera no fazer crítico. No nosso caso, estivemos sempre diante de materiais que nos levaram à biblioteca de seu autor. Mas não à atual coleção. Sempre estivemos diante de uma biblioteca que (como afirmou certa vez um comentarista de Michel Foucault) não era apenas um *espaço literário*, mas uma *coisa mental*. Eudoro não era um poeta, um escritor no sentido

que a crítica genética se acostumou a (gostar e preferir) ler (M. Proust, H. Heine, G. Rosa, F. Pessoa). Eudoro resistia o quanto podia à publicação. Da versão (final?) publicada do ensaio que fecha a obra **Dioniso em Creta e outros ensaios** (1973), por exemplo, consta em nossa casa uma Separata perdida. Vinte anos separam as duas versões. Desmembrada para outros textos, reescrita, estamos diante de uma escritura adiada. Só os que estiveram ao seu lado, sobretudo em aulas, seminários e no dia a dia (Ordep Serra, J. Evangelista, por exemplo) tem ideia do processo. Crime perfeito, estamos diante de muitas marcas (provas) ausentes do que almejávamos entender num “processo eudorino”. *A ausência de provas, entretanto, não prova a ausência*. Há um processo aqui e ele não é o da crítica genética, apesar de partir de semelhante materialidade. Ou não é, ainda. A “manuscrita” vive a uma sutil distância da dialógica. Como dizia um amigo íntimo (Vicente Ferreira da Silva) acerca de Novalis: *estamos diante de um homem que não vivia para se derramar nas páginas de livros*. Talvez seja por isso que, assim como expressa a obra novalisiana, o esboço, o índice, a lista de tópicos, a mera anotação não sejam meros acidentes de seu *modus operandi*.

6

Em uma das edições de *dispersos* eudorinos enviada aos leitores brasileiros pelo fértil círculo intelectual português, diz-se: “(...) quando o mesmo artigo veio a público mais de uma vez (...) acolheu-se a última versão, por certo mais conforme à intenção autoral”. A advertência, ainda que *estrangeira*, diz algo diretamente à teleologia de certa maneira de entender o processo. Quem garante que a “forma final” era a “mais conforme”? Ou não será possível que um texto *depois ter ganhado mais* linhas, *mais* páginas, outras formas... não tenha ao final perdido algo? A leitura de *Filologia e Filosofia*, aula dada em São Paulo, quando cotejada com o que virou o texto que a absorveu em **Dioniso em Creta e outros ensaios** (1973, pp. 228-237) não mostra apenas poucas alterações diante dos quase vinte anos de distância. O que extraiu do texto que virou ensaio, foi exatamente a cabeça e os pés de um programa de estudos, estrutura fundamental para compreensão do Mestre, professor, gestor de um Centro de Estudos, por exemplo. Ganha-se por um lado, perder-se por outro. No final das contas, o próprio autor também atua como Procusto sobre si próprio, editando (muitas vezes por forças das circunstâncias de *ter que publicar*) a si próprio, deixando velados alguns traços fundamentais de sua “obra”, palavra que vai perdendo sua redondeza intocável.

*Da obra*

7

Ainda não foi feita a relativização necessária do heideggerianismo de Eudoro de Sousa. Não do Heidegger que ele realmente leu, citou e absorveu como influência marcante, influência bem criticada por Teodoro Rennó Assunção. Trata-se de investigar em que sentido seus comentadores, na esteira de Fernando Bastos, *usam* de uma filiação a Heidegger como argumento de autoridade que supostamente legitima (academicamente? intelectualmente? Germanicamente, e por isso mais filosoficamente?) a obra eudorina. Chegou-se a falar que eles teriam se conhecido, que Eudoro teria sido monitor do filósofo alemão. Há controvérsias. É chegada a hora de investigar outras influências, como quando Eudoro, citando Heidegger, dizia ao professor João Evangelista, durante a ditadura na UnB: “não importa quem esteja governando, desde que eu possa trabalhar e pensar”. Autodidata que contou com vários mestres no decorrer de sua vida, é bem certo que *poucos o ligariam a algo que não fosse a Alemanha, tão preponderante era o influxo germânico de seus escritos* (Joaquim Domingues). Esta constatação do Amigo e hermeneuta português ainda não foi discutida com seriedade no Brasil. Lusofobia? Não se sabe. Eurocentrismo (desde que essa Europa não seja a ibérica) sem dúvida. Mais fértil é dar ao seu pensamento o lugar-comum de uma filiação ao sistema do heideggerianismo, um *ismo* que talvez ele próprio negasse. Como quando na única gravação em vídeo adverte os alunos: “isso para Heidegger, *para Heidegger*”. Vinculado ao círculo ou *grupo de São Paulo*, alinhado a Heidegger e ao pensamento alemão, pouco se falou da influência de intelectuais como os que conviveu, originados na Faculdade de Letras do Porto de Leonardo Coimbra, como o próprio Álvaro Ribeiro, segundo ele próprio, sua mais forte influência (externa) e um dos que o impulsionou a buscar a Alemanha. Ainda não se julgou com temperança o quanto a reação consciente e crítica à francofilia de Portugal no início do século XX contribuiu para voltar este desiludido intelectual português (como tantos daquela época) para um *corpus* e uma perspectiva (a *Altertumswissenschaft* para a qual ele sempre levantou bandeira) que foi sempre a camada mais coesa, visível e ordenada de sua verve, sem contudo ser o que havia de mais profundo em suas motivações intelectuais. Tendo guardado na gaveta mais íntima de si sua verdadeira inspiração, muito mais silêncios existem do que expressões claras sobre a gênese de seu pensamento. Ex-seminarista, nunca deixou de frequentar as missas de domingo em Santa Catarina...Acostumou-se a deixar parte de seu passado sepultado (como quando se recusava a escrever aos amigos), o que nos impõe enorme dificuldade em ver nele filiação à filosofia portuguesa que, à sua maneira, sabemos representar. José Teixeira Rego, Leonardo Coimbra, José Marinho, Álvaro Ribeiro, Bruno,



por que buscar em diálogos tão nodais as raízes de um pensamento que tão manifestamente se mostra como germânico, heideggeriano e romântico? As últimas linhas do comentário ao manuscrito 11 se propõem a alargar um pouco mais o debate sobre a zona de influências que se abre para enigmas decifráveis, mas que se fecha cada vez mais a um círculo de iniciados que é preciso colocar fim.

8

O tema órfico não nos parece apenas imagem de uma sobrevivência antiga, *símbolo de todo filosofar*. Na intenção de entender a imagem de Orfeu – que o levou a elaborar refinada investigação das fontes sobre as quais aprendeu a se debruçar de maneira única – ficou em sua obra a capa da erudita escola que o formou em Heidelberg. Orfeu, ao que parece, é imagem que tem voz e lugar muito bem definido no percurso eudorino: os cafés portugueses e as tertúlias literárias. A imagem de Orfeu se nutriu ali entre amigos. Muitas vezes até perdendo tempo por estarem mais conversando do que “produzindo” (como certa vez um deles reclama) é que se gestou esse culto generalizado (e que remonta à geração imediatamente anterior) da figura de Orfeu, do tema do Mistério, que Eudoro vai levar para toda a vida, a ponto de nunca deixar de lado a imagem desse *poeta-filósofo* que tão bem sintetiza o âmago de sua mitologia. Quanto mais poético mais verdadeiro, já diz a filosofia de Novalis. Quem não vê a presença de Fernando Pessoa em muito do que Eudoro escreve, não percebeu ainda que esse reatar com a tradição da antiguidade teve suas sementes jogadas no solo pré-germânico. Sua ida à Heidelberg, para além de crises financeiras e econômicas, fecundou no célebre helenista uma metodologia, uma disciplina imprescindível, desenvolveu nele a *ciência da antiguidade* clássica e, principalmente, forneceu dados e fontes e testemunhos e fragmentos para a realização de uma intenção que é mais do que o que sua obra (a publicada) mostrou. A pouca presença de exemplares de Fernando Pessoa, Novalis, Hölderlin, dentro do acervo de Eudoro não sugere apenas que tudo esfarelou. Não terão sido estes poetas prismas que se impregnaram em seu pensamento bem antes de sua vinda para o Brasil? A afirmação de que foi Fernando Pessoa o filósofo que mais o influenciou ainda não recebeu a atenção merecida. Até quem se considerava discípulo ignorou oracular mensagem. As poucas páginas em que deu sinais da mais latente influência pessoal, deixam claro que até suas últimas linhas tinha seus poetas engatilhados para combater científicisms e erudições emburrecedoras.

*Do homem*

9

Conseguiu conviver magistralmente com ditaduras. Superestimava as obras do governo Salazar, mesmo sendo antissalazarista. Foi presente em Heidelberg durante a época de “exaltação gloriosa” da Alemanha nazista, dando aulas de língua e poesia portuguesa a figuras cruciais na propaganda de Hitler. Conviveu no círculo de Miguel Reale para, enfim, se tornar um querido de Azevedo e Edson Nery da Fonseca (ao menos é o que dizem). Ainda assim, os relatos e memórias de amigos, discípulos, alunos, nos impedem de termos aqui uma personalidade “reacionária”, “de direita”. “Nunca!”, afirmaram vários...Teve que responder a Inquérito Policial Militar em Brasília. Tratava mal os subordinados e era incapaz de enfrentar uma autoridade acadêmica. Covarde? Conformado? De forma alguma. A vida foi agitada para Eudoro de Sousa e sua biblioteca. E depois que a utopia da Universidade de Brasília rachou, com tudo que nela havia de concreto, era difícil pensar em uma linha de fuga. Ir para onde? Bahia? Yale? Japão? Sesimbra? Os últimos anos que lhe foram reservados foram dedicados a reunir uma obra (que muitos desejariam apadrinhar), tomar remédios na hora certa, ouvir um Mahler com um discípulo, ouvir um samba com os amigos, receber curiosos para entrevistas (raras) em seu apartamento...ler **O livro do Desassossego**.

10

Um neto comenta que não se podia falar na hora do almoço: ele estava lendo. Marcas de comida ainda estão em alguns exemplares da biblioteca. Amigos dizem: “devia ser difícil ser filho do professor Eudoro”. A prole não deixa dúvida: uma caçula maravilhosamente inteligente, rebelde, usa a televisão só para ouvir rádios e não troca sua água de coco com saquê por nada no mundo; um filho do meio que guarda memórias respeitáveis e que, depois de anos, volta ao Brasil; um primogênito que assumiu o legado do pai, disciplinado, criterioso, mas voltado para o cinema, para imperdíveis resenhas musicais nos mais interessantes programas de rádio da cidade, poeta “quase” marginal, encontrável no Beirute com precisão filológica. De Joaquim pouco se sabe, morreu ainda na Europa. Há de se avaliar um dia o que representou a morte de seu primeiro filho para suas escolhas no momento crítico vivido na virada de 1930-1940.

11

Tronco de uma linhagem que deu frutos dos mais variados: Hermenegildo, Fernando e Rafael Bastos, Ordep e Olímpio Serra, Catarina Helena Knychala, João Evangelista, Guguta (peça chave na história da biblioteca), Cristina Jucá, que guarde em sua casa seu exemplar anotado de **Horizonte e Complementariedade** corrigido por ele, Adriano e Mario da Gama Kury,

Maria Luiza Roque, Ronaldo de Melo e Souza (que sempre viveu o sonho de encarnar o Mestre), Emanuel Araújo, perseguido e denunciado por gente do próprio CEC, Afonso Henriques e seu amigo (Eudorinho), Luiz Piva, Suetônio Valença, Maria Cecília Miranda, José Jorge de Carvalho, Estevão Resende, Celestino Pires, Xavier Carneiro, Danilo Lôbo, João Ferreira, Santiago Naud, entre tantos outros nomes que ainda podemos encontrar grafados nas fichas que constam (por enquanto) nos livros da biblioteca que a UnB (ainda) reúne. Quantos não passaram por suas mãos, seus livros, sua biblioteca? E os anônimos? Ainda está por ser feita a história da grande linhagem que teve em Eudoro de Sousa e sua biblioteca, a fonte.

### *Do bibliocídio*

12

É muito emblemático que as primeiras páginas de sua tradução da **Poética** não deixe de se referir à “Cave de Scépsis”, na Ásia Menor, onde “gente rude, que ignorou o alto valor do depósito” deu aos livros de Aristóteles humildade, traças e mofo. Até que um dia Apélicon, *mais bibliófilo do que filósofo*, compra de Neleu a biblioteca por elevado preço...Lendária ou não, a história era o trágico anúncio do que aconteceria com uma biblioteca que fugiu a vida inteira de sistemas de catalogação, que lutou ferrenhamente pela sua “configuração alexandrina”, na intenção de reunir em torno de si estudiosos, pesquisadores, *Museion* incompreendido por onde passava. Ou compreendido, e por isso mesmo sabotado, invejado, mal quisto. Até a década de 1970, segundo dizem bibliotecários que naquela época estiveram presentes, havia a possibilidade de se receber uma biblioteca particular. Eudoro foi demais! Foi muito! Foi inaceitável...Quando em 1988 a biblioteca de Eudoro é comprada e vai parar no depósito, no segundo subsolo da biblioteca da UnB, tendo duas rápidas e tacanhas inserções no acervo durante a década de 1990, estava escrito o que aconteceria. *Gente rude, que ignorou o alto valor do depósito*. Infelizmente, ao contrário de Warburg, ao contrário de Aristóteles, não houve em Brasília um discípulo capaz de fazer algo com a biblioteca. Ela já era *só uma biblioteca* bem antes da morte de Eudoro, ainda que ele não fosse *apenas um professor de grego*. Vinte anos depois (1987-2007) a gota d’água fez o copo transbordar por baixo. É provável que nunca se saiba o que se foi no maior bibliocídio da história do ensino superior recentemente no Brasil.

13

Vivi anos de processo por expor e investigar com insônia a situação aqui pesquisada. Diretores e chefetes me ameaçaram. Perdi amigos, professores se negaram a me orientar e a

dar contribuições durante a reunião de dados. Funcionários do baixo escalão da biblioteca da UnB, ajudantes de guarda livros, faxineiros, alguns chefes da arraia miúda, há quem reconheça que a BCE tem uma história antes e outra depois que os “*voluntários*” passaram pelo depósito. Fui demitido em represália. Sempre ri, sempre por último. Até que recentemente tive que voltar ao acervo que resta do extinto CEC e pude ver que as normas de acesso (e o quadro escalado para trabalhar ali) minam a pesquisa. Trabalha-se para restringir, sem perceber que o acesso a obras raras (o que nem sempre é o caso ali) é fundamental para o avanço científico<sup>375</sup>. Por anos busquei livros que estavam nas estantes da atual coleção de estudos clássicos e que nunca eram encontrados, até que os achei quando eu tive a honra, a autorização, a benção para estar diante das estantes (ladeado de *gente rude* a me vigiar) como se não fosse a UnB a mais atuante antropófaga/biblioclasta/memoricida. Batalha invencível, nunca mais a UnB terá o conjunto do que Eudoro reuniu. Talvez nunca mais nossa universidade tenha ideia do significado dessa história e do que representou o desmonte final de sua biblioteca, um desmonte que ainda opera. Depois destas mal traçadas linhas, esperamos sinceramente que seja impossível esquecer vergonhosa derrota.

14

No conflito entre cultura popular e erudita, como que para dar ênfase em um dos lados da falsa antinomia, costuma-se dizer que quando um velho morre, é uma biblioteca que foi embora. O que dizer da morte paulatina de sua biblioteca?

15

Há um ditado grego antigo que diz algo como: *quando se dá o primeiro passo, metade do caminho já está andado*. Este esforço elucidativo que temos feito aqui, em muitos momentos, morreu na praia, andou à deriva, pecou por excesso e paixão. Apesar disso, foi com eles que demos nosso primeiro passo.

---

<sup>375</sup> Sobre o problema grave que é a restrição acrítica a acervos raros, Cf. o artigo de Oto D. B. Reifschneider, disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1544>.

## Apêndice

### Catálogo dos livros de Eudoro Guerreiro de Sousa<sup>376</sup>

Critério de ordenação: Importância da obra para Eudoro de Sousa mediante bibliografia que consta em suas obras e também pela ostensividade de marcas de leitura.

#### 0 Referência Bibliográfica

##### 1 AUTOR

##### 2 OBRA

##### 3 Edição

##### 4 Exemplar (marginália)

4.1 Eudoro de Sousa: carimbos, anotações, marcas e inserções

4.2 UnB: datas, carimbos, fichas catalográficas (leitura e leitores/lidos e não lidos)

4.3 Condições de conservação: perdas (folha de rosto, estragos etc...)

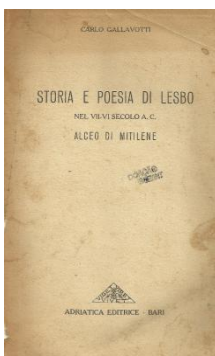
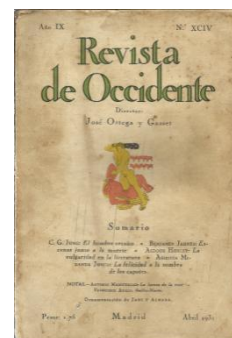
\*\*\*

#### *Bibliographia eudorina*

001

*Revista de Occidente*. Año IX nº XCIV, Madrid, abril 1931. ORTEGA y GASSET, José, Diretor.

Constam anotações apenas no ensaio escrito por C. G. Jung e um poema de Leonardo Coimbra utilizado em um texto publicado ainda na Europa.



002

LONGUS. *Les Amours de Daphnis et Chloé*. Nouvelle Édition, Paris: H. Geffroy, s/d. 9,5x14,5. 169p. (investigar E. Clair-Guizot, ilustrador)

003

GALLAVOTTI, Carlo. *Storia e poesia di Lesbo nel VII-VI secolo A.C.*: Alceo di Mitilene. Bari – Napoli: Adriatica Editrice. 1948. 14x22. 142p.

004

KRETSCHMER, P. *Introducción a la Lingüística griega y latina*. Trad. S. Fernandez Ramirez e M. Fernandez-Galiano. Madrid: Instituto Nebrija, 1946. 16,5x24. 254p.

Exemplar em brochura com a capa solta. Não catalogado pela BCE. Ricamente anotado por Eudoro de Sousa que, na contra-capla, assina e data: “Lisboa, 1946”.

<sup>376</sup> Meus mais sinceros agradecimentos à contribuição inestimável que a professora Catarina Helena Knychala, ex- aluna de Eudoro e Rubens Borba de Moraes deu na elaboração deste catálogo, ainda em fase de construção.

005

BRÉAL, Michel e BAILLY, Anatole. *Les mots grecs groupés d'après la forme et le sens*. 9. ed. Paris: Librairie Hachette et Cie. (1882?). 12x18. 96 p.

009

GITTI, Alberto. *Mythos. La tradizione pre-storica della Grecia. Prolegomeni allo Studio delle origini Greche*. Bari – Napoli: Adriatica Editrice. 1949. 18x25. xx + 273p.

Exemplar com a capa solta. Assinatura de Eudoro de Sousa na contra-capla. Na mesma folha, carimbo da Livraria LEIA Editora. Folha de rosto arrancada. Livro com diversas anotações e grifos. Consta na atual coleção de estudos clássicos da BCE outro exemplar (875.09 G536m).

010

MATZ, Friedrich. *Le monde égéen: Troie Crète Mycènes*. Paris: Sonovision e Blanchard Imprimerie, 1956. 20,5x26. 271p.

Exemplar envelhecido, com a brochura solta da encadernação. Folha de rosto arrancada, o que dificulta a referência. Ricamente grifado e anotado por Eudoro de Sousa. Miolo intacto.

011

ROBIN, Léon. *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*. Com um mapa fora do texto. ed. rev e cor. Paris: éditions Albin Michel, 1948. (L'evolution de l'humanité, synthèse collective, dir. Henri Berr). 14x20. xxi + 504p.

013

BRÉHIER, Louis. *Vie et mort de Byzance*. Com 4 mapas e 12 pranchas fora do texto. Paris: éditions Albin Michel, 1948. (L'evolution de l'humanité, synthèse collective, XXII, Le Monde Byzantin, dir. Henri Berr). 14x20. xxi + 602p.

014

SOUSA, Eudoro. *Teísmo, cosmobiologia e o princípio da complementariedade*. Separata dos Anais do III Congresso Nacional de Filosofia. São Paulo, novembro de 1959, páginas 491 a 498. 16x23.

015

SOUSA, Eudoro. *Dioniso em Creta I*. Separata da revista *Organon*, nº 4-5. Porto Alegre, 1966, páginas 67 a 93. 16x23.

Repleto de anotações e reconstruções do texto que viria a ser publicado em 1973.

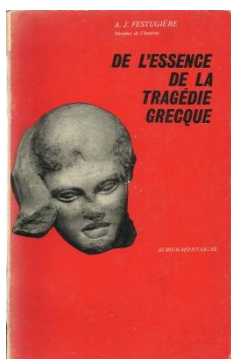
016

SOUSA, Eudoro. *Dioniso em Creta II*. Separata da revista *Organon*, nº 6-7. Porto Alegre, 1966, páginas 59 a 125. 16x23.

017

LESKY, Albin. *Thalatta: der Weg der Griechen zum Meer*. 38 ilustrações fora do texto. Viena: Rudolf M. Rohrer Verlag, 1947. 15,5x22. 341p.

Exemplar em perfeito estado de conservação. Ricamente anotado e grifado por Eudoro de Sousa. Dedicatória: "Ao Exmo. Snr. Professor Eudoro de Sousa, Pastor E. (...). Fpolis, 16-4-1956". No verso da capa, adesivo da Livraria Castelo.



020

RUMPF, Andreas. *Archäologie. I: Einleitung, Historischer Überblick*. 6 tábuas com reproduções fotográficas fora do texto. Band 538. Alemanha: Sammlung Göschen, 1953. 10, 5x16.

Exemplar envelhecido, mas com a brochura ainda firme. Folha de rosto arrancada. Com diversos grifos de Eudoro de Sousa.

021

FESTUGIÈRE, A. J. *De l'essence de la tragédie grecque*. Paris: Aubier-Montaigne, 1969. p.143. 14x22.

Exemplar nunca chegou a ser catalogado pela BCE. A brochura está em perfeito estado de conservação, com diversas anotações a lápis nas margens.

022

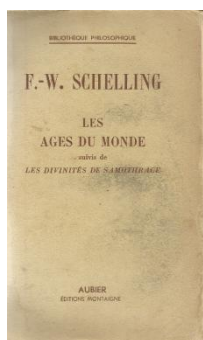
GIGON, Olof. *Los Orígenes de la filosofía griega: de Hesíodo a Parménides*. Madrid: Gredos, 1971. 330p. 13x19.

Exemplar brochura em bom estado. A falsa folha de rosto indica, pela mão do antigo dono: “Eudoro de Sousa / Brasília, maio de 1971”. Encontrado dentro do livro um recorte de reprodução de fotografia de Augusto Boeck, de um lado e Winckelmann, de outro. O exemplar está fartamente anotado. Eudoro faz aqui uma releitura da obra lida quase trinta anos antes.



023

WARMINGTON, E. H. *Remains of old latin*. London: William Heinemann; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1967. 487p. 11x17.



026

SHELLING, F. W. *Les ages du monde suivis de Les divinités de Samothrace*. Paris: Aubier Editions Montaigne, s/d. p.222. 12x19.

028

FRASER, James George. *La Rama Dorada*. Tradução de Elizabeth e Tadeo I. Campuzano. 3ª ed. Carlos Villegas Editor: México, 1956. 860 p.

Esta é a 3ª edição em espanhol da obra de Frazer. A primeira edição, em inglês, data de 1890. O exemplar está em perfeito estado. Teve sua folha de rosto arrancada. Está encadernado em capa dura com douraões. Apresenta diversos grifos e anotações de Eudoro de Sousa, com destaque para o índice em que Eudoro sobrepõe na edição castelhana os títulos do índice da edição inglesa, comparando as edições.

títulos do índice da edição inglesa, comparando as edições.

029

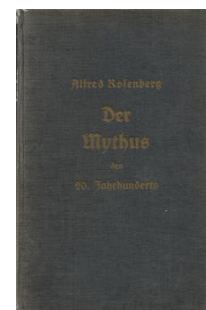
OTTO, W. F. *Dionysos. Mythos und Kultus*. 1ª ed., (?), 1933.

Exemplar de obra que viria a ser traduzida por Ordep Serra, infelizmente ainda não editada no Brasil. Constam anotações e grifos vários de Eudoro de Sousa, especialmente no que toca a notas e bibliografia. Atualmente se encontra em mãos do professor baiano.

030

ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20 Jahrhunderts*, (edição?) (lugar?), 1937.

Exemplar em bom estado, encadernado em capa dura e com folha de rosto arrancada. No site Estante Virtual, um exemplar similar ao descartado pela biblioteca está à venda por R\$ 850,00.



031

JEANMAIRE, H. *Dionysos: Histoire du culte de Bacchus*. Paris: Payot, 1951. 508p.

Exemplar bastante envelhecido, esfarelado devido à acidez, sem capa e sem a folha de rosto. Diversas anotações de Eudoro de Sousa dialogando por exemplo, com outra obra de F. Matz.

032

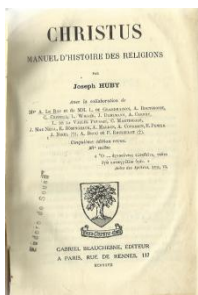
SCHLEGEL, Friedrich. *Lucinda: fragmente*. Local (?): Editora (?), 1848 (?).

Exemplar em perfeito estado com folha de rosto arrancada. Encadernação em capa dura e folha de guarda em papel marmorizado. Na realidade estão encadernados juntos dois livros, sendo que o segundo são fragmentos de Schlegel.

033

NAUCK, Augustus. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. 2ª Ed., Sacrauit Editor: (Leipzig?), 1926. 1022 p.

Exemplar perfeitamente conservado, capa dura e lombada em couro. Selo do comprovante de Encadernação: “Palhares, L.DA – 9. R. Almirante Pessanha, II, Lisboa”. Diversas anotações às margens. A encadernação, se feita a pedido de Eudoro, o que acreditamos que seja o caso, sinaliza a atenção ao livro enquanto objeto físico. A obra registra grifos com a caneta porosa mais comum utilizada, mas também em diversas cores de lápis (grafite, vermelho, azul e lilás).



034

HUBY, Joseph. *Christus: Manuel D'Histoire des Religions*. 5ª ed. Gabriel Beauchesne Editor: Paris, 1927. 1360p.

Exemplar razoavelmente conservado, com algumas folhas soltas. Capa dura com detalhes e lombada em couro e douração. Folha de guarda em papel marmorizado. Anotação na segunda folha de rosto em caneta azul: “Abril de 1930, Paris”. Seria leitura da época do Seminário?

035

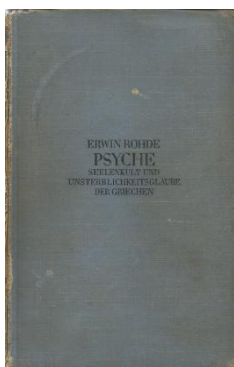
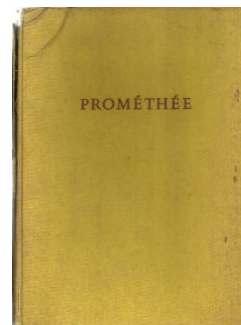
DUCAT, Fernande. *Guide de Délôs*. Ecole Française d'Anthènes. Prefácio de George Daux. Imprimerie A. Bontemps: Limoges (França), 1965. 175p.

Livro em perfeito estado de conservação. Encadernado em capa dura com dourações. Folha de rosto arrancada. Anotações de Eudoro *nos mapas*.

036

*Prométhée: Histoire Illustrée de la Civilisation Grecque et Romaine*. Vários autores.

Folha de rosto arrancada, dificultando informações sobre a publicação. Livro em bom estado, capa dura. Lombada descolada e miolo intacto. No interior do livro encontramos uma Separata de Eudoro: SOUSA, Eudoro. *Teísmo, Cosmobiologia e o Princípio da Complementaridade*. Separata dos Anais do III Congresso Nacional de Filosofia. São Paulo, novembro de 1959 (págs. 491 a 498), 1961. Parte da inocografia foi rasgada (entre as pp. 114-121), provavelmente para utilização em aulas pelo professor Eudoro de Sousa.



037

ROHDE, Erwin. *Psyche: Seelencult und Unsterblichkeitsglaube*, 1ª ed., Tübingen, 1925. 324 p.

Exemplar em perfeito estado de conservação, repleto de anotações e grifos de Eudoro de Sousa. Consta manuscritos em folhas avulsas. A folha de guarda registra: “Eudoro de Sousa, Heidelberg, 1940”. Na contracapa uma lista de estudos que aparenta ser um programa de trabalho proposto em uma das aulas que teve em Heidelberg.

038

APULÉE. *Les Métamorphoses*. Livros IV-VI. Paris, 1946. 101 p.  
Exemplar bem conservado, em brochura. Folha de rosto arrancada.

040

ROUSE, William Henry Denham. *Chanties in Greeek and Lantin*.

Folha de rosto arrancada. Sem informação de data (exceto a do Prefácio – 1922) e editora. Livro em bom estado, com capa dura e dourações na lombada. Adesivo no verso da capa que: Livraria Sá da Costa, Lisboa.

041

CARCOPINO, Jérôme. *Aspects Mystiques de la Rome Païenne*. Paris: L'Artisan du Livrem, 1941.

Livro em perfeito estado de conservação. Encadernado em capa dura, com folha de guarda em papel marmorizado. Consta carimbo de doação, mas não de entrada ou catalogação. No verso da capa tem o carimbo de *ex-libris* (Damaia). Por comparação a outra obra com a mesma marca, é possível afirmar que o exemplar pertenceu a Eudoro de Sousa. Inclusive, as características da encadernação sugerem que ambos podem ter sido comprados no mesmo lugar de, entre outros, Romantische Naturphilosophie, de Wilhelm Rosle.

042

ROSLÉ, Wilhelm. *Romantische Naturphilosophie: Ausgewählt von Christoph Bernoulli und Hans Kern*. Jena, Diederichs 1926. XIX, 428 S., 6 nn. Tafeln. OBrosch. Gebrauchsspuren, z.T. unsauber aufgeschnitten.

Livro em perfeito estado de conservação, capa dura e folha de guarda em papel marmorizado. Na folha anterior à folha de rosto encontra-se assinatura de Eudoro de Sousa datada e localizada: “Heidelberg, 1940”. Folha de rosto arrancada. Referência encontrada em site de Antiquário Alemão ([www.buchfreund.de](http://www.buchfreund.de)). Na folha de guarda ao final do livro consta carimbo da BCE com data de entrada do exemplar no acervo: 3SET96. Na folha de guarda no início do livro, marca *ex libris* Damaia, encontrada em outros exemplares.

043

SEILLIÈRE, Ernest. *De la Déesse Nature a la Déesse Vie: naturalisme et vitalisme mystiques*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931. 403p.



Livro em perfeito estado de conservação. Encadernação em capa dura, com detalhes e lombada em capa dura e dourações. Exemplar ricamente anotado por Eudoro de Sousa.

044

LAERTIUS, Diogenes. *Leben und Meinungen berühmter Philosophen* (Diogeni Laerti de Vitis Philosophorum Libri 10) Ed. Otto Apelt. 2 Vols. Leipzig: Meiner 1921. (?)

Livro em dois volumes, ambos com folha de rosto arrancada. Exemplares pertenceram a Eudoro de Sousa, em bom estado, encadernados em capa dura e tecido com dourações. Repleto de anotações. Referência encontrada no antiquário vialibri.net por meio do nome do autor e prefaciador.



046

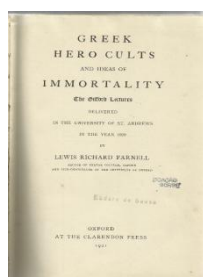
SEILLIÈRE, Ernest. *Le Romantisme*. Paris: Librairie Stock, 1925. 123p.

Brochura com folhas soltas. Folha de rosto arrancada. Por analogia a outra obra do mesmo autor e de mesmo tema que pertenceu a Eudoro de Sousa, por terem sido encontrados no mesmo local dentro da sala de descarte, trabalha-se com a hipótese de que deva ter pertencido a ele.

047

GUTHRIE, William K. C. *The Greeks and Their Gods*. London: Methuen and CO, 1954. 388p.

Exemplar em bom estado de conservação, apesar da lombada arrancada. Nunca chegou a ser catalogado pela BCE. Livro ricamente anotado por Eudoro de Sousa. Também encontramos uma fotocópia nas páginas 136 a 139 do livro (conforme referência datilografada na própria cópia) de SHUMAKER, Wayne. *Literature and the Irrational: a study in antropological backgrounds*. New York: Washington Square Press, 1966. Trata-se de uma sessão intitulada "In Mitth – The Monomyth".



048

FARNELL, Lewis Richard. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford: The Clarendon Press, 1921. 434p.

Exemplar conservado com encadernação em capa dura. Contra-capas arrancadas. Livro com anotações e grifos de Eudoro de Sousa. Não há outro exemplar na BCE.

049

EURIPIDES. *Ausgewählte Tragödien: Die Bakchen*. Erklärt von E. Bruhn. Berlin:

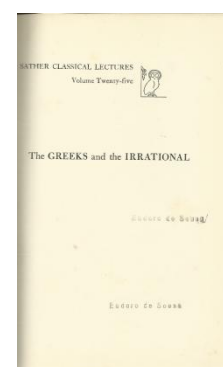
Weidmann, 1891. 150 p.

Exemplar danificado, sem capa e folhas soltas. Ricamente anotado e grifado por Eudoro de Sousa no texto grego.

050

DODDS, E. R. *The Greeks and the Irrational*. Boston: Beacon, 1957. 327 p.

Exemplar em ótimo estado de conservação. Repleto de anotações e grifos. Consta uma colagem de três desenhos feitos à mão em nanquim em num papel avulso entre as páginas 284 e 285.



051

DINDORFIUS, Gulielmus. *Scholia Graeca in Homeri Odyseam: Ex Codicibus Aucta et Emendata*. Tomus I. Oxonii: Typographeo Academico, 1855. 402 p.

Exemplar em perfeito estado de conservação. Com alguns grifos de Eudoro de Sousa. O Volume II consta no acervo geral da BCE.

052

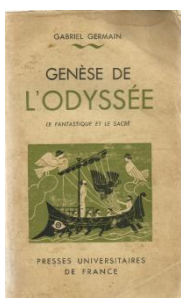
GRESSMANN, Hugo. *Die orientalischen Religionen im hellenistisch-römischen Zeitalter*. Berlis: Walter de Gruyter & Co, 1930. 179 p.

Exemplar danificado, com folhas fragilizadas. Não há outro registro no acervo da BCE.

053

DECHARME, Paul. *La Critique des traditions religieuses chez les grecs des origines au temps de plutarque(la)*. Paris: A Picard, 1904. 518 p.

Exemplar em bom estado de conservação. Não chegou a ser catalogado pela BCE. Apresenta alguns grifos e anotações.



054  
GERMAIN, Gabriel. *Genese de l'odyssée: Le fantastique et le sacre*. Paris: Presses Univ France Use 65943, 1954. 699 p.

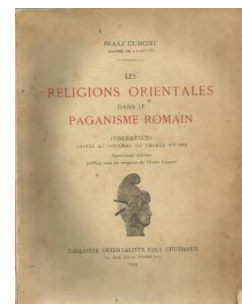
Exemplar em bom estado, com folhas um pouco fragilizadas. Não chegou a ser catalogado pela BCE. Repleto de anotações e grifos.

055  
FICHTE, Johann. *Fichtes Werke*. Leipzig: Felix Meiner, S/D.

Exemplar em perfeito estado de conservação. Este livro provavelmente pertenceu a Pedro Moura e Eudoro conseguiu convertê-lo em seu.

056  
CUMONT, Franz. *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1929. 339 p.

Exemplar fragilizado com páginas soltando. Contém anotações e grifos. As notas são especialmente interessantes porque foram o foco de uma leitura marginal, voltada à utilização da enciclopédia de Pauly-Wissowa. Vários artigos da “RE” são destacados indicando uma obra de referência ser investigada.



057  
SCHILLER, Friedrich. *Schillers Werke*. Leipzig: Bibliographisches Institut Ag., 1885. V. 1, 6 e 7.

Os três exemplares estão perfeitamente conservados apesar de algumas marcas de acidez nas páginas mais lidas. Algumas anotações às margens. Assinado e datado de 1937. A outra parte da coleção se encontra no acervo geral da UnB. Coleção idêntica abarcando a obra completa de Goethe e encontra também no acervo geral, sem identificação de posse, mas ao que parece, pode ter pertencido a Eudoro de Sousa, tendo sido adquirida no período alemão.



060  
FESTUGIÈRE, Andre Marie Jean. *Socrate*. Paris: Flammarion Editeur, 1934. 185 p.  
Exemplar assinado por Eudoro de Sousa, datado de setembro de 1935. Diversas anotações de seu antigo dono.

061  
HIPPOLYTUS. *Bibliothek der Kirchenväter: eine auswahl patristischer werke in deutscher übersetzung*. Kempten: Kempten & München, 1922.  
Exemplar faz parte de uma coleção de 81 volumes, entre 1911 e 1938. Com manuscritos de

traduções em folhas soltas e anotações às margens.

062  
OOTEHEM, J. Van. *Bibliotheca Graeca et Latina: À L'Usage des professeurs des Humanités Greco-latines*. 2ª edição. Bruxelas: Éditions de la Revue les Études Classiques, (1939?)

Capa e folhas soltas. Anotações na parte referente a Grécia. Folhas soltas com manuscritos dentro do exemplar.



064  
BARRÉ, Louis; ROUX, H. *Herculanum et Pompéi: recueil général des peintures, bronzes, mosaïques, etc. découverts jusqu'a ce jour, et reproduits d'après Le antichita di Ercolano, Il Museo borbonico, et tous les ouvrages analogues: augmenté de sujets inédits, gravés au trait sur cuivre par H. Roux Ainé* Paris: Librairie Firmin-Didot et Cie., 1875-1876. Tomo I.



065  
KERÉNYI, Karl. *Die Herkunft der Dionysosreligion nach dem heutigen Stand der Forschung*. Westdeutscher Verlag, 1956.

067  
RIDDER, Andre Henri Pierre de; DEONNA, Waldemar. *L'art en grece*. Paris: La Renaissance du Livre, 1924. 430 p

071

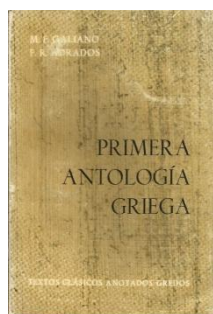
ALLEN, James Turney. *The First Year of Greek*. New York: The Macmillan Company, 1947.

072

MEYER, Hans. *Natur and Kunst bei Aristoteles: Ableitung und Bestimmung der Ursächlichkeitsfaktoren*. Studien zur Geschichte und Kultur des Altertums. Schöningh Verlag, 1919. Band 10 Heft 2.

073

LÖHRER, Robert. *Mienenspiel und Maske in der griechischen Tragödie*: Studien zur Geschichte und Kultur des Altertums. Schöningh Verlag, 1927. Band 14 Heft 4-5.

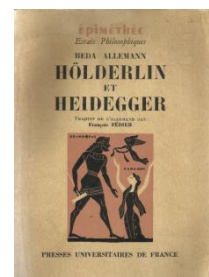


076

GALIANO, M. F. y ADRADOS, F. R. *Primera antología griega*. Gredos, Madrid 1966 - 3ª edición. Textos Clásicos Anotados. 383 p.

077

ALLEMANN, Beda. *Hölderlin et Heidegger: recherché de la revaltion entre poésie et pensée*. Traduit de l'allemand par François Fédier: Presses Universitaires de France, 1959.



#### BIBLIOGRAFIA EUDORIANA DO CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

001

SANTO AGOSTINHO. *Confessions*: livres IX-XIII, Tomo II. Texto estab. e trad. por Pierre de Labriolle. 3. ed. rev. e cor. Edição bilíngüe. Paris: Sociéte d'Édition "Les Belles Lettres", 1947. (Collection des Universités de France, dir. Association Guillaume Budé. 13x20. 441p. Exemplar de Carlos Lacerda.

004

PLÍNIO, o jovem. *Choix de letters*: texte latin. Notícias, análises, índice e recolha de ilustrações por A. Waltz. 11. ed. Paris: Librairie Hachette. S/d. 11x15,5. xxvi + 281. (exemplar de Eduardo Farato)

007

BURNOUF, Émile. *Histoire de la Littérature Grecque*. 2. Ed. Paris: C Dlagrave, 1885. 1 v. Livro pertenceu a Homero Pires. Carimbo do depósito datado de 01/08/1963. No acervo da BCE, na coleção de estudos clássicos, constam os dois volumes. O volume 1 referenciado é o mesmo exemplar descartado em 2007: CEC 875(09)13966h 2 ed. v. 1 – 6313736, o que só demonstra que além dos descartes indiscriminados, o trabalho de retirada dos livros descartados do acervo foi mal feito. Nosso exemplar tem fohas soltas e falta a parte final, provavelmente desmontada nos procedimentos de descarte.

#### LIVROS QUE PERTECEM A EUDORO AUGUSTO, FILHO DE EUDORO DE SOUSA, ENCONTRADOS NA CASA DA PROFESSORA EVA WAISROS PEREIRA

001

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre, editora Globo, 1966. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. O exemplar tem assinatura de Eudoro Augusto, 1969. Páginas fechadas no topo.

003

HEGEL. *Estética, poesia*. Lisboa, Guimarães editores, 1964. Este exemplar, apesar da assinatura de Eudoro Augusto, pela natureza da edição (portuguesa) e também pelo fato de se tratar de uma tradução de Álvaro Ribeiro, amigo de Eudoro, também pode ter sido do acervo do pai e posteriormente ter integrado o acervo do filho.

004

PEÑUELAS, Marcelino C. *Mito, literatura y realidad*. Madrid, Editorial Gredos, 1965.

Este exemplar, apesar da assinatura “Eudoro Augusto 1967”, pertenceu originalmente a Eudoro de Sousa, como se nota pelas anotações e grifos, como os da p. 45.

005

MONTEIRO, Casais. *Manuel Bandeira, estudo da sua obra poética seguido de uma antologia*. Lisboa, Editorial Inquérito, 1943.

Esta obra integra a coleção “Cadernos Culturais”, que contou, salvo engano, com inúmeras contribuições de Agostinho da Silva, quando ainda morava em Portugal. Este exemplar tem longa dedicatória do autor a Eudoro de Sousa: “Ao Eudoro de Sousa, desejando-lhe que, sem perda para o senso filosófico, ganhe um pouco de senso psicológico, pelo menos para saber que o silêncio <sup>é</sup><sup>377</sup> concordância, e portanto implica co-responsabilidade em quaisquer incríveis descobertas almadenses...e não obstante com um abraço amigo do AdolfoC. Lisboa, 21/1/43”.

006

MARTINS, Helcio. *Pedro Salinas (ensaio sobre sua poesia amorosa)*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1956. Série Os Cadernos de Cultura, do Ministério da Educação e Cultura.

Obra dedicada a Eudoro de Sousa, com o seguinte manuscrito: “Ao prof. Eudoro de Sousa, homenagem de Helio Martins, Brasília, 1962”.

007

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta/A canção de amor e de morte do porta estandarte Cristóvão Rilke*. Porto Alegre, editora Globo, 1961.

008

ELIOT, T. S. *What is a classic?* London, Faber & Faber Limited, s/d.

010

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas a Fernando Pessoa*, v. II. Lisboa, Ática, 1959.

Este livro, que sequer foi aberto na maioria dos cortes superiores, pela especificidade de se tratar de uma edição portuguesa, pela acidez gerada pelo tempo, sugere ter sido do Eudoro de Sousa, vindo a integrar a biblioteca de Eudoro Augusto posteriormente. Só foi aberto até a p. 56.

011

PESSOA, F. *Alguns dos “35 Sonetos” de Fernando Pessoa*. São Paulo, Clube de Poesia, 1954.

Este exemplar foi traduzido por Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, amigos de Eudoro. Consta dedicatória: “Ao Eudoro de Sousa, com a estima de sempre, of.º Casais”.

012

APULEIO. *O asno de ouro*. São Paulo, Editora Cultrix, 1963.

Este exemplar registra o nome de Eudoro Augusto, mas foi um texto trabalhado na obra de Eudoro de Sousa. Na p. 115 existe um manuscrito do próprio Eudoro de Sousa que diz, em sequência: “Perversidade, maldade humana, desumanidade sem mal nem bem”.

013

CAMÕES, L. *Lírica*. São Paulo, Editora Cultrix, 1963. Este exemplar registra a assinatura de Eudoro Augusto, mas contém três folhas soltas com manuscritos de Eudoro de Sousa. As anotações envolvem noções de teoria literária, chegando a fazer referência a três autores: Ernst Kurtius (?), W. Kayser e Soares Amora. As anotações giram em torno da história do *soneto* na Europa, bem como sobre os conceitos de *assunto*, *motivo*, *leitmotiv* e *topos*. No caso de Soares Amora e Kayser, Eudoro cita páginas e o nome da obra estudada (este último caso, apenas para Amora). Há ainda outro manuscrito que registra diferentes edições d’A *Poética* de Aristóteles.

014

CLAUDE, Paul. *Cinq grandes odes: suivies d’un processionnal pour saluer le siècle nouveau*. Paris, Gallimard, 1938.

<sup>377</sup> Este é está duplamente grifado na dedicatória, ao contrário do primeiro *senso*, grifado uma única vez.

Esta obra registra o nome manuscrito de Eudoro G. de Sousa seguido da data de 1938.

015

JASPERS, Karl. *Genio y locura: ensayo de análisis patográfico comparativo sobre Strindberg, Van Gogh, Swedenborg y Hölderlin*. Madrid: Aguillar, 1961.

Exemplar rachado ao meio, exatamente no capítulo III, referente a Hölderlin.

016

SILVA, Vicente Ferreira da. *Ensaio filosóficos*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.

Exemplar registra dedicatória de *Vicente* a Álvaro Magalhaes, provavelmente emprestado a Eudoro no período paulista.

## Bibliografia

- ALLEMANN, Beda. **Hölderlin et Heidegger: recherche de la relation entre poésie et pensée**. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.
- AQUINO, S. H. ; NASCIMENTO, Nêmora C.F. **Um pouco da história da biblioteca central da UnB**. [Trabalho elaborado para a disciplina Seminário do Departamento de Biblioteconomia da UnB] [1987, data provável].
- BARBIER, Frédéric. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BASTOS, Fernando. Uma lembrança: Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003.
- BORGES, Bruno de A. **Deus me livros: a bibliofilia na história da Universidade de Brasília**. Brasília: EdUnB (no prelo).
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. O recado dos livros. In: **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CASTRO, Ivo. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- \_\_\_\_\_. A casa fechada. In: *Escritos*: Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa/Fundação Casa de Rui Barbosa, Ano 3, nº 3, Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2009.
- CÉSAR, C. M. **O Grupo de São Paulo**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. A mão do autor: arquivos literários, crítica e edição. In: *Escritos*: revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa/ Fundação Casa de Rui Barbosa. – ano 3, nº 3, 2009. Rio de Janeiro, edições Casa de Rui Barbosa, 2009.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOMINGUES, Joaquim. **De Ourique ao Quinto Império: para uma filosofia da cultura portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O tempo em Eudoro de Sousa*. TEIXEIRA, António Braz, EPIFÂNIO, Renato (Orgs.) **A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa**. Lisboa: Zéfiro, 2015.
- FERREIRA, João. “Atividades do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília”. Brasília: *Correio Braziliense*, 5 de outubro de 1968 (caderno cultural).

- FERREIRA, João (org.). **Cartas de Agostinho da Silva para António Telmo**. Licorne, 2014.
- FONSECA, Edson Nery da. **Martírio e restauração de uma universidade**. São Paulo: Ed. do autor, 1972.
- \_\_\_\_\_. Biblioteca Central da Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memórias. In: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Vol. 1, nº 1, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Estão todos dormindo**. Recife: CEPE, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREENBLATT, Stephen. **A virada: o nascimento do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HAY, Loius. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- IANNACE, Ricardo. **A leitura Clarice Lispector**. São Paulo: EdUsp, 2001.
- JOBIM, Jose Luis (Org.); ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks, c2001.
- LE GOFF, Jacques Nora, Pierre. **História: novos objetos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem da bibliografia. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- MENEZES, Thiago Dória de. **O Centro de Estudos Clássicos e a Universidade de Brasília: uma História**. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEREIRA, Odilon. Biblioteca Central: história e perspectivas. In: *Humanidades* (edição comemorativa de 30 anos), s/d.
- MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet De Lemos, 2005.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

- OTTO, Walter. **Os deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego.** Tradução e prefácio Ordep Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- PESSOA, Fernando. **O manuscrito de o guardador de rebanhos de Alberto Caeiro.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- PINO, Cláudia Amigo. Da crítica do processo à crítica ao processo. In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, nº 13, janeiro de 2005, pp. 43-71.
- RIBEIRO, Álvaro. **A arte de filosofar: ensaios.** Lisboa: Portugal, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Cartas para Delfim Santos (1931-1956).** Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.
- REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker; MIRANDA, Antonio. **A bibliofilia no Brasil.** 2011. 303 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011.
- RICOEUR, Paul Apud PEREIRA, Mateus de Faria. **Uma leitura historiográfica de três contribuições do livro *A Experiência do Tempo*.** In: *Revista de História e Estudos Culturais*. Volume 6 Ano VI Nº 03. Outro Preto, 2009. ROSENFELD, Anatol. Aspectos do romantismo alemão. In: *Cavalo Azul*, nº1, março-abril, 1965.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seios ensaios da história das ideias.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SANTOS, Filipe Delfim (organização, introdução e notas). **Delfim Santos e o Brasil.** Arquivo Delfim Santos, Lisboa, Portugal, 2011.
- SERRA, Ordep. A bela dádiva. In: *Revista Humanidades*, nº 50, setembro de 2003. SERRA, Ordep. **Navegações da cabeça cortada: breve incursão no campo dos estudos clássicos.** Salvador: EDUFBA, 2012.
- SETTIS, Salvatore. Warburg *continuatus*: descrição de uma biblioteca. In: **O poder das bibliotecas: a memória dos livros do Ocidente**/direção de Baratin, Marc e Jacob, Christian; tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SILVA, Dora Ferreira da. Os Discípulos de Saís (trad.). In: *Cavalo Azul*, nº1, março-abril, 1965.
- SILVA, Vicente Ferreira da. **Dialética das consciências: obras completas.** São Paulo: É Realizações, 2009.
- SILVA, Agostinho da. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.
- SILVA, Agostinho da; SIEWIERSKI, Henryk, (Coord.). **Agostinho da Silva: universidade: testemunho e memória.** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2009.



SOUSA, Eudoro de. **As bacantes de Eurípedes**: introdução, tradução e comentários. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

\_\_\_\_\_. **Horizonte e complementaridade: ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos**. São Paulo; Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975.

\_\_\_\_\_. **Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dioniso em Creta e outros ensaios**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

\_\_\_\_\_. **Filosofia grega**. Brasília: EdUnB, 2013.

SOUZA, Ronaldo de Melo. Horizonte e complementaridade em Eudoro de Sousa. In: GOBBI, Marcia V Zamboni; FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro; JUNQUEIRA, Renata Soares (Org.). **Intelectuais portugueses e a cultura brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

STEINER, George. **O silêncio dos livros**. Lisboa: Gradiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

VALENÇA, Suetônio Soares. Presença de Eudoro de Sousa. In: Revista *Humanidades*, nº 50, setembro de 2003.

WILLEMART, Philippe. Crítica genética e história literária. In: **Manuscrita**: revista de crítica genética. São Paulo, nº 10, junho, 2001, pp. 165-185.